

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-graduação em Linguística

Classes Lexicais e Gramaticalização:

Adjetivos em Línguas

Geneticamente Não Relacionadas

Marcus Vinicius de Lira Ferreira

Brasília

Distrito Federal

2015

Marcus Vinicius de Lira Ferreira

Classes Lexicais e Gramaticalização:

Adjetivos em Línguas

Geneticamente Não Relacionadas

Tese apresentada ao Departamento de Linguística
Línguas Clássicas e Português do Instituto de Letras
da Universidade de Brasília, como requisito
para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Heloisa M. M. L. de A. Salles

Marcus Vinicius de Lira Ferreira

Classes Lexicais e Gramaticalização:

Adjetivos em Línguas

Geneticamente Não Relacionadas

Tese apresentada ao Departamento de Linguística
Línguas Clássicas e Português do Instituto de Letras
da Universidade de Brasília, como requisito
para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Heloisa Maria Moreira Lima de A. Salles – LIP/UnB

Prof. Dr. Aroldo Leal Andrade – UNICAMP/FAPESP

Prof^ª. Dr^ª. Helena Guerra Vicente – LIP/UnB

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho – LIP/UnB

Prof^ª. Dr^ª. Walkiria Neiva Praça – LIP/UnB

Prof^ª. Dr^ª. Rozana Reigota Naves – LIP/UnB

薫へ

「人間は、自由という刑に処せられている」

Agradecimentos

55 meses. 60 línguas. 197 referências. E, até agora, 3 endoscopias... Que valeram a pena!

Foi um doutorado bastante atípico – começado após voltar de férias num Japão que passou (comigo lá!) pelo quarto maior terremoto já registrado, por um maremoto, e pelo pior acidente nuclear da história do país; e terminado numa sexta-feira treze calma em Brasília (até porque, se formos comparar com o início, venhamos e convenhamos é difícil pensar numa situação que não seja calma!). Se eu precisasse passar por quase tudo isso de novo (tirando o terremoto que já foi desnecessário de início), só pela experiência de repassar por tudo que vivi nesses quase cinco anos, eu toparia sem nenhuma hesitação... Tá, eu teria sim alguma hesitação, mas só porque quero fazer outras pesquisas e aprender mais.

Isso porque, mais do que qualquer coisa, pude receber a ajuda de várias pessoas que me fizeram crescer bastante (tanto como pessoa e fisicamente, já que tenho vinte quilos a mais hoje do que em 2011). E eu gostaria de agradecer a todas elas.

Antes de mais nada, eu não poderia deixar de agradecer a minha primeira família: Meu pai, que me comprou o computador no qual estou escrevendo estas palavras e ia pro CEASA sempre se certificar de que eu tinha frutas, queijo, e tofu; minha mãe, que me deu de presente o Kobo no qual li vários dos livros que citei aqui (e e-mails super interessantes sobre “pilates para o cérebro” e “como dobrar meias”); minha irmã, por me fazer café sempre que eu ia visitar; e meu irmão, por cuidar do meu gato sempre que eu precisava viajar.

O que me lembra de que eu preciso agradecer também a minha nova família! À Kim, que me ensinou que não preciso de tatuagens agora que tenho tantos arranhões e mordidas nos braços (e depois ela ainda me vem ronronando como quem não fez nada!) e, acima de tudo, à minha esposa Kaoru. E nisso, gostaria de tirar um tempo para explicar o porquê.

Ao longo desses quase 12 anos, mudei bastante minha maneira de ver o mundo, e tudo graças à possibilidade de também poder ver o mundo através dos olhos dela. Se eu decidi por fazer tipologia e sempre fazer contas para conferir se o que eu estava procurando (ou lendo) fazia sentido, é porque ela sempre soube me avisar que minhas precisavam de uma base firme e eu precisava saber na prática o que diabos eu estava pensando depois de divagar tanto com Feyerabend e Wittgenstein (entendo perfeitamente como eles foram de cientista e engenheiro para filósofos). Meus melhores amigos me recomendaram ótimos livros – a minha esposa me recomendou uma filosofia inteira. Durante o tempo em que estivemos longe, ler Peirce, James e Dewey foi uma maneira de poder lembrar sempre dos conselhos mais importantes que ela me deu ao longo desse tempo.

Na UnB, gostaria de agradecer a minha orientadora, por me ajudar apesar de todo o trabalho que eu dei, e meus colegas do LET (Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução) onde mal posso esperar para poder oficializar minha entrada como professor. E eu preciso agradecer a Capes pela bolsa durante a maior parte do meu doutorado porque, afinal de contas, se eu sobrevivi durante esse tempo todo, foi em boa parte graças à querida agência de fomento.

A lista de amigos a quem eu devo agradecer não mudou muito do mestrado para cá. Ainda assim, agradeço novamente à companhia ao Rafael Ono durante várias madrugadas ao longo desse tempo – e, falando em companhia, eu tenho que agradecer de com força a Erika Sathler Guerra, que de tão companheira, teve a defesa marcada para o mesmo dia que o meu. Também não poderia deixar de mencionar a Nai Sano também que, também durante várias madrugadas, me ensinou bastante coisa (se alguém, além dela estiver lendo isso aqui, você sabe como se dá a metamorfose de uma borboleta? Pois é, não é como você está pensando!). E também não poderia deixar de agradecer aquelas pessoas com quem aprendi muito e que não estão entre nós... Porque estão fazendo intercâmbio mundo afora. Valeu, Evelyn Yuri Futura, pelas dicas de design; Patrícia Sanae Sujii, pelo convite para publicar naquela revista online (ainda termino aquele artigo, prometo!) e por toda a ajuda na área de biologia; e Paula Yumi Hirozawa por me confirmar dizendo que “sim, Lira, faz sentido!” toda vez que eu perguntava se alguma coisa na área de psicologia era o que eu achava que era. De fato, era. Ufa!

Além disso, eu simplesmente tenho que agradecer à equipe do Fran’s Café por todo o café, do Molen Cafés Especiais pelo café, do Emporium Roma pelo chocolate frio e pelo café, do Waku Sese em Manaus pelo café, da doceria do ICC pelo café (e pelas canecas!), e também do Outback Steakhouse e do Capital Steakhouse pelo refri. Quem dera tivessem café.

Finally, I could not possibly forget to thank those people around the world who have helped me throughout the years. Firstly, I should like to thank Heiko Narrog, a former-would-be advisor who has always been kind and inspiring to me. Also, I have been really lucky to have been inspired and helped by Bernd Heine in Germany and, in spite of a failed attempt to visit the University of Amsterdam, Olga Fischer, Roland Norsk, and Jamey Tang. Oh, and dank je wel for both the help with the tickets and the mixtapes, Jamey! You’re totes my #1 DJ (even if I listen to all that hectic drum’n’bass most of the time).

E não poderia deixar de agradecer a você também por estar lendo esta dissertação. Afinal, não faria sentido algum fazer esse trabalho se não fosse pela utilidade que um dia talvez ele venha a ter para outros pesquisadores.

Resumo

Diferentes de outras categorias lexicais como substantivos e verbos, que são, com raras e controversas declarações ao contrário, encontradas em todas as línguas, adjetivos são um tanto problemáticos no sentido em que há línguas em que autores dizem que eles não existem (como em Yup'ik Central do Alasca) e línguas em que as descrições identificam não só uma, mas múltiplas categorias de adjetivo (em japonês, por exemplo). Suas propriedades sintáticas também diferem substancialmente em diferentes línguas, tornando ainda mais difícil prover uma explicação satisfatória de quais são suas propriedades e o que exatamente eles são. Tendo analisado as descrições de sessenta línguas numa amostra controlada para afiliação genética e proximidade areal, esse levantamento funcional tipológico dividiu as palavras identificadas como adjetivo, ou encontradas na função atributiva quando adjetivos não foram encontrados, em grupos distintos de acordo com suas propriedades morfossintáticas e buscou correlacioná-las com as diferentes propriedades das línguas, assim como seu relacionamento com substantivos e verbos na língua. Entre os resultados, sobressai-se o fato de que apenas quatro das línguas investigadas apresentam mais de uma classe de adjetivo: Cavineña (América do Sul), Japonês (Eurásia), Manange (Sudeste Asiático e Oceania) e Mani (África). Caberá aprofundar a investigação das propriedades dessas línguas a fim de explicar o isolamento desse fenômeno em relação às línguas examinadas.

Palavras-chave: Adjetivos; Função Atributiva; Levantamento Tipológico; Categorias Lexicais; Tipologia Funcional

Abstract

Unlike other lexical categories such as nouns and verbs, which are, with very few controversial claims to the contrary, found in all languages, adjectives are quite problematic in the sense that while there are languages in which authors claim they are lacking (such as Central Alaskan Yup'ik), there are also language descriptions that identify not just one, but multiple adjective classes (in Japanese, for instance). Its syntactic properties also differ substantially across different languages, making it all the more difficult to devise a satisfactory explanation of what its properties are and what exactly it is. Having analysed the grammatical descriptions of sixty languages in a sample controlled for genetic affiliation and areal proximity, this functional typological survey has divided the different words labelled as adjective, or found in the attributive function when adjectives were not found, into distinct groups according to its morphosyntactic properties and sought correlations between them and the different properties of the languages, along with its relationship with nouns and verbs in the language. Among the results, the fact that only four of the languages analysed present more than one class of adjectives stands out: Cavineña (South America), Japanese (Eurasia), Manange (Southeast Asia and Oceania), and Mani (Africa). It is necessary to investigate further the properties of these languages in order to explain the isolation of this phenomenon in relation to the examined languages.

Keywords: Adjectives; Attributive Function; Typological Survey; Lexical Categories; Functional Typology

Видите ли: рассудок, господа, есть вещь хорошая, это бесспорно, но рассудок есть только рассудок и удовлетворяет только рассудочной способности человека, а хотенье есть проявление всей жизни, то есть всей человеческой жизни, и с рассудком, и со всеми почесываниями. И хоть жизнь наша в этом проявлении выходит зачастую дрянцо, но все-таки жизнь, а не одно только извлечение квадратного корня.

Fyodor Dostoevsky, "Notas do Subsolo"

Guderne kjedede sig, derfor skabte de Menneskene. Adam kjedede sig, fordi han var alene, derfor skabtes Eva. Fra det Øieblik af kom Kjedsommeligheden ind i Verden, og voxede i Størrelse paa det Nøiagtigste alt eftersom Folkemængden voxede. Adam kjedede sig alene, derpaa kjedede Adam og Eva sig i Forening, derpaa kjedede Adam og Eva og Kain og Abel sig en familie, derpaa tiltog Folkemængden i Verden, og Folkene kjedede sig en masse. For at adsprede sig fattede de den Tanke at bygge et Taarn, der var saa langt, at det ragede op i Skyen. Denne Tanke er ligesaa kjedsommelig som Taarnet var langt, og et forfærdeligt Beviis paa, hvorledes Kjedsommeligheden havde taget Overhaand.

Søren Kierkegaard, "Ou Isso, Ou Aquilo: Um Fragmento de Vida"

Lista de Siglas

1	1ª Pessoa	ERG	Ergativo
2	2ª Pessoa	FACT	Factual
3	3ª Pessoa	FEM	Feminino
A	Argumento Agente em Transi- sitivas	FIN	Forma Finita
ABL	Ablativo	FM	Formativo
ABS	Absolutivo	FOC	Foco
ACU	Acusativo	GEN	Genitivo
ADJ	Adjetival	GLN	Geral
AF	Afirmativo	HAB	Habitual
ALL	Alativo	HILI	Foco Destacado
ANIM	Animado	IMPF	Imperfectivo
AOR	Aorista	INCO	Incoativo
ART	Artigo	IND	Indicativo
ASF	Sufixo Adjetivo	INDF	Indefinido
ATR	Atributivo	INSTR	Instrumental
AUG	Aumentativo	INT	Interrogação
BENN	Benefectivo	IN-	Intransitivo
CAUS	Causativo	TRANS	
CIT	Citação	ITG	Intangível
CL	Classificador	LOC	Locativo
COMPL	Completivo	MASC	Masculino
DAT	Dativo	MPROP	Proprietivo Modal
DECL	Declarativo	NEG	Negação
DEF	Definido	ÑF	Forma Não-Finita
DEM	Demonstrativo	ÑFEM	Não-Feminino
DIM	Diminutivo	NMLZ	Nominalizador
DINM	Dinâmico	NOM	Nominativo
DIST	Distante	O	Argumento Paciente em Transitivas
EE	Marca de Fim de Evento	OBJ	Objeto
EFOC	Marca de Foco	PERF	Perfectivo
ENF	Ênfase	PL	Plural

POSS	Possessivo	SEQ	Seqüência
PRED	Predicador	SG	Singular
PREP	Preposição	STAT	Estativo
PRES	Presente	SUJ	Sujeito
PROX	Próximo	TEMP	Temporário
PSD	Passado	TOP	Tópico
RLS	Realis	TRANS	Transitivo
RP	Partícula Relacional	V	Verbo
S	Argumento Único em Intran- sitivas	VRBLZ	Verbalizador

Sumário

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Lista de Siglas.....	vi
1. Introdução.....	1
1.1. Breve Introdução do Estudo das Classes Lexicais.....	1
1.1.1. Breve Histórico das Classes Lexicais em Estudos Formalistas.....	3
1.2. Classes Lexicais em Língua Japonesa	6
1.2.1. Meishi	6
1.2.2. Doushi.....	10
1.2.3. Keiyoushi.....	13
1.2.4. Keiyoudoushi.....	18
1.2.5. Aplicação das classes tradicionais à língua japonesa	20
1.3. Sistematização de Como Será Conduzida a Tese	21
1.3.1. Breve História da Linha Funcional Tipológica	21
1.3.2. Desenvolvimento da Hipótese Central (HOL)	23
1.3.3. Sistematização da taxonomia proposta.....	24
1.3.4. Desenvolvimento da Hipótese Testada (CHA)	26
2. Tipologia linguística, classes de palavras e gramaticalização: bases teóricas	27
2.1. Estudos sobre Aquisição do Léxico e da Gramática.....	27
2.1.1. Bates e Goodman (2001): Inseparabilidade do léxico e da gramática	27
2.1.2. Tomasello (2001): Aquisição por pedaços.....	29
2.1.3. Caselli, Casadio e Bates (2001): Aquisição de palavras em inglês e em italiano ..	36
2.1.3.1. Compreensão Lexical em Caselli, Casadio e Bates (2001)	39
2.1.3.2. Produção Lexical em Caselli, Casadio e Bates (2001)	41
2.1.3.3. Conclusões de Caselli, Casadio e Bates (2001).....	42
2.2. Conceitos Gerais: Gramaticalização em Tipologia	43
2.2.1. Gramaticalização segundo Hopper e Traugott (2003).....	43
2.2.2. Gramaticalização em Heine e Kuteva (2007).....	44
2.3. Categorias Lexicais em Linguística Funcional Tipológica.....	47
2.3.1. Relações Morfossintáticas em Nichols (1986).....	47

2.3.2.	Características das propostas de Croft (2000): Protótipos Tipológicos e Espaços Semânticos	50
2.3.3.	Classes Lexicais e Dixon (2010): outra abordagem funcional tipológica	56
2.4.	Metodologias tipológicas de seleção de idiomas	57
2.5.1.	Bakker (2011) e estratégias de amostragem	58
3.	Levantamento de Dados	63
3.1.	América do Sul	65
3.1.1.	Apinajé	66
3.1.2.	Baré.....	68
3.1.3.	Cavineña	72
3.1.4.	Hup	76
3.1.5.	Kwaza	80
3.1.6.	Mapuche/Mapudungun	84
3.1.7.	Mosetén	87
3.1.8.	Muylaq' Aymará	90
3.1.9.	Wari'	93
3.1.10.	Yawanawa	96
3.2.	América do Norte e Central	98
3.2.1.	Mandan	99
3.2.2.	Musqueam	101
3.2.3.	Oneida.....	104
3.2.4.	Papiamento	105
3.2.5.	Passamaquoddy-Maliseet	108
3.2.6.	Pipil.....	109
3.2.7.	Sitimaxa	112
3.2.8.	Yup'ik (Central do Alasca)	114
3.2.9.	Zapotec (do Istmo).....	116
3.2.10.	Zuni.....	119
3.3.	Eurásia	121
3.3.1.	Abecásio	122
3.3.2.	Evenki.....	124
3.3.3.	Georgiano	128
3.3.4.	Holandês	131
3.3.5.	Húngaro	134

3.3.6.	Mongol	136
3.3.7.	Japonês	138
3.3.8.	Malayalam	140
3.3.9.	Nivkh	142
3.3.10.	Turco.....	144
3.4.	Sudeste Asiático e Oceania.....	146
3.4.1.	Grande Andamanês.....	147
3.4.2.	Hmong-Njua	150
3.4.3.	Kambera.....	152
3.4.4.	Manange	154
3.4.5.	Māori	157
3.4.6.	Macauense	159
3.4.7.	Tagalog.....	161
3.4.8.	Tailandês.....	163
3.4.9.	Vietnamita	165
3.4.10.	Yue (Cantonês).....	167
3.5.	Papuanésia	169
3.5.1.	Abun	169
3.5.2.	Alamblak	171
3.5.3.	Berik	172
3.5.4.	Edolo.....	174
3.5.5.	Kayardild	176
3.5.6.	Lavukaleve.....	178
3.5.7.	Skou.....	179
3.5.8.	Teiwa	180
3.5.9.	Tobelo.....	182
3.5.10.	Yade (Nagatman).....	184
3.6.	África	185
3.6.1.	Fongbe	187
3.6.2.	Koyra Chiini	189
3.6.3.	Krongo	190
3.6.4.	Lango	191
3.6.5.	Maltês	194

3.6.6. Mani.....	196
3.6.7. Mina.....	197
3.6.8. Sandawe.....	199
3.6.9. Somali.....	201
3.6.10. Xhosa.....	203
4. Análise de Dados.....	205
4.1. América do Sul.....	208
4.2. América Central e do Norte.....	209
4.3. Eurásia.....	210
4.4. Sudeste Asiático e Oceania.....	210
4.5. Papuanésia.....	211
4.6. África.....	211
4.7. Análise Geral.....	212
5. Conclusão.....	227
5.1. Línguas com diferentes classes de adjetivo.....	227
5.2. Refinando explicações futuras.....	228
Bibliografia.....	229
Apêndice 1: Sistematização dos Dados.....	260

1. Introdução

Os objetivos deste capítulo introdutório são os seguintes:

- **Breve introdução do estudo de classes lexicais:** Explicação do como o problema sobre classes lexicais é relevante em linguística;
- **Classes lexicais em língua japonesa:** As dificuldades de usar a classificação tradicional na língua japonesa;
- **Sistematização de como a tese será conduzida:** O resultado da discussão apresentada na introdução do trabalho e que será utilizada para a condução do resto da tese. Para tanto, serão disponibilizadas,
 - **Contexto:** Será contada uma breve história da tipologia funcional, a linha teórica utilizada no presente trabalho.
 - **Hipóteses centrais do trabalho:** Serão oferecidas as hipóteses centrais do trabalho, a HOL (Hipótese da Organização Lexical) e da CHA (características herdadas adquiridas).

1.1. Breve Introdução do Estudo das Classes Lexicais

Όνομα, ῥῆμα, μετοχή, ἄρθρον, ἄντωνυμία, πρόθεσις, ἐπίρρημα, σύνδεσμος.

Essas eram as palavras usadas por Dionísio de Trácia, ou Dionísio Trácio, em *Tekhne Gramatike*, ou a “Arte da Gramática” publicada em torno do século II AC, para definir termos que conhecemos hoje como substantivo, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção. A longevidade desses termos é, no mínimo, suspeita.

Se olharmos para outros termos da história da ciência, mesmo os átomos tiveram um ressurgimento bastante recente: Ainda em 1882, físicos importantes como Max Planck ainda duvidavam que, de fato, átomos existissem (KUMAR, 2011, p. 21), e mesmo assim a palavra representa hoje algo muito diferente do imaginado na tradição grega¹. Um motivo possível seria o fato de que simplesmente a tradição tem sido repassada sem muitos questionamentos.

Se for pela falta de questionamento, a história das classes lexicais hoje em dia é bastante similar à da Grécia antiga. Vale lembrar que não foi Dionísio de Trácia que cunhou os termos. Όνομα (“Onoma”), para citar uma das classes lexicais, já se encontrava em obras muito anteriores à publicação da *Arte de Gramática*, como no caso do “Crátilo” de Platão (SEDLEY, 2014) (século V AC). Similarmente, o significado dos termos em si mudou pouquíssimo nos últimos dois milênios (motivo pelo qual a tradução dos termos gregos talvez não

¹ Para uma descrição mais detalhada sobre a história da teoria atômica, ver Chalmers (2014).

reserve muitas surpresas) sendo $\text{ovo}\mu\alpha$ um caso excepcional de um termo que originalmente tinha apenas um significado e que hoje se refere a duas classes: Substantivo e adjetivo.

Ainda assim, não é surpreendente que Dionísio de Trácia tenha ignorado a diferença de comportamento entre substantivos e adjetivos. O objetivo dele, e da tradição à qual ele pertencia, não era fazer uma análise linguística similar em qualquer natureza que seja às investigações linguísticas atuais, mas apenas registrar “o conhecimento empírico do comumente dito [nas obras] dos poetas e prosadores” (CHAPANSKI, 2003, p. 21) para uso dos mesmos ao recitar/ler obras, estando praticamente restrito a esse objetivo.

Talvez a taxonomia exposta por Dionísio tenha sido a ideal para o fim ao qual ele se propunha – afinal, se o comportamento morfológico de adjetivos e substantivos não era relevante o suficiente para um poeta da época, não existe motivo que o obrigasse a levar a diferença em consideração. Entretanto, o objetivo de um linguista contemporâneo não costuma ser apenas registrar o que os poetas gregos dizem. Logo, não existe motivo algum pelo qual as taxonomias usadas sejam as mesmas.

Mas, as taxonomias usadas continuaram as mesmas. Em parte, porque sua aplicação universal ainda não tem um histórico tão longo (os gregos não tinham interesse algum em outras línguas e a cultura grega era introspectiva e monoglota (HARRIS e TAYLOR, 1997, p. xiii)). Se tomarmos obras como Humboldt (1988), original de 1836, como precursoras da comparação de línguas com filiação fora da família indo-europeia, a utilização de termos como “substantivo” e “verbo” de forma universal, e sua comparação entre diferentes línguas, é bastante recente (comparada à história anterior desses termos). E, desde então, ela já apresentava problemas: Wackernagel (2009, p. 97-98) já comentava em 1916 que filólogos como Hermann Paul (em 1888) e August Schleicher (em 1865) teriam encontrado sérias dificuldades com essa taxonomia. O primeiro por acreditar que as motivações de cada classificação eram de natureza muito diferente (às vezes se dava pelo significado, às vezes pela função, e por outras vezes ainda pela morfologia), enquanto o segundo argumentava que a oposição entre substantivos e verbos era restrita às línguas indo-europeias, usando para tanto argumentos formais.

Hoje é comum se estudar categorias lexicais através de, pelo menos, duas linhas teóricas: o funcionalismo tipológico (seguindo o trabalho de Greenberg (1963)) e o gerativismo formalista (seguindo o trabalho de Chomsky (2002), original de 1957, na qual se encontra o início da abordagem). As páginas a seguir explicarão, primeiro, o motivo de não seguir o gerativismo formalista, voltando posteriormente às questões comuns das pesquisas tipológicas funcionais.

1.1.1. Breve Histórico das Classes Lexicais em Estudos Formalistas

Se tomarmos Chomsky (2002) como ponto de partida da tradição formalista na linguística moderna, então o problema das classes lexicais parece ter começado como um “ponto cego” nas investigações sobre a gramática: Não há, num primeiro momento, uma análise precisa sobre o que são as classes lexicais, do que elas se constituem e quais são suas características universais (diferente do que aconteceria depois em Baker (2004), em que é possível confirmar ou refutar).

O motivo é compreensível.

Já no início, a definição de linguagem era a de que se tratava de um conjunto de orações finitas, sendo que o papel fundamental de uma análise linguística era separar as frases gramaticais das agramaticais (CHOMSKY, 2002, p. 13); a definição entre gramatical e agramatical era considerada como sendo feita com base na sintaxe, e não no significado, já que é perfeitamente possível segundo a teoria criar orações gramaticais e sem significado algum, como “Ideias descolores verdes dormem furiosamente” (CHOMSKY, 2002, p. 15). Qualquer intenção de se usar a semântica para definir gramaticalidade foi então sumariamente deixada de lado.

A tentativa de dar uma fundamentação sintática precisa à linguagem, entretanto, não durou mais de dois capítulos. Ao falar sobre estrutura sintagmática, e discorrer sobre a natureza do que é um sintagma verbal e um sintagma nominal, a natureza dos núcleos de cada um desses sintagmas (substantivos e verbos) nunca foi especificada. O autor se contentou em dizer que “homem” e “bola” são substantivos e “bater” e “pegar” são verbos (CHOMSKY, 2002, p. 26), sem nenhuma definição explícita. Numa gramática do inglês, os termos são perfeitamente equivalentes na sintaxe (sendo possível substituir o “verbo” em “The man hit^V the ball” e “The man took^V the ball” sem problemas) – numa gramática portuguesa, não seria possível fazer a permuta e manter o resto das orações perfeitamente igual. Mas, como o livro tratava apenas de oferecer estruturas transformacionais à língua inglesa, essa diferença era irrelevante.

As dificuldades apareceram, por assim dizer, com Chomsky (1965).

Tomando as noções de “verbo” e “substantivo” primeiramente das gramáticas tradicionais (CHOMSKY, 1965, p. 63), o livro desenvolve os conceitos das classes lexicais, adicionando traços sintáticos como [+Comum] e [+Humano] a [+N] no caso da palavra “guri”, que representaria que se trata de um nominal referente a um ser humano e que não é um “nome próprio” (CHOMSKY, 1965, p. 82). O que vem a ser [+N] continuou a ser insuficientemente definido, em parte porque, ao se limitar à língua inglesa, e as definições ficaram implícitas

como aquilo que os falantes da língua consideram como sendo um “substantivo” – o que, por si só, não é problemático como descrição linguística. Visto como uma gramática da língua inglesa, não haveria problema algum.

Mas, o livro também começou a fazer uso de uma epistemologia racionalista e atribuir às crianças pré-falantes conhecimentos tácitos de universais linguísticos (CHOMSKY, 1965, p. 27). É aí que um problema teórico, que até então não era relevante, surge.

Partamos do pressuposto de que existam universais linguísticos, e que eles venham de um conhecimento universal e prévio mesmo à aquisição de uma língua: Ainda que a gramática inteira de uma língua tenha uma base inata, não há motivo algum pelo qual esses mecanismos produzam sempre categorias equivalentes às classificações tradicionais.

Para ilustrar melhor o problema, podemos levar em consideração que Chomsky (1965, p. 28) propôs também que traços fonéticos distintos poderiam ser universais independentes das línguas (com algo em torno de 15 ou 20 traços existentes no total) – ficando subentendido que as línguas não apresentam necessariamente as mesmas configurações fonológicas (com um número igual de vogais e consoantes). Da mesma forma, seria possível que 15 ou 20 traços levassem à formação de diferentes categorias lexicais, mas não exatamente configuradas da mesmíssima forma nas diferentes línguas. Se é sabido que as línguas não apresentam todas os mesmos fonemas, não há motivo algum a priori que obrigue as línguas a apresentarem as mesmas classes lexicais, apesar de essa solução não parecer nas obras consultadas como uma solução ao problema das classes lexicais. Os dados da subseção seguinte mostram os problemas de se estipular que todas as línguas possuem a priori, as mesmas categorias lexicais.

Por enquanto, seria razoável dizer que é extremamente precoce começar a fazer uma taxonomia de classes lexicais utilizando uma língua apenas. Além do mais, se começássemos com a definição a priori de que as classes lexicais das línguas devem corresponder à classificação vista da língua japonesa, por exemplo, teríamos o sério problema de ficar procurando pelo que é frequentemente chamado de “adjetivos verbais” e “adjetivos nominais”, cujas definições veremos mais à frente, nas línguas indo-europeias (ou querer cindir a categoria de “adjetivo” até que se encaixe no molde desejado), como veremos adiante.

Mas, em geral, é assim que a tradição tem lidado com o problema.

Chomsky (1970) inaugurou a visão de que as classes lexicais provêm de dois traços binários ([+N] e [+V]) e que sua presença e ausência levariam à formação de quatro categorias lexicais: Substantivos ([+N]/[-V]), Verbos ([+V]/[-N]), Adjetivos ([+N]/[+V]) e Aposições ([-N]/[-V]). Isso não chega a ser uma explicação esclarecedora, já que como Baker (2004, p. 2) contesta, alegando que os traços são apenas formais, e não têm conteúdo algum que permi-

tisse debater, de uma vez por todas, quais são as propriedades relacionadas a cada um dos traços.

Parte do que permitiria a utilização dessas categorias em diferentes línguas seria a simples facilidade em cada autor poder definir os termos de acordo com a língua estudada – como no caso de Lefebvre e Muysken (1988, p. 7), em que ([+N],[+V]) se refere a verbos nominalizados em Quéchua.

A fim de sanar esse problema de cada língua usar uma definição diferente, Baker (2004, p. 21) propõe que substantivos possuem índice de referência (com o traço [+N]), verbos licenciam especificador (com o traço [+V]), adjetivos são a categoria *default* e que os traços não coexistem. As línguas possuiriam três categorias lexicais, e três categorias apenas. A vantagem de uma divisão definida dessa forma é que a não ser que uma classe de palavras apresente tanto um índice de referência como a possibilidade de licenciar especificador, ela não é contraditória.

Logo, uma divisão tripartida assim não seria problemática. Afinal, a única dificuldade real que ela poderia ter seria caracterizar uma palavra que possuísse um índice de referência e licenciasse um especificador. Mas, por si só, como a divisão poderia explicar as diferenças e semelhanças entre as propriedades de classes lexicais nas mais diversas línguas?

Ao tentar correlacionar essas características com outras propriedades de cada classe, tem-se um problema: A categoria *default*, os adjetivos, teria, por falta dos traços acima, características como modificação direta atributiva, possibilidade de comparação de grau e posição de predicado secundário. Outras categorias teriam propriedades diferentes, não compartilhadas com as demais.

Mas, como veremos em japonês, não parece haver diferença nas formas em que verbos (*doushis*) e adjetivos verbais (*keiyoushis*) modificam diretamente um substantivo (*doushi*), podendo as duas classes também aparecer com comparações de grau. A posição de predicado secundário, apesar de corresponder às expectativas na polaridade positiva, se torna um problema com a polaridade negativa (quando verbos se comportam como adjetivos). Isso sem contar na diferença entre os dois tipos de adjetivo.

Além disso, a hipótese de que justo os adjetivos seriam uma categoria *default* vai de frente com outro problema, colocado por Panagiotidis (2015, p. 43): Por que justo a categoria *default* teria problema em ser considerada universal (já que não são raros os autores que dizem que não existem adjetivos em algumas línguas) e, mesmo nas línguas em que se considera que existem adjetivos, como em Hausa, eles não chegam a uma dúzia? Panagiotidis (2015)

foca, inclusive, em verbos e substantivos, com outras categorias sendo consideradas um caso à parte.

Em resumo, só parece existir um consenso sobre classes lexicais nas pesquisas acima: A de que verbos e substantivos são categorias diferentes. Se aceitarmos *doushis* e *meishis* como verbos e substantivos na língua japonesa, os dados mostrados na introdução estão de acordo com o consenso.

Mas, além disso? Baker (2004) defende que as classes apresentam características próprias, enquanto Panagiotidis (2015) acredita que existem projeções mistas. Baker (2004) coloca que existam três categorias lexicais, ao passo de Panagiotidis (2015) define que apenas substantivos e verbos pertencem a um mesmo sistema lexical. 50 anos depois de Chomsky (1965), não parece haver algum esclarecimento sobre quais são as categorias lexicais e seu papel numa possível gramática universal. Os dados sobre língua japonesa, a seguir, não parecem ajudar muito.

1.2. Classes Lexicais em Língua Japonesa

É comum que os linguistas, por questões pragmáticas, utilizem uma taxonomia própria da língua japonesa ao descrevê-la. Tradicionalmente, as categorias principais utilizadas são 名詞 “Meishi”, 動詞 “Doushi”, 形容詞 “Keiyoushi” e 形容動詞 “Keiyoudoushi” (a terminologia seguida aqui será a mesma de Furuta (1987), e a divisão é a mesma encontrada em descrições específicas da língua japonesa como Iwasaki (2013), Hinds (1988) e Backhouse (2004)). As traduções comuns, “Substantivos”, “Verbos”, “Adjetivos Verbais” e “Adjetivos Nominais” só nos são úteis até certo ponto, como poderemos ver a seguir.

1.2.1. Meishi

Morfologicamente, *meishis* são extremamente simples: não possuem marcas de tempo, modo e aspecto; tampouco apresentam morfologia de gênero e, salvo em alguns casos que serão explicados a seguir, também são invariáveis quanto a número.

Quando se trata de número, a morfologia é opcional no caso de já ser uma informação conhecida pelo ouvinte, caso contrário, não é possível saber o número com base apenas na forma utilizada.

Isso pode ser visto com a palavra “*kodomo*”, que significa “criança” em português. Enquanto em português existe uma relação entre número e marcação de plural (se espera que, ao identificar mais de uma criança, por exemplo, o falante diga “crianças”), o mesmo não ocorre em japonês: Sufixos como “-*tachi*” marcam apenas que a palavra não é singular. Sua

ausência não diz absolutamente nada quanto ao número. Ou seja, no lugar de apresentar morfemas de “plural”, a língua apresenta morfemas opcionais de número “não-singular”, o qual é usado quando há necessidade de especificar o número.

	1	2	3
Português	Criança	Crianças	
Inglês	Child	Children	
Japonês	Kodomo		
		Kodomotachi	

Os exemplos abaixo mostram como a palavra é usada:

- (1) Kodomo ga kita
 Criança NOM vir-PSD
 “A(s) criança(s) veio/vieram”
- (2) Kodomo ga hitori kita
 Criança NOM 1.PES vir-PSD
 “Veio uma criança”
- (3) Kodomo ga futari kita
 Criança NOM 2.PES vir-PSD
 “Vieram duas crianças”
- (4) Kodomotachi ga kita
 Criança-PL NOM vir-PSD
 “As crianças vieram”
- (5) *Kodomotachiga futari kita
 Crianças NOM 2.PES vir-PSD
 Intenção: “Vieram duas crianças”

A natureza da distinção é complexa, e inclui cisões entre os diferentes meishis, que variam de acordo com propriedades semânticas relacionadas a fatores como animacidade (CORBETT, 2004, p. 74). O importante para a presente discussão é que apenas alguns

meishis apresentam tal morfologia entre as classes lexicais analisadas, não sendo um fator presente nas outras classes (doushi, keiyoushi e keiyoudoshi).

Sintaticamente, meishis tendem a ser o núcleo do sintagma do qual fazem parte.

(6) [**Koukousei** wa] [benkyou wo] suru.

Aluno^{Ens.Med.} TOP estudo ACU fazer

“O(s) aluno(s) [do ensino médio] está/estão estudando”

“A(s) aluna(s) [do ensino médio] está/estão estudando”

(7) [[Tsuyo-kute] [Kakkoi] **joshi** ga] suki ka?

Forte-CONT Boa.Aparência mulher NOM agradável Q

“Você gosta de mulher(es) forte(s) e legais?”

Quando não se encontram na posição de núcleo, eles podem modificar o núcleo (invariavelmente um meishi) com duas estratégias: modificação direta (destacada abaixo em negrito) e indireta, com o uso de uma partícula (destacada em itálico).

(8) [[**Joshi**] **Koukousei** wa] [*portugarugo no benkyou* wo] suru.

Mulher Aluno^{Ens.Med.} TOP português-LING ADNOM estudo ACU fazer

“A(s) aluna(s) [do ensino médio] está/estão estudando língua portuguesa”

(lit. “fazendo estudo de língua portuguesa”).

Seria natural imaginar que, no caso da modificação direta, se trata de um único meishi composto, derivado dos dois meishis destacados anteriormente. Mas, existe uma regra fonológica que se aplica às palavras formadas a partir de dois ou mais meishis originais: Quando a segunda palavra (ou a última, no caso de haver mais) possuir apenas consoantes surdas, ou consoantes cuja sonoridade não seja distintiva na língua, a consoante inicial é sonorizada (no caso de, naturalmente, se tratar de uma consoante surda). Em resumo, se a última palavra começar com as consoantes /k/, /t/, /s/ e /h/, e não tiver as consoantes /g/, /d/, /z/ e /b/, a primeira consoante necessariamente é sonorizada.

(9) Kami (deus) + Kaze (vento) = Kamikaze (Piloto suicida (lit. “Vento Divino”))

/kami/ /kaze/ /kamikaze/

- (10) Kiri (corte) + Kami (papel) = Kirigami (recortes de papel)
 /kiri/ /kami/ /kirigami/
- (11) Koi (amor) + Hito (pessoa) = Koibito (pessoa amada)
 /koi/ /hito/ /koibito/

O fenômeno se estende aos casos de duplicação:

- (12) Hito (pessoa) + Hito (pessoa) = Hitobito (várias pessoas)
 /hito/ /hito/ /hitobito/

Se “joshi koukousei” fosse numa palavra fonológica apenas, esperar-se-ia a sonorização da consoante inicial do segundo meishi, e não é o que ocorre, conforme ilustrado a seguir:

- (13) Joshi (mulher) + Koukousei (Aluno do Ensino Médio) = *Joshigoukousei
 /zyosi/ /ko:ko:se:/ /zyosigo:ko:se:/

Em geral, entretanto, utiliza-se a forma indireta, com o auxílio da partícula “no” para se modificar outros meishis:

- (14) Gakusei no kuruma
 Aluno GEN carro
 “Carro do aluno”

Por fim, os meishis só aparecem na função predicativa seguida da cópula. As marcas de tempo, modo e aspecto se ligam à cópula:

- (15) Are wa gakusei no kuruma **da**
 Aquele TOP aluno GEN carro **COP**
 “Aquele é o carro do aluno”
- (16) Are wa gakusei no kuruma **da-tta**
 Aquele TOP aluno GEN carro **COP-PSD**
 “Aquele era o carro do aluno”

Devido às características acima (como a possibilidade de aparecer na função atributiva por intermédio de uma partícula, e não poder aparecer na função predicativa sem a cópula), é comum que os meishis sejam chamados na literatura de substantivos.

1.2.2. Doushi

Diferente dos meishis, os doushis apresentam sufixos de tempo, modo e aspecto de maneira uniforme – apesar de, sintaticamente, existir alguma variação sobre a natureza dos auxiliares que cada doushi possa receber. Marcas de pessoa e gênero são inexistentes, não apresentando também morfologia de número.

A morfologia de tempo, modo e aspecto é bastante regular, sendo possível perceber três classes de doushis segundo o comportamento que exibem com essa morfologia: Os doushis completamente regulares (cujo radical termina em vogal), os doushis parcialmente regulares (com radical terminado em consoante) e os dois doushis irregulares da língua (que mantêm apenas a primeira consoante como radical ao longo do paradigma). O paradigma com um verbo de cada classe está ilustrado na tabela a seguir, com as diferenças de significado sendo exibidas logo depois. É o que está ilustrado no Quadro X, a seguir.

	Tabe- “Comer”	Wakar- “Entender”	S- “Fazer”
Não-Passado	Tabe-ru	Waka-ru	Su-ru
Passado	Tabe-ta	Waka-tta	Sh-ita
Condicional	Tabe-reba	Waka-reba	S-ureba

(17) Udon² o tabe-ru
 udon ACU comer-Ñ.PSD
 “Como udon” / “vou comer udon”

(18) Udon o tabe-ta
 udon ACU comer-PSD
 “Comi udon”

² Macarrão típico japonês, feito de trigo e água.

- (19) Su-reba waka-ru
Fazer-COND Entender-Ñ.PSD
“Se fizer, você entende” (você aprende fazendo)
- (20) Shukudai o shi-ta ato de, tabe-ru
Dever.de.casa ACU fazer-PSD depois COP.CONT comer-Ñ.PSD
“Depois de fazer o dever de casa, vou comer”

É importante frisar que as marcas de acusativo acima são frequentemente omitidas no uso informal, sendo que sua ausência não torna as orações agramaticais:

- (21) Udon tabe-ta
udon comer-PSD
“Comi udon”

Como a glosa acima indica, a marcação de tempo apresenta duas possibilidades: uma forma passada (indicando anterioridade em relação ao momento da enunciação ou, em orações subordinadas, anterioridade quanto ao verbo principal) e uma forma não-passada.

Outra característica dos doushis é a de modificarem diretamente um meishi (ou mesmo os pronomes, que não serão descritos nesta introdução):

- (22) Ganba-ru hito da
Se.Esforçar-Ñ.PSD pessoa COP
“Pessoa que se esforça”
- (23) Ganba-ru anata e...
Se.Esforçar-Ñ.PSD 2.SG DAT
“Pra você que se esforce” (slogan comum em propagandas)
- (24) Ganba-tta hito da
Se.esforçar-PSD pessoa COP
“Pessoa que se esforçou”

Outro ponto relevante sobre os doushis é a possibilidade de aparecerem em estruturas de grau superlativo³, aparentemente com limitações semânticas. Enquanto é impossível usar quaisquer modificadores de grau com palavras como “comer”, é possível modificar um doushi:

- (25) *Okashi wo totemo tabe-ta
 Doce ACU mui comer-PSD
 * “Mui comi doce”

- (26) Okashi wo takusan tabe-ta
 Doce ACU muito comer-PSD
 “Comi muito doce”

Mas, a limitação não é regular a todos os doushis, conforme ilustrado em (21), em que o item ‘tsukare’ pode receber modificação de grau:

- (27) Totemo tsukare-ru
 Mui Se.cansar-Ñ.PSD
 “(Me) cansa muito”

Esse mesmo modificador pode ser usado com doushis em função atributiva:

- (28) Totemo ganba-ru hito da
 Mui se.esforçar-Ñ.PSD pessoa COP
 “É uma pessoa que se esforça muito”

Com doushis potenciais (que denotam habilidades em geral) é possível comparar a capacidade de duas pessoas diferentes, sem uso de palavras como “melhor”, “bom” ou “mais”. Esses doushis potenciais podem ser de dois tipos: Semânticos, no qual possuem um significado potencial sem uso de nenhum morfema, ou morfológicos, em que um doushi não-potencial recebe a morfologia para tanto.

³ A língua japonesa faz uma distinção lexical entre “muito” com noção de intensidade (como no inglês “very”) e “muito” com noção de quantidade (como no inglês “much”). A fim de manter uma distinção similar na glosa, “muito” com o primeiro sentido será escrito “mui”, como em “mui amigo”.

- (29) Kaoru wa Tarou yori eigo ga dekiru
 Kaoru TOP Tarou ALL inglês NOM conseguir-Ñ.PSD
 “Kaoru fala inglês melhor do que Tarou”
 (lit. “Falando da Kaoru, partindo do Tarou, inglês é ‘consequível’”)
- (30) Kaoru wa Tarou yori eigo ga hanas-e-ru
 Kaoru TOP Tarou ALL inglês NOM falar-POT-Ñ.PSD
 “Kaoru fala inglês melhor do que Tarou”
 (lit. “Falando da Kaoru, partindo do Tarou, inglês é ‘falável’”)
- (31) *Kaoru wa Tarou yori eigo wo hanas-u
 Kaoru TOP Tarou ALL inglês NOM falar-Ñ.PSD
 “Kaoru fala inglês melhor do que Tarou”

Outra característica dos doushis é que, morfossintaticamente, eles tendem a mudar de classe dependendo da polaridade (apresentando as características da classe a seguir quando estão na negativa), conforme será exemplificado a seguir.

1.2.3. Keiyoushi

Keiyoushis são bastante próximos em suas propriedades morfológicas dos doushis, acima: apresentam sufixos de tempo, modo e aspecto, ainda que de maneira mais limitada do que alguns (mas não todos os) doushis. Assim como as categorias acima, nos keiyoushis, marcas de pessoa e gênero são inexistentes, além de deixarem de apresentar qualquer morfologia de número.

	Oishi- “Gostoso”	Ama- “Doce”	Yo- / I- “Bom”
Não-Passado	Oishi-i	Ama-i	Yo-i I-i
Passado	Oishi-katta	Ama-katta	Yo-katta
Condicional	Oishi-kereba	Ama-kereba	Yo-kereba

Sintaticamente, os keyoushis tendem a ser encontrados em duas posições: Como núcleos de orações intransitivas (na função predicativa) e modificadores de meishis (na função atributiva).

- (32) Udon wa oishi-i
 Udon TOP gostoso-Ñ.PSD
 “Udon é/está gostoso”
- (33) Udon wa oishi-katta
 Udon TOP gostoso-PSD
 “O udon estava gostoso”
- (34) Oishi-i udon wo tabe-ta
 Gostoso-Ñ.PSD udon ACU comer-PSD
 “Comi udon gostoso”
- (35) Oishi-katta udon no koto wo oimoidashi-ta
 Gostoso-PSD udon GEN NMLZ ACU lembrar-PSD
 “Lembrei do udon que era gostoso”

Keiyoushis também podem ser usados em construções que denotam comparação de grau, e com palavras que expressam intensidade em geral.

- (36) Udon wa sushi yori oishi-i
 Udon TOP sushi ABL gostoso-Ñ.PSD
 “Udon é mais gostoso do que sushi” (lit. “Falando de udon, partindo de sushi, é gostoso”)
- (37) Totemo oishi-i
 Mui gostoso-Ñ.PSD
 “Muito gostoso”

Curiosamente, tirando variantes dialetais ou construções arcaicas, na negação, doushis e keyoushis compartilham várias características morfossintáticas.

	Doushi		Keyoushi	
	Wakar-	Tabē-	Oishi-	Ama-
Afirmativa	Waka-ru	Tabē-ru	Oishi-i	Ama-i
Negativa	Wakar-a- nai	Tabē- nai	Oishi-ku- nai	Ama-ku- nai
Negativa Passada	Wakar-a- na-katta	Tabē- na-katta	Oishi-ku- na-katta	Ama-ku- na-katta
Negativa Condi- cional	Wakara- na- kereba	Tabē- na-kereba	Oishi-ku- na- kereba	Ama-ku- na- kereba

Diferente dos meishis, que não recebem morfologia de polaridade, a negação é feita em doushis e keiyoushis com o sufixo –nai, o que faz com que doushi, quando negado, se comporte como um keiyoushi da língua (e vice-versa).

Com isso, as formas negativas de ambas as classes acabam se comportando de maneira similar, como na semelhança em poderem ser colocadas em orações transitivas como resultado de ação:

- (38) Oishi-ku su-ru
gostoso-FM⁴ fazer-Ñ.PSD
“Fazer algo (ficar) gostoso”
- (39) Oishi-ku-na-ku su-ru
Gostoso-NEG-FM fazer-Ñ.PSD
“Ficar gostoso” (lit. “tornar gostosamente”)
- (40) Deki-na-ku su-ru
Conseguir-NEG-FM fazer-Ñ.PSD
“Fazer ficar impossível” (lit. “tornar não conseguível”)
- (41) Oishi-ku-na-ku su-ru
Gostoso-FM-NEG-FM fazer-Ñ.PSD
“Fazer algo não (ficar) gostoso”

Mas, isso não é possível na afirmativa:

⁴ A fim de evitar o uso de expressões tradicionais como “forma adverbial”, em que a noção de advérbio (e da taxonomia das palavras) tem um contexto histórico mais complexo, por enquanto será usada a glosa “FM” (forma medial), já que essa forma tende a não aparecer na posição final das orações por não exercer função predicativa.

- (42) *Deki-ru su-ru
 Conseguir-Ñ.PSD fazer-Ñ.PSD
 * Intenção: “Fazer conseguir”

Os doushis na negativa apresentam propriedades morfossintáticas, portanto, não compartilhadas com doushis em contexto independente da polaridade. No caso de se querer usar uma estratégia similar na afirmativa, se usa um verbo auxiliar, cuja negação não tem o significado da oração (40), em que se faz algo incapaz, mas apenas de que não se faz que algo seja capaz – significados não necessariamente equivalentes.

- (43) Deki-sase-ru
 Conseguir-CAUS-Ñ.PSD
 “Permitir/Fazer conseguir”
- (44) Deki-sase-na-i
 Conseguir-CAU-NEG-Ñ.PSD
 “Não permitir/fazer conseguir”

Mesmo com as marcas de polidez, doushis negativos e keiyoushis apresentam similaridades em seu comportamento que não seriam compartilhados se não fosse pela questão da polaridade.

Keiyoushis só possuem uma forma de receber marcas de polidez – através de uma cópula, invariável, e que só é necessária com esse contexto. Doushis não possuem essa alternativa, a não ser que estejam na negativa.

- (45) Udon wa oishi-i desu
 Udon TOP gostoso-Ñ.PSD COP.POL
 “Udon é gostoso” (dito de forma polida)
- (46) Udon wa oishi-ku-na-i desu
 Udon TOP gostoso-FM-NEG-Ñ.PSD COP.POL
 “Udon não é gostoso” (dito de forma polida)

- (47) Wakara-na-i desu
Entender-IRR-NEG-Ñ.PSD COP.POL
“Não entendo” (forma polida)

- (48) *Waka-ru desu
Entender-Ñ.PSD COP.POL
“Entendo” (forma polida)

Existem outras estratégias, como a possibilidade de se negar a forma polida do doushi “aru” (existir) com keiyoushis, substituindo o sufixo “nai” nos casos das construções negativas, enquanto isso não é possível com doushis (que recebem negação semelhante com a modificação do próprio sufixo de polidez).

- (49) Oishi-ku ar-i-mas-en
gostoso-FM existir-FM-POLIDEZ-NEG
“Não é gostoso”

- (50) *Wakara-ar-i-mas-en
saber-existir-FM-POLIDEZ-NEG
“Não sei/não sabe”

Mas, relevante para essa exposição, é o fato de que a língua parece tratar doushis negativos de maneira mais similar aos keiyoushis do que os outros doushis.

Uma possível maneira de separar doushis e keiyoushis poderia ser a postulação de uma hipótese em que um se encontra numa oração relativa, e o outro realiza a modificação diretamente quando está na função atributiva. Mas, mesmo se mantivermos apenas a polaridade positiva, o comportamento das duas classes é similar em orações relativas (ou seja, não haveria como distinguir as duas classes do ponto de vista morfossintático):

- (51) Kaoru wa [atama ga i-i] hito da
Kaoru TOP cabeça NOM bom-Ñ.PSD pessoa COP
“Kaoru é a pessoa que tem cabeça boa” (lit. “Falando da Kaoru, é pessoa [cuja] cabeça é boa”).

(52) Kaoru wa [eigo ga deki-ru] hito da
 Kaoru TOP inglês NOM conseguir-Ñ.PSD pessoa COP
 “Kaoru é a pessoa que consegue [falar] inglês” (lit. “Falando da Kaoru, é a pessoa [que] inglês é conseguível”).

(53) Kaoru wa [eigo wo hanas-u] hito da
 Kaoru TOP inglês ACU fala-Ñ.PSD pessoa COP
 “Kaoru é a pessoa que fala inglês” (lit. “Falando da Kaoru, é a pessoa que fala inglês”).

Por fim, existe ainda outra classe lexical em japonês relevante para o presente trabalho: Os keiyoudoushis.

1.2.4. Keiyoudoushi

Assim como keiyoushis são similares aos doushis em várias de suas propriedades morfossintáticas, keiyoudoushis são mais próximos dos meishis. Não apresentam morfologia de tempo, modo, aspecto, pessoa, gênero ou número. Tanto na função atributiva quanto na função predicativa, os keiyoudoushis vêm seguidos de uma forma da cópula.

(54) Kirei na hito da
 bonito COP.FM pessoa COP
 “É uma pessoa bonita”

(55) Kirei da-tta hito da
 bonito COP-PSD pessoa COP
 “É uma pessoa que era bonita”

(56) Kirei na hito da-tta
 bonito COP.FM pessoa COP-PSD
 “Era uma pessoa bonita”

(57) Ano hito wa kirei da
 Aquela pessoa TOP bonito COP
 “Aquela pessoa é bonita”

- (58) Ano hito wa kirei da-tta
 Aquela pessoa TOP bonito COP-PSD
 “Aquela pessoa era bonita”

Assim como nas duas classes acima, keiyoudoushis ocorrem em construção de grau superlativo e comparativo:

- (59) Totemo kirei da
 mui bonito COP
 “É muito bonita”

- (60) Kaoru wa Saori yori kirei da
 Kaoru TOP Saori ABL bonito COP
 “Kaoru é mais bonita do que Saori”

Diferente dos meishis, os keiyoudoushis não podem ser argumentos de um doushi, requerendo uma partícula para tal:

- (61) Kirei no wo mi-ta
 bonito NMLZ ACU ver-PSD
 “Vi a bonita” (lit.: “Vi a da boniteza”)

Esse comportamento, inclusive, se estende a todas as classes, com exceção dos meishis:

- (62) Banana wo ka-tta
 banana ACU comprar-PSD
 “Comprei banana”
- (63) Shiro-i no wo ka-tta
 branco-Ñ.PSD NMLZ ACU comprar-PSD
 “Comprei o branco”

- (64) Hashi-ru no ga suki da
 correr-Ñ.PSD NMLZ NOM agradável COP
 “Gosto de correr” (lit. “Correr é agradável”)

O comportamento das quatro classes acima têm características comuns assim como propriedades que podem ser usadas para fazer distinção entre si. Como comparar essas classes com a de outras línguas como o português?

1.2.5. Aplicação das classes tradicionais à língua japonesa

Se procurarmos por candidatos às categorias tradicionais de verbo e substantivo, *doushi* e *meishi* geralmente correspondem a essas categorias em descrições sobre a língua.

Já, a categoria de adjetivo, entretanto, apresenta problemas.

Em geral, *keiyoushis* e *keiyoudoushis* são vistos como parte da categoria, mas recebendo nome diferentes dependendo da descrição, como “adjetivos” e “adjetivos nominais” em Iwasaki (2013) Hinds (1988) e “adjetivos flexionados” e “adjetivos não-flexionados” por Backhouse (2004). Não existe, portanto, um consenso sobre como lidar com a categoria, exceto pelo fato de que ambas as categorias são consideradas similares em relação que chamamos de adjetivo.

Dentro da Associação Brasileira de Estudos Japoneses⁵, é comum abrir mão dos termos “adjetivo” e “verbo” por completo, devido às dificuldades acima, chamando ambas as categorias de “predicadores”. Fazer isso leva a algumas vantagens explicativas:

- **Possibilidade de explicação de propriedades compartilhadas:** Como visto acima, *doushis*, *keiyoushis* e *keiyoudoushis* ocorrem em construções de grau comparativo e superlativo, mas não *meishis*. No lugar de postular que é uma propriedade compartilhada, é possível dizer que se trata de característica própria dos predicadores em geral; igualmente, a necessidade de todos os predicadores serem nominalizados para serem argumentos também ficaria explicada – é tudo apenas uma categoria só;
- **Fim da cisão entre *doushis* afirmativas e negativas:** No lugar de postular que raízes *doushi* se comportam como *keiyoushis* na negativa, se considerarmos as duas classes como uma só, não existe uma cisão – apenas padrões morfológicos diferentes.

⁵ Não parece existir nenhum material publicado com essas ideias por enquanto. Da minha parte, posso apenas colocar os argumentos e dizer que eles vêm de conversas com pesquisadores como Tae Suzuki.

Adotar essa terminologia traz, todavia, um pequeno problema no momento em que saímos dos estudos em língua japonesa: seria possível que uma classe assim fosse universal?

Uma divisão assim seria compatível com a descrição de línguas como Apinajé investigada por Oliveira (2005), em que se tem quatro categorias lexicais: substantivos (como os *meishis* em japonês), verbos (à qual os predicadores poderiam ser comparados), posposições (existentes em japonês, mas ignorados, por enquanto) e adverbiais (os advérbios da língua).

1.3. Sistematização de Como Será Conduzida a Tese

A tese será feita seguindo a linha funcional tipológica devido às dificuldades encontradas em poder fazer o levantamento dentro de uma linha formal, mas tentando fornecer algumas alternativas às explicações que seriam dadas dentro do gerativismo. A resposta ao argumento da pobreza de estímulo e à hipótese de uma gramática universal é que, de fato, é necessário ver primeiro se a criança adquire uma língua *in toto* – ou sim se a aprendizagem se dá por partes, sendo perfeitamente possível aprender uma língua paulatinamente sem auxílio de qualquer conhecimento inato. Logo, é necessário entender e poder descrever como se dá esse desenvolvimento e tentar procurar maneiras de escolher por uma hipótese ou outra.

Por se tratar de um trabalho sobre classes lexicais, começar-se-á por uma hipótese mais geral sobre o assunto, que guiará o trabalho (e para qual será oferecido um embasamento empírico no capítulo a seguir) e uma hipótese auxiliar, derivada da hipótese central, que será testada na presente tese. Apesar de não ser o suficiente pra falsificar a hipótese central, a hipótese auxiliar depende diretamente dela, sendo ambas testáveis.

Foquemos primeiro numa breve história da linha teórica para depois partir às hipóteses.

1.3.1. Breve História da Linha Funcional Tipológica

Apesar de a disciplina não ter tido um surgimento *ex nihilo*, se tomará como ponto de partida para a história da tipologia linguística a ascensão do relativismo romântico, tendo na linguística como um de seus precursores a figura de Wilhelm von Humboldt, intermediário entre o novo relativismo alemão e o racionalismo iluminista anterior (RAMAT, 2011, p. 15). Em seu principal trabalho, Humboldt (1999), original de 1836, o autor mesclava a visão tradicional de que as línguas eram todas produtos produzidos pela natureza humana da comunicação com a visão nova de que a diversidade linguística era “um espelho das diferenças espirituais e intelectuais entre as culturas” (RAMAT, 2011, p. 15).

Os irmãos Schlegel, que eram algo como o epicentro do movimento romântico em Jena e Berlim (FRANK, 2004, p. 2), foram fundamentais ao organizarem a primeira divisão

tipológica de línguas amplamente usadas⁶ segundo suas características: Línguas “sem estrutura gramatical” (como o chinês), línguas “com afixos” (como o turco) e línguas “com flexão” de dois tipos – sintéticas (como o latim e o grego antigo) e analíticas, (como o francês que faz uso de pronomes pessoais junto aos verbos, artigos, e auxiliares (RAMAT, 2011, p. 16-17)). Em adição a essas categorias, Humboldt (1999, p. 129) propôs a existência de línguas incorporativas (hoje chamadas polissintéticas), que “trazem o significado de uma oração inteira em uma forma única ligada pelo som”. Outra estratégia importante já antecipada por Humboldt (1999) é que as línguas eram divididas por tipo, mas não porque elas necessariamente pertenciam a um tipo só, usando a taxonomia proposta como construções que auxiliassem na classificação (RAMAT, 2011, p. 18).

Outros irmãos, como os irmãos Grimm, também foram importantes para o movimento romântico e mais precisamente Jacob, também foi de fundamental importância na descoberta das novas “leis científicas” da linguagem (SCHNEIDER, 2007, p. 70; RAMAT, 2011, p. 18).

Por fim, desenvolvendo ideias como as mencionadas acima na Alemanha do século XIX, Georg von der Gabelentz já idealizava a existência de uma linguística tipológica que possuísse capacidade de previsão (RAMAT, 1987, p. 193), tendo sido o primeiro a cunhar o termo “tipologia” (RAMAT, 2011, p. 21).

A situação mudou um pouco no século XX. O século anterior tinha visto fases em que explicações tipológicas eram dadas junto com observações antropológicas de teor duvidoso como a de que “raças Indo-Europeias e Sino-Árabes” ultrapassaram todas “as outras raças” definindo assim qual era a forma padrão de pensamento e a ordem na qual as palavras aparecem numa oração (GRAFFI, 2011, p. 31), e a linguística estrutural por sua vez abandonou essas explicações junto com qualquer tipo de psicologia (GRAFFI, 2011, p. 35). Sapir (1921) foi uma das primeiras tentativas dentro dessa perspectiva, ainda que já expressando algumas das dificuldades da empreitada, como o fato de que as línguas apresentam diversas características diferentes, além da dificuldade de generalizar com base em um número pequeno de línguas, e o erro comum entre linguistas de tentar reduzir a variedade linguística a uma fórmula simples (SAPIR, 1921, p. 91). Sapir (1921, p. 92) inclusive chamava a atenção para o preconceito presente em alguns linguistas de querer moldar as línguas ao latim ou ao alemão e considerar desvios como sendo aberrações de algum tipo, evitando assim julgamentos de valor encontrados em trabalhos anteriores (GRAFFI, 2011, p. 35).

⁶ Existiram classificações anteriores, como a do filósofo e proto-economista Adam SMITH (1811).

Fazendo uma classificação com base em diversos fatores (como a tendência de uma língua apresentar ou não morfologia, e os diferentes tipos de morfologia que as línguas podem apresentar), Sapir (SAPIR, 1921, p. 20) dividiu diferentes línguas em, pelo menos, vinte tipos diferentes (agrupados em conjuntos maiores de maneira a formar quatro grandes tipos).

Alguns anos depois, e bastante influenciado por Jakobson e a ideia de que em diferentes tipos uma característica X pode ter relação com uma característica Y (o que veio a se chamar depois de universal implicacional) (GRAFFI, 2011, p. 40), Greenberg (1963) propôs que poderiam existir alguns universais relacionados à ordem lexical e morfológica nas mais diferentes línguas. A influência dessa busca em trabalhos posteriores se deu em maior parte por causa de quão simples foram as relações encontradas e não necessariamente por causa das explicações dadas (GRAFFI, 2011, p. 41). Os universais #3 e #4 de Greenberg (1963, p. 45) propunham que línguas com ordem VSO eram sempre preposicionais enquanto línguas com ordem SOV eram majoritariamente posposicionais.

1.3.2. Desenvolvimento da Hipótese Central (HOL)

A hipótese central (baseada nos resultados de pesquisas sobre desenvolvimento infantil como Bates e Goodman (2001), Dale e Goodman (2005), Tomasello (2001) e de desenvolvimento das línguas e de processos de gramaticalização, como Heine e Kuteva (2007)) é a “Hipótese da Organização Lexical” (HOL), e a hipótese a ser analisada, a da “Característica Herdada Anteriormente”, que podem ser formuladas assim:

- **HOL:** As categorias lexicais, definidas como “conjuntos de elementos lexicais que compartilham características formais e semânticas”, surgem a partir de processos de gramaticalização ao longo do desenvolvimento de uma língua, com a ordem de surgimento de cada categoria estando correlacionada à aquisição das classes lexicais pelos falantes. Com isso, são necessárias as seguintes atitudes:
 - **Suporte a uma hierarquização taxonômica:** No lugar de ver as categorias lexicais como independentes e mutuamente exclusivas, a hipótese leva à visão de que as categorias lexicais dão origem umas às outras (seguindo um sentido principal, a ser definido abaixo);
 - **Abandono da isometria taxonômica:** Diferente das propostas absoluto-universalistas mencionadas acima, não se espera que as classes lexicais apresentem um comportamento constante em comparações interlinguísticas.

Tem-se assim uma hipótese geral (a HOL), a qual necessita de uma taxonomia diferenciada para análise. Afinal, se existe a crença de que as classes surgem uma das outras, é preciso de alguma maneira traçar os caminhos pelos quais as classes gramaticais passaram.

1.3.3. Sistematização da taxonomia proposta

A maneira tentativa pela qual os elementos serão catalogados daqui em diante será de acordo com “camadas”, colocando-se nas camadas mais básicas (I e II) os primeiros dois tipos de palavras a aparecer na fala infantil, e os dois tipos de palavras que, em processos de gramaticalização, tendem a ser os itens lexicais originais: Substantivos e verbos.

A vantagem de colocar em camadas é que, como veremos mais adiante, será possível dar rótulos mais apurados para ajudar tanto em comparações interlinguísticas como em descrições gramaticais de uma língua apenas. “Adjetivos nominais” e “Adjetivos verbais”, nesse primeiro momento, podem ser colocados na camada III (abaixo, por tanto, de substantivos e verbos), e distribuídos em subcamadas, de acordo com suas características gramaticais.

Nível Básico	Camada I	I Nominais	II Verbais
	Camada II	↓	↓
Nível Intermediário	Camada III	III _I Adj. Nominais	III _{II} Adj. Verbais

A diferença é útil em línguas que possuem tipos e subtipos de adjetivo, como no caso da língua japonesa, em que – fato não mencionado até aqui – não só existe a diferença entre adjetivos nominais e verbais, como também existem subtipos de adjetivos nominais, tendo como diferença principal a forma em que eles aparecem na função atributiva.

Relembrando, *keiyoudoushis* em geral (descritos por conveniência como “adjetivos nominais” acima), na função atributiva, recebem a adição de uma forma medial da cópula.

- (57) Kirei na hito da
 bonito COP.FM pessoa COP
 “É uma pessoa bonita”

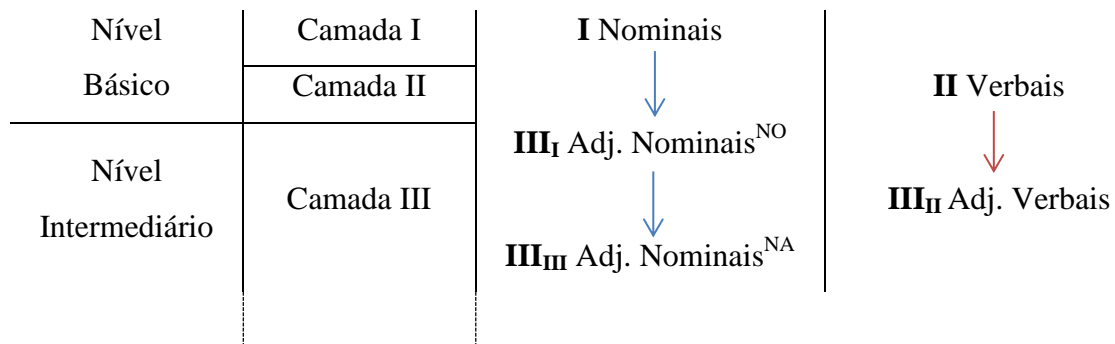
Entretanto, existe um subtipo de keiyoudoushis que modifica meishis (“substantivos”) exatamente como outro nominal faria – mantendo ainda as mesmas propriedades esperadas dos keiyoudoushis e não compartilhadas com outros meishis.

- (58) Byouki no hito da
Doente ADNOM pessoa COP
“É uma pessoa doente”
- (59) Totemo byouki no hito da
Mui doente ADNOM pessoa COP
“É uma pessoa muito doente”
- (60) Burajiru no hito da
Brasil ADNOM pessoa COP
“É uma pessoa do Brasil”
- (61) *Totemo Burajiru no hito da
Mui Brasil ADNOM pessoa COP
*“É uma pessoa muito do Brasil”

Backhouse (2004) apresenta uma descrição mais detalhada sobre a diferença entre os dois subtipos. Mas, no sentido em que esse subtipo de keiyoudoushi é mais próximo dos nominais do que o subtipo visto anteriormente, o qual apresenta estruturas próprias.

No lugar de utilizar uma nomenclatura muito específica à língua, em que é necessário distinguir os subtipos de keiyoudoushis como “adjetivos nominais-NA” e “adjetivos nominais-NO”, seria aconselhável, para possibilitar uma comparação interlinguística mais apropriada, que pudéssemos traçar sua relação com o resto da língua, classificando os keiyoudoushis entre elementos da subcamada III_I, mais próxima dos nominais (da camada I), keiyoushis da subcamada III_{II}, mais próxima dos verbais (camada II), e os keiyoudoushis da subcamada III_{III}, incorporando inovações não pertencentes à camada nenhuma anterior, como o uso da forma medial da cópula.

Sem entrar em maiores detalhes, poderíamos traçar uma hierarquia entre as camadas simplificada da seguinte forma:



No caso, a língua japonesa apresentaria as três possibilidades disponíveis dentro da terceira camada (uma camada mais próxima dos nominais, outra mais próxima dos verbais, e outra com características próprias). Quais são as características comuns às línguas que apresentam as três possibilidades?

Para o entendimento da hipótese testada, chama-se a atenção para o fato de que uma camada mais básica seria uma camada de número menor (I e II são mais básicas do que III).

1.3.4. Desenvolvimento da Hipótese Testada (CHA)

A hipótese a ser testada no trabalho, portanto, é a hipótese da Característica Herdada Anteriormente (CHA) que prevê o seguinte:

- **CHA:** Com base na HOL, seria de se esperar que categorias mais básicas, com os processos de gramaticalização, passem algumas de suas características para categorias menos básicas. Para verificar um caso isolado de CHA, verificar-se-á se palavras que podem ser usadas na função atributiva (como adjetivos, na terminologia tradicional, ou elementos da camada III, como colocado aqui) contêm propriedades formais similares a elementos de camadas mais básicas (tradicionalmente descritos como substantivos e verbos). Segundo a hipótese, é de se esperar que, em ao menos 50% dos casos, numa amostra de línguas escolhidas aleatoriamente, isso ocorra.

Definidos os termos e as hipóteses que sustentam o trabalho, é necessário ver quais são as pesquisas anteriores que dão embasamento ao trabalho.

2. Tipologia linguística, classes de palavras e gramaticalização: bases teóricas

Conforme observado anteriormente, a investigação sobre os contrastes tipológicos relativos à manifestação das classes de palavras nas línguas está relacionada ao problema da aquisição léxico e da gramática, bem como à questão da gramaticalização.

O objetivo deste capítulo é fazer uma revisão de literatura, trazendo um resumo de alguns dos trabalhos mais importantes para o desenvolvimento dessas questões, na relação com a argumentação que dá sustentação à tese.

2.1. Estudos sobre Aquisição do Léxico e da Gramática

Uma questão relevante para essa discussão é como, de fato, se dá a aquisição do léxico e da gramática. Antes de formar hipóteses sobre como se dá a aquisição da gramática por parte dos falantes, e tirar conclusões a partir das hipóteses, é necessário ver como se dá a aquisição segundo os estudos da área.

2.1.1. Bates e Goodman (2001): Inseparabilidade do léxico e da gramática

O estudo de Bates e Goodman (2001), parte da suposição de que a aquisição da linguagem por parte das crianças segue, num primeiro momento, uma ordem modular: As crianças primeiro emitem vogais e depois combinações de vogais e consoantes sem sentido aparente (a primeira etapa começa entre os 3 ou 4 meses de idade, e a segunda entre 6 e 12 meses de idade), depois as crianças começam a conseguir produzir palavras entre 10 a 12 meses de idade (precedida pela compreensão por algumas semanas), as primeiras combinações de palavras surgem entre 18 a 20 meses (apesar de bastante limitadas) e, por fim, aparece o que poderíamos chamar de um período morfossintático em que a criança começa a usar a gramática mais consistentemente, num período que começa entre o segundo aniversário e os 30 meses de idade (BATES e GOODMAN, 2001, p. 135). Pesquisas anteriores como Goodman (1995), cujos resultados podem ser vistos na tabela abaixo, mostram como se dá, em geral, o desenvolvimento da produção e compreensão lexical, e o uso de estruturas gramaticais entre o sétimo mês e o trigésimo⁷:

⁷ O mensuramento da produção e da compreensão vocabular se deu com uma lista específica de palavras, enquanto a medição gramatical se deu de acordo com uma escala de 37 itens sobre complexidade gramatical.

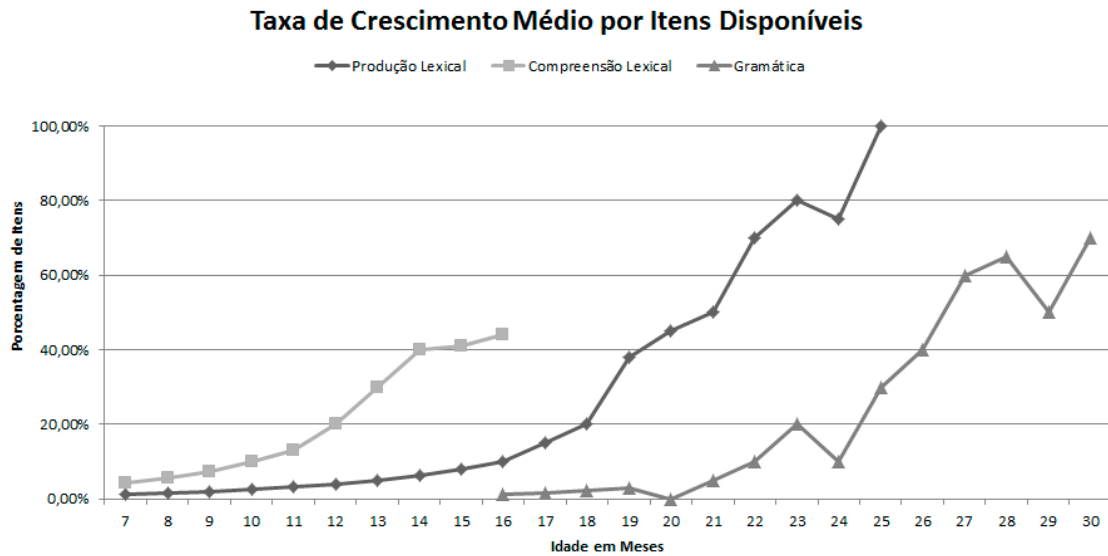


Tabela 1. Dados sobre crescimento médio de produção lexical, compreensão lexical e competência gramatical em Goodman (1995)

É interessante a demora entre o início da produção lexical e da produção gramatical. Mas, qual é a relação entre o léxico adquirido e a gramática a ser adquirida posteriormente?

Estudos anteriores como Bates, Bretherton e Snyder (1988, p. 213) já mostravam que a melhor maneira de prever o desempenho gramatical de uma criança aos 28 meses de idade (contando o desempenho através do tamanho médio de enunciações) era o vocabulário aos 20 meses, com uma correlação variando entre +,70 e +,84 ($P < ,01$), sendo a melhor maneira de prever o desenvolvimento gramático futuro da criança. Se ignorarmos a variável idade e formos direto para o tamanho do vocabulário, estudos como Fenson, Dale et al. (1994) encontram a correlação entre tamanho do vocabulário e performance numa escala de complexidade de 37 itens também na taxa de +,84 ($p < ,0001$). Mas, e com exemplos mais concretos, será que a correlação se manteria?

Para tentar responder essa pergunta, Marchman & Bates (1994) analisaram o comportamento da quantidade de verbos no vocabulário de uma criança e a produção de 12 verbos irregulares. As opções seriam três: Uma era usar só a raiz (e manter os verbos uniformes), usar a forma correta ou tratar os verbos como se fossem regulares (fazendo uma generalização incorreta).

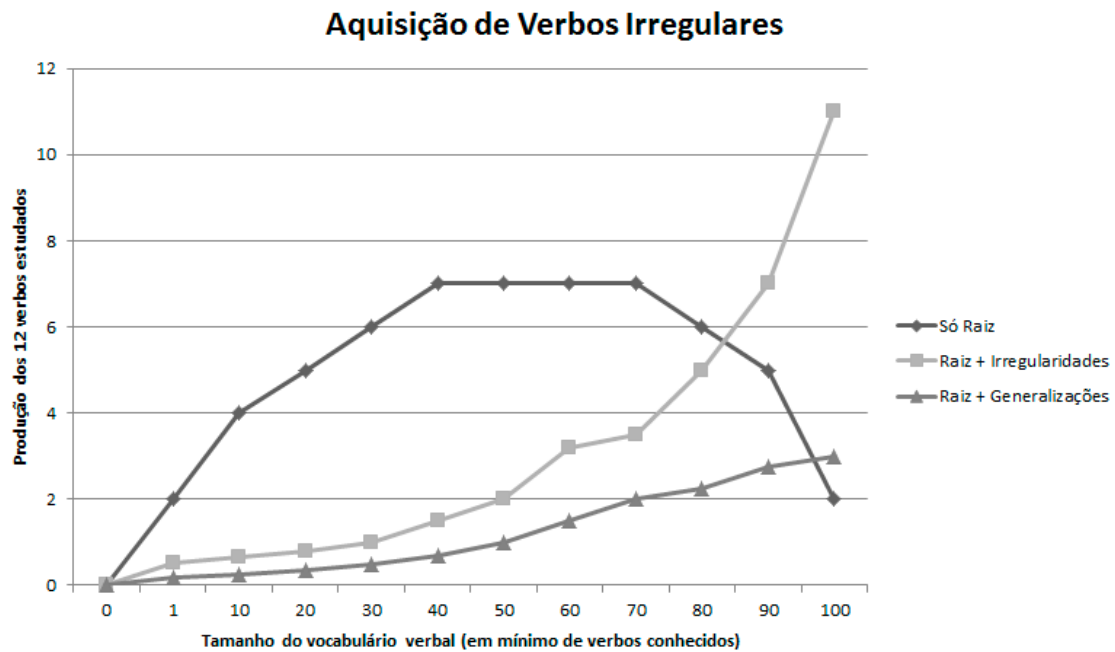


Tabela 2. Aquisição de 12 verbos irregulares de acordo com o tamanho do vocabulário total (BATES e GOODMAN, 2001, p. 146)

O estudo parece demonstrar que existe uma correlação direta entre a aquisição de morfologia de tempo (no caso, do tempo passado) e o conhecimento total de verbos por parte da criança.

Bates e Goodman (2001, p. 157-158) defendem que, se imaginarmos que, se seguirmos uma tendência recente em linguística de colocar cada vez mais ênfase no léxico para a explicação de componentes gramaticais, poderíamos chegar à conclusão de que a gramática é parte inerente do léxico – conclusão essa que parece ser corroborada pelos dados encontrados. Como reforço à hipótese, existe o fato de que não só a gramática e o léxico parecem se desenvolver em conjunto em crianças pequenas, mas também parecem se degradar conjuntamente em adultos com lesões cerebrais (BATES e GOODMAN, 2001, p. 158), podendo ser mais um argumento a favor da hipótese.

2.1.2. Tomasello (2001): Aquisição por pedaços

O que poderia mostrar que as crianças aprendem palavra por palavra (se estendendo depois de sintagma para sintagma) e assim que começam a utilizar a gramática da língua, e não com a ajuda de um esquema gramatical completo? Afinal, mesmo que a criança apenas repita pedaços inteiros, esses pedaços vão ser gramaticais como na fala de um adulto. Torna-se importante, então, não olhar apenas um uso (ou não uso) da criança, mas todos os seus usos (TOMASELLO, 2001, p. 170). Confere-se assim se existe alguma produtividade gramatical, e não apenas orações memorizadas.

A hipótese tomada por Tomasello (2001, p. 170) é a das “Ilhas Verbais”, em que as crianças usam as palavras de forma desorganizada: No lugar de quebrar elementos verbais em sujeitos, objetos e instrumentos, elas aprenderiam que determinadas palavras podem aparecer em conjunto com um verbo, mas não necessariamente com outros. Então, elas dividiriam as palavras entre “coisas pintoras”, “coisas pintadas” e “coisas para pintar”, mas não usariam essas mesmas palavras para descrever “coisas escritoras”, “coisas escritas” e “coisas para escrever” – que é o que se esperaria de uma criança que tivesse o conhecimento sintático de que o sujeito de um verbo pode ser sujeito de outro, e assim por diante.

Vários experimentos parecem apontar justamente para essa direção.

Lieven, Pine e Baldwin (1997), ao analisarem crianças de 2 a 3 anos em língua inglesa, perceberam que não só os verbos, mas todos os termos usados predicativos, eram usados apenas de uma forma, refletindo uma estrutura anterior na aquisição. Pine e Lieven (1997) destacam também que as mesmas crianças do primeiro estudo, ao começarem a usar artigos definido e indefinidos, os usavam com grupos de substantivos diferentes (ou seja, elas diziam “um livro” e “o caderno”, mas não “um caderno” e “o livro”); imagina-se assim que as crianças não faziam a separação entre a categoria de artigo e a palavra seguinte. Foquemos mais a fundo em um desses estudos.

Pizzuto e Caselli (1994) analisaram a aquisição dos paradigmas verbais em verbos finitos em italiano. Assim como em português, os verbos não podem ocorrer sem morfologia de tempo, modo, aspecto, número e pessoa, a qual aparece sempre presa ao verbo. Assim, {-o}, tanto em italiano quanto em português, indica junto ao verbo que se trata de um verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Dependendo do grupo verbal, os sufixos não são sempre iguais: Nas duas línguas, um verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo pode receber o morfema {-a} ou {-e}, dependendo da natureza do verbo. Verbos terminados em {-ar(e)} recebem o primeiro morfema, verbos terminados em {-er(e)} e {-ir(e)} recebem o segundo.

Seria difícil, sem auxílio de um conhecimento inato, que uma criança pudesse interpretar tudo isso de uma vez só. A não ser, naturalmente, que ela não interprete. Isso seria um argumento para ajudar a decidir como se dá a aquisição de um paradigma por parte das crianças.

Chiamare	Chamar	Battere	Bater	Dormire	Dormir
Chiamo	Chamo	Batto	Bato	Dormo	Durmo
Chiami	Chamas	Batti	Bates	Dormi	Dormes
Chiama	Chama	Batte	Bate	Dorme	Dorme
Chiamiamo	Chamamos	Battiamo	Batemos	Dormiamo	Dormimos
Chiamate	Chamais	Battete	Bateis	Dormite	Dormis
Chiamano	Chamam	Battono	Batem	Dormono	Dormem

Tabela 3. Paradigma verbal em italiano e em português no presente do indicativo de três verbos regulares – vide Pizzuto e Caselli (1994, p. 139) para outros tempos verbais em italiano.

Para fazer o experimento, as autoras acompanharam três crianças nascidas na Itália (uma guria e dois gurus), acompanhadas dos 15 aos 33 meses, dos 16 aos 45 meses, e dos 17 aos 36 meses, respectivamente, tendo suas produções espontâneas gravadas e estudadas (PIZZUTO e CASELLI, 1994, p. 153). Foram medidos então os diferentes itens efetivamente produzidos ou *tokens* (números de verbos enunciados) e os tipos de itens ou *types* (tipos de verbos enunciados, distinguidos pelos radicais e pela morfologia), assim como o DME (duração média de enunciação, medida em palavras por enunciação). Os estudos longitudinais com essas três crianças obtiveram os seguintes resultados:

Idade (meses)	Criança #1			Criança #2			Criança #3		
	Tipo	Itens	DME	Tipo	Itens	DME	Tipo	Itens	DME
16	4	11	1,91						
17	2	4	2	3	14	1,49	3	3	1,31
18	6	8	1,76	3	22	1,25			
19	9	18	2,02	3	4	1,12	1	2	1,35
20	19	58	2,67	2	6	1,46	3	3	1,30
21	22	77	2,46	5	15	1,46	5	9	N/A
22	20	62	2,76	9	20	1,75	8	10	1,35
23	30	145	2,65	9	18	1,73	9	15	1,4
24	31	139	3,19	14	25	1,97	8	24	1,37
25	38	148	2,86	24	47	2,54	24	38	1,91
26	24	71	3,16	28	78	2,52	11	23	1,65
27	47	140	3,23	33	98	2,52	22	45	2,3
28	41	130	3,7	23	45	2,88	22	41	2,31

29	51	74	5,09	27	81	
30	26	81	2,7			
31	27	84	3,57			
32	27	62	3,57			
33	32	111	3,55			
34	26	79	4,33	6	12	1,97
36				24	45	2,65

Tabela 4. Tabela adaptada dos resultados de Pizzuto e Caselli (1994, p. 155)

Ao analisar os dados, alguns padrões apareceram.

Alguns verbos só apareciam com uma pessoa apenas, sempre. “Abrir” (Abrir) só aparecia na fala de uma das crianças como “Ap(r)i” (Ab(r)e), sendo difícil mostrar que se trata de uma inflexão produtiva para a criança, e não um “amalgama não analisado” (PIZZUTO e CASELLI, 1994, p. 156), o que explica um número tão maior de *tokens* comparado ao número de *types*. Sendo assim, foram contadas as diferentes formas em que os verbos apareciam para cada criança (se junto com “abre” ou “chama” a criança também disse “abro” ou “chamo”) e o número de cada raiz verbal para cada flexão (se a criança dizia “abre” e “abro” assim como “chama” e “chamo”), assim como a ocorrência de verbos irregulares.

Outro fato curioso encontrado é a diferença quanto a quando cada marca morfológica apareceu na fala das crianças (independente dela saber conjugar o verbo por completo ou não) e quando a criança aprendeu a conjugar o paradigma verbal incluindo aquela forma (alternando, pelo menos, entre duas formas), mostrado aqui apenas no presente do indicativo e no imperativo:

	Pessoa	Criança #1		Criança #2		Criança #3	
		Aparição	Aquisição	Aparição	Aquisição	Aparição	Aquisição
Presente do Indicativo	1SG	18	20	17	25	20	
Pres. Ind. e Imperativo	2SG	16	20	17	24	17	
Presente do Indicativo	3SG	16	21	21	22	21	25
Pres. Ind. e Imperativo	1PL	19	22	19		24	
Pres. Ind. e Imperativo	2PL			23			
Presente do Indicativo	3PL					24	

Tabela 5. Tabela adaptada de Pizzuto e Caselli (1994, p. 160)

O interessante é que a quantidade de erros foi bastante pequena (de 3 a 4% das palavras dependendo da criança (PIZZUTO e CASELLI, 1994, p. 160)), e por vezes no mesmo dia a criança usava a forma errada e a forma certa (PIZZUTO e CASELLI, 1994, p. 161). Além disso, a diferença entre a primeira aparição e a aquisição segundo o critério das autoras variou de um mês (em um caso isolado) a 8 meses, com uma média de 4 a 6 meses (PIZZUTO e CASELLI, 1994, p. 159).

Ao focar na morfologia verbal, e sua distribuição na fala das crianças, 47% dos verbos apareciam numa forma apenas, 40% apareciam variando entre duas a três formas, e apenas 13% dos verbos – justamente os verbos irregulares e frequentes para os quais não existia regra (PIZZUTO e CASELLI, 1994, p. 163) eram usados com quatro ou mais formas. As crianças só começaram a usar mais de uma forma verbal no período entre 16 e 19 meses para a criança #1, 17 a 20 meses para a criança #2, e 17 a 21 meses para a criança #3 (PIZZUTO e CASELLI, 1994, p. 164). Ou seja, as crianças não só não aprendiam o paradigma inteiro, mas nesse primeiro momento aprendiam apenas alguns finais de alguns verbos.

Fenômenos similares acontecem no português brasileiro, segundo Rubino e Pine (1998) e no espanhol, segundo Gathecole (1999), no hebraico, segundo Berman (1982), húngaro segundo McWhinney (1978), em línguas germânicas ocidentais como alemão e holandês, segundo Behrens (2009), em Inuktitut (Esquimó), segundo Allen (1996) (com comentários sobre aquisição em Mohawk (ALLEN, 1996, p. 176-179)) e, por fim, no russo, segundo Stoll (1993). Mesmo as generalizações, em que as crianças regularizam um verbo irregular ou usam um verbo intransitivo como transitivo, são bastante limitadas segundo os dados de Bowerman (1988), e presentes em geral um pouco antes do terceiro ano de vida. Ou seja, a aquisição de categorias e paradigmas linguísticos não parece ser uma coisa imediata, mas tão gradual que chega a levar anos.

Uma vez adquiridos esses paradigmas, as crianças conseguem assimilar verbos novos e conjugar da maneira esperada, mas não antes. É por isso que, em geral, crianças de 3 a 4 anos conseguem fazer isso, mas segundo Tomasello e Brooks (1999), crianças mais novas (de 2 a 3 anos) não. Aqui, assim como na aquisição verbal mostrada em Pizzuto e Caselli (1994), diferença entre os dois estágios, todavia, não é uniforme, fazendo-se uma compilação dos estudos como Tomasello, Akhtar, et al. (1997); Tomasello & Brooks (1998), Olguin & Tomasello (1993); Dodson & Tomasello (1998); Akhtar & Tomasello (1997); Brooks & Tomasello (1999); Ingham (1993); Pinker, Lebeaux & Frost (1987); Maratsos, Gudeman, et al. (1987); Childers & Tomasello (2001); Akhtar (1999); e Berman (1993). Os dados encontrados estão na tabela abaixo e no gráfico seguinte para melhor visualização:

Referência	Idade	Produtividade	Modelo Lin- güístico	Pergunta de elicitção	Forma de medição
Tomasello (1997)	1:10	7%	Presentacional	Neutro	% crianças
Tomasello e Brooks (1998)	2 2:6	6% 19%	Intransitivo	Agente	% crianças
Lewis e Tomasello (Não Publi- cado)	2:0 2:6 3:0	6% 13% 38%	Imperativo	Neutro	% crianças
Olguin & Tomasello (1993)	2:1	13%	Presentacional	Neutro	% crianças
Dodson & Tomasello (1998)	2:10	25%			
Brooks & Tomasello (1998)	2:10 3:5 2:10	20% 55% 35%	Passivo	Agente	% crianças
Akhtar & Tomasello (1997)	3:1 2:9 3:8	20% 10% 80%	Presentacional	Neutro	% crianças
Ingham (1993)	3:5	67%	Intransitivos (Baixa Freq)	Agente	% respostas
Pinker (1987)	4:6 3:10 5:1 6:1 7:11	86% 38% 88% 88% 100%	Passivo	Agente	% respostas (verbos ati- vos)
Maratsos	5:0	75%	Intransitive	Agent	% crianças

(1987)					
Akhtar	2:8	8%	SOV e VSO	Neutro	% crianças
(1999)	3:6	33%			
	4:4	67%			
Berman (1993)	2:9	9%	Intransitivo (Hebraico)	Término de sentença	% resposta
	3:9	38%	1ª e 3 pessoa (Espanhol)	Neutro	% crianças
	8:0	69%			
Childers & Tomasello (Não Publi- cado)	2:6	25%			
	3:0	38%			

Tabela 6. Sistematização dos dados mencionados acima e adaptado de Tomasello (2001, p. 178).

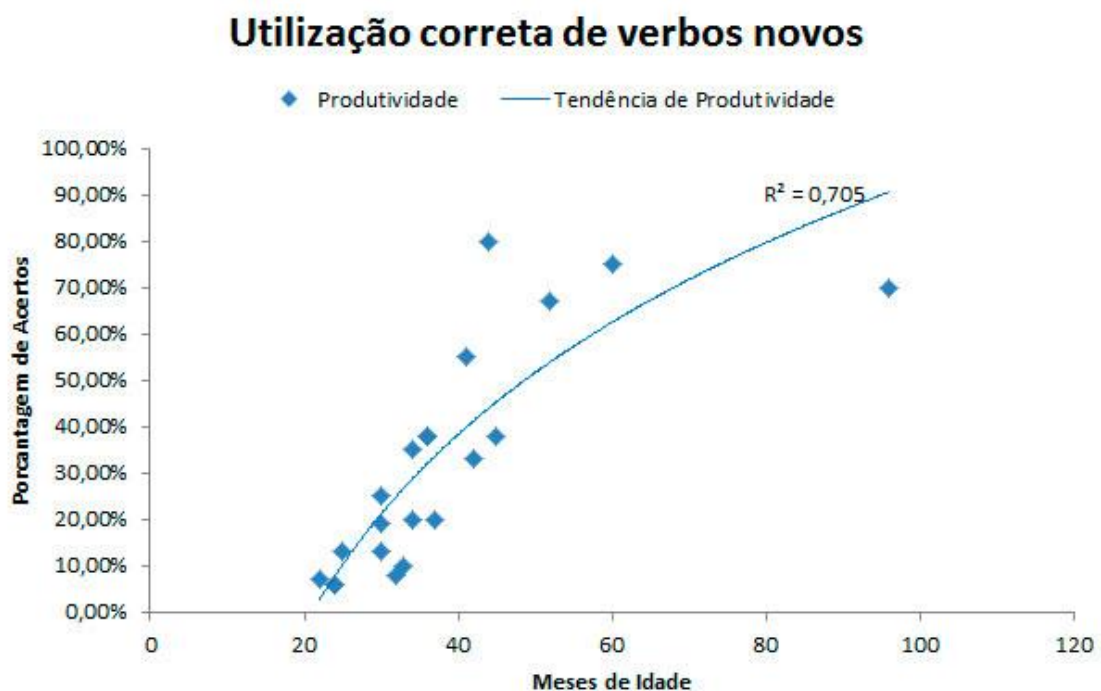


Tabela 7. Resultado das pesquisas citadas por Tomasello (2001, p. 177-178) com a adição da linha de tendência “ $y = 0,5969\ln(x) - 1,8189$ ” que, comparada aos resultados, apresenta um R^2 de 0,705.

Relevante para o presente trabalho também é a afirmação de Tomasello (TOMASELLO, 2001, p. 180) de que a utilização de símbolos comunicativos tende a levar

para um processo de gramaticalização, sendo uma forma de explicar de onde vem a linguagem se aceitarmos que gerações de crianças não reinventam a língua e as estruturas não parecem vir de nenhum conhecimento inato de base genética. Uma dificuldade seria, entretanto, explicar como os falantes conseguiriam aprender sobre as abstrações utilizadas nas estruturas linguísticas – para poder explicar isso, entretanto, no lugar de supor que existe um conhecimento a priori, é possível tentar explicar que existe um desenvolvimento das capacidades (sócio)cognitivas e vocal-auditórias ligado a essa aprendizagem (TOMASELLO, 2001, p. 183). Essa hipótese (assim como as visões contrárias), entretanto, só será do interesse do presente trabalho na medida em que auxiliar na previsão de dados.

2.1.3. Caselli, Casadio e Bates (2001): Aquisição de palavras em inglês e em italiano

Seguindo a proposta de Gentner (1982), segundo a qual verbos se desenvolvem depois de substantivos, Caselli, Casadio e Bates (2001: 77) expandiram a proposta por meio das seguintes categorias (CASELLI, CASADIO e BATES, 2001, p. 77):

- I. **Rotinas e jogos de palavras:** Essa primeira categoria se refere às palavras que não necessariamente estão divididas em categorias lexicais num primeiro momento, como cumprimentos (como “oi” e “tchau”), nomes de pessoas, e interjeições (como “a-hã”), representando a fase em que a criança está nas suas 10 primeiras palavras. Divisões entre “substantivos” e “verbos” não parecem se aplicar ainda tão cedo.
- II. **Referência:** Quando o vocabulário fica entre 50 e 200 palavras, a criança tende a usar principalmente palavras que definiríamos como nominais, mesmo se controlarmos os diferentes tipos de comunicação utilizados pelas crianças mais novas (vide Nelson (1973) para mais detalhamento sobre a diferença entre crianças que usam mais nominais, o que o autor chama de “estilo referencial” e crianças que usam menos substantivos, mas com maior variedade nos tipos de atos de fala utilizados, o que o autor chama de “estilo expressivo”).
- III. **Predicação:** É raro que as crianças usem outras categorias lexicais, como verbos e adjetivos, nos períodos anteriores, sendo no máximo 5% das palavras utilizadas entre crianças de língua inglesa (CASELLI, CASADIO e BATES, 2001, p. 77). Entretanto, quando a criança já se encontra com um vocabulário de cem a duzentas palavras, existe um aumento no uso dessas categorias, coincidindo com o aumento de enunciações

com duas palavras ou mais que não acontecem quando o vocabulário está reduzido a em torno de 50 palavras (Nelson mais uma vez).

- IV. **Gramática:** Por fim, o uso de palavras gramaticais é muitíssimo esporádico em crianças com menos de dois anos (como pode ser visto nas tabelas adiante), ficando estagnado até a criança ter em torno de 400 palavras, quando, por fim, deslança.

Segundo as autoras, esse tipo de mudança parece refletir um tipo de desenvolvimento que se dá de forma universal devido a substratos lógicos e conceptuais como os propostos por O'Grady (1987), em que o autor, entre outras coisas, tenta explicar categorias gramaticais através da relação entre categorias sintáticas e semânticas.

A fim de testar essa interpretação, Caselli, Casadio e Bates (2001, p. 79) escolhem a língua italiana para comparar com o inglês devido ao fato de que a língua é bastante leniente em relação a mudanças na ordem padrão SVO da língua, com o sujeito sendo frequentemente apagado. Outro fator de escolha é a morfologia verbal rica da língua italiana, como já mencionado acima em Pizzuto e Caselli (1994).

Para pesquisar sobre o desenvolvimento da gramática na linguagem infantil, as autoras utilizaram um instrumento chamado “Inventário de Desenvolvimento Comunicativo MacArthur”, chamado também de CDI. Contendo duas escalas (a “Escala Menor”, também chamada de “Escala de Palavras e Gestos”, e a “Escala Maior”, também chamada de “Escala de Palavras e Sintagmas”), a primeira mede compreensão e produção lexical até os primeiros 16 meses de vida, e a última mede produção lexical e gramatical dos 16 meses até os 2½ anos de idade.

Para obter os dados, foram recrutadas 854 crianças de 8 a 16 meses (sendo 659 delas falantes de língua inglesa, e 195 de língua italiana) e 1387 crianças de 16 a 30 meses (sendo 1001 delas de língua inglesa, e as 386 restantes de língua italiana). Em ambas as línguas, a Escala Menor tem uma lista de 396 palavras que os pais conferem se a criança entende e se também é capaz de reproduzir (sendo competências distintas), assim como uma lista de 63 gestos comunicativos (que não são relevantes para a discussão). A Escala Maior contém 680 palavras na versão inglesa e 670 na versão italiana, com a diferença se resumindo a palavras gramaticais que também não são relevantes para a presente discussão, sendo o foco nas palavras com conteúdo. Todas as palavras são apresentadas nas listas na forma em que as pessoas encontrariam no dicionário.

Para facilitar a leitura, os parágrafos a seguir focarão nos resultados. Para os resultados estatísticos, vide Caselli, Bates, et al. (1995) e Caselli, Casadio e Bates (1999).

O primeiro achado foi que, apesar de a compreensão lexical ter sido similar em ambas as línguas, as crianças italianas ficaram atrás em geral na produção lexical, como visto na tabela abaixo:

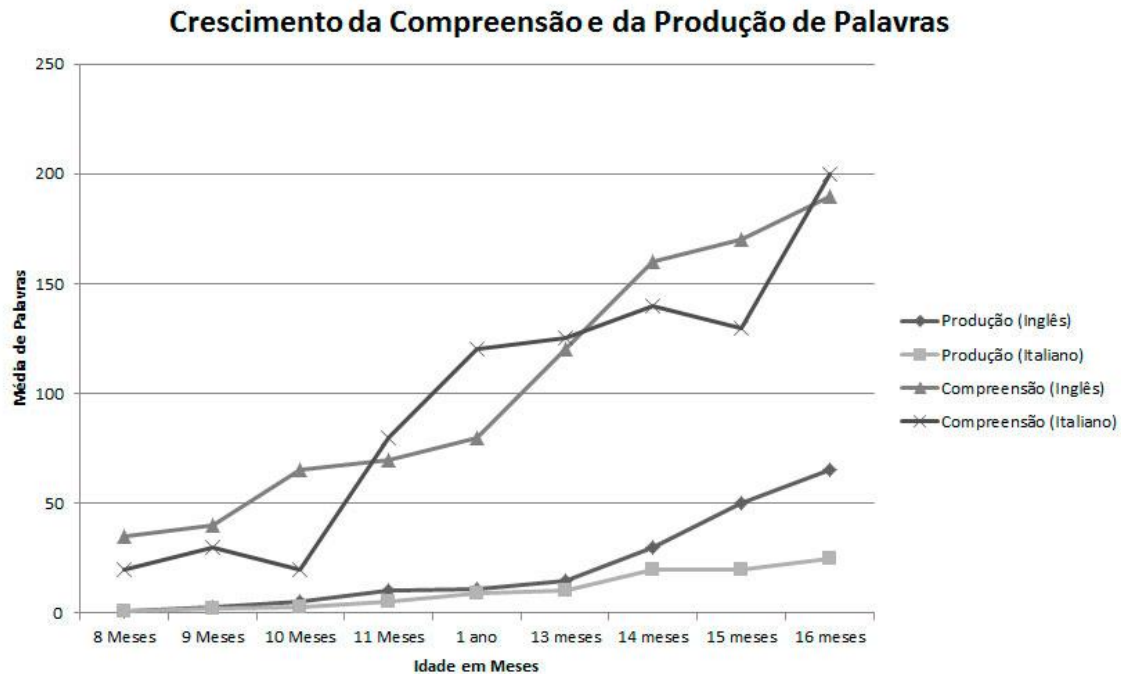


Tabela 8. Tabela adaptada de Caselli, Casadio e Bates (2001, p. 83) sobre produção e compreensão lexical em crianças de língua inglesa e italiana, com os números refletindo o número médio relatado para cada mês de idade.

Apesar de ser impossível com as ferramentas utilizadas medir o conhecimento das classes lexicais por parte das crianças, é possível medir a produção sob o ponto de vista dos adultos, sendo necessário fazer algumas observações sobre os rótulos utilizados pelos autores.

As palavras são divididas em cinco grandes grupos, cuja soma dá 100% por língua a cada estágio: Nominais, Verbos, Rotinas (como cumprimentos), Adjetivos e Palavras Gramaticais (por exemplo, na tabela abaixo, entre as crianças de língua inglesa que têm vocabulários de uma a cinco palavras: 80,4% das palavras podem ser vistas como nominais; 0,5% podem ser vistas como verbos; 1,7% podem ser vistas como adjetivos; palavras gramaticais correspondem a 3,2% e rotinas correspondem a 14,2%, totalizando 100% (80,4%+0,5%+1,7%+3,2%+14,2%)).

Os nominais, por sua vez, podem ser divididos em substantivos comuns, palavras relacionadas a pessoas, e onomatopeias (utilizadas para se referir a animais e objetos). As autoras também adicionaram uma linha extra para “predicados”, permitindo a visualização de verbos e adjetivos junto.

Para facilitar os cálculos, as linhas em itálico não contam no somatório, sendo subdivisões das categorias maiores.

Para auxiliar na visualização dos dados e na argumentação em geral, o estudo será dividido entre a parte sobre a compreensão e a parte sobre a produção lexical.

2.1.3.1. Compreensão Lexical em Caselli, Casadio e Bates (2001)

Os resultados encontrados para compreensão lexical em crianças de 8 a 16 meses foram os seguintes:

Variável (Em %)	Língua	Número de Palavras Compreendidas						Total
		1-20	21-50	51-100	101-150	151-200	>200	
Nominais	<i>Inglês</i>	60,4	62,6	61,2	63,2	61,4	61,8	61,8
	<i>Italiano</i>	66,8	67	63,7	64,2	60,4	60,7	63,8
<i>Subst. Co-muns</i>	<i>Inglês</i>	22	37,2	44,2	48,6	47,5	48,4	41,5
	<i>Italiano</i>	31,7	44,5	47	49,2	47,8	48,2	45,2
<i>Pessoas</i>	<i>Inglês</i>	31,5	14	8,2	5,4	4,7	4,1	11,1
	<i>Italiano</i>	29,4	14,8	8,6	6,4	4,8	4	10,9
<i>Efeitos Sonoros</i>	<i>Inglês</i>	6,2	8,8	5,2	4,8	4,3	3,7	5,6
	<i>Italiano</i>	5,1	7	5,4	4,5	3,7	3,5	4,9
Rotinas	<i>Inglês</i>	27,3	18,6	13,1	9,8	8,6	6,6	14,1
	<i>Italiano</i>	25,2	18,7	12,5	9,9	8,4	6,4	13,3
Verbos	<i>Inglês</i>	6,8	10	14,6	15	16,6	16	13,2
	<i>Italiano</i>	6,9	10,8	17,6	17,7	20	17,5	15,3
Adjetivos	<i>Inglês</i>	2,8	5,2	6,7	6,9	7,2	7,8	6,1
	<i>Italiano</i>	0,5	1,6	3	4,4	5,5	6,5	3,6
<i>Predicados (V+A)</i>	<i>Inglês</i>	9,7	15,2	21,3	21,9	23,9	23,8	19,3
	<i>Italiano</i>	7,4	12,4	20,6	22,1	25,5	24,1	19
Palavras gramaticais	<i>Inglês</i>	2,5	3,6	4,1	4,9	5,8	7,1	4,5
	<i>Italiano</i>	0,6	1,9	3,2	3,5	5,4	8	3,7

Tabela 9. Tabela adaptada de Caselli, Casadio e Bates (2001, p. 90) sobre os tipos de palavras produzidas pelas crianças de 18 a 30 meses, com a categorização feita a partir do ponto de vista dos pais, sem marcações gramaticais que permitam conferir se a criança já fazia essas distinções.

É necessário chamar a atenção para algumas das tendências encontradas.

A primeira é que as crianças parecem, em peso, entender substantivos primeiro e verbos apenas depois: Desde o início, a compreensão de nominais corresponde a mais da metade de todas as palavras compreendidas pelas crianças; verbos só quebram a barreira dos 10% quando as crianças compreendem, pelo menos, 20 palavras; os adjetivos sequer chegam a essa marca, sendo que, em italiano, só chegaram a constituir 5% das palavras compreendidas quando a criança já entendia, no total, pelo menos 151 palavras.

Mas, como se dá esse crescimento?

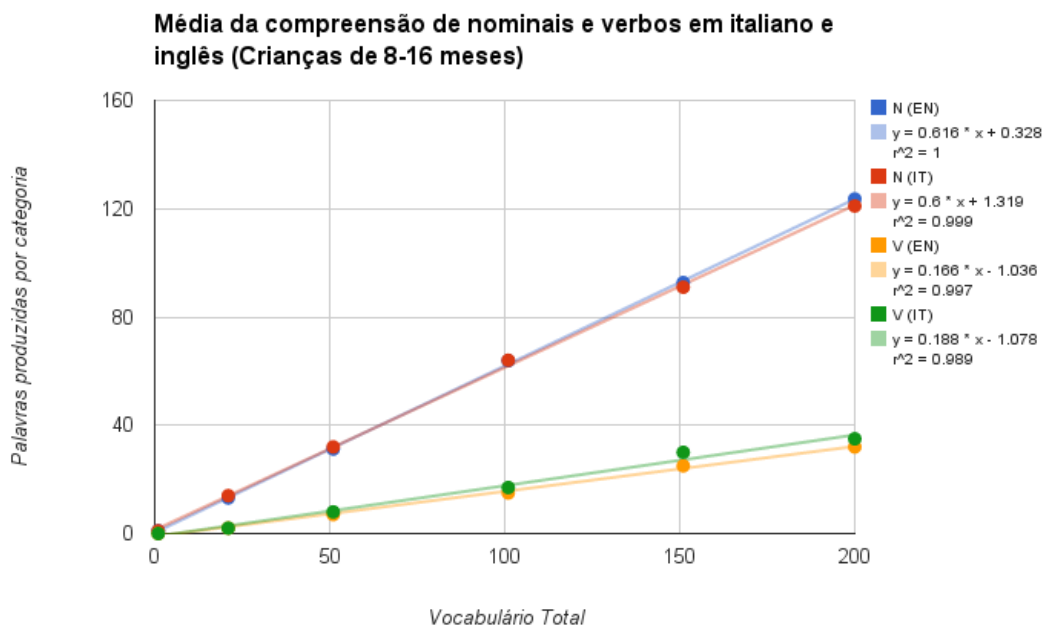


Tabela 10. Média de nominais compreendidos pelas crianças de acordo com o vocabulário total compreendido, com base nos dados de Caselli, Casadio e Bates (2001, p. 90).

Se cruzarmos os dados do vocabulário total da criança com a porcentagem, é possível perceber que os dados do CDI se distribuíram, nesse primeiro momento, de forma linear (com as retas de regressão ao longo dos resultados dos nominais em inglês, dos nominais em italiano, dos verbos em inglês e os verbos em italiano terem os coeficientes de determinação (r^2) anormalmente altos com os valores 1, 0,999, 0,997 e 0,989)⁸.

Apesar de incomum, isso talvez aconteça devido ao pequeno volume de dados (um pouco mais de 200 palavras em cada língua), ao design do CDI, e à variação entre a porcentagem ser pequena ao longo dos oito meses analisados: como exemplo, podemos ver que o me-

⁸ O coeficiente de determinação indica o quanto os dados podem ser representados numa reta (cuja fórmula está disponível nas imagens acima). O valor de 1 indica identidade total, enquanto 0 significa que os dados são completamente aleatórios.

nor valor para nominais foi 60,4% (tanto em inglês quanto em italiano) e o maior valor foi 67% em italiano, com a média total de 61,8% em inglês e 63,8% em italiano. A variação das porcentagens entre cada categoria não parece tão relevante quando pegamos a quantidade de palavras utilizadas, portanto, sendo maior entre categorias.

2.1.3.2. Produção Lexical em Caselli, Casadio e Bates (2001)

Os resultados encontrados para produção lexical em crianças de 16 a 30 meses foram os seguintes:

Variável (Em %)	Língua	Tamanho do vocabulário da criança					Total
		1-5	6-10	11-20	21-50	>50	
Nominais	Inglês	80,4	75,4	70,7	72,8	73,6	75,5
	Italiano	91	84,5	74,7	70,4	72,6	82
<i>Subst. Co-</i> <i>muns</i>	<i>Inglês</i>	<i>16,4</i>	<i>22,9</i>	<i>32,9</i>	<i>44,5</i>	<i>54,1</i>	<i>30,2</i>
	<i>Italiano</i>	<i>20,6</i>	<i>28,1</i>	<i>31,4</i>	<i>36,5</i>	<i>46,2</i>	<i>28,8</i>
<i>Pessoas</i>	<i>Inglês</i>	<i>32,3</i>	<i>24,8</i>	<i>16,5</i>	<i>10,7</i>	<i>6,5</i>	<i>21,1</i>
	<i>Italiano</i>	<i>35,1</i>	<i>35,4</i>	<i>19,6</i>	<i>16,9</i>	<i>11,1</i>	<i>27,6</i>
<i>Efeitos</i> <i>Sonoros</i>	<i>Inglês</i>	<i>30,7</i>	<i>27,1</i>	<i>20,4</i>	<i>15,5</i>	<i>7,7</i>	<i>22,7</i>
	<i>Italiano</i>	<i>35,3</i>	<i>21</i>	<i>23,6</i>	<i>16,5</i>	<i>11,8</i>	<i>25,3</i>
Rotinas	Inglês	14,2	19,5	18,7	15	9,1	15,5
	Italiano	7,8	13,3	20,7	20,1	16,4	13,8
Verbos	Inglês	0,5	1,1	2,1	2,7	6,8	2,1
	Italiano	1,3	0,7	2,8	4,1	4,5	2,3
Adjetivos	Inglês	1,7	0,5	2,7	4,3	4,8	2,5
	Italiano	0	0,4	0,5	1	2,1	0,5
<i>Predicados</i> <i>(V+A)</i>	<i>Inglês</i>	<i>2,2</i>	<i>1,5</i>	<i>4,8</i>	<i>7</i>	<i>11,6</i>	<i>4,6</i>
	<i>Italiano</i>	<i>1,3</i>	<i>1</i>	<i>3,3</i>	<i>6</i>	<i>6,6</i>	<i>2,8</i>
Palavras gramaticais	Inglês	3,2	3,6	5,8	5,2	5,4	4,4
	Italiano	0	1,1	1,3	3,5	4	1,4

Tabela 11. Tabela adaptada de Caselli, Casadio e Bates (2001, p. 84) sobre os tipos de palavras produzidas pelas crianças de 18 a 30 meses, com a categorização feita a partir do ponto de vista dos pais, sem marcações gramaticais que permitissem conferir se a criança já fazia essas distinções.

Assim como aconteceu com a compreensão lexical, o crescimento da produção lexical, dentro do CDI, também seguiu um padrão linear (com as características todas mostradas na

tabela a seguir, junto com os coeficientes de determinação altos). Da mesma forma, a produção de nominais se deu de forma muito mais rápida do que a de verbos: com base nas porcentagens dadas, de uma criança que fale 51 palavras, espera-se que 37 dessas palavras sejam nominais em inglês e em italiano e apenas 3 sejam verbos em inglês e 2 em italiano.

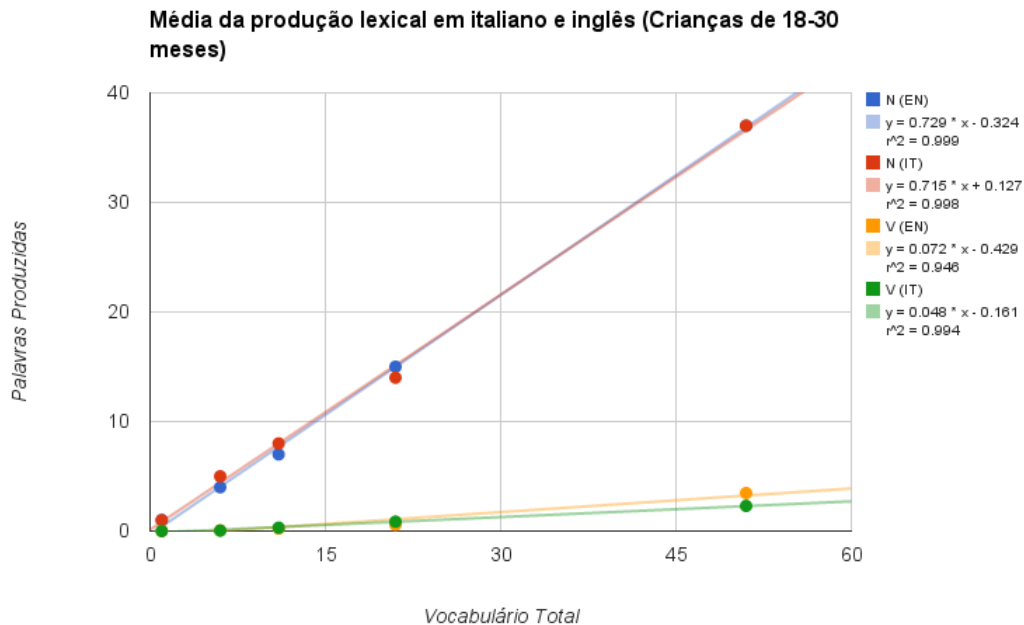


Tabela 12. Relação entre o vocabulário total e a quantidade de substantivos e verbos produzidos pelas crianças de acordo com os dados de Caselli, Casadio e Bates (2001, p. 84).

Mais uma vez, é possível que a relação linear entre as palavras produzidas e a quantidade de nominais e verbos produzidos se dê por causa da pequena quantidade de dados (os cálculos foram feitos com vocabulários com menos de 60 palavras por criança em cada língua).

2.1.3.3. Conclusões de Caselli, Casadio e Bates (2001)

Uma das primeiras conclusões que é possível tirar é dos dados que, apesar da riqueza morfológica verbal da língua italiana (comparada à língua inglesa), isso não pareceu levar a uma diferença na velocidade ou na qualidade da aquisição entre as duas línguas tomando como base a quantidade de palavras conhecidas pelas crianças. As crianças falantes de italiano não aprenderam verbos de maneira muito diferente das crianças falantes de inglês.

Outras pesquisas com essa metodologia parecem apontar para dados parecidos mesmo fora de línguas indo-europeias, como no caso de Pae (1993, p. ii), que afirma que crianças coreanas não apresentam maior facilidade para aprender verbos. Segundo Caselli, Casadio e

Bates (1999, p. 107), os resultados de Pae (1993) “foram notavelmente similares ao [delas]”. Refletindo sobre os dados de Gopnik e Choi (1995, p. 71), que encontraram um uso maior de verbos em crianças e mães coreanas através de fala espontânea se comparado com falantes de inglês, as autoras comentam que é possível que isso mostre algumas diferenças no que “as crianças preferem usar e não as diferenças nas palavras que elas conseguem usar” (CASELLI, CASADIO e BATES, 2001, p. 107).

Para o presente trabalho, esse desenvolvimento linguístico indica que é possível que a hipótese aqui – de que as categorias lexicais surgem gradativamente e categorias lexicais adquiridas posteriormente apresentam características morfossintáticas de categorias anteriores – pode ser justificada por esses dados, com o crescimento gradativo do léxico na linguagem das crianças.

2.2. Conceitos Gerais: Gramaticalização em Tipologia

A hipótese central do trabalho se dá com base na teoria da gramaticalização, dentro da qual se pesquisa as formas em que itens lexicais (ou construções já gramaticais) adquirem (novas) funções gramaticais (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 1).

Apesar de, dependendo da linha teórica, os motivos por trás dos mecanismos serem diferentes, é costumeiro que os processos de gramaticalização sejam entendidos tendo-se por base o mecanismo da reanálise (BAKER, 2004, p. 2), com trabalhos funcionalistas também fazendo uso do conceito de analogia (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 39). Uma forma simples de entender como funcionam ambos os mecanismos na tipologia funcional pode ser encontrada na história da língua inglesa, com o uso do atual sufixo “-hood”.

2.2.1. Gramaticalização segundo Hopper e Traugott (2003)

No inglês antigo, as palavras “cild” (criança) e “biscop” (bispo) podiam se unir à palavra “had” (pessoa, condição, hierarquia), dando origem a junções como cildhad e biscophad. Com o tempo, essas palavras passaram por dois processos de reanálise: (1) Primeiro se entendeu que as duas palavras eram apenas uma, e depois (2) a segunda palavra (agora vista como sufixo) é reanalisada como um morfema que indica estado abstrato. Por analogia, ela se estendeu a outras palavras que – diferentemente de “childhood” (infância) –, não se referem a pessoas, como é o caso de “falsehood” (falsidade), formado por “false” (falso) e o agora sufixo “-hood” (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 39-40).

Esses mecanismos levam, por sua vez, a uma série de consequências: a reanálise leva a uma mudança de regras, por via de uma reinterpretação, mas sem mudanças explícitas, en-

quanto a analogia faz com que essas novas regras se estendam a outros contextos, tornando visível essa nova interpretação da estrutura.

Essa extensão a outros contextos tem como resultado um enriquecimento pragmático (no sentido de que uma construção usada apenas em um contexto pode aparecer em mais situações) e, ao mesmo tempo, uma perda semântica: o verbo “ir”, por exemplo, ao se tornar marca de futuro, tem a perda da noção de que existem pontos de referência físicos de origem e destino de movimento para uma visão temporal. Ou seja, “um significado é demovido, e outro é promovido” (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 94).

Através dessas mudanças, significados lexicais tendem a ser abstraídos e generalizados, a ponto de uma palavra passar também por um processo de ‘descategorização’, no sentido de que, junto com a perda semântica, existe também uma perda morfológica do elemento gramaticalizado, que se torna cada vez menos prototípico de sua categoria (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 106). A tendência é, portanto, que as palavras, no processo de gramaticalização, sigam esse caminho (havendo perda semântica, morfológica, e mesmo fonológica, a compensar o enriquecimento pragmático, com uso estendido), apesar de existirem contra-exemplos (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 132).

Dado o direcionamento desse processo, uma questão fundamental é como os estágios prévios se manifestam, o que torna legítima a questão sobre o surgimento da gramática. É o que vários autores buscam responder, como veremos a seguir.

2.2.2. Gramaticalização em Heine e Kuteva (2007)

Como a gramática surgiu? Tentando responder a essa pergunta, Heine e Kuteva (2007) recorrem à teoria da gramaticalização a fim de explicar como uma gramática pode surgir a partir de um estágio mínimo de desenvolvimento, partindo-se do pressuposto de que a teoria da gramaticalização pode ser usada para reconstruir o surgimento das línguas de forma similar ao que acontece nas línguas modernas – indo do conhecido e complexo ao desconhecido e provavelmente menos complexo (HEINE e KUTEVA, 2007, p. 24).

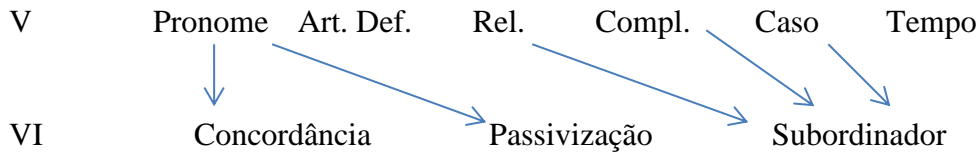
Os autores identificam vários caminhos de gramaticalização, partindo dos substantivos, devido ao fato de que, frequentemente, as línguas tratam eventos gramaticalmente como substantivos, seja através de subordinação, negação, ou pronominalização (HEINE e KUTEVA, 2007, p. 100).

Os caminhos comuns de gramaticalização⁹ identificados pelos autores são os seguintes:

- Partindo de substantivos
 - Substantivos > Adjetivos
 - Substantivos > Marcas de Concordância
 - Substantivos > Adposições
 - Substantivos > Advérbios
 - Substantivos > Marcas de Caso
 - Substantivos > Complementadores
 - Substantivos > Pronomes
 - Substantivos > Subordinadores
- Partindo de verbos
 - Verbos > Adposições
 - Verbos > Advérbios
 - Verbos > Marcas Aspectuais
 - Verbos > Marcas de Caso
 - Verbos > Complementadores
 - Verbos > Demonstrativos
 - Verbos > Marcas de Negação
 - Verbos > Subordinadores
 - Verbos > Marcas de Tempo
- Partindo de adjetivos / advérbios¹⁰
 - Advérbios > Aposições
 - Advérbios > Demonstrativos
 - Advérbios > Subordinadores
 - Advérbios > Marcas de Tempo
- Partindo de demonstrativos, adposições, marcas de aspecto e marcas de negação¹¹

⁹ Os autores não fornecem números, e tampouco oferecem uma lista exaustiva dos possíveis casos de gramaticalização. Esse é o motivo pelo qual na lista aparece que é comum marcas de negação virem de verbos, mas não de substantivos. Isso porque, apesar de a negação “pas” da língua francesa ser advinda de um substantivo significando “passo” ser bastante citada na literatura, não costuma ser um processo de gramaticalização comum em outras línguas (HEINE e KUTEVA, 2007, p. 77).

¹⁰ Os autores reconhecem que acontece de advérbios virem de adjetivos: Seja em latim (verus [verdadeiro] > vero [verdadeiramente, de fato]) ou swahili (-dogo [pequeno] > kidogo [paulatinamente]), mas não possuem dados suficientes para decidir que “adjetivos > advérbios” é um caminho tão comum assim, preferindo deixar os dois numa mesma camada. Outro motivo para tanto é o fato de que, apesar de ser comum que advérbios sejam gramaticalizados, o mesmo não tende a ocorrer com adjetivos (HEINE e KUTEVA, 2007, p. 83)



Quadro 1. Resumo dos caminhos de gramaticalização, adaptado de Heine e Kuteva (HEINE e KUTEVA, 2007, p. 111).

Apesar de o foco dos autores ser numa origem hipotética de como se teria dado o desenvolvimento das línguas, e de nem todos os tipos de palavras e caminhos de gramaticalização estarem aí (apesar de os autores mencionarem que numerais como o número ‘um’ frequentemente se tornarem artigos indefinidos (HEINE e KUTEVA, 2007, p. 46)), a discussão representa os processos de gramaticalização comuns às línguas naturais modernas em geral, com a noção de camadas sendo de grande valia para o presente trabalho.

2.3. Categorias Lexicais em Linguística Funcional Tipológica

Os trabalhos de tipologia funcional a serem vistos neste trabalho não são todos exatamente *prima facie* sobre categorias lexicais. O estudo de Nichols (1986) é sobre as diferenças nos tipos de marcação e propõe que as línguas se dividem entre (i) “orientadas para marcação nuclear”, nas quais o núcleo recebe as marcas morfológicas em geral; (ii) “orientadas para marcação dependente”, nas quais são os elementos dependentes que recebem a marcação; (iii) “orientadas para marcação dupla”, nas quais há marcação redundante no núcleo e nos elementos dependentes; e (iv) “orientadas para não-marcação”, em que as informações são codificadas com base na estrutura sintática – ordem dos termos. A razão pela qual o trabalho é de grande valia para o presente estudo é a observação feita por Dixon (2004, p. 33) de que as línguas orientadas para marcação nuclear tendem a ter os adjetivos com propriedades similares às dos verbos, enquanto línguas orientadas para marcação dependente – ou para a não-marcação – tendem a ter os adjetivos que ocorram como complemento copular na função predicativa.

Primeiro, será visto o trabalho de Nichols (1986), com atenção especial para as consequências para o estudo de classes lexicais e suas propriedades; depois, serão vistas as propostas dentro da tipologia funcional de Givón (2001), Croft (2000) e de Dixon (2010).

2.3.1. Relações Morfossintáticas em Nichols (1986)

Apesar de não ser um trabalho exatamente sobre categorias lexicais, Nichols (1986) lida com alguns fatos que são relevantes para o entendimento das relações morfossintáticas entre diferentes classes lexicais.

A idéia central é que as línguas não marcam os elementos da mesma forma, havendo uma variação considerável nas estratégias utilizadas para tanto. Peguemos, para fins de ilustração, duas maneiras diferentes de expressar a relação de posse: uma em que o possuidor receba a marcação (russo) e outra em que seja o objeto possuído que receba a marca de concordância com o possuidor, ou seja, 3ª pessoa do singular no caso abaixo (húngaro).

- (70) a. **Núcleo** **Possuidor**
 Knig-a mal'chik-a (Russo)
 Livro-NOM.FEM guri-GEN.MASC
- b. **Possuidor** **Núcleo**
 A fiú könyv-e (Húngaro)
 ART guri livro-3.SG
- “Livro do guri” (ROUNDS, 2001, p. 151)

A relação sintática é a mesma – ou seja, há uma relação similar entre o núcleo o elemento dependente – mas a marcação morfológica não podia ser mais oposta. Essa talvez pareça ser uma diferença trivial, já que se mantém essa relação em ambos os casos, mas vista de maneira mais ampla, ela traz várias consequências interessantes para o estudo da morfossintaxe.

Há, entre as possibilidades de variação, diferentes formas de marcar posse (como visto no exemplo acima), sintagmas adposicionais (exemplos 70), atribuição (exemplos (71a) e (71b)), relações oracionais (exemplos (72a) e (72b)), e estratégias de relativização (exemplos (73a) e (73b)). Em todos os exemplos abaixo, o dado em (b) mostra a marcação no núcleo:

- (71) a. **Núcleo** **Dependente**
 V Moskv-*u* (Russo)
 Em/Para Moscou-ACU.FEM
 “Para Moscou”
- b. **Núcleo** **Dependente**
 ruu-majk jar aachi (Tzutujil Maia)
 3.SG-por.causa ART homem
 “Por causa do homem” (Dayley 1981:216, apud Nichols 60)
- (72) a. **Dependente** **Núcleo**
 Vysok-aya gor-a (Russo)
 Alto-NOM.FEM montanha-NOM.FEM
 Vysok-uyu gor-u (Russo)
 Alto-ACU.FEM montanha-ACU.FEM

ção – o uso de outros sintagmas serviriam, então, apenas para suprir necessidades de ênfase, foco, desambiguação, entre outros (NICHOLS, 1986, p. 107); além disso, esses elementos dependentes se ligam de forma justaposta com o (marcador co-referencial do) núcleo, não sendo apropriado dizer que existe uma relação de regência, como é descrito nas gramáticas tradicionais, sendo mais apropriado dizer que a morfologia apresentada codifica uma relação de referência cruzada, e não concordância (NICHOLS, 1986, p. 108). Isso chama atenção para o fato de que, diferentemente das ligações sintáticas recíprocas, comuns em línguas orientadas para marcação dependente (como o português), em que o elemento dependente requer o núcleo (e vice-versa), numa língua orientada para marcação nuclear, apenas o elemento dependente requer o núcleo, o qual pode ocorrer sozinho – mesmo em se tratando da mesma relação sintática entre elemento dependente e núcleo (NICHOLS, 1986, p. 108). Não é nenhuma surpresa, portanto, que as línguas orientadas para marcação nuclear tendam a apresentar uma ‘sintaxe plana’ com uma minimização da estrutura intra e inter-frasal (NICHOLS, 1986, p. 114).

Isso traz problemas para várias noções gramaticais tradicionais, independentemente da corrente teórica. Apesar de ser uma análise adequada para uma língua orientada para marcação dependente como é o caso da língua inglesa, há motivos para se acreditar que não só esse tipo de orientação não é universal como talvez nem sequer é o tipo mais comum (NICHOLS, 1986, p. 115). Mesmo no caso da tipologia, em que as línguas orientadas para marcação nuclear parecem ser o tipo não-marcado (NICHOLS, 1986, p. 104), os termos teóricos tradicionais não são apenas uma “distorção eurocêntrica”, mas uma base teórica que toma como padrão justo o tipo menos comum de línguas (NICHOLS, 1986, p. 116).

2.3.2. Características das propostas de Croft (2000): Protótipos Tipológicos e Espaços Semânticos

Nesta seção, passamos a analisar a proposta funcional tipológica de Croft (2000) por trabalhar com protótipos tipológicos e com espaços semânticos, conceitos com os quais a ideia aqui proposta pode ser comparada. Primeiro, serão vistos os conceitos, para depois explicar-se o porquê de eles não serem adotados.

O ponto crucial da proposta é o de que substantivo, verbo e adjetivos não seriam categorias de línguas em particular, mas universais no sentido em que são protótipos tipológicos (CROFT, 2000, p. 65). Para ilustrar o que vem a ser um protótipo de acordo com essa visão, Croft (2003, p. 163) menciona que, entre os elementos nominais de uma língua, o nominativo/absolutivo singular masculino/animado normal (nem diminutivo, nem aumentativo) tende a ser a forma menos marcada. Se pegarmos a palavra do mongol clássico “kümün” (ho-

mem/pessoa), vemos que é no caso nominativo singular que ela aparece com menos morfologia. No plural, é adicionado o sufixo {-nügüd}, como em “kümün-nügüd” (SÁRKÖZI, 2004, p. 18); no acusativo, {-i}, resultando em “kümün-i” (SÁRKÖZI, 2004, p. 19); e assim por diante.

O conjunto, portanto, dessas noções não-marcadas formaria uma categoria prototípica, e as extensões dessa categoria – seus alcances e suas qualidades, além dos quesitos principais – seriam variáveis/ difusas (CROFT, 2003, p. 162). ‘Adjetivo’, ‘Substantivo’ e ‘Verbo’ seriam, portanto, protótipos tipológicos (sendo possível assim, haver alguma variação entre o que é encontrado e os protótipos em questão).

Esse é o primeiro conceito importante. O outro conceito vital para a explicação do autor é a ideia dos ‘espaços semânticos’, os quais mostrariam a variação dentro da língua – ou seja, o que é específico dela. Em contraste, os espaços conceituais seriam os espaços sobre os quais esses mapas são feitos, e mostrariam o que há de universal entre elas, já que eles não mudariam de língua para língua.

Um exemplo dado por Croft (2003, p. 135-137) é o dos pronomes indefinidos e de como eles se apresentam em húngaro. O espaço conceitual (isto é, o que há de universal), seria o seguinte:

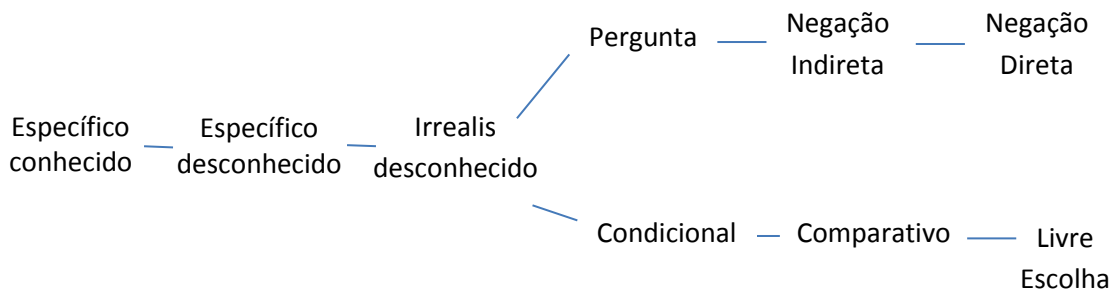


Figura A. Espaço conceitual para pronomes indefinidos, tirado de Croft (2003, p. 135).

Essas relações de proximidade entre os diferentes significados seriam universais: todos os mapas semânticos de línguas específicas devem poder ser mapeados sobre uma região afim de um espaço conceitual (CROFT, 2003, p. 134).

Croft considera então o que acontece em húngaro. Existem 4 (quatro) morfemas em húngaro que representam pronomes indefinidos, e variam de acordo com o contexto (CROFT, 2003, p. 136): {Vala-}, por exemplo, ocorre nas seguintes situações: (i) quando o falante (mas não o ouvinte) sabe de que(m) se trata (específico conhecido); (ii) quando se trata de alguém/

alguma coisa específica, mas nenhum dos dois sabe de que(m) se trata (específico desconhecido), e em perguntas; (iii) além disso, é uma das opções quando o referente está numa construção condicional e quando está numa oração subordinada em que a principal está na negativa. {Akár-} e {Bár-} podem ocorrer nas duas últimas situações também, assim como em comparações comparativas e quando é possível variar o referente sem alterar o *status* de verdade da oração (escolha livre). Por fim, {Sem-} é o que ocorre quando se trata de um referente não especificado em uma oração negativa (negação direta).

Organizando esses significados dentro do espaço conceitual dado anteriormente, temos o seguinte resultado:

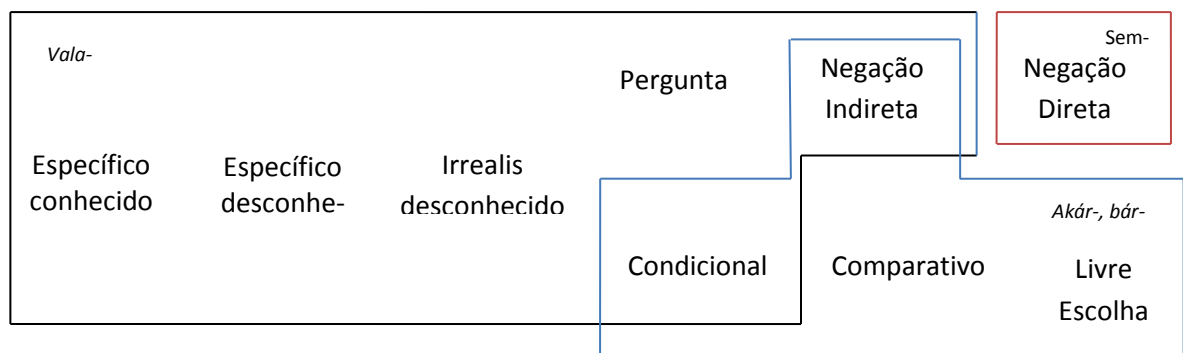


Figura B. Mapa semântico com pronomes indefinidos em húngaro, tirado de Croft (2003, p. 137).

Assim, estariam organizados os morfemas dentro de uma língua (no caso, o húngaro), dentro de uma organização semântica universal, se estendendo ao longo de significados similares.

Singular	Plural	
Dít	Dìtò	Grande, velho, importante
dwòṅ	dòṅò	Grande, velho
Ràc	rècù	Mau
bèr	bècò	Bom
Cèk	Cègù	Curto
Tídí	Tìdò	Pequeno
Bòr	Bòcò	Longo, alto, longe

Tabela 13. Palavras de propriedades e números em Lango (NOONAN, 1992, p. 105)

Na função atributiva, essas palavras recebem uma partícula interveniente entre elas e a palavra que qualificam, concordando em número com o núcleo, conforme ilustrado a seguir:

- (75) gwôkk à bèr
cachorro.SG ATR bom.SG
“O cachorro bom” (NOONAN, 1992, p. 155)

- (76) gwóggî à bècò
cachorro.PL ATR bom.PL
“Os bons cachorros” (NOONAN, 1992, p. 155)

Na função predicativa, não há a presença de uma partícula similar nessa classe de adjetivos, mas no aspecto habitual, em especial, essas palavras apresentam prefixos de concordância:

- (77) án à-râc
1.SG 1.SG-mau.HAB
“Sou mau” (NOONAN, 1992, p. 146)
- (78) án àbédò rác
1.SG 1st.estar.PERF mau
“Eu fui mau” (NOONAN, 1992, p. 146)

Além disso, essa classe de adjetivos tem um tom próprio no habitual, e no caso de usar cópulas (como ‘bèdò’ (estar, ser, sentar) e ‘dòkò’ (se tornar)), não existe a mesma concordância de número vista acima:

- (79) à-bêr
1.SG-bom.HAB
“Sou bom” (NOONAN, 1992, p. 105)
- (80) ámittò dòkò bèr
1.SG.querer.PROG tornar-se.INF bom
“Quero ser bom” (NOONAN, 1992, p. 105)
- (81) ómittò dòkò bèr
1.PL.querer.PROG tornar-se.INF bom
“Queremos ser bons” (NOONAN, 1992, p. 105)

A outra classe de adjetivos não possui as mesmas formas distintas de acordo com número – mas, de resto, o comportamento é parecido com a classe descrita acima, incluindo-se a partícula extra na função atributiva:

- (82) kùll à jwé
javali ATTR 3.SG.fedorento.HAB
“Um javali fedorento” (NOONAN, 1992, p. 103)

Os verbos, por assim dizer, da língua, também não têm radicais que difiram em número, como é o caso da primeira classe de adjetivos. Mas, diferente das classes de palavras vistas até aqui, esses verbos possuem flexões para diferentes aspectos, e não requer uso de cópula em situação alguma:

- (83) o-nèné
3.SG-ver.PERF
“Ele o viu” (NOONAN, 1992, p. 97)

- (84) Ø-néné
3.SG-ver.HAB
“Ele o vê” (NOONAN, 1992, p. 97)

- (85) àdâg kwànnò bukkì
1.SG.negar.HAB ler.INF livro.ESSE
“Me nego a ler esse livro” (NOONAN, 1992, p. 213)

Na função atributiva, os verbos podem aparecer com a mesma partícula atributiva usada nas duas classes de adjetivo, assim como essa partícula também pode aparecer com um pronome relativo, algo menos comum para as outras classes mencionadas anteriormente (CROFT, 2000, p. 78); além dessas opções, é possível omitir a partícula completamente nesse caso:

- (86) gwókk àmε/à/Ø ò-tóò
cachorro ATTR.REL/ATTR/Ø 3.SG-morrer.PERF
“O cachorro que morreu” (NOONAN, 1992, p. 217)

Tomando essas classes lexicais como exemplo, Croft (2000, p. 96) apresenta a seguinte situação¹³:

¹³ As siglas usadas são:
SG/PL - Radicais diferentes de acordo com número
COP - Cópula Não-habitual
CONC - Concordância

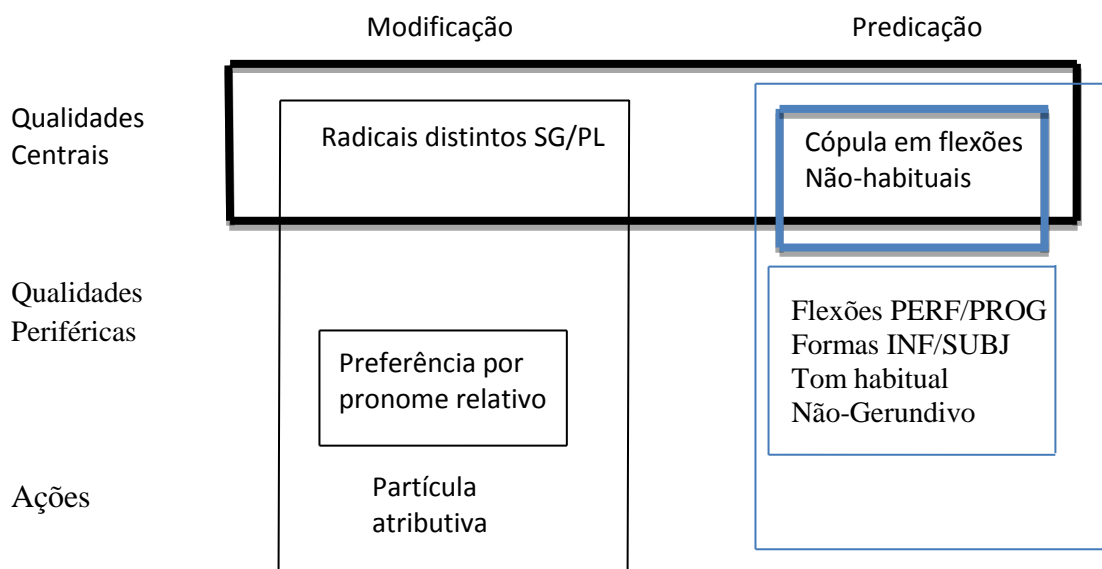
	SG/PL	COP	CONC	ATR	TOM	FLEX	POSS
Qualidades Centrais	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
Qualidades Periféricas	NÃO	SIM	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO
Ações	NÃO	NÃO	SIM	(SIM)	SIM	SIM	SIM

Chamando a primeira classe de adjetivo de ‘qualidades centrais’, a segunda de ‘qualidades periféricas’ e a terceira de classe de ‘ações’, o quadro mostra as características comuns e as diferenças, deixando claro que em todos os casos há um compartilhamento de características por todas as classes.

O que, então, causaria a diferença das classes entre si?

Croft (2000, p. 88) defende que existe uma combinação de funções pragmáticas e classe lexical de forma que ‘substantivos’ são menos marcados ao se referir a objetos, ‘adjetivos’, a modificação por propriedades, e ‘verbos’, a ações na função de predicado – combinações diferentes são, por consequência, marcadas.

No caso da língua Lango, o mapa seria o seguinte (os traços mais grossos indicam as construções não-marcadas; e os mais finos, as marcadas):



ATR – Partícula Atributiva

TOM – Tom habitual em formas não habituais

FLEX – Flexões para formas não habituais

POSS – Possui formas dedicadas para infinitivo e subjuntivo

Figura 3. Mapa semântico de adjetivos/verbos tirados de CROFT (2000, p. 92)

Essa proposta, assim como as anteriores, serão discutidas mais adiante.

2.3.3. Classes Lexicais e Dixon (2010): outra abordagem funcional tipológica

Dixon (2010, p. 25), ao comentar que a gramática funciona como um sistema integrado, explica que todas as línguas possuem classes de palavras que podem ser reconhecidas com base em critérios gramaticais. No caso do latim, existem as palavras que se flexionam para número e caso [chamemos de Classe A]; as que se flexionam não só para número e caso, como também para gênero [Classe B]; e, por fim, existem as palavras que se flexionam para tempo, aspecto, modo, pessoa e número [Classe C]. No caso da língua inglesa, existe uma classe de palavras que leva um sufixo específico (no caso, {-ing}) [Classe X]; outra que pode ser precedida por um artigo e não precisa ser seguida de outra palavra [Classe Y]; e mais outra que, além de poder ser precedida por um artigo, precisa vir antes de outra palavra que pertence a uma das duas outras classes lexicais [Classe Z].

Colocado esse contexto, o autor explica que os critérios usados são diferentes para cada língua (DIXON, 2010, p. 26), mas A e Y são ‘substantivos’ (podem ser núcleo de um sintagma nominal, e ter função de sujeito e objeto numa sentença), B e Z são ‘adjetivos’ (podem modificar um substantivo), e C e X são ‘verbos’ (podem ser núcleos de um predicado).

Assim como vimos anteriormente, o autor também defende que é possível fazer essa divisão porque os ‘membros centrais’ tendem a exibir alguma correspondência, ainda que não seja uma correspondência exata para todos os elementos devido à variação que acontece em elementos menos prototípicos. Em suma,

“Parece que todas as línguas têm classes de palavras que podem satisfatoriamente ser chamadas de substantivo, verbo e adjetivo, apesar de os critérios variarem entre as línguas, assim como o total de seus alcances semânticos e funcionais”¹⁴ (DIXON, 2010, p. 27) [Tradução do autor]

Em defesa à conclusão de que todas as línguas têm essas classes lexicais, o autor cita alguns dos casos em que já foi argumentado que não existe diferenciação entre substantivos e verbos: a língua Tagalog (na qual verbos, e não substantivos, podem servir de núcleos de predicados com argumentos múltiplos dentro de um sistema de ‘foco’; apenas verbos aceitam modificações de natureza aspectual; e é possível obter radicais verbais de radicais nominais através de modificações); línguas Wakashan (nas quais o verbo só pode ser núcleo de um sintagma nominal com o auxílio de um artigo, enquanto isso é apenas opcional para um substan-

¹⁴ “It does appear that every language has open classes of words which can be felicitously named noun, verb, and adjective, although the defining criteria vary between languages, as do their full semantic and functional ranges”.

tivo; substantivos podem ser realizados por palavras que denotam qualidades, quantidades e propriedades, não sendo possível o mesmo com verbos; enquanto apenas com verbos, é possível usar palavras como “quase”; além disso, a língua apresenta um conjunto de radicais de referência especial que o autor diz claramente delimitar as categorias lexicais e gramaticais); e as línguas Salish (nas quais os verbos possuem limitações dentro de um sintagma nominal, já que não podem levar marca de posse, enquanto os substantivos não podem levar todas as marcas de tempo-modo-aspecto na condição de núcleos do predicado; por fim, apenas verbos podem receber duplicação aspectual) (DIXON, 2010, p. 59).

Quanto aos adjetivos, é constatado que existem línguas em que os adjetivos podem ter propriedades semelhantes aos verbos e aos substantivos (DIXON, 2010, p. 63); é posteriormente colocado que a diferença entre se interpretar essa classe de palavras como uma classe independente – e não como uma subclasse de verbos ou nominais – é que, nesse caso, o linguista estaria interessado “não só na descrição de seu idioma, mas também no refinamento contínuo do arcabouço gramatical geral através do qual as gramáticas são escritas” (DIXON, 2010, p. 68). Ou seja, no que concerne à língua, é possível dizer que ela tem uma subclasse de outras das classes lexicais – o motivo pelo qual se deveria dizer que se trata de uma classe de adjetivos é porque condiz com a ideia de que todas as línguas possuem, de fato, adjetivos, tenham eles características distintas (como é o caso dos adjetivos similares a substantivos comparados com os substantivos similares a verbos), ou mesmo características diferentes a ponto de consideramos a existência de diferentes classes de adjetivos numa mesma língua como Macushi (DIXON, 2010, p. 93), japonês (DIXON, 2010, p. 94) e Manange (DIXON, 2010, p. 95) – tendo essas duas últimas sido tratadas anteriormente.

2.4. Metodologias tipológicas de seleção de idiomas

O problema de escolha das línguas nem sempre é óbvio, mas pode trazer sérios problemas para os resultados obtidos.

A maior dificuldade se dá porque, mesmo que exista algo de universal nas línguas do mundo, não é possível saber de antemão o que elas compartilham. É possível que as características sejam compartilhadas por vários motivos possíveis, desde uma base genética compartilhada (como se imagina entre formalistas) até uma história compartilhada (motivo pelo qual é de se esperar que português e espanhol, ou mesmo português e russo, compartilhem mais características por serem línguas indo-europeias, do que português e xhosa, que não possuem

relação genética comprovada). Para poder confirmar a causa do compartilhamento, é preciso ter algum controle sobre essas variáveis.

Se quisermos saber se proximidade histórica ou areal pode ser uma explicação para a existência ou não de alguma estrutura compartilhada, é de se esperar que se possa comparar com línguas distantes (histórica ou geograficamente). Se não houver compartilhamento de características, é possível então que a distância seja um dos motivos; se continuar havendo compartilhamento, a distância não deve ser um dos motivos. Quanto mais variáveis pudermos controlar, mais fácil fica de entender quais podem ser as explicações por trás de uma característica compartilhada.

2.5.1. Bakker (2011) e estratégias de amostragem

Nem todos os levantamentos linguísticos são feitos da mesma forma, ou feitos com o mesmo objetivo. Por isso, a seleção de línguas a serem utilizadas, ou amostragem, requer alguns cuidados, tanto nas possíveis distorções nas línguas escolhidas, como nas diferentes formas de se fazer a amostragem.

2.5.1.1. Distorções

Serão entendidos como ‘distorções’ os fatores que podem levar, de alguma forma, à distribuição de elementos dentro de uma amostragem.

Afinal, é possível que alguma uniformidade encontrada seja relativa a características não tão universais assim: da mesma forma que um oftalmologista ao fazer um levantamento no Zimbábue poderia chegar à conclusão de que todas as pessoas têm olhos castanhos se se prendesse apenas a população local, um linguista que pesquisasse apenas línguas (indo-)europeias dificilmente vai poder descobrir o que é característico dessas línguas e o que é, de fato, universal.

Chamemos esses tipos de dificuldades em ter uma amostra perfeita, em que teríamos pelo menos um exemplar para cada tipo de variação, de ‘distorções’. Existem dois tipos de distorções: as evitáveis e as inevitáveis. Foquemos primeiro no último tipo.

Uma das distorções inevitáveis é a de que as línguas escolhidas vão apresentar uma tendência a serem contemporâneas: se calcularmos que o mundo sempre teve, em média, 6 mil línguas, que os seres humanos falam há 40 mil anos, e que a cada milênio as línguas mudam de forma a se tornarem radicalmente diferente de como elas eram, das 240 mil línguas possíveis, só teríamos acesso às 6 mil e poucas línguas faladas hoje em dia (BAKKER, 2011, p. 101), cerca de 2,5% do total, com exceção de alguns registros escritos de línguas já extintas. Além do mais, mesmo se nos restringirmos às línguas faladas hoje em dia, existe a tendência

de termos mais descrições de algumas línguas em detrimento de muitas outras, para as quais ou não temos descrições boas, ou não temos registro algum (BAKKER, 2011, p. 106). Ou seja, o conjunto de línguas que podem ser analisadas sempre será muito restrito. Daí a importância de ser cuidadoso, pelo menos, com as línguas às quais temos acesso.

Focando nos cuidados que podemos ter, as distorções evitáveis, temos as distorções referentes à base genética, as distorções relativas ao fator areal, as distorções relativas às bases tipológicas, e as distorções referentes às questões culturais. As distorções associadas à base genética devem-se ao fato de partirem de seleções que reúnem línguas de uma mesma família linguística. Em geral, é comum que famílias mais conhecidas, como a indo-europeia e a Bantu sejam preferidas em relação a outras (BAKKER, 2011, p. 107). Mesmo em trabalhos inaugurais em tipologia, como Greenberg (1963), praticamente um quinto das línguas escolhidas eram da família indo-europeia, mas famílias inteiras como as línguas trans-neoguineanas (de forma alguma uma família pequena, contando com 90 línguas (HASPELMATH, DRYER, *et al.*, 2005, p. 615-617)), não tinham sequer um exemplar. Baker (2004, p. 17) também apresenta essa distorção, com a maior parte dos dados vindos de línguas românicas e do inglês (mais uma vez, línguas indo-europeias), do japonês, e de apenas três outras línguas – Mohawk, Edo, e Chichewa, sendo as duas últimas pertencentes à família Niger-Congo (em resumo, o autor trabalha com apenas quatro famílias, praticamente ignorando por completo todas as outras).

É possível também que as línguas apresentem uma distorção areal, em que áreas do globo são focadas em demasia em detrimento de outras, sendo que muitas fazem parte de *Sprachbünde* (singular ‘Sprachbund’), em que diferentes línguas se influenciam devido à proximidade regional. Exemplos famosos de *Sprachbünde* são as línguas nos Bálcãs, no sul da Ásia e na América central (BAKKER, 2011, p. 107). Mesmo a Europa como um todo apresenta características compartilhadas e, como defendido por Heine e Kuteva (2006, p. 1), a união política da Europa contemporânea tem se dado muito depois da convergência linguística (Europa, no caso, podendo ser considerada como a área ‘Média Europeia Padrão’ (MEP), que consistiria das línguas românicas, germânicas ocidentais, das línguas eslavas com exceção das eslavas meridionais, do lituano e do grego, com base no estudo de Haspelmath e Buchholz (1998, p. 326-327), definida com base no estudo desses autores sobre construções equativas e similitivas). Um linguista que focasse só nas línguas germânicas ocidentais e nas línguas românicas poderia partir do pressuposto de que todas as línguas apresentam artigos definidos e indefinidos, já que é uma característica compartilhada entre as línguas da região – algo, obviamente, absurdo (incidentalmente, Heine e Kuteva (2006, p. 97-139) tratam do surgimento de artigos nas línguas da área MEP).

Uma última distorção evitável a ser vista aqui é a distorção tipológica, no sentido de que podemos pegar uma quantidade excessiva de línguas que tenham uma característica tipológica que seja (in)diretamente relevante para o estudo. Se quisermos estudar um universal do tipo “Se uma língua tem característica X, então ela (quase) sempre tem Y”, e quisermos pesquisar Y, devemos nos certificar se temos uma quantidade adequada de línguas X (BAKKER, 2011, p. 108) – algo que pode ser um problema se não conhecermos as línguas de antemão.

2.5.1.2. Métodos de Seleção

Existem pelo menos dois tipos de seleção de línguas para uma amostragem.

O primeiro tipo de seleção é para a chamada “amostragem de probabilidade”. Ela serve, em geral, para mostrar qual é a probabilidade de uma língua apresentar os diferentes tipos de adposição, como posposições e preposições, se apresentar algum desses tipos (BAKKER, 2011, p. 103).

Controlando a amostragem de acordo com as distorções mostradas anteriormente, uma amostragem desse tipo pode ser pequena, de 50 a 200 línguas, dependendo da estabilidade do fenômeno observado (BAKKER, 2011, p. 104).

O problema é quando não fazemos a mínima ideia do tipo de variável que estamos buscando, quando procuramos então uma ‘amostragem de variabilidade’. Nesse caso, escolhe-se uma quantidade bem maior de línguas, com uma média de 417 línguas escolhidas em amostragens desse tipo em trabalhos como o Haspelmath, Dryer et al. (2005; BAKKER, 2011, p. 105), a fim de que se possa conseguir uma variabilidade grande em que poderíamos negligenciar parte da variação com uma amostragem menor.

Ainda segundo Bakker (2011, p. 105), uma amostragem de probabilidade poderia ser utilizada para responder a perguntas como “As línguas possuem construções passivas?”, em que teríamos um valor binário (sim-não), e uma amostragem de variabilidade poderia ser usada para responder a perguntas como “Quais são as diferentes distinções de gênero em pronomes pessoais independentes?” que, segundo Siewierska (2005), possui pelo menos seis valores diferentes, como podemos ver na tabela abaixo.

	No. de línguas	Porcentagem
Sem distinção	254	67,2%
Só na 3.SG	61	16,1%
Só na 3 (independendo número)	42	11,1%
3+2 e/ou 1	18	4,8%
1+2, não 3	2	0,5%

Só 3.PL	1	0,3%
Total	378	100%

Tabela 14. Variação de marcação de gênero em pronomes independentes, segundo Siewierska (2005)

Devido ao tipo de trabalho proposto aqui, e os limites tanto de formato quanto tempo, será adotada uma amostragem de probabilidade, com 60 línguas (a serem citadas mais à frente). A escolha das línguas, de forma a evitar as distorções mencionadas na subseção anterior, será explicada a seguir.

2.5.1.3. Colocações finais sobre amostragem

Seguindo a bibliografia mencionada até aqui, foram escolhidas 60 línguas, distribuídas de forma uniforme em seis regiões, seguindo o CD acompanhante do Atlas Mundial de Estruturas Linguísticas (WALS)¹⁵: “América do Sul”, “América do Norte e Central” (incluindo Caribe), “Eurásia” (menos o sudeste asiático), “África”, “Oceania e Sudeste Asiático” e “Austrália/Nova Guiné”.

As regiões são divididas não geograficamente, mas de acordo com as famílias linguísticas. A macrorregião do ‘Sudeste Asiático e da Oceania’, por exemplo, consiste em seis famílias linguísticas – Andamanês, a subfamília Mon-Khmer das línguas Austro-Asiáticas, Austronésio, Hmong-Mien, Sino-Tibetano e Tai-Kadai. Por isso, mesmo o mandarim, sendo falado até a fronteira da China com a Coreia, conta como uma língua do ‘Sudeste Asiático e Oceania’.

As regras para escolha das línguas foram as seguintes: para cada região, foi buscada a maior variabilidade possível, evitando-se línguas de uma mesma família. No caso de famílias linguísticas presentes em pelo menos duas macrorregiões (como Indo-Europeu e Austronésio), foram aceitas até duas línguas por família, desde que não fossem faladas na mesma macrorregião. No caso de simplesmente não haver material suficiente de 10 famílias em uma mesma macrorregião, foram escolhidas línguas de subfamílias diferentes nas famílias em que isso era possível, obtendo-se, assim, maior variabilidade interna. A ideia por trás desse tipo de escolha foi baseada na ‘técnica de valor de diversidade’ (RIJKHOFF, BAKKER, *et al.*, 1993; BAKKER, 2011; RIJKHOFF e BAKKER, 1998), em que se busca aumentar a variedade de línguas analisadas evitando-se distorções relativas à hipótese da base genética, mas simplificada devido ao fato de o número de línguas ser pequeno.

¹⁵ O CD, em contraste com o livro que o acompanha, apresenta duas macrorregiões diferentes: no lugar de “Pacífico” e “Austrália”, as macrorregiões “Sudeste Asiático e Oceania” e “Austrália/Nova Guiné” são utilizadas. Foi usada a versão do CD puramente por ter sido mais prático durante a elaboração.

A divisão fica, portanto, da seguinte forma:

América do Sul	América do Norte e Central	Eurásia
Cavineña (Tacana)	Yup'ik (Inuit)	Holandês (Indo-Europeu)
Hup (Nadahup)	Pipil (Uto-Azteca)	Evenki (Tungúsico)
Kwazá (Isolada)	Papiamento (Crioula)	Abkhaz (NE do Cáucaso)
Mapudungun (Araucaniano)	Mandan (Sioux)	Kolyma Yukaghir (Yukaghir)
Mosetén (Moseteno)	Musqueam (Salish)	Turco (Túrquico)
Wari (Chapacura-Wanham)	Oneida (Iroquês)	Japonês (Japônico)
Baré (Arauaque)	Zuni (Zuni)	Nivkh (Nivkh)
Apinajé (Macro-Jê)	Zapotec (Oto-Manguean)	Malayalam (Dravidiano)
Yawanawa (Paula)	Passamaquoddy-Maliseet (Álgica)	Geórgio (Kartveliano)
Muylaq' Aymará (Aymará)	Washo (Washo)	Húngaro (Urálico)
África	SE Asiático & Oceania	Papuanésia
Mina (Afro-Asiática/Chádico)	Māori (Austronésio/Oriental)	Kayardild (Australiano/Tângkico)
Fongbe (Niger-Congo/Kwa)	Vietnamita (Austro-Asiático/Mon-Khmer)	Lavukaleve (Solomões Centrais)
Lango (Nilo-Saariano/Nilótico)	Lao (Tai-Kadai)	Alamblak (Sepik)
Maltês (Afro-Asiático/Semítico)	Yue (Cantonês) (Sino-Tibetano/Chinês)	Yade (Nagatman) (Yale)
Mani (Niger-Congo/Atlântica)	Hmong-Njua (Hmong-Mien)	Tobelo (PNG Oriental)
Sandawe (Khoisano)	Grande Andamanês (Andamanês)	Abun (Papua Ocidental)
Krongo (Kadugli)	Tagalog (Austronésio/Ocidental)	Skou (Skou)
Xhosa (Niger-Congo/Benue-Congo)	Patuá Macanense (Crioula)	Berik (Tor)
Koyra Chiini (Nilo-Saariano/Songhay)	Manange (Sino-Tibetano/Bódico)	Edolo (Bosavi)
Somali (Afro-Asiática/Cuchítico)	Kamera (Austronésio/Central)	Teiwa (Trans-Nova-Guiné)

As línguas serão apresentadas no capítulo seguinte de acordo com a região de proveniência e, dentro de cada região, elas serão ordenadas por ordem alfabética.

3. Levantamento de Dados

Seguindo a tabela de línguas mencionada no capítulo anterior. A análise se dará de acordo com a região em que a língua é falada, e dentro de cada região, por ordem alfabética. Começando arbitrariamente pela América do Sul, os continentes serão abordados pelo sentido horário: América do Sul, América do Norte e América Central, Eurásia, Sudeste Asiático e Oceania, Austrália e Papua Nova Guiné e, por fim, a África.

As macrorregiões, como dito no capítulo anterior, são divididas de acordo com as famílias linguísticas. No total, serão escolhidas 60 línguas, 10 por macrorregião, sem que duas delas pertençam à mesma (sub)família para garantir variabilidade tanto na origem genética quanto na localização.

Para explicar as chances de pegarmos uma família ou uma subfamília aleatoriamente e ela constar na tese, foi calculada a seguir uma taxa de elegibilidade (TE): Numa macrorregião com 20 famílias, em que cada família tenha 2 subfamílias (totalizando 40), as chances de uma família ser representada é de 50% e, a de uma subfamília, 25%.

	Famílias	Subfamílias	Línguas	TE
América do Sul	71	92	253	Fam: 14,1% Sub: 10,9%
América do Norte / América Central	49	93	381	Fam: 20,4% Sub: 10,8%
Eurásia	21 ¹⁶	36 ¹⁷	368	Fam: 47,6% Sub: 27,8%
Sudeste Asiático / Oceania	6	43	507	Fam: 100% Sub: 23,3%
Austrália e Papua Nova Guiné	54	125	381	Fam: 18,5% Sub: 8%
África	7	64	590	Fam: 100% Sub: 15,6%
Total	208	453	2480	

Tabela 15. Levantamento do catálogo linguístico presente em Haspelmath, Dryer, et al. (2005, p. 584-644).

¹⁶ A família altaica foi desconsiderada, elevando as subfamílias dela para a categoria de famílias.

¹⁷ As subfamílias tungúsica, túrquica e mongólica foram consideradas como sendo famílias.

Os dados exibidos a seguir são retirados diretamente das gramáticas consultadas, com apenas a divisão regional das línguas sendo originária do World Atlas of Language Structures.

A primeira observação a ser feita graças a isso é a de que a quantidade de línguas utilizada é muitíssimo menor do que as 7102 encontradas de Lewis, Simons e Fenning (2015). Isso porque no catálogo acima só estão as línguas para as quais os autores têm alguma gramática publicada (reduzindo o total de escolhas a algo como 34% do total).

As taxas de elegibilidade baixas nas Américas, por exemplo, somadas a esse problema, explicam o porquê de a maioria das famílias linguísticas ter ficado de fora. Por outro lado, se na maioria dos casos a maior parte das famílias vai ficar de fora, em pelo menos duas macrorregiões (“Sudeste Asiático e Oceania” e “África”) a quantidade de famílias é menor do que a quantidade de línguas escolhidas, sendo necessário escolher mais de uma língua por família. Nesses casos, foram escolhidas línguas de subfamílias diferentes, de forma a ser explicada dentro da descrição de cada macrorregião.

Ao final da seção sobre cada língua existe um quadro resumo do comportamento dos adjetivos nelas. Para poder auxiliar na descrição dos diferentes tipos de adjetivos nas línguas naturais, os adjetivos foram divididos em quatro tipos, de acordo com o comportamento das outras classes de palavras e com as definições de Dixon (2010, p. 63-64): Adjetivos-M (de “Mistos”), Adjetivos-V (de “Verbais”), Adjetivos-N (de “Nominais”) e Adjetivos-O (de “Outros”).

	Compartilham características com substantivos	Não compartilham características com substantivos
Compartilham características com verbos	Adjetivos-M	Adjetivos-V
	Adjetivos que combinam características tanto de substantivos (ex.: Aparecem num NP com flexão nominal) quanto de verbos (sendo predicados intransitivos com flexão verbal)	Adjetivos que compartilham características com verbos (funcionando como predicados intransitivos, podendo se limitar na função atributiva a aparecer numa oração relativa)
Não compartilham características com verbos	Adjetivos-N	Adjetivos-O
	Adjetivos que compartilham características com substantivos (não podendo, por exemplo, ser um predicado intransitivo, sendo restritos a um NP)	Adjetivos que não compartilham características de verbos e substantivos, não aparecendo nem (somente) em NP, nem como predicado intransitivo,

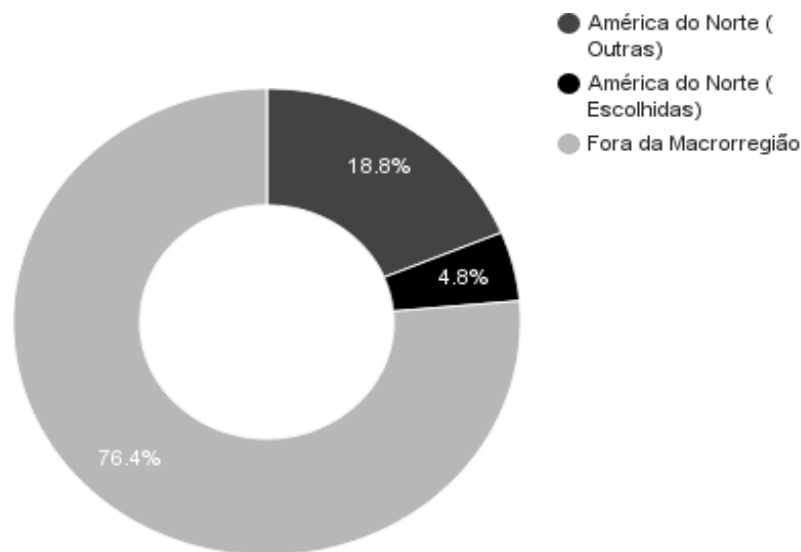
Tabela 16. Diferentes tipos de adjetivos, adaptados de Dixon (2010, p. 63-64).

Nos casos em que for necessário, também será apontado se os adjetivos aparecem tanto na função atributiva quanto na predicativa.

Vários aspectos da descrição serão omitidos, ou reduzidos ao mínimo, por questão de espaço. Daremos, portanto, ênfase aos aspectos relevantes para a discussão dos problemas colocados para essa pesquisa.

3.1. América do Sul

A macrorregião da América do Sul, segundo a divisão utilizada, consiste em 253 línguas distribuídas em 71 famílias – de longe, a macrorregião com mais famílias linguísticas, com 34,1% do total. Da macrorregião, foram escolhidas 10 línguas de 10 famílias diferentes, mostradas em sua proporção total no gráfico a seguir:



Foram analisadas as seguintes línguas: Apinajé (Macro-Jê/Brasil), Baré (Arauaque/Venezuela), Cavineña (Tacana/Bolívia), Hup (Nadahup/Brasil), Kwazá (Kwazá/Brasil), Mapudungun (Araucaniano/Chile), Mosestén (Mosesteno/Bolívia), Muylaq' Aymará (Aymará/Peru), Wari' (Chapacura-Wanham/Brasil) e Yawanawa (Pano/Brasil).

3.1.1. Apinajé

A primeira língua analisada foi o Apinajé, uma língua Jê, falada no Maranhão. A principal descrição utilizada foi a de Oliveira (2005). Morfossintaticamente a língua Apinajé apresenta ordens SV/AOV, posposições e prefixos de pessoa tanto em nomes quanto em verbos.

3.1.1.1. *Substantivos em Apinajé*

Os substantivos em Apinajé podem ser divididos morfossintaticamente em três categorias: substantivos alienáveis, substantivos inalienáveis e substantivos ambivalentes.

Os substantivos inalienáveis apresentam um prefixo de pessoa que indica a quem o substantivo se refere:

- (86) a-krõ
2-cabeça
“Tua cabeça” (OLIVEIRA, 2005, p. 107)

Os substantivos alienáveis podem, por sua vez, aparecer sem a marca, fazendo uso de uma posposição de posse quando necessário:

- (87) a-ŋ-õ meõ
2-RP-GEN comida
“Tua comida” (OLIVEIRA, 2005, p. 108)

Os substantivos ambivalentes, por fim, podem aparecer com ambas as construções:

- (88) ic-kawə
1-cesta
Ou,
i-ŋ-õ kawə
1-RP-GEN cesta
“Minha cesta” (OLIVEIRA, 2005, p. 109)

3.1.1.2. *Verbos em Apinajé*

Os verbos em Apinajé se dividem de acordo com a forma em que eles se flexionam. Verbos bivalentes e trivalentes sempre apresentam morfologia de pessoa, marcando, no caso, o

argumento objeto (O). No caso dos verbos monovalentes, alguns se flexionam marcando o argumento único (S), enquanto outros não apresentam marca alguma.

Os verbos se dividem em três grupos: transitivos, como o verbo “matar”; descritivos, como o verbo “estar com frio”; e intransitivos, como o verbo “ficar de pé”.

- (89) pĩ
 “matar”
 ic-pĩ
 1-matar
 “Me matar” (OLIVEIRA, 2005, p. 115)
- (90) akri
 “estar com frio”
 i-j-akri
 1-j-estar.com.frio
 “Estou com frio” (OLIVEIRA, 2005, p. 115)
- (91) tʃa
 “Ficar de pé”
 *ic-tʃa
 *1-ficar.de.pé
 “*Fico de pé” (OLIVEIRA, 2005, p. 115)

No último caso, apenas a forma não-finita do verbo recebe morfologia de pessoa.

- (92) əm
 Ficar.de.pé.ÑF
 ic-tʃ-əm
 1-tʃ-ficar.de.pé-ÑF
 “Fico de pé”

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos verbos em Apinajé.

3.1.1.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Apinajé*

A questão dos adjetivos em Apinajé não parece estar completamente resolvida.

Uma classe de palavras chamada “intensificadores” é considerada por Oliveira como a melhor candidata ao rótulo de “adjetivos” (OLIVEIRA, 2005, p. 152), mas sem que a autora forneça mais exemplos sobre como eles se comportariam na função atributiva, caso isso seja possível.

Na função atributiva podem aparecer os verbos descritivos, mas não que o comportamento deles seja muito diferente do de outros verbos, de forma que se tornasse possível fazer uma distinção com base nessa característica.

Só é possível usar um verbo na função atributiva, seja ele um verbo transitivo (como no caso do exemplo (93)) ou descritivo (como no exemplo (94)) através de um processo de relativização, no qual a oração relativa precede a oração principal.

- (93) [A E O V] S V
 [ic-te a-mã [bi j-arẽɲ] ja] na te 0 krĩ õ kamã pa]
 1-ERG 2-DAT homem RP-contar.ÑF DEF.ART RLS HAB 3 vila um INSV morar
 “O homem que eu estou te contando vive na outra vila” (OLIVEIRA, 2005, p. 282)

- (94) [S V] [CC]
 [[bĩ prek=ti mũj] na iɲ-bjeɲ ja]
 homem alto=AUM DEM.DST RLS 1-marido DEF.ART
 “Aquele homem alto é meu marido” (OLIVEIRA, 2005, p. 203)

Devido a essas ambiguidades, Apinajé será considerada no presente trabalho como uma língua sem uma classe de adjetivos definida.

3.1.2. *Baré*

A segunda língua analisada foi o Baré, uma língua arauque falada no alto Rio Negro, divisa entre o estado brasileiro do Amazonas e a Venezuela. A principal descrição utilizada foi a de Aikhenvald (1995).

Morfossintaticamente, a língua Baré apresenta as ordens $S_A V / VS_O / AVO$, e apresenta em sua maioria posposições, com algumas preposições emprestadas do português (AIKHENVALD, 1995, p. 44, 25).

3.1.2.1. Substantivos em Baré

Substantivos em Baré apresentam flexão de acordo com posse (dividindo os substantivos ente alienáveis e inalienáveis), número, alguns casos gramaticais e gênero. Um fato a ser comentado sobre os casos gramaticais é que os casos que apresentam morfologia são o locativo (lugar), o perlativo (movimento através), direcional (movimento a) e o elativo (movimento fora de) – não havendo marca de nominativo ou acusativo (AIKHENVALD, 1995, p. 14-15).

Parte da morfologia não é, entretanto, obrigatória.

Se o plural já foi marcado uma vez, não é necessário continuar usando a morfologia em referências futuras. No caso abaixo, o substantivo ‘macaco’ recebe marca de plural no primeiro exemplo (95), mas não no segundo (96):

- (95)
- | | | | | |
|-------|--------------------|--------------------|-------------------------|---------|
| | S | s-V | s-V | |
| Id'ya | awadari- ñu | me -nikã | me -ʃana-ka | ukáʃisi |
| Então | cairara- PL | 3.PL -comer | 3.PL -ficar-DECL | inajá |
- “Então os (macacos) cairaras ficaram comendo inajá (uma fruta)” (AIKHENVALD, 1995, p. 18)

- (96)
- | | | | | |
|-------|--------------------|---------------------|--------------------|------|
| Id'ya | awádaʃi- Ø | me -muda | me -kuada | kuhũ |
| Então | cairara- SG | 3.PL -descer | 3.PL -pegar | ele |
- “Então os (macacos) cairaras desceram para pegá-lo” (AIKHENVALD, 1995, p. 18)

A marcação de gênero também apresenta limitações, apesar de ser existente como nas orações abaixo:

- (97)
- | | |
|--------|------------------------|
| heñaʃi | ma-kiate- ʃi |
| homem | NEG-temor- MASC |
- “Um homem destemido” (AIKHENVALD, 1995, p. 20)

- (98)
- | | |
|----------|-----------------------|
| hiñaʃati | ma-kiate- w |
| mulher | NEG-temor- FEM |
- “Uma mulher destemida” (AIKHENVALD, 1995, p. 20)

No caso de o substantivo estar modificando outro, quando então ambos os gêneros podem ser usados, tanto o gênero masculino como o feminino podem aparear substantivo com função modificadora:

- (99) heñaʝi ka-witi-**ni**/ka-witi-**w**
 homem ATR-olho-MASC/ATR-olho-FEM
 “Um homem com boa visão”
- (100) hiñaʝati ka-witi-**ni**/ka-witi-**w**
 mulher ATR-olho-MASC/ATR-olho-FEM
 “Uma mulher com boa visão”

3.1.2.2. *Verbos em Baré*

Os verbos em Baré podem ser de dois tipos: ativos, nos quais o prefixo de pessoa é A ou S_A, e estativos, nos quais o prefixo de pessoa pode ser O ou S_O. Enquanto os verbos do último tipo não têm marcas especiais para argumentos – mas marcam os argumentos com sufixos ou enclíticos – os verbos ativos apresentam um paradigma próprio.

Os verbos em Baré podem apresentar marcas de tempo e aspecto, apesar de não serem obrigatórias. Ainda assim, é possível fazer contrastes, como na oposição entre aspecto perfectivo e aspecto imperfectivo:

- (101) yahaʝika nu-tikuwá-**ni**
 Agora 1.SG-deitar-IMPF
 “Estou me deitando agora” (AIKHENVALD, 1995, p. 30)
- (102) i-tíkua-**na**
 3.SG.ÑFEM-deitar-PERF
 “Ele já se deitou (e continua deitado)” (AIKHENVALD, 1995, p. 31)

Diferente do que acontece com os substantivos, a marcação de gênero ocorre em verbos na 3ª pessoa:

“Encontraram o corpo de um jaguar [de corpo] morto” (AIKHENVALD, 1995, p. 46)

- (108) waʒa yahane
inteiro dia
“O dia inteiro”

3.1.3. Cavineña

A terceira língua analisada foi o Cavineña, uma língua da família tacana falada na Bolívia. A principal descrição utilizada foi a de Guillaume (2008).

Morfossintaticamente, Cavineña é uma língua de ordem livre (GUILLAUME, 2008, p. 16) e apresenta posposições. As seguintes orações, todas gramaticais, servem de exemplo para ilustrar a liberdade da ordem de constituintes:

- (109) A V O
Iba=ra=tu iye-chine takure
jaguar=ERG=3.SG matar-PSD.RECENTE galinha
“O jaguar matou a galinha” (GUILLAUME, 2008, p. 91)
- (110) A O V
Iba=ra=tu takure iye-chine
Jaguar=ERG=3.SG galinha matar-PSD.RECENTE
“O jaguar matou a galinha” (GUILLAUME, 2008, p. 91-92)
- (111) V A O
Iye-chine=tu iba=ra takure
matar-PSD.RECENTE=3.SG jaguar=ERG galinha
“O jaguar matou a galinha” (GUILLAUME, 2008, p. 92)
- (112) V O A
Iye-chine=tu takure iba=ra
matar-PSD.RECENTE=3.SG galinha jaguar=ERG
“O jaguar matou a galinha” (GUILLAUME, 2008, p. 92)

- (115) E-wane=ke=ra amena ba-ti-kware tu-keo
 3-esposa=3=ERG tio ver-ir.TEMP-PSD.REMOTO 3.SG-FM
 “A esposa dele foi vê-lo” (GUILLAUME, 2008, p. 72)

Por fim, os substantivos independentes não recebem o prefixo {e-}, como na oração abaixo:

- (116) Ani-ya=dya yu-keja [waka rami]?
 sentar-IMPF=FOC lá-LOC.GNL vaca carne
 “Tem carne de vaca lá (no seu país)?” (GUILLAUME, 2008, p. 73)

3.1.3.2. *Verbos em Cavineña*

Os verbos em Cavineña apresentam uma morfologia bastante rica, com 9 (nove) “espaços”, em que afixos podem se ligar à raiz, descrita a seguir (com uma numeração diferente da original para fins de contagem):

- 3 Prefixo flexional
- 2 Modificador pré-verbal
- 1 Prefixo trocador de valência
- 0 Raiz verbal
- 1 Auxiliar
- 2 Sufixo direcional ou postural
- 3 Sufixo de aspecto lexical
- 4 Sufixo de modo
- 5 Modificador pós-verbal
- 6 Sufixo flexional

Tabela 18. Lista de espaços morfológicos ligados ao verbo em Cavineña adaptada de Guillaume (2008, p. 62-63)

Exemplo de uso dos espaços -3 e 6 (de flexão) pode ser visto na morfologia potencial, que requer o uso de um circunfixo (ocupando então o espaço de ambos os afixos):

- (117) V
 Deka=yatse e-pakaka-u

Potencialmente=1.DL POT-cair-POT

“Nós (dois) podemos cair” (GUILLAUME, 2008, p. 63)

Esses espaços (ou, dependendo do caso, apenas um deles) podem inclusive ser usados com outros circunfixos ocupando outras posições, como no exemplo abaixo:

- (118) V
 Re-wa=yatse e-spere=ju k-utsa-ti-chine
 Aqui-LOC=1.DL ÑPF-riacho=LOC REF-lavar-REF-PSD.RECENTE
 “Aqui (no riacho) nos lavamos” (GUILLAUME, 2008, p. 64)

3.1.3.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Cavineña*

A língua Cavineña possui dois tipos de adjetivos: Adjetivos predicativos (uma classe lexical aberta que também pode assumir significados adverbiais) e adjetivos atributivos (uma classe lexical fechada) (GUILLAUME, 2008, p. 61), assim chamados devido às funções às quais estão restritos.

Os adjetivos atributivos são apenas 16, e não podem receber afixos, ser negadas, ser modificadas por palavras que designem intensidade como *dyake* “muito”, ou aparecer em isolamento (GUILLAUME, 2008, p. 466). Eles aparecem pospostos ao substantivo modificado. Por não compartilharem características com verbos ou substantivos, eles são considerados Adjetivos-O:

- (119) [Tepatsu baba]=tu [dyake mure-da]
 Saúva única=3.SG(-FM) muito feroz-ASF
 “A grande (lit. ‘grande e única’) saúva é muito feroz” (GUILLAUME, 2008, p. 73)

Esses adjetivos são pouco usados, sendo mais comum que um adjetivo predicativo seja usado dentro de uma oração relativa para modificar um substantivo (GUILLAUME

, 2008, p. 465). Isso acontece porque os adjetivos predicativos, como o nome indica, aparecem apenas na função predicativa (mas não como núcleo de predicados intransitivos, sendo subentendido que a omissão da cópula só se dá quando os falantes julgam sua presença desnecessária (GUILLAUME, 2008, p. 358)), tanto nas orações principais como nas subordinadas:

- (120) CC CP CS
 Ari-da ju-kware aja
 grande-ASF ser-PSD.REMOTO macaco-prego
 “O macaco-prego era grande” (GUILLAUME, 2008, p. 358)
- (121) E V S CC
 E-kwe ani-kware [maletero ari-da=ke]
 1.SG-dat sentar-PSD.REMOTO mala grande-ASF=LIG
 “Eu tinha uma mala grande” (lit. “Uma mala grande sentava para mim”)

O enclítico de ligação {=ke} não é restringido a esses adjetivos, aparecendo com outras classes de palavras:

- (122) [Ai bakani]=tu ju-kware [pushi ekwita [[makei iye=ra]
 INT nome=3.SG(-FM) ser.PSD-REMOTO quatro pessoa inimigo matar=MOTIVO
 kwa-kware=ke]]?
 ir-PSD.REMOTO=LIG
 “Quais são os nomes dos quatro homens que foram matar os inimigos?”

3.1.4. Hup

A quarta língua analisada foi o Hup, uma língua Nadahup ou Makú, falada no Amazonas. A principal descrição utilizada foi a de Epps (2008).

Hup é uma língua SV/AOV de ordem flexível e apresenta, em geral, posposições e sufixos (EPPS, 2008, p. 2).

3.1.4.1. Substantivos em Hup

Em geral, substantivos em Hup podem (mas não necessariamente devem) aparecer sem nenhuma morfologia extra, uma característica não compartilhada (como veremos a seguir) com os verbos:

- (123) tinñ mǝm nóh-ǝh
 3.SG.POSS machado cair-DECL
 “O machado dele caiu” (EPPS, 2008, p. 111)

Alguns substantivos podem compartilhar parte da morfologia dos verbos como, por exemplo, marcas de tempo.

- (124) Yũ **wəhəd-tég-ay-áh**
 João **homem.velho-FUT-INCOATIVO-DECL**
 “O João vai virar um homem velho” (lit. “João envelhecerá”) (EPPS, 2008, p. 164)

A língua um alinhamento de tipo acusativo marcado, em que o alinhamento nominativo-acusativo é marcado de forma a marcar o acusativo, e não o nominativo, ocorrendo apenas com substantivos animados (sendo agramatical em palavras inanimadas como “casa”, motivo pelo qual a palavra aparece sem marca mesmo como argumento paciente):

- (125) **tih=tæhʔin-än=mah** tih mæh-áh
3.SG=criança.mãe-OBJ=REP 3.SG bater-DECL
 “Ele bate na esposa (dizem)” (EPPS, 2008, p. 167)

- (126) yíkán **mǔy** hid biʔ-píd-ih, póg!
 lá **casa** 3.PL fazer-DIST-DECL grande
 “Eles fizeram uma casa lá, (era) grande!”

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos substantivos em Hup.

3.1.4.2. *Verbos em Hup*

Diferente dos substantivos, os verbos não aparecem sem morfologia.

Em geral, a ordem dos afixos e modificadores nos verbos da língua Hup é a seguinte, com os elementos obrigatórios em negrito:

- 2 (Proclítico)
- 1 Prefixo(s)
- 0 Raiz verbal**
- 1 Sufixo(s) Interno(s)
- 2 Sufixo Externo**
- 3 Enclítico(s)

Como indicado, o chamado sufixo externo está sempre presente nos verbos e indica aspecto, modo, tipo de oração, entre outras possibilidades.

- (127) kapíʔ ʔin ʔóg-áh
 caapi 1.PL beber-DECL
 “Bebíamos caapi (Santo-Daime)” (EPPS, 2008, p. 112)

Os sufixos externos não ocorrem juntos, mas podem, entretanto, aparecer com outros tipos de sufixos (os chamados sufixos internos, assim chamados por virem entre a raiz e os sufixos externos), como no caso a seguir:

- (128) ʔáh wiʔ-tuk-hõh-yæh-áh!
 1.SG escutar-querer-NONVIS_{SUFIXO.INTERNO}-FRUST_{SUFIXO.INTERNO}-DECL_{SUFIXO.EXTERNO}
 “Eu gostaria de escutar!” (EPPS, 2008, p. 384)

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos verbos em Hup.

3.1.4.3. Adjetivos em função atributiva na língua Hup

Substantivos podem aparecer na função atributiva em Hup desde que precedidos pelo sufixo externo {-V́y}, no qual V representa uma gama de diferentes vogais:

- (129) nu-cáʔ-áy=n’ãn ʔáh hup-ʔid-muhúʔ-ũtiʔ
 esse-lado-V́y=PL.OBS 1.SG RFLX-falar-jogar-ÊNFASE
 “Levo bronca e sou provocado por aqueles que são daqui (por esse lado)” (EPPS, 2008, p. 296)

Uma das diferenças entre adjetivos e verbos, mesmo os estativos, é que os verbos requerem um sufixo na função predicativa, algo que não acontece no dado em (130):

- (130) yī-nih-yóʔ=mah tih ham-yĩʔ-ay-áh
 aquele.IRG-parecer-SEQ=REP 3.SG ir-TEL-INCO-DECL
 “Com isso, ele foi embora” (EPPS, 2008, p. 375)

Adjetivos, por sua vez, podem aparecer, por exemplo, como núcleo de sintagmas nominais, desde que precedidos do prefixo de 3ª pessoa:

- (131) tih=põg nõh-yíʔ-íy
 3.SG=grande cair-TEL-DINM
 “O grande caiu” (EPPS, 2008, p. 443)

E também podem aparecer como predicados, mas, de forma similar aos nominais quando se encontram na função predicativa, eles não requerem sufixos verbais que sempre acompanham os verbos.

- (132) wowó=hin náw píđ, hehé=hin náw píđ
 flauta.wowó=também bom DIST flauta.pã=também bom DIST
 “A flauta wowo também é boa (e) a flauta pã também é boa” (EPPS, 2008, p. 444)

Mas, existem casos em que é possível que recebam a morfologia verbal, como a marca de “dinamismo” (assim chamada pelo autor) e “incoativo”:

- (133) yúp tegd’uh póg
 Aquele.ITG árvore grande
 “Aquele árvore é grande” (EPPS, 2008, p. 444)

- (134) ýup tegd’uh póg-óy
 Aquele.ITG ártvore grande-DINM
 “Aquele árvore está crescendo” (EPPS, 2008, p. 444)

Além disso, os adjetivos podem surgir em compostos verbais (primeiro exemplo a seguir), como se fossem sintaticamente outro verbo, e são negados não como nominais, mas como verbos (os outros exemplos), podendo inclusive ser negados como os verbos:

- (135) nř mǔ ʔãh hæp-**naw**-yíh-ay-áh
 1.SG.POSS casa 1.SG varrer-**bom**-TEL-INC-DECL
 “Varri bem a casa” (EPPS, 2008, p. 445)

- (136) ʔamĩh pát w'ət-**nĩh**
 2.SG.POSS cabelo longo-**NEG**
 “Seu cabelo não é longo” (EPPS, 2008, p. 445)
- (137) pĩb tĩh tɔʔóh-óh
 rápido 3.SG correr-DINM
 “Ele corre rápido” (EPPS, 2008, p. 449)
- (138) tĩh tɔʔóh-**pĩb-nĩh**
 3.SG correr-**rápido-NEG**
 “Ele não corre rápido” (EPPS, 2008, p. 448)
- (139) maŋgã híd-ãn təw-**nĩh**
 Margarita 3.PL-OBJ dar.bronca-**NEG**
 “Margarita não deu bronca neles” (EPPS, 2008, p. 727)

3.1.5. Kwaza

A quinta língua analisada foi o Kwaza, uma língua isolada falada em Rondônia. A principal descrição utilizada foi a de Voort (2004).

A língua não parece apresentar uma ordem fixa, manifestando tanto SVO como SOV, entre outras possibilidades, sendo cogitado pelo autor que a ordem seja definida por fatores discursivos (VOORT, 2004, p. 91).

3.1.5.1. Substantivos em Kwaza

Os substantivos em Kwaza possuem várias características que podem ser contrastadas com as dos verbos. Entre elas, as raízes nominais podem: aparecer em isolamento como morfemas livres; ser não só argumentos de predicados, mas também modificadores atributivos de outros substantivos; e, por fim, flexionar-se para caso (mas não para gênero ou número) (VOORT, 2004, p. 92).

Uma das marcas de caso que podem aparecer em Kwaza é o sufixo {-wã}, o qual indica que o objeto de uma oração é animado, presente, mesmo quando o verbo já referencia quem sofreu a ação:

- (140) A V O
 jere'xwa 'kay-ki natau-'wã
 jaguar arranhar-DEC Natal-**OBJ.ANIM**
 "O jaguar arranhou Natal" (VOORT, 2004, p. 106)
- (141) A O V
 wã zjwãu-'wã e'xyi-ki
 vespa João-**OBJ.ANIM** picar-DEC
 "A vespa picou o João" (VOORT, 2004, p. 106)
- (142) A O V-o
 wã si-'wã e'xyi-ta-ki
 vespa 1.SG-**OBJ.ANIM** picar-**1.OBJ-DEC**
 "Uma vespa me picou" (VOORT, 2004, p. 107)
- (143) A V-s.o O
 Zjwãu 'mẽ-hata-ki xyitse-'wã
 João bater-**3.SUJ.2.OBJ-DEC** 2.PL-**OBJ.ANIM**
 "Foi o João que bateu em vocês" (VOORT, 2004, p. 107)

Como o esperado, é agramatical usar a marcação de objeto animado com substantivos inanimados:

- (144) haki'dwa atymã'te-da-ki
 pedra jogar-1.SG-DECL
 "Joguei uma pedra na água" (VOORT, 2004, p. 107)
- (145) *haki'dwa-wã atymã'te-da-ki
 pedra-**OBJ.ANIM** jogar-1.SG-DEC

Em alguns casos, a omissão da marca leva a um significado diferente:

- (146) zjwãu-wã tsa'si-da-ki
 João-**OBJ.ANIM** seguir-1.SG-DEC

“Segui o João” (VOORT, 2004, p. 107)

- (147) zjwãu tsa'si-da-ki
 João seguir-1.SG-DEC
 “João, te segui” (VOORT, 2004, p. 107)

Com os exemplos acima, é possível ver o aparecimento de substantivos sem marca alguma, e como eles podem receber caso. A utilização de substantivos para modificações atributivas serão mostradas na subseção sobre atribuição abaixo.

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos substantivos em Kwaza.

3.1.5.2. *Verbos em Kwaza*

Verbos, por sua vez, apresentam características que os diferenciam dos substantivos, como: ter raízes que não podem aparecer em isolamento (característica não-compartilhada com nenhuma outra classe lexical); requerer flexão de pessoa e modo; e, por fim, ser – junto das flexões necessárias – o único elemento de uma oração (VOORT, 2004, p. 93).

Os verbos possuem, obrigatoriamente, marca de pessoa (nos casos em que não há marca explícita, a justificativa é de que a marca de 3ª pessoa é um morfema zero¹⁸) e de modo, como pode ser observado no exemplo a seguir:

- (148) Txa'na cu'cu-a-re
 1.PL.INCL pisar-1.PL-Q
 “Somos nós (contigo) andando (na foto)”?

Os verbos possuem, obrigatoriamente, marca de pessoa (nos casos em que não há marca explícita, a justificativa é de que a marca de terceira pessoa é um morfema zero¹⁹) e de modo. É impossível, portanto, que as raízes verbais apareçam em isolamento como no caso dos substantivos.

¹⁸ Como o autor, entretanto, não explicita o morfema zero nesses casos, optou-se por fazer o mesmo nas glosas aqui oferecidas.

¹⁹ Como o autor, entretanto, não explicita o morfema zero nesses casos, optou-se por fazer o mesmo nas glosas aqui oferecidas.

3.1.5.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Kwaza*

A função atributiva em Kwaza é feita com a justaposição de substantivos, incluindo-se verbos nominalizados (VOORT, 2004, p. 94), motivo pelo qual o autor não considera que existam na língua adjetivos (VOORT, 2004, p. 23). Um exemplo de um substantivo na função atributiva é a palavra “maduro” na oração abaixo:

- (149) ‘mangka ‘ki-hỹ ‘ja-da-ki
 manga madura-NOM comer-1.SG-DEC
 “Comi uma manga madura” (VOORT, 2004, p. 94)

Não existe, inclusive, limite para a quantidade de substantivos modificando um principal (no caso, o verbo com sufixo instrumental parece ser uma forma lexicalizada com o significado de “chapéu”, assim glosado em outras partes da gramática (VOORT, 2004, p. 53)):

- (150) Tã’jã wade-‘xyi bu-ni’te wai-‘hỹ-hỹ ‘e-ki
 Pajé tucumã-CL:cabelo pôr-INSTR bom-NOM-NOM ter-DEC
 “O pajé tem um chapéu bonito feito de fibra de tucumã” (VOORT, 2004, p. 187)

As orações relativas da língua, inclusive, apresentam os verbos nominalizados, se comportando de forma similar:

- (151) Jo-ka’ne txitxi-‘dy-da-hỹ-ki²⁰
 mandioca-barra fritar-CAUS-1.SG-NMLZ-DEC
 “São os pedaços de mandioca que eu fritei” (VOORT, 2004, p. 188)

- (152) Ay-‘hỹe’hỹ-xa-hỹ si he’?ai-da-ki
 Aquilo-NMLZfazer-2-NMLZ1.SG não.querer-1.SG-DEC
 “Eu não gosto daquilo que você fez” (VOORT, 2004, p. 188)

²⁰ A língua permite que, no caso de indicar identidade, um substantivo (ou um verbo nominalizado) apareça sem verbo principal:

‘Kawe-ki
 Café-DECL
 “É café”

3.1.6. Mapuche/Mapudungun

A sexta língua analisada foi o Mapudungun, falada pelos Mapuches (sendo referida pelos dois nomes na literatura), uma língua arauacana (não relacionada às arauaques) falada no Chile e na Argentina. As principais descrições utilizadas foram as de Zúñiga (2000) e Smeets (2008).

Mapudungun é uma língua de ordem sintagmática “relativamente livre” (SMEETS, 2008, p. 16), mas apresentando em geral a ordem SV/AVO (SMEETS, 2008, p. 347-349), e a língua não parece apresentar predileção por preposições ou posposições (ZÚÑIGA, 2000, p. 55-56).

3.1.6.1. Substantivos em Mapuche/Mapudungun

Os substantivos em Kwaza não se flexionam para gênero, e não existe marca de caso, apesar de existir um sufixo que é usado em geral para lugares e atores periféricos, podendo estar a caminho de se gramaticalizar como um marcador de caso (ZÚÑIGA, 2000, p. 16). Apesar de não apresentar flexão de número (SMEETS, 2008, p. 61), é possível (mas não requerido) que se use a preposição “pu” para indicar plural (ZÚÑIGA, 2000, p. 16; SMEETS, 2008, p. 61), como em (153).

- (153) Tañi wenüy kúme-le-y kom ñi pu che engün
1.SG.POSS amigo bom-RES-IND todos 3.POSS PL gente 3.PL.PESSOAS
“Meu amigo está bem com todos os seus” (ZÚÑIGA, 2000, p. 14)

- (154) Fey-ta-chi trafla rumel müle-pe-ye-m kafé
Aquele-ART-ADJ prateleira sempre estar-PROX-CONSTANTE-INSTR café
“Aquele prateleira (é o lugar) onde sempre está o café” (SMEETS, 2008, p. 226)

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos substantivos em Mapuche/Mapudungun.

3.1.6.2. Verbos em Mapuche/Mapudungun

Os verbos em Mapuche apresentam morfologia de número, pessoa, tempo, aspecto, modo, direção, movimento, voz e polaridade (ZÚÑIGA, 2000, p. 20). Em geral, modo, pessoa e número são codificados por morfemas diferentes, apesar de, na primeira pessoa do singular no indicativo (como no exemplo 155), haver uma fusão dos morfemas, representados apenas por um sufixo:

(155) Iñché umaw-tu-**n**
 1.SG sono-VRBLZ-**1.SG.IND**
 “Eu durmo” (SMEETS, 2008, p. 152)

(156) Amu-**y-m-i**
 Ir-**IND-2-SG**
 “(Você) foi” (SMEETS, 2008, p. 152)

Em orações relativas, o verbo apresenta uma morfologia específica, para indicar que o sujeito ao qual ele se refere está numa oração relativa (e outra morfologia para estar na função atributiva), numa construção que Smeets (2008) chama de “Substantivo Verbal Substantivado” (Zúñiga (2000, p. 29) não dá nenhum nome a essa construção), glosado como SVN abaixo para os sufixos {-lu-} ou um morfema zero, que ocorre onde se esperariam as marcas de TMA e pessoa:

(157) Miaw-**∅**-chi che
 perambular-**SVN**-ADJ pessoa
 “Pessoas andarilhas” (SMEETS, 2008, p. 217)

(158) Che miaw-**lu**
 Pessoa perambular-**SVN**
 “Pessoas que perambularam” (SMEETS, 2008, p. 217)

(159) Kim-nu-**∅**-chi pichi che
 Saber-não-**SVN**-ADJ pequeno pessoa
 “Uma criança ignorante/inocente” (SMEETS, 2008, p. 217)

(160) Pichi che kim-nu-**lu**
 pequenopessoa saber-**NEG**-**SVN**
 “Criança que não sabe” (SMEETS, 2008, p. 218)

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos verbos em Mapuche/Mapudungun.

3.1.6.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Mapuche/Mapudungun*

Os adjetivos em Mapudungun apresentam comportamentos diferentes dependendo da função em que se encontram. Na função atributiva, os adjetivos não recebem morfologia alguma, apenas precedendo a palavra que modificam:

- (161) Kümé wentru
 bom homem
 “Um bom homem” (SMEETS, 2008, p. 72)

Na função predicativa, entretanto, os adjetivos não ocorrem com verbos, recebendo a mesma morfologia que um verbo receberia.

- (162) Ti wentru küme-y
 ART homem bom-3.SG.IND
 “É um bom homem” (SMEETS, 2008, p. 72)

- (163) Küme-y kutran-pütra-mew
 bom-3.SG.IND doença-estômago-INST
 “É bom para dor de estômago” (SMEETS, 2008, p. 66)

Essa característica dos adjetivos não é compartilhada com os nominais. Eles podem aparecer como predicados intransitivos, desde que apareçam com o sufixo verbalizador {-nge-}, que por sua vez é precedido das marcas de TMA e pessoa.

- (164) Rumé kümé wentru-nge-y
 Muito bom homem-VRBLZ-3.SG.IND
 “Ele é um homem muito bom” (SMEETS, 2008, p. 123)

Com exceção das palavras “esquerda” e “direita” (“wele” e “man” em mapudungun), os adjetivos não podem aparecer sozinhos (SMEETS, 2008, p. 71). Devido à possibilidade de aparecer como predicado intransitivo sem nenhuma morfologia extra (diferente dos nominais), mas não de ser argumento de um verbo (exceto por essas duas palavras), os adjetivos em mapudungun serão considerados Adjetivos-V.

3.1.7. Mosetén

A sétima língua analisada foi o Mosetén, uma língua mosetana falada na Bolívia. A descrição utilizada aqui foi a de Sakel (2004).

A língua apresenta ordem SV/AVO (SAKEL, 2004, p. 374-376). A descrição utilizada não reconhece a existência de posições em Mosetén, mas defende que todos os clíticos da língua vêm ao final da palavra hospedeira (SAKEL, 2004, p. 61).

3.1.7.1. *Substantivos em Mosetén*

Apesar de não apresentarem marca expressa de gênero, os substantivos têm um gênero inerente que leva a um sistema de concordância presente em várias outras classes lexicais (SAKEL, 2004, p. 14), razão pela qual as glosas da língua apresentam numerosas marcas representando concordância de gênero (masculino e feminino). A língua não apresenta marcação de caso – nem para substantivos, nem para qualquer outra classe lexical, como pode ser visto no contraste abaixo:

(165) A V-o O
 Yäe tyaj-ke-te iits mintyi?
 1.SG encontrar-V-3.M.O DEM.M homem
 “Eu encontrei aquele homem” (SAKEL, 2004, p. 64)

(166) O V-a
 iits mintyi? tjaj-ki-n yäe
 DEM.M homem encontrar-V-1.O 1.SG
 “Aquele homem me encontrou” (SAKEL, 2004, p. 64)

Uma característica relevante sobre os substantivos em Mosetén é que eles recebem os sufixos {-tyi?} e {-si?} para indicar posse, concordando em gênero com o possuído (masculino no primeiro caso e feminino no segundo). Por enquanto, o sufixo de posse será glosado como um sufixo de ligação, por motivos que ficarão mais claros adiante:

(167) Martin-si? aka?
 Martinho-LIG.F casa
 “A casa do Martinho” (SAKEL, 2004, p. 64)

- (168) Martin-tyi? jen?
 Martinho-LIG.M pai
 “O pai do Martinho” (SAKEL, 2004, p. 65)

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos substantivos em Mosestén.

3.1.7.2. *Verbos em Mosestén*

Os verbos em Mosestén apresentam uma morfologia bastante rica, com diferentes sistemas em orações transitivas e em orações intransitivas.

Nas orações intransitivas, existem pelo menos dois paradigmas distintos.

Um dos tipos se estende a todas as pessoas, menos à primeira pessoa inclusiva do plural. Nela, os verbos concordam em pessoa, número e gênero com o sujeito – exceto na primeira pessoa inclusiva do plural, na qual a mesma forma é utilizada, independentemente do gênero, conforme (169-170), em oposição a (171):

- (169) Mö? saeks-i-?
 3.SG.F comer-V-F.SG
 “Ela come” (SAKEL, 2004, p. 182)

- (170) Mi? saeks-i-∅
 3.SG.M comer-V-M.SG
 “Ele come” (SAKEL, 2004, p. 182)

- (171) Saeks-e-ja?
 comer-V-1.PL.INC(M/F)
 “Nós dois/duas comemos” (SAKEL, 2004, p. 182)

Nas orações transitivas, o verbo marca não só o agente, mas o paciente também, podendo variar de acordo com pessoa, número e gênero (mas nem sempre apresentando uma forma única para cada combinação).

3.1.7.3. Adjetivos em função atributiva na língua Mosestén

A língua Mosestén apresenta adjetivos, os quais compartilham as seguintes características: aparecem com o sufixo de ligação {-tyi} (masculino) ou {-si?} (feminino) na função atributiva; na função predicativa, e como advérbios de modo, aparecem sem o sufixo de ligação; pluralidade é marcada neles pelo sufixo {-min-}, característica essa compartilhada com os nominais.

- (172) Tsin ya?-i iits kasko öi-dye-tyi? nanasi?jaem?si?
 1.PL comprar-V.M.S DE.M canoa DEM.F-B-L.M guria bom-L.F
 “Compramos esta canoa para aquela guria boa” (SAKEL, 2004, p. 144)

É possível, entretanto, utilizar na função atributiva outras classes lexicais, como verbos e substantivos, como nas orações abaixo:

- (173) Tsin ya?-i iits kasko öi-dye-tyi? nanasi? **ichäe-ke-si?**
 1.PL comprar-V.M.S DEM.M canoa DEM.F-B-L.M guria **pequena-V-LIG.F**
 “Compramos essa canoa para aquela guria pequena” (SAKEL, 2004, p. 144)

- (174) *Mi?-si?* äwa? chhibin **pñen-si?** chhi-chhibin **soñi?-tyi?**
 3.SG.M-LIG.F criança três **mulher-LIG.F** também-três **homem-LIG.M**
 “Ele tem três filhas mulheres e três filhos homens” (SAKEL, 2004, p. 144)

Em ambos os casos, as diferentes classes lexicais recebem o morfema de ligação (que varia de acordo com gênero), o qual é utilizado com vários diferentes fins, como na marcação de orações relativas (o que explica a penúltima oração acima) e de posse (como na última oração acima, com o possuidor escrito em itálico). Inclusive, no caso de tanto um adjetivo quanto um possuidor modificarem um sintagma nominal, ambos recebem a mesma marca:

- (175) Mö? aka? jäechbäe?-si? Martin-si?
 3.SG.F casa vermelho-LIG.F Martinho-LIG.F
 “A casa vermelha do Martinho” (SAKEL, 2004, p. 107)

Na função predicativa, os adjetivos aparecem sem nenhum morfema extra:

- (176) Yäe-nä-ki jam-ra? yäe tye-i-? shokdye?, jam **jaem?** tsibi-ki? mömö
 1.SG-FOCO-mas NEG-IRR 1.SG beber-V-3.F chicha NEG **bom** amargo-V-F.SG só.F
 “E eu não bebo chicha, não é bom, só é amargo” (SAKEL, 2004, p. 146)

3.1.8. Muylaq’ Aymará

A oitava língua analisada foi o Muylaq’ Aymará, uma língua Aymará falada principalmente no Peru, mas também com falantes na Bolívia, no Chile e na Argentina. A descrição utilizada aqui foi a de Coler-Thayer (2010).

Essa variante de Aymará tem a ordem SV/AOV, mas de maneira flexível (SAKEL, 2004, p. 392). A língua não parece apresentar adposições, fazendo uso extensivo de sufixos para os mais variados fins.

3.1.8.1. Substantivos em Muylaq’ Aymará

Os substantivos em Aymará não apresentam marcas de concordância (COLER-THAYER, 2010, p. 88), mas podem receber vários diferentes sufixos. Um deles é, por exemplo, a marca de tópico {-xa}:

- (177) Taruka-x ma impiriws jaqi-_v-wa s-i-wa
 Veado-TOP um ciumento pessoa-CV-AFdizer-3.SG-AF
 “Veado é uma pessoa muito ciumenta, dizem” (COLER-THAYER, 2010, p. 378)

No entanto, a marca de tópico não é restrita ao sujeito, podendo ocorrer repetidas vezes numa oração:

- (178) Uka-ta-w isti-x²¹ aruma-x qamaqi-x apa-qa-tayna-w
 Aquele-AB-AFIR noite-TOP noite-TOP raposa-TOP carregar-DW-3.FR.AFIR
 “Depois, na noite de hoje a raposa os roubou” (COLER-THAYER, 2010, p. 378)

No que tange à marcação de caso, o nominativo não é marcado, e esse sufixo {-xa} costuma aparecer onde esperaríamos a marca (COLER-THAYER, 2010, p. 198), não se restringindo, entretanto a essas ocasiões apenas.

No caso do acusativo, o que ocorre é um apagamento da última vogal da palavra, usado para marcar objeto direto de uma oração e o destino de um verbo de movimento (COLER-

²¹ No caso, a palavra “isti” é um empréstimo do espanhol considerado uma “raiz vazia de significado semântico” pela gramática utilizada.

THAYER, 2010, p. 155). Um exemplo é a palavra “madeira” (*lawa*) e “cidade” (*marka*), mostradas sem a deleção vocálica e com ela (ou seja, no caso acusativo):

(179) Jani kuna-s kuna **lawa-s** ut.ja-jwa-tayna-t s-i-w
 Não que-ADC que **madeira-ADC** existir-bfr-3.FR-NE dizer-3.S-AFIR
 “Não tinha nada, não tinha nem madeira, dizem” (COLER-THAYER, 2010, p. 124)

(180) Ayamar *marka*, kuwint kuwint-t’a-mama
 Ayamar *cidade*, história.ACU contar-m.1→2.F
 “Vou te contar uma história sobre essa cidade Ayamara” (COLER-THAYER, 2010, p. 111-112)

(181) Lluqalla uka *mark* sara-wjwa-m uka-t **law**
 Guri aquele *cidade.ACU* ir-BFR-2.I aquele-AB **madeira.ACU**
 ap-t’a-ni-wjwa-m as-s
 trazer-M-H-BFR-2.I dizer-3.SU
 “Vai praquela cidade, guri, e aí traz madeira” (COLER-THAYER, 2010, p. 155)

O que complica a hipótese de que, assim como uma marcação de acusativo, exista também uma marca de nominativo (e ela seja a {-xa}, mencionada acima) é que existe ainda outro sufixo, o {-wa} de afirmação, que tende a aparecer apenas uma vez por oração e marcar, em geral, o sujeito (e determinar se a palavra destacada está em foco ou não é bastante contextual (COLER-THAYER, 2010, p. 380)). Na oração abaixo, o sufixo serve para realçar o fato de que foi a raposa que efetuou o roubo, e não outra pessoa/animal; na seguinte, é que sou eu que estou chegando:

(182) ¡Qamaqi-w! ¡Lawrun-sitaspha!
 Raposa-AFIR roubar-3→4.PRES.POT
 “Foi a raposa! Ela deve ter nos roubado!” (COLER-THAYER, 2010, p. 379)

(183) Juwanita isti na-w juta-s-t
 Juanita este 1.SG-AFIR chegar-PR-1.SG
 “Joaninha, eu estou chegando” (COLER-THAYER, 2010, p. 380)

Mas, esse sufixo não está presente em todas as orações, sendo improvável que ele detenha o significado de marca de caso.

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos substantivos em Muylaq' Amará.

3.1.8.2. *Verbos em em Muylaq' Aymará*

É bastante comum que orações inteiras em Aymará sejam apenas um verbo seguido de vários sufixos, ou mesmo um substantivo verbalizado com vários sufixos (como no segundo exemplo abaixo):

- (184) Awisa-ska-ki-puni-mama-w
 contar-PR-DL-EM-1→2S-AFIR
 “Eu realmente preciso te contar” (COLER-THAYER, 2010, p. 200)
- (185) Uta-ch-nuqa-si-jwa-ph-iri-tayna-w
 casa-FA-PLA-RF-BFR-PL-3.HB-FR-AFIR
 “Eles costumavam saber como fazer casas” (COLER-THAYER, 2010, p. 200)

Orações relativas em Aymará ocorrem com a nominalização do verbo, tanto com o uso de um sufixo resultativo como pelo uso do sufixo agentivo {-iri} (COLER-THAYER, 2010, p. 419).

- (186) Kha warmi-x kok uñja-t-iri-x yat-iri-wa
 aquela mulher-TOP coca.ACU ver-RES-AGNT-TOP saber-AGNT-AFIR
 “Aquele mulher que lê coca é uma sábia” (COLER-THAYER, 2010, p. 419)

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos substantivos em Muylaq' Amará.

3.1.8.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Mosestén*

Segundo a gramática utilizada, “em todas as variedades de Aymara, adjetivos não têm propriedades gramaticais suficientes para considerá-las uma classe gramatical distinta”, já que morfologicamente eles se comportam como substantivos (COLER-THAYER, 2010, p. 412), sendo morfossintaticamente similares às justaposições de substantivos em geral (COLER-

THAYER, 2010, p. 414). Em geral, o termo modificador é anteposto ao núcleo, independente de ele ser um dos candidatos à categoria de adjetivo ou não:

- (187) Aka anu
Esse cachorro
“Esse cachorro” (COLER-THAYER, 2010, p. 412)
- (188) Kimsa anu
Três cachorro
“Três cachorros” (COLER-THAYER, 2010, p. 412)
- (189) Isk’a anu
Pequeno cachorro
“Cachorro pequeno” (COLER-THAYER, 2010, p. 412)
- (190) Qala anu
Pedra cachorro
“Cachorro de pedra” (COLER-THAYER, 2010, p. 412)

Na função predicativa também, os adjetivos recebem as mesmas marcações dos substantivos em geral (comparar com o exemplo 178):

- (191) Ch’uqi-x jach’a-kama-w
batata-TOP grande-LIM-AFIR
“As batatas (e)s(t)ão todas grandes” (COLER-THAYER, 2010, p. 197-198)

3.1.9. Wari’

A nona língua analisada foi o Wari, ou Pakaásnovos, uma língua chapacurana falada em Rondônia. A descrição utilizada aqui foi a de Everett e Kern (1997).

Wari’ é uma língua de ordem VOS (EVERETT e KERN, 1997, p. 7) e apresenta uma preposição (que serve para marcar sintagmas nominais de pacientes/temas quando o verbo exhibe algum propósito específico (EVERETT e KERN, 1997, p. 218), não sendo alvo da pesquisa do presente trabalho).

3.1.9.1. Substantivos em Wari’

Os substantivos da língua Wari’ podem apresentar três gêneros distintos (masculino, feminino, e neutro), sendo que o feminino e o masculino são usados quase que exclusivamente

para seres humanos (o masculino pode ser usado para alguns tipos de animais), e os gêneros fazem com que a preposição da língua (ou um clítico verbal flexional) concorde com eles (EVERETT e KERN, 1997, p. 2). Os substantivos em si não são marcados de acordo com caso, número, pessoa ou gênero (EVERETT e KERN, 1997, p. 3).

Alguns substantivos são seguidos de um clítico, o “Clítico de Flexão Nominal” (CFN) para indicar pessoa, número e gênero (no caso da 3ª pessoa) do possuidor, em construções relacionadas a posse.

Posse, inclusive, é um ponto importante na gramática da língua Wari’ no que tange ao assunto pesquisado. O objeto possuído recebe uma marca indicando a quem ele pertence – mesmo que o possuidor seja apenas implícito (EVERETT e KERN, 1997, p. 146). Lembrando, os substantivos não funcionam todos da mesma forma: Alguns recebem um clítico, e outros são seguidos de uma outra palavra para expressar posse, pessoa e gênero (na 3ª pessoa):

- (192) Xiri-con Xijam
 casa-3.SG.M Xijam
 “A casa do Xijam” (EVERETT e KERN, 1997, p. 147)
- (193) Xiri-com
 casa-3.SG.M
 “A casa dele” (EVERETT e KERN, 1997, p. 147)
- (194) Pije’ nequem Hatem
 criança POSS.3.SG.F Hatem
 “O filho da Hatem” (EVERETT e KERN, 1997, p. 147)
- (195) Pije’ nequem
 criança POSS.3.SG.F
 “O filho dela” (EVERETT e KERN, 1997, p. 147)

3.1.9.2. *Verbos em Wari’*

Os verbos em Wari’ apresentam morfologia bastante simples.

Os verbos vêm acompanhados dos chamados “Clíticos de Flexão Verbal” (CFV), que codificam pessoa, número e gênero (apenas na 3ª pessoa) do sujeito e do objeto, também poden-

do marcar tempo no caso de a oração começar com verbo (EVERETT e KERN, 1997, p. 5) (existem alguns casos em que a oração não começa com verbo, mas esses casos vão além do escopo do presente trabalho, e serão ignorados por enquanto).

(196) Quep na-in xirim te pane ta
Fazer 3.S:RP/P-3N casa pai:1.SG PSD.REM EMPH
“Meu pai fez a casa há bastante tempo” (EVERETT e KERN, 1997, p. 38)

(197) Tem ta wao’
tecer PSV:3.SG cesta
“Cestas são tecidas” (EVERETT e KERN, 1997, p. 38)

(198) Quep xucucun hwijima’ ma’
tocar RFLX:3.PL.M crianças aquelas.PROX
“As crianças brigaram (entre si)” (EVERETT e KERN, 1997, p. 38)

Em orações relativas, o verbo pode receber quaisquer das marcas de realis ou irrealis, com a oração subordinada vindo depois da principal:

(199) Com xi’ tamara’ ca wiriwio (ne) ma’
cantar 1.PL.INCL:RF canção INFL:nrp/p alto 3.N aquele.PROX
“Vamos cantar uma canção que é alta” (EVERETT e KERN, 1997, p. 79)

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos verbos em Wari’.

3.1.9.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Wari’*

Everett e Kern não reconhecem adjetivos como parte do léxico da língua Wari’ (EVERETT e KERN, 1997, p. 2), e uma explicação de como funciona a função atributiva da língua pode explicar essa “omissão”.

Atribuição em Wari’ é feita através de uma construção de posse, na qual o elemento modificador aparece junto de uma marca genitiva, ambos precedendo o elemento modificado (EVERETT e KERN, 1997, p. 332). A marca genitiva pode ser um substantivo derivado (a

primeira oração a seguir), um substantivo –xi’ (segunda oração a seguir) ou mesmo um termo de parentesco utilizado como um modificador (terceira oração a seguir):

- (200) Ca xain nein mijac
 INFL:nrp/p quente poss.3.N porco
 “Porco cozido” (lit. “Porco quente”) (EVERETT e KERN, 1997, p. 332)
- (201) Wijima-in xirim
 Pequenice-3.N casa
 “Casa pequena” (EVERETT e KERN, 1997, p. 332)
- (202) Co-te ca tarama’
 INFL-pai.1.SG 3.SM homem
 “Grande homem” (lit. “Pai do homem”) (EVERETT e KERN, 1997, p. 332)

A diferença entre a modificação atributiva e a predicativa é que na atributiva o adjetivo apresenta características similares aos substantivos, é que na função predicativa o elemento modificado é expresso como se fosse um verbo:

- (203) Wijima-in na xirim
 Pequenice-3.N 3.S:RP/P casa
 “A casa é pequena” (EVERETT e KERN, 1997, p. 333)
- (204) Mixem na womi-u
 preto 3.S:RP/P algodão-1.SG
 “Minhas roupas estão sujas” (lit. “Meu algodão está preto”) (EVERETT e KERN, 1997, p. 334)

3.1.10. Yawanawa

A décima língua analisada foi o Yawanawa, uma língua Pano falada no Acre. A descrição utilizada aqui foi a de Paula (2004).

Trata-se de uma língua de ordem SV/AOV (PAULA, 2004, p. 111)

3.1.10.1. Substantivos em Yawanawá

Os substantivos em Yawanawá têm como característica poderem receber marca de caso (ergativo e absolutivo).

- (205) Rasu-n ʃana-∅ paki-a
 Rasu-ERG Txana-ABS derrubar-PSD
 “Rasu derrubou Txana” (PAULA, 2004, p. 117)

- (206) Hutuku-nin bahu-∅ tsua-ka
 moça-ERG rapaz-ABS beijar-DECL
 “A moça beija o rapaz” (PAULA, 2004, p. 118)

3.1.10.2. Verbos em Yawanawá

Os verbos em Yawanawá recebem morfologia de tempo, modo e aspecto, através de sufixos (PAULA, 2004, p. 119), como nos exemplos abaixo que mostram parte do paradigma de tempo na língua:

- (207) Baki-hu-∅ paki-a
 menino-HMN-ABS cair-PSD
 “O menino caiu” (PAULA, 2004, p. 120)

- (208) atu-n ia-∅ kuʃa-∅
 3.SG-ERG 1.SG-ABS bater-Ñ.PSD
 “Ele bate em mim” (PAULA, 2004, p. 124)

Nas orações relativas, o verbo da oração subordinada é nominalizado, e vem antes da oração principal:

- (209) i-n Baki-hu na-ʃaβata naʃi-ai-tun i-n uin-tamia
 1.SG-ERG criança-HMN DEM-dia banho-AnF-NMLZ 1.SG-ERG ver-PSD
 “Vi o guri tomando banho hoje” (PAULA, 2004, p. 212).

Por motivos de espaço, serão descritas aqui apenas essas características básicas dos verbos em Yawanawá.

3.1.10.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Yawanawá*

Os adjetivos em Yawanawá têm como propriedade poderem receber os sufixo de intensidade {-(ta)pa}, diferente de outras classes lexicais da língua, sendo que não há um motivo que seja claro para a utilização de um alomorfe ou o outro (PAULA, 2004, p. 138). Outra característica é a de que o adjetivo em Yawanawá deve ser sempre posposto ao nome modificado, não pode estar na posição de sujeito de uma oração intransitiva ou transitiva em isolamento (PAULA, 2004, p. 139).

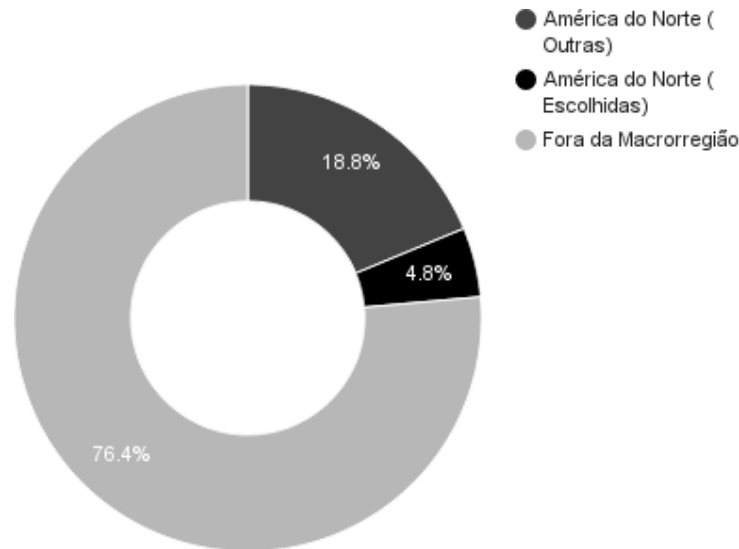
(210) fiki paʃin
 milho amarelo
 “O milho amarelo” (PAULA, 2004, p. 140)

(211) mapu turu
 cabeça redonda
 “Cabeça redonda” (PAULA, 2004, p. 140)

(212) uʃi iua-pa
 lua grande-EMPH
 “Lua cheia” (PAULA, 2004, p. 140)

3.2. **América do Norte e Central**

A macrorregião da América do Norte e Central, segundo a divisão utilizada, consiste em 381 línguas distribuídas em 49 famílias. Da macrorregião, foram escolhidas 10 línguas de 10 famílias diferentes, mostradas em sua proporção total no gráfico a seguir:



Da América do Norte e Central foram analisadas as seguintes línguas: Mandan (Siú/EUA), Musqueam (Salish/Canadá), Oneida (Iroquês/Estados Unidos), Papiamento (Crioula/Antilhas Holandesas), Passamaquoddy-Maliseet (Álgica/Canadá) Pipil (Uto-Azteca/El Salvador), Washo (Washo/EUA), Yup'ik (Inuit/EUA), Zapotec (Oto-Manguéan/México) e Zuni (Zuni/EUA).

3.2.1. Mandan

A décima primeira língua analisada foi a língua Mandan, da família Sioux (Siú), falada no estado americano da Dakota do Norte. A análise utilizada aqui foi a de Mixco (1997)

3.2.1.1 Substantivos em Mandan

Substantivos – e orações relativas – em Mandan podem receber um sufixo de definição {-s} (o qual o autor chama de “artigo definido”), sufixos referentes a localização (que o autor chama de sufixos de caso) (MIXCO, 1997, p. 38-39), e marcas de tópico (MIXCO, 1997, p. 64). O primeiro tipo de sufixo, o artigo, pode ser visto abaixo:

- (213) Wá-kapu-s ro: ohrærĭ ąská-oʔf
 papel-casa-DEF aqui de ser.perto-IND
 “A escola é perto daqui” (MIXCO, 1997, p. 39)

3.2.1.2 Verbos em Mandan

Os verbos em Mandan podem receber uma variedade de afixos, como os prefixos, referentes a polaridade, tempo, concordância pronominal; e os sufixos de polaridade, evidenciali-

dade, aspecto lexical, número (referente ao sujeito), aspecto gramatical, tempo, entre outros (MIXCO, 1997, p. 15). Essa não é uma lista completa, mas uma amostra da morfologia da língua.

Os verbos da língua não marcam a concordância de pessoa.

- (214) Wa-ptæ:h-oʔf
1.SG.ACT-correr-IND
“Estou correndo” (MIXCO, 1997, p. 17)
- (215) Wɨ-wa:-xwæ:-oʔf
1.SG.STAT-INESPECIFICADO-esconder-IND
“Estou me escondendo” (MIXCO, 1997, p. 16)

A ordem dos morfemas no verbo é de acordo com uma hierarquia de pessoa, com a primeira pessoa tendo prioridade sobre a segunda (MIXCO, 1997, p. 17).

- (216) Rɨ-rɨ-kirɨ-kt-oʔf
1.PL.ACT-2.SG-contar-POT-IND
“Vamos te contar” (MIXCO, 1997, p. 17)
- (217) Ro:-ra-hæ-kt-oʔrɨ
1.PL.STAT-2.ACT-ver-POT-INT
“Você vai nos ver?” (MIXCO, 1997, p. 18)

Há exceções, como no par de orações abaixo, em que os verbos (além da ordem morfológica) apresentam também morfema utilizado para se referir a posse em substantivos alienáveis, mas sem o mesmo significado (MIXCO, 1997, p. 19).

- (218) Wa-ta-wa-rɨ-ʃi-oʔf
1.SG -ALIEN-1.SG.ACT-S2-bom-IND
“Eu gosto de você ” (lit. “Eu te gosto”) (MIXCO, 1997, p. 20)

- (219) Rì-ta-wą-ra-ſi-oʔſ
 2.ACT-ALIEN-1.SG.STAT-2.ACT-bom-IND
 “Você gosta de mim” (lit. “Você me gosta”) (MIXCO, 1997, p. 20)

3.2.1.3 *Adjetivos em função atributiva na língua Mandan*

Adjetivos não parecem ser uma classe lexical em Mandan, sendo considerados verbos (MIXCO, 1997, p. 20).

- (220) Tíx-tæ-oʔſ
 casa-grande-IND
 “A casa é grande” (MIXCO, 1997, p. 21)
- (221) Tíx-wah-kræ-oʔſ
 casa-pequeno-PL-IND
 “As casas são pequenas” (MIXCO, 1997, p. 21)

3.2.2. Musqueam

A décima segunda língua analisada foi a língua Musqueam, da família Salish, falada na província canadense da Columbia Britânica. A análise utilizada aqui foi a de Suttles (2004).

Musqueam é uma língua VS/VAO (SUTTLES, 2004, p. 49) e apresenta “verbos preposicionais” (SUTTLES, 2004, p. 35).

3.2.2.1. *Substantivos em Musqueam*

O que faz os substantivos uma classe única em Musqueam é a possibilidade de virem com afixos de posse (algo impossível pra boa parte dos verbos, a não ser que sejam nominalizados) e não receberem morfologia para o aspecto progressivo (SUTTLES, 2004, p. 199). Em geral, eles podem aparecer na função predicativa com morfologia zero:

- (222) təm=ǰáýł̓
 tempo.de-frio
 “Era inverno” (SUTTLES, 2004, p. 60)
- (223) swáýqe? cən
 homem 1.SG

“Eu sou um homem” (SUTTLES, 2004, p. 60)

- (224) swə́yqəʔ ʃx^w ʒe
 homem você também

“Você também é um homem” (SUTTLES, 2004, p. 61)

Além disso, é possível que substantivos recebam marca de tempo.

- (225) kwθə nə-mén-ət
 ART 1.SG.POSS-pai-PSD

“Meu finado pai” (SUTTLES, 2004, p. 64)

- (226) kwθə nə-púk-ceʔ
 ART 1.SG.POSS-livro-FUT

“Meu futuro livro” (SUTTLES, 2004, p. 64)

3.2.2.2. *Verbos em Musqueam*

Os verbos em Musqueam recebem diferentes marcas, entre elas, a de transitividade (ou intransitividade). No caso de a primeira pessoa ser objeto, ela é marcada no verbo (com um morfema de primeira pessoa, mas não nos outros), não havendo marcação similar para a segunda e terceira pessoas, quando se utiliza a voz passiva (SUTTLES, 2004, p. 48).

- (227) ném cən ták^w
 AUX.ir 1.SG ir.para.casa

“Estou indo para casa” (SUTTLES, 2004, p. 135)

- (228) ʔi técəl
 AUX chegar.aqui

“Ele chegou aqui” (SUTTLES, 2004, p. 41)

- (229) niʔ cən céw-ət
 AUX 1.SG ajudar-TRANS

“Eu o ajudei” (SUTTLES, 2004, p. 42)

- (230) ɔ́éw-ət-s-əs ce?
 ajudar-TR-1.SG-TR FUT
 “Ele ajudar-me-á (SUTTLES, 2004, p. 43)

- (231) ɔ́éw-ət cən ce? təw^hla
 ajudar-TR 1.SG FUT 3.SG
 “Ajudá-lo-ei” (SUTTLES, 2004, p. 43)

- (232) ɔ́éw-ət-samx-əs ce? tθe swóyqe?
 ajudar-TR-1.SG-TR FUT aquele homem
 “Aquele homem vai me ajudar” (SUTTLES, 2004, p. 48)

3.2.2.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Musqueam*

Os adjetivos em Musqueam compartilham características tanto com substantivos quanto com verbos: assim como os verbos, eles não podem receber morfemas de posse diretamente, requerendo o nominalizador {s-}; que nem os substantivos, eles não podem receber, ou eles não apresentam formas progressivas; e, similar às outras classes lexicais, os adjetivos têm formas plurais e diminutivas. Além disso, os adjetivos têm a característica única de aparecerem na função atributiva (SUTTLES, 2004, p. 219).

- (233) ʔáy^h ʃxw swóyqe?
 bom 2.SG homem
 “Você é um bom homem” (SUTTLES, 2004, p. 61)

- (234) wə-mákw p̄e<p̄>q̄
 EST-todos branco<PL>
 “Eles (e)s(t)tão todos brancos” (SUTTLES, 2004, p. 221)

- (235) ʔé-ləy məlstóyəxw
 bom-PL pessoa.PL
 “Eles são boas pessoas” (SUTTLES, 2004, p. 221)

3.2.3. Oneida

A décima terceira língua analisada é a língua Oneida, da família Iroquesa, falada no estado americano de Nova Iorque. A análise utilizada aqui é a de Abbott (2000).

3.2.3.1. Substantivos em Oneida

Existem, pelo menos, quatro tipos diferentes de substantivo em Oneida, dependendo da sua morfologia, que variam de construções morfológicamente simples e indivisíveis (como $\acute{\lambda}ty\lambda$ “sul” (ABBOTT, 2000, p. 47)), a palavras que possuem prefixos e sufixos nominais (como $ka-n\acute{a}skw-a?$ “animal”, em que parece haver algumas classes, apesar das várias exceções (ABBOTT, 2000, p. 47)). Existem também os resultados de nominalizações e orações inteiras que são usadas como substantivo:

- (236) $Atliyo-hsla$
 Guerrear-NMLZ
 “Guerra” (ABBOTT, 2000, p. 48)
- (237) $Ye-wisto-ht\acute{a}khw-a?$
 3.SG.INDF-esfriar-INSTR-SERIAL
 “Geladeira” (lit. “Se esfria com isso”) (ABBOTT, 2000, p. 36)

3.2.3.2. Verbos em Oneida

Os verbos em Oneida podem apresentar uma morfologia extremamente variada, tanto com prefixos como com afixos, com o que o autor chama de prefixos pré-pronominais (referentes a polaridade, número, aspecto, e tempo futuro, assim chamados por virem antes dos prefixos pronominais (ABBOTT, 2000, p. 11)), prefixos pronominais (que distinguem quatro gêneros, três números, três pessoas, que incluem uma distinção de inclusivo/exclusivo, e dois tipos diferentes de papéis semânticos – geralmente, agente e paciente (ABBOTT, 2000, p. 20)), o radical verbal (que pode se constituir em uma marca de reflexivo, um substantivo incorporado, a raiz verbal em si, e um sufixo derivacional (ABBOTT, 2000, p. 32)), e os sufixos de aspecto (ABBOTT, 2000, p. 40).

Um exemplo de como os verbos Oneida trabalham com essa morfologia toda é a oração a seguir, em que temos um prefixo pré-pronominal indicando futuro, a marcação pronominal

(primeira pessoa agente com terceira pessoa (feminino) como paciente), o substantivo “louça” incorporado, o verbo ‘lavar’ em si, e alguns sufixos.

- (238) Λ -khe-ks-ohale-nyu-hs-?
 FUT-1.SG.S-3.SG.O-louça-lavar-DIST-DAT-PONTUAL
 “Vou lavar a louça pra ela” (ABBOTT, 2000, p. 41)

3.2.3.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Oneida*

Os adjetivos, por assim dizer, são considerados pelo autor como sendo, na verdade, verbos que incorporam os substantivos que eles modificam, recebendo morfema de tempo, aspecto e de pessoa (ABBOTT, 2000, p. 52).

- (239) Kanaskw-iyó
 Animal-bom
 “Um animal bom” (ABBOTT, 2000, p. 52)

- (240) Kanaskw-áks Λ
 Animal-mau
 “Um animal mau” (ABBOTT, 2000, p. 52)

- (241) S-atla?-iyo-hatye
 2.SG-sorte-boa-PROG
 “Você está tendo boa sorte” (ABBOTT, 2000, p. 45)

3.2.4. Papiamento

A décima quarta língua analisada foi a língua Papiamento (também chamada de Papiamentu), uma língua crioula que tem como base as línguas holandesa e portuguesa, falada nas ilhas caribenhas do ABC (Aruba, Bonaire e Curaçao), faladas nas ex-Antilhas Holandesas. A análise utilizada aqui foi a de Kouwenberg e Murray (1994).

3.2.4.1. *Substantivos em Papiamento*

Os substantivos em Papiamento não apresentam morfologia para caso ou número – no último caso, é possível se usar a palavra “nan” junto da palavra, similar à palavra referente à terceira pessoa do plural (KOUWENBERG e MURRAY, 1994, p. 19).

- (242) Mi a disidí di drumi pafó bou di e palo di koko **nan**
 1.SG ASP decidir de dormir fora sob de ART árvore de côco **PL**
 “Decidi dormir do lado de fora, sob os coqueiros” (KOUWENBERG e MURRAY, 1994, p. 47)

As relações são explicadas no máximo através da sintaxe: o objeto indireto, por exemplo, precede o objeto direto.

- (243) Manda mi ruman bo number di telefon
 Mandar 1.SG irmã 2.SG número de telefone
 “Manda seu número de telefone pra minha irmã”

Os substantivos em Papiamento apresentam um comportamento morfológico um tanto diferente dependendo da etimologia dos substantivos. Essa diferença não será considerada, por não ser relevante para a presente discussão.

3.2.4.2. *Verbos em Papiamento*

Os verbos em Papiamento não apresentam muita morfologia. Os verbos da língua só recebem morfologia no particípio, variando de acordo com a língua de origem da palavra (com algumas exceções), e gerúndio, seguindo a morfologia das línguas românicas (mesmo com palavras de origem holandesa, como “fèrf” (pintar)).

Construção \ Origem	Românica		Germânica			
Particípio	Morde	→	Mordé	Wèlder (soldar)	→	Hewèlder (soldado)
	Dividí	→	Dividí	Dal (bater)	→	Hedal (batido)
Gerúndio	Kana	→	Kanando			
	Sosega	→	Sosegando			
	Fèrf	→	Ferfiendo			

Tabela 20. Resumo da morfologia apresentada pelos verbos em Papiamento, adptado de Kouwenberg e Murray (1994, p. 20)

3.2.4.3. Adjetivos em função atributiva na língua Papiamentu

Papiamentu possui uma classe de adjetivos que costuma vir posposta ao termo modificado (apesar de algumas exceções como *delaster* “último” e *promé* “primeiro”, que precedem o termo modificado (KOUWENBERG e MURRAY, 1994, p. 48)), podendo modificar outros termos e aparecer na função predicativa, desde que junto de um verbo.

- (244) Un mucha bunita
 ART criança bonito.FEM
 “Uma criança bonita” (KOUWENBERG e MURRAY, 1994, p. 48)
- (245) E kas ta masha grandi
 ART casa estar muito grande
 “A casa é muito grande” (KOUWENBERG e MURRAY, 1994, p. 17)
- (246) Dia 24 di desember ainda e outo no tawata kla
 dia 24 de dezembro ainda ART carro não estava pronto
 “Dia 24 de dezembro o carro não estava pronto” (KOUWENBERG e MURRAY, 1994, p. 49)

A maior diferença entre os adjetivos é a morfologia da língua de origem. Por exemplo, “benta/bende” (venda, do verbo “vender”) é uma palavra de origem românica, enquanto “fèrf” (pintura) é uma palavra de origem germânica (“verf”, do holandês “verven” significando pintar). Essa diferença interfere na formação do adjetivo/particípio, como se observa na tabela a seguir.

	Origem Românica	Origem Germânica
Substantivo	Benta/Bende	Fèrf
Adjetivo	Bendé/Bendí	Hefèrf

Tabela 21. Diferenças na morfologia nas palavras de diferentes origens etimológicas em Papiamentu (KOUWENBERG e MURRAY, 1994, p. 19)

3.2.5. Passamaquoddy-Maliseet

A décima quinta língua analisada é a língua Passamaquoddy-Maliseet, da família Álgica, falada na província canadense de Quebec e no estado americano do Maine, localizados na costa leste do continente. A análise utilizada aqui foi a de Leavitt (1996).

3.2.5.1. Substantivos em Passamaquoddy-Maliseet

Os substantivos em Passamaquoddy-Maliseet podem apresentar várias marcas morfológicas, como sufixos de número (LEAVITT, 1996, p. 22), de posse (LEAVITT, 1996, p. 25), entre outras.

No entanto, os substantivos não recebem marca de caso, ou algo que marque seu papel na oração:

- (247) Yuhtol pekahkon-ik-il tom-hikon-ossis-ol olu
 DEM.PL ser.sangrento-3.SG.PL separadas-feramentas-PL mas
 Naka tap-ihik pahq-ihil cuwi puskon-as-uwol askomiw
 E arco-PL fleche-PL deve enterrar-PASS-PL para.sempre
 “Esses machados sangrento entretanto, e arcos e flechas, devem ser enterrados para sempre”
 (LEAVITT, 1996, p. 58)

3.2.5.2. Verbos em Passamaquoddy-Maliseet

Os verbos em Passamaquoddy-Maliseet se dividem de acordo com o final de suas raízes, que os distinguem em transitivos e intransitivos, podendo se dividir ainda mais, de acordo com o gênero gramatical ou do sujeito (em verbos intransitivos), ou do objeto direto (em verbos transitivos) (LEAVITT, 1996, p. 31).

O par entre verbos transitivos e intransitivos leva a oposições como a seguinte, na qual a forma do verbo e sua terminação variam de acordo com a transitividade:

- (248) Piyel tola-hqe²²
 Pedro cozinhar.INT
 “Pedro está cozinhando” (LEAVITT, 1996, p. 32)

²² A morfologia desses dois exemplos não está clara no trabalho original, mas é possível perceber a diferença entre orações transitivas e intransitivas, motivo pelo qual foram utilizadas.

- (249) Piyel ‘tola-qosal opanol
 Pedro cozinhar.TRANS pão
 “Pedro está fazendo pão” (LEAVITT, 1996, p. 32)

3.2.5.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Passamaquoddy-Maliseet*

Passamaquoddy-Maliseet não parece apresentar adjetivos, usando apenas alguns prefixos (chamados de pré-verbos pelo autor) com esse fim (LEAVITT, 1996, p. 49). Esses elementos não ocorrem sozinhos, sendo que o verbo (ou o substantivo) ao qual eles se ligam recebem a morfologia toda:

- (250) Msiw woli-tahas-u
 todo.mundo bom-pensar.ANIM-3.SG.IND
 “Todo mundo estava feliz” (lit. “Todos estavam pensando bem”) (LEAVITT, 1996, p. 57)

Os verbos em que eles ocorrem fazem parte da distinção na língua entre agentes animados e inanimados (sendo uma diferença codificada no verbo, e não no pré-verbo):

- (251) Kin-kil
 grande-ser.do.tamanho.ANIM
 “Ele/Ela (pessoa) é grande” (LEAVITT, 1996, p. 32)
- (252) Kin-kihqon
 grande-ser.do.tamanho.INANIM
 “Ele/ela (objeto) é grande” (LEAVITT, 1996, p. 32)

3.2.6. Pipil

A décima sexta língua analisada é a língua Pipil, da família Uto-Azteca, falada em El Salvador. A análise utilizada aqui é a de Campbell (1985).

É uma língua VS/VOA (CAMPBELL, 1985, p. 101-102)

3.2.6.1. *Substantivos em Pipil*

Os substantivos em Pipil devem todos aparecer com, pelo menos, um sufixo. Quando não há nenhum outro afixo, a língua utiliza um sufixo “absolutivo” (CAMPBELL, 1985, p. 39).

(253) Siwa:-t
mulher-ABS
“Mulher” (CAMPBELL, 1985, p. 39)

(254) Nu-siwa:w
1.SG.POSS-mulher
“Minha mulher” (CAMPBELL, 1985, p. 39)

Como visto no último exemplo acima, os substantivos em Pipil recebem morfologia de posse, e também vários sufixos codificadores de lugar, como {-pan} (=acima) (CAMPBELL, 1985, p. 46) e {-tan} (=dentro, entre, próximo) (CAMPBELL, 1985, p. 47), entre outros. Além disso, os substantivos recebem sufixo de número plural (CAMPBELL, 1985, p. 51).

É importante notar que, apesar do nome “absolutivo” dado para o primeiro sufixo mencionado, ele não aparece em oposição a um sufixo ergativo, sendo possível que um verbo apresente seus argumentos sem marcação alguma:

(255) V [O] [A]
Ki-ta:lih ne i-chaketah ne ta:ka-tsin
3.SG-pôr ART 3.SG-casaco ART homem-DIMN
“O homenzinho pôs o casaco (no chão)” (CAMPBELL, 1985, p. 102)

Substantivos podem aparecer em construções predicativas em Pipil, em geral com cópula zero:

(256) Yaha albolário
3.SG.MASC mago
“Ele (é um) mago” (LEAVITT, 1996, p. 108)

3.2.6.2. *Verbos em Pipil*

Verbos apresentam uma morfologia bastante complexa em Pipil devido à variedade de afixos que podem ocorrer, relacionados a tempo-modo-aspecto, afixos pronominais e número (CAMPBELL, 1985, p. 65). Eles tendem a vir na posição inicial da oração.

- (257) V [S]
 Miki-k ne masa:-t
 morrer-PSD ART veado-ABS
 “O veado morreu” (CAMPBELL, 1985, p. 102)

- (258) Ni-k-maka-k chi:l
 1.SG-3.SG-dar-PSD chili
 “Dei chili para ela” (CAMPBELL, 1985, p. 105)

3.2.6.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Pipil*

Os adjetivos em Pipil podem ser divididos em cinco tipos, dependendo de sua origem e morfologia. Adjetivos terminados em $\{-(ti)k\}$ são os “adjetivos básicos” da língua, sem apresentar derivação de outra categoria lexical (CAMPBELL, 1985, p. 61); adjetivos terminados em $\{-nah\}$ dão noção de “mais ou menos” e são derivados de adjetivos básicos ou outras classes lexicais, como substantivos e verbos (CAMPBELL, 1985, p. 62); adjetivos terminados em $\{-(a:w)ak\}$ derivados de verbos “incoativos” (CAMPBELL, 1985, p. 63-64); adjetivos terminados em $\{-tuk\}$ derivam de um sufixo perfectivo, e derivam de verbos (CAMPBELL, 1985, p. 63); e adjetivos que não se encaixam em nenhuma das categorias acima.

Uma característica dos adjetivos na língua Pipil é que os adjetivos nativos precedem o elemento modificado, enquanto os empréstimos do espanhol vêm pospostos:

- (259) Siyuhti nemi-k se: ta:ka-t intelihenteh
 uma.vez ser-PSD um homem-ABS inteligente
 “Uma vez existiu um homem inteligente” (LEAVITT, 1996, p. 120)

- (260) Ne chich-chi:l-tik tsapu-t
 ART PI-vermelho-ADJ zapote-ABS
 “Os zapotes vermelhos” (LEAVITT, 1996, p. 120)

É possível que eles apareçam em construções copulares (inclusive, com cópula zero), tanto com adjetivos da língua como com os empréstimos:

- (261) Ne mu-te:lpu:ch-tsin kukuya
 ART 2.SG-filho-DIM doente
 “Seu filhinho (está) doente” (LEAVITT, 1996, p. 121)
- (262) N-yu ni-nemi deskalsoh
 1.SG-ir 1.SG-ser descalço
 “Vou ficar descalço” (LEAVITT, 1996, p. 121)
- (263) Ne reynah bi:dah ki-mati ka ki-chih-ke-t attender
 ART rainha delicioso 3.SG-saber que 3.SG-fazer-PSD-PL atender
 “A rainha se sente bem por terem-no atendido” (LEAVITT, 1996, p. 126)

3.2.7. Sitimaxa

A décima sétima língua analisada é a língua Sitimaxa (também conhecida como Chitima-cha), isolada, falada no estado americano da Louisiana, no sudeste do país. A análise utilizada aqui é a de Granberry (2008).

É uma língua de ordem SV/AOV (GRANBERRY, 2008, p. 25).

3.2.7.1. Substantivos em Sitimaxa

Substantivos em Sitimaxa não costumam aparecer com morfologia (GRANBERRY, 2008, p. 78), sendo perfeitamente possível que eles apareçam assim numa oração:

- (264) Qix nãda daat
 1.SG chefe agora
 “Eu sou um chefe agora” (LEAVITT, 1996, p. 103)

Não há marca de caso:

- (265) Hoku q-uci-qi qãm nĩ kihtspuynã nẽ
 Pote Ñ1-fazer-PSD que baixo empurra e
 “Ele fez um pote e um pilão” (LEAVITT, 1996, p. 103)

É possível, inclusive, que um substantivo modifique o outro sem que qualquer um deles receba uma marca:

- (266) Pãnx kix
 homem cachorro
 “O cachorro do homem” (GRANBERRY, 2008, p. 97)

3.2.7.2. *Verbos em Sitimaxa*

O verbo em Sitimaxa pode aparecer com uma série de sufixos que indicam pessoa, número, tempo, modo, aspecto e número de ações (GRANBERRY, 2008, p. 48). Uma característica da língua é que a distinção de pessoa é binária: ou a marca é de primeira pessoa (eu/nós), ou não (você/ele/vocês/eles). Isso, combinado com a distinção de número, leva a uma oposição como a seguinte:

- (267) Heecp-ik
 Ajudar-1.SG
 “Eu ajudo” (GRANBERRY, 2008, p. 53)
- (268) Heecpi-nuk
 Ajudar-1.PL
 “Nós ajudamos” (GRANBERRY, 2008, p. 53)
- (269) Heecp-i
 Ajudar-Ñ1.SG
 “Ele/ela/você ajuda” (GRANBERRY, 2008, p. 53)
- (270) Heecp-inã
 Ajudar-Ñ1.PL
 “Eles/Elas/Vocês ajudam” (GRANBERRY, 2008, p. 53)

3.2.7.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Sitimaxa*

Sitimaxa não apresenta adjetivos, mas um tipo de substantivo chamado “adjetivos nominais modificadores” (GRANBERRY, 2008, p. 41). Assim sendo, uma palavra como “kadin” é melhor traduzida como “uma coisa azul” do que realmente como “azul” (GRANBERRY, 2008, p. 80). Assim como no caso dos substantivos, em que um substantivo modificador pode

vir depois de um substantivo modificado, o mesmo pode acontecer com essas palavras, levando a construções como a abaixo:

- (271) **Pãnx** **pini-kãnk** gãn kããñux q-uci-qi
Homem **vermelho-PL** NEG homem.branco Ñ1.SG-fazer-PSD.
 “Não foi um índio, mas um homem branco que fez” (GRANBERRY, 2008, p. 103)

3.2.8. Yup'ik (Central do Alasca)

A décima oitava língua analisada foi a língua Yup'ik central do Alasca, uma língua Esquimó-Aleúte, falada no estado americano do Alasca, no extremo noroeste do continente americano. A análise utilizada aqui foi a de Miyaoka (2012).

A língua tende a ter uma ordem SV/AOV (MIYAOKA, 2012, p. 181).

3.2.8.1. Substantivos em Yu'pik

Os substantivos em Yup'ik podem receber marca de número, caso e de possuidor (MIYAOKA, 2012, p. 102).

Os casos mais importantes da língua são o absolutivo (que marca o argumento único de orações intransitivas e o argumento paciente de orações transitivas) e o relativo (que marca o argumento agente de orações transitivas e possuidor) (MIYAOKA, 2012, p. 827).

- (272) S V
 Angim tai-guq
 homem.ABS.SG vir-IND.3.SG
 “O homem está vindo” (MIYAOKA, 2012, p. 833)

- (273) A O V
 Angute-m neqa ner-aa
 homem-REL.SG peixe.ABS.SG comer-IND.3SG:3SG
 “O homem está comendo peixe” (MIYAOKA, 2012, p. 833)

É possível que os substantivos apareçam em predicados intransitivos, mas com sufixos verbalizadores, servindo tanto para explicar identidade como posse, não havendo construções com cópula na língua (MIYAOKA, 2012, p. 868), mas fazendo uso de morfemas diferentes para expressar construções equativas e possessivas:

(274) U-na qaya-u-guq
 DEM-ABS.SG caiaque-ser-IND.3.SG
 “Esse é um caiaque” (MIYAOKA, 2012, p. 882)

(275) Anga-ka qaya-ngqer-tuq
 Tio.Materno.ABS caiaque-ter-IND.3SG
 “Meu tio tem um caiaque” (LEAVITT, 1996, p. 882)

3.2.8.2. *Verbos em Yup'ik*

Verbos em Yup'ik podem receber marca de modo e pessoa (tanto sujeito quanto objeto) (MIYAOKA, 2012, p. 102). Na oração intransitiva abaixo, por exemplo, o verbo exibe marca de 3ª pessoa do plural ao se referir ao argumento único (crianças), enquanto na oração seguinte, a marca se refere tanto ao argumento agente (mulher) quanto ao argumento paciente (crianças), refletindo também a diferença de número entre os dois termos.

(276) Mikelngu-u-t atur-tut
 criança-EV-ABS.PL cantar-IND.3PL
 “As crianças estão cantando” (MIYAOKA, 2012, p. 873)

(277) Arna-m assik-ai mikelngu-u-t
 mulher.REL.SG gostar-IND.3SG:3PL criança-EV-ABS.PL
 “A mulher gosta das crianças” (MIYAOKA, 2012, p. 874)

(278) U-na qayaq mik'-uq
 DEM-ABS.SG caiaque.ABS.SG pequeno-IND.3SG
 “Esse caiaque é pequeno” (MIYAOKA, 2012, p. 881)

3.2.8.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Yup'ik*

Miyaoka (2012, p. 100) defende que não existem adjetivos em Yup'ik, mas apenas substantivos “apositivos” que têm função adjetiva (e verbos intransitivos que funcionariam como “adjetivos predicativos” (MIYAOKA, 2012, p. 101)). Esses substantivos apositivos, que re-

cebem marca de número e caso como os outros substantivos da língua, e ocasionalmente também de posse, frequentemente aparecem modificando outros termos:

- (279) [S] V
 [Espaak nutaraq cimiq] assir-tuq
 ignição.ABS.SG novo.ABS.SG substituto.ABS.SG bom-IND.3SG
 “A nova (vela de) ignição substituída é boa” (MIYAOKA, 2012, p. 281)

- (280) [S] V
 [Tan’gurra-qa asri-qa] tai-guq
 guri-ABS.1SG.SG artesão.ABS.1SG.SG vir-IND.3SG
 “Meu guri artesão veio” (MIYAOKA, 2012, p. 282)

Comparações são feitas com outra classe de palavras, que o autor chama de “verbos comparativos” (MIYAOKA, 2012, p. 156). Eles são verbos intransitivos que recebem morfologia de comparação e morfemas de grau como “mais”. Um exemplo é o verbo que significa “grande”, usado sem e com a morfologia de comparação abaixo:

- (281) [Nutaraq angyaq] ang’-uq
 novo.ABS.SG barco.ABS.SG grande-IND.3SG
 “O barco novo é grande” (MIYAOKA, 2012, p. 466)

- (282) Angyaq ange-nru-uq angya-mni
 barco.ABS.SG grande-mais-IND.3SG barco-LOC.1SG:SG
 “O barco é maior que o meu” (MIYAOKA, 2012, p. 156)

3.2.9. Zapotec (do Istmo)

A décima nona língua analisada é a língua Zapotec do Istmo, parte da macrolíngua Zapotec, falada no estado mexicano de Oaxaca, no sul do país. A análise utilizada aqui é a de Pickett, Black e Cerqueda (1998).

3.2.9.1. *Substantivos em Zapotec do Istmo*

Substantivos em Zapotec do Istmo podem receber marca de número, desde que não estejam junto de nenhuma palavra que já defina pluralidade (como um quantificador). A marca é uma palavra independente que precede o substantivo:

- (283) Ca yoo
 PL casa
 “As casas” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 20)

- (284) Chupa yoo
 Dois casa
 “Duas casas” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 20)

É possível que ocupem a posição predicativa através de cópula zero, sem receber qualquer morfologia extra:

- (285) Presidente nguiiu ca
 Presidente homem DEM
 “Esse homem é presidente” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 93)

3.2.9.2. *Verbos em Zapotec do Istmo*

Os verbos em Zapotec apresentam pelo menos dois tipos de marca: uma marca de aspecto (marcada através de um prefixo) e uma marca de pessoa (marcada através de um sufixo).

- (286) Xi cay-úni-tu
 Que PROG-fazer-2.PL
 “Que vocês estão fazendo?” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 53)

- (287) Cay-ui-du diidxa’
 PROG-conversar-1.PL.EXCL palavra
 “Estamos conversando” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 53)

- (288) Intiica na-lu²³ z-úni-du ni
 qualquer EST.dizer-2.SG FUT-fazer-1.PL.EXCL 3.COMPL
 “Vamos fazer o que você diz” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 59)

3.2.9.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Zapotec do Istmo*

Os adjetivos em Zapotec do Istmo vêm depois dos termos que modificam, e são invariáveis:

- (289) Ti bi'cu' yaase'
 Um cão negro
 “Um cachorro negro” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 40)

- (290) Chupa bi'cu yaase'
 dois cão negro
 “Dois cachorros negros” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 40)

Diferente dos quantificadores, os adjetivos não impedem o aparecimento da palavra indicadora de pluralidade junto à palavra que modificam:

- (291) Ca lexu ro' que
 PL coelho grande aquele
 “Aqueles coelhos grandes” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 26)

Assim como os substantivos, podem aparecer na posição predicativa sem nenhuma morfologia extra, mas precedendo o termo modificado:

- (292) Sicarú yoo ca
 bonito casa esse
 “Essa casa é bonita” (PICKET, BLACK e CERQUEDA, 1998, p. 95)

²³ O verbo ‘dizer’ frequentemente vem glosado como estando no estativo, cujo prefixo é {na-}.

3.2.10. Zuni

A vigésima língua analisada é a língua Zuni, isolada, falada no estado americano do Novo México. A análise utilizada aqui é a de Nichols (1997).

É uma língua de ordem SV/AOV (NICHOLS, 1997, p. 6).

3.2.10.1. Substantivos em Zuni

Os substantivos em Zuni apresentam morfologia de número (singular e plural), a qual varia de acordo com vários fatores. Em uma classe de substantivos, a terminação singular {-nne} que ocorre em palavras polissilábicas no singular só apresenta essa forma quando ela é usada em isolamento, em predicados nominais, ou quando é o primeiro elemento de uma ordenação (ilustrado com a palavra ‘colher’ nos exemplos a seguir):

- (293) ʃok’o-nne
 (DEM) colher-SG
 “(Essa é) Uma colher” (NICHOLS, 1997, p. 13)

- (294) ʃok’o-nne tap ‘aʃiʏa-n ‘awa-kya
 colher.SG e faca-SG achar.PSD
 “(Ele) achou a colher e a faca” (NICHOLS, 1997, p. 13)

No entanto, o morfema é reduzido quando é anexado ao (último) argumento de um verbo (-n). Um exemplo é a palavra ‘faca’ no exemplo acima, ou a palavra ‘colher’ no exemplo abaixo:

- (295) ʃok’o-n ‘awa-kya
 colher-SG achar-PSD
 “(Ele) achou a colher” (NICHOLS, 1997, p. 14)

Em outra classe de substantivos, o número é indicado através de um sufixo e em outros ainda, não há diferença na marcação de número.

Outra possibilidade é que os substantivos sejam incorporados ao verbo, como se observa no caso a seguir, comparando-se a forma independente com a incorporada:

(296) ho' picu:ti 'a:w-itok'ye-kkya
 1.SG porco OBJ.PL-alimentar-PSD
 “Alimentei os porcos” (NICHOLS, 1997, p. 14)

(297) ho' pi-itok'e-kkya
 1.SG porco-alimentar-PSD
 “Alimentei os porcos” (NICHOLS, 1997, p. 14)

3.2.10.2. *Verbos em Zuni*

Os verbos em Zuni apresentam morfologia de número, podendo concordar tanto com o sujeito como com o objeto do verbo, polaridade e tempo.

(298) Ho' c'ana 'awa-kya
 1.SG criança achar-PSD
 “Achei a criança” (NICHOLS, 1997, p. 7)

(299) Ho' 'a:-c'ana 'a:w-awa-kya
 1.SG PL-criança PL.OBJ-achar-PSD
 “Achei as crianças” (NICHOLS, 1997, p. 8)

(300) 'a-c'ana 'a:-k'ewowok'e-kkya
 PL-criança PL.SUJ-papear-PSD.ALOMORFE
 “As crianças papearam” (NICHOLS, 1997, p. 8)

3.2.10.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Zuni*

Nichols (1997) não fala muito sobre adjetivos, mas indica que é possível que eles apareçam na função atributiva:

(301) Pilpo k'yakwen k'ohana 'af-kya
 Felisberto casa branca fazer-PSD
 “Felisberto fez uma casa branca” (NICHOLS, 1997, p. 24)

Para que dois adjetivos modifiquem um mesmo substantivo em Zuni, é necessário que o segundo adjetivo esteja numa oração subordinada, uma vez que eles funcionam como predicados estativos (NICHOLS, 1997, p. 24):

- (302) Pilpo k'yakwen 'af-kya hiʃ le' łana-n k'ohana
 Felisberto casa fazer-PSD EMPH ANAF grande-SUB branco
 “Felisberto fez uma branca. Ela é grande e branca” (NICHOLS, 1997, p. 24)

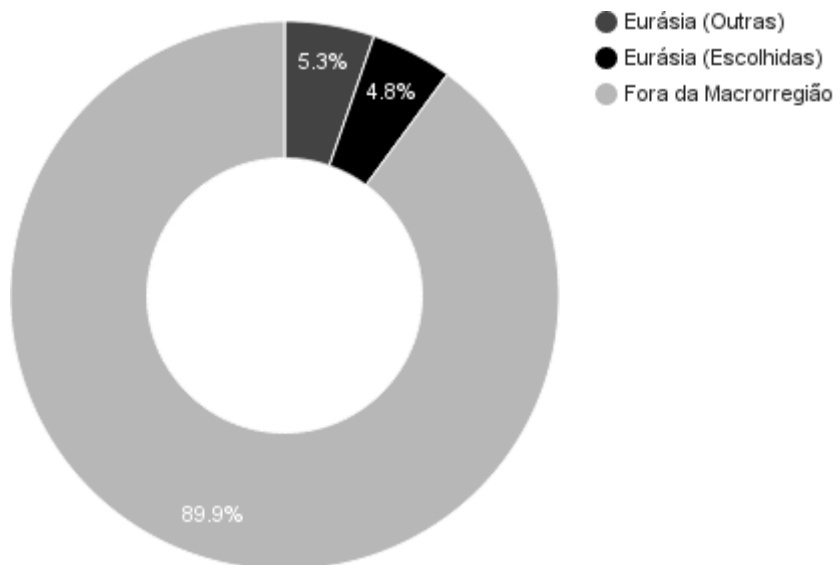
Além disso, os adjetivos recebem morfologia de tempo e plural similar à dos verbos, como mostrado anteriormente nos exemplos (295) e (296):

- (303) K'yakwe: 'a-ʃilowa
 casa-PL PL-vermelho
 “As casas são vermelhas” (NICHOLS, 1997, p. 9)

- (304) ʃilowa-'kya
 vermelho-PSD
 “Era vermelho” (NICHOLS, 1997, p. 24)

3.3. Eurásia

A Eurásia compreende, segundo a divisão utilizada, 368 línguas, divididas por 21 famílias. Apesar de a família altaica ser proposta por Haspelmath, Dryer, et al. (2005, p. 599-600) como abrangendo tanto as línguas túrquicas, tungúsicas e mongólicas, nenhuma das fontes sobre essas línguas aqui utilizadas reconhece a existência da família altaica, sendo ela omitida também em outros guias linguísticos como Lewis, Simons e Fennig (2015). Logo, a existência dessa família não foi levada em consideração, e as supostas subfamílias já foram contabilizadas como sendo famílias da macrorregião.



Da Eurásia foram analisadas as seguintes línguas: Abecásio (Noroeste do Cáucaso/ Geórgia ou Abecásia²⁴), Evenki (Tungúsico/Rússia), Georgiano (Kartveliano/Geórgia), Holandês (Indo-Europeu/Holanda e Bélgica), Húngaro (Urálico/Hungria), Mongol (Mongólico/Mongólia), Japonês (Japônico), Malayalam (Dravidiano/Índia), Nivkh (Nivkh/Rússia) e Turco (Túrquico/Turquia).

3.3.1. Abecásio

A vigésima primeira língua analisada foi o abecásio, uma língua do Noroeste do Cáucaso, falada na Abecásia ou na Geórgia, dependendo da fonte. A “República da Abecásia” é um estado reconhecido apenas por alguns países, como a Rússia, sendo visto por outros países como sendo território da Geórgia (2011, p. 19), sendo localizado no noroeste do país. A descrição da língua Abecásio aqui utilizada foi a de Chirikba (2003), a qual considera a República da Abecásia como um país independente (CHIRIKBA, 2003, p. 6).

3.3.1.1. Substantivos em Abecásio

Os substantivos abecásios recebem morfologia de número, possuidor e definição (CHIRIKBA, 2003, p. 22), entre outras possibilidades. É possível que, entretanto, os substantivos apareçam sem morfologia alguma para indicar significado geral:

- (305) wajó d-sə-m-bá-Ø-jt'
 homem 3.SG.OBJ-1.SG.SUJ-NEG-ver-AOR-FIN
 “Vejo ninguém” (CHIRIKBA, 2003, p. 24)

²⁴ O status sobre o local onde a língua é falada passa por um conflito, sendo explicado com mais detalhes na apresentação da língua.

Apesar de a língua apresentar distinção de gênero (masculino, feminino e neutro), ela só é manifestada através de uns poucos morfemas, como os de posse:

- (306) bát'a a-láw raj'ót jə-phá d-aa-j-gá-Ø-jt'
 Bata ART-Law Rashit 3.SG.MASC-filha 3.SG.ABS-cá-3.SG.ERG-trazer-AOR-FIN
 “O Bata Alaw se casou com a filha do Rashit” (CHIRIKBA, 2003, p. 75)

Na função predicativa, os substantivos podem receber morfologia verbal (que será descrita a seguir) para serem núcleo de um predicado intransitivo:

- (307) raj'ót nxác't'ə-n
 Rashit Cáucaso.do.Norte-PSD
 “Rashit era do Norte do Cáucaso” (CHIRIKBA, 2003, p. 75)

3.3.1.2. *Verbos em Abecásio*

Os verbos em abecásio recebem uma vasta gama de morfemas relacionados a pessoa (tanto argumento agente quanto o argumento paciente, sendo que o último recebe a mesma marcação do argumento único de orações intransitivas²⁵), voz, polaridade, número, tempo e aspecto, entre outros (CHIRIKBA, 2003, p. 38-39).

- (308) s-ca-wa-jt
 1.SG.ABS-ir-PRES-FIN
 “Estou indo” (CHIRIKBA, 2003, p. 39)
- (309) wə-z-bá-wa-jt'
 2.SG.ABS-1.SG.ERG-ver-PRES-FIN
 “Te vejo” (CHIRIKBA, 2003, p. 39)

²⁵ Apesar de o autor original não usar a mesma linguagem na tradução, os casos absoluto e ergativo foram incluídos na glosa. O reconhecimento do alinhamento ergativo se fez por parte do próprio autor, todavia (CHIRIKBA, 2003, p. 40).

3.3.1.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Abecásia*

Adjetivos em Abecásio se comportam de maneira idêntica aos substantivos, com exceção de sua função sintática, sendo difícil fazer a distinção (CHIRIKBA, 2003, p. 29). Os adjetivos podem aparecer tanto na função atributiva quanto na função predicativa, quando recebem a morfologia verbal:

(310) a-ǰən bzǰja
 ART-casa bom
 “Boa casa” (CHIRIKBA, 2003, p. 29)

(311) a-ǰnǎ Ø-bzǰja-wǎ-pʻ
 ART-casa 3.SG.ABS-bom-PRES-FIN

É também possível que os substantivos da língua funcionem como adjetivos.

(312) A-mǰǎn ʒǎ
 ART-mar água
 “Água marinha” (CHIRIKBA, 2003, p. 23)

(313) [Nárt-aa r-aǰʼá] [xácʼa ʸǰá-kʼ]dǎ-qʼa-n, dǎd ĥa
 Nart-PL 3.PL-irmão homemforte 3.SG.ABS-ser-PSD Dyd QUOT
 “Existia um homem forte, irmão dos Narts, chamado Dyd” (CHIRIKBA, 2003, p. 58)

3.3.2. *Evenki*

A vigésima segunda língua analisada foi o Evenki, uma língua tungúsica falada nos seguintes lugares da Rússia: Região Autônoma Evenki do Distrito de Krasnoyarsk, na Região Autônoma Taimyr, em partes de Buriatia e de Yakutia. As descrições utilizadas foram Bulatova e Grenoble (1999) e Nedjalkov (1997).

Evenki é uma língua de ordem SV/AOV estrita (NEDJALKOV, 1997, p. 146),

3.3.2.1. *Substantivos em Evenki*

Os substantivos em Evenki recebem morfologia de número, caso e posse (NEDJALKOV, 1997, p. 141). No caso das marcas de caso, a língua apresenta morfema zero para o nominativo, e dois tipos de morfema diferentes para o acusativo variando de acordo com definição: um morfema para acusativo indefinido e outro para acusativo definido.

- (314) D'av-já-v o:-kal
barco-ACUS.INDF-1.SG.POSS fazer-2.SG.IMP
“Faz um barco pra mim!” (NEDJALKOV, 1997, p. 147)
- (315) Purta-va-s min-du bu:-kel
faca-ACUS.DEF-2.SG.POSS 1.SG-DAT dar-2.SG.IMP
“Me dá a sua faca” (NEDJALKOV, 1997, p. 164)

Para expressar posse, o substantivo interpretado como ‘possuído’ apresenta marca de posse, concordando em pessoa com o ‘possuidor’. Esse substantivo costumava co-ocorrer com a marca de genitivo no possuidor, mas ela tem caído em desuso (NEDJALKOV, 1997, p. 93):

- (316) Atyrkan(-ngi) gerbi-n
senhora(-POSS) nome-3.SG.POSS
“O nome da senhora” (NEDJALKOV, 1997, p. 93)

Os substantivos podem aparecer na função predicativa sem cópula, mas apenas na 3ª pessoa do singular e no tempo presente:

- (317) Minngi ami-m bejumimni (bi-si-n)
1.SG.POSS pai-1.SG.POSS caçador ser-PRES-3.SG
“Meu pai é um caçador” (NEDJALKOV, 1997, p. 59)
- (318) Bi alagumni bi-che-v
1.SG professor ser-PSD-1.SG
“Eu fui professor” (NEDJALKOV, 1997, p. 59)

3.3.2.2. *Verbos em Evenki*

Os verbos em Evenki recebem morfologia de tempo, modo, aspecto, voz, pessoa e número (BULATOVA e GRENOBLE, 1999, p. 27).

- (319) Tuge-re-n
Começar.Inverno-Ñ.FUT-3.SG
“O inverno chegou” (NEDJALKOV, 1997, p. 64)
- (320) Sulaki-l-va agi-du va:-vki-l
Raposa-PL-ACU.DEF floresta-DAT matar-HAB.PART-PL
“Matam raposas na floresta” (NEDJALKOV, 1997, p. 64)
- (321) Ulle-ty-d’ere-n
carne-comer-PRES-3.SG
“Ele está comendo carne” (NEDJALKOV, 1997, p. 66)

3.3.2.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Evenki*

Os adjetivos em Evenki apresentam uma situação bastante peculiar no decorrer dos estudos da língua. Apesar de ambas as gramáticas descreverem vários tipos de adjetivo em Evenki (o número variando entre 2 (BULATOVA e GRENOBLE, 1999, p. 18) e 3 (NEDJALKOV, 1997, p. 276)), a categoria era ignorada por se parecer com substantivos pelo fato de que esses elementos podiam aparecer tanto na função atributiva (primeiro exemplo abaixo), quanto como núcleo de um sintagma nominal, como se depreende da presença das marcas de acusativo, possessivo e de 3ª pessoa (segundo exemplo abaixo):

- (322) Aja bəjə
good man
“Good man” (BULATOVA e GRENOBLE, 1999, p. 18)
- (323) bi: [bəjə aja-βa:-n] sa:-m
1.SG homem bom-ACU-POSS.3SG conhecer-1.SG
“Conheço a bondade daquele homem” (lit. “Conheço o bom daquele homem”) (BULATOVA e GRENOBLE, 1999, p. 18)

As semelhanças se estendem a outras construções, como em negações existenciais:

(324) bəjə a:ʃin
 homem NEG
 “(Tem) homem nenhum” (BULATOVA e GRENOBLE, 1999, p. 16)

(325) aja a:ʃin
 bom NEG
 “(Tem) nada de bom” (BULATOVA e GRENOBLE, 1999, p. 16)

A possibilidade de aparecer na função atributiva não é restrita a esses adjetivos, sendo possível encontrar verbos com essa função também. Para exercer essa função, os verbos recebem alguns dos morfemas da língua considerados como participípios:

(326) [Haval-d’ari-va beje-ve] iche-∅-m
 trabalhar-PART-ACU.DEF homem-ACU.DEF ver-Ñ.FUT-1.SG
 “Estou vendo o homem trabalhador” (NEDJALKOV, 1997, p. 268)

(327) [Baka-na-l-tyn oro-r] eme-re-∅
 Achar-PART-PL-3.PL.POSS veado.PL vir-Ñ.FUT-3.PL
 “Os veados encontrados por eles vieram” (NEDJALKOV, 1997, p. 268)

Os adjetivos concordam em número, em caso (na função atributiva) e na codificação da definitude:

(328) Mit aja-l-du omakta-l-du d’u-l-du bi-d’ere-t
 1.PL bom-PL-DAT novo-PL-DAT case-PL-DAT ser-PRES-1.PL.INCL
 “Vivemos em boas casas novas” (NEDJALKOV, 1997, p. 277)

(329) Bi omakta-va d’u-va iche-∅-m
 1.SG novo-ACU.DEF casa-ACU.DEF ver-Ñ.FUT-1.SG
 “Vi a casa nova” (NEDJALKOV, 1997, p. 277)

Na função predicativa, é necessário que o adjetivo apareça com uma cópula - exceto na 3ª pessoa do singular em orações que estejam no presente:

- (330) Tar oron burgu-meme (bi-si-n)
 DEM veado gordo-EMPH (ser-PRES-3.SG)
 “Aquele veado é gordo” (NEDJALKOV, 1997, p. 60)

3.3.3. Georgiano

A vigésima terceira língua analisada foi o georgiano, uma língua kartveliana (ou caucasiana do sul) falada na Geórgia. As descrições utilizadas foram Cherchi (1999) e Hewitt (1995), com exemplos de Harris (1981) e Hewitt (2005)

Georgiano é uma língua de ordem livre para a qual existem interpretações de que seja SV/AOV (CHERCHI, 1999, p. 34).

3.3.3.1. Substantivos em Georgiano

Substantivos em georgiano apresentam um sistema de caso com 7 (sete) casos diferentes, os quais variam ligeiramente dependendo do radical da palavra – palavras terminadas em consoante levam um conjunto de marcas, enquanto palavras terminadas em vogal recebem outro (HEWITT, 1995, p. 33).

O sistema de caso da língua georgiana é bastante complexo, no sentido de que apresenta duas cisões de alinhamento, condicionado pelo sistema de tempo e aspecto da língua:

- (331) Glex-i tesavs simind-s
 camponês-NOM 3.SG-colher-3.SG-PROG milho-DAT
 “O camponês está colhendo milho” (HARRIS, 1981, p. 1)

- (332) Glex-ma datesa simind-i
 camponês-ERG 3.SG-colher-3.SG-PSD milho-NOM
 “O camponês colheu milho” (HARRIS, 1981, p. 1)

- (333) Glex-s dautesavs simind-i
 camponês-DAT 3.SG-colher-3.SG-PERF milho-NOM
 “O camponês colheu milho” (HARRIS, 1981, p. 1)

Na função predicativa, é possível que apareça a cópula “aris” ou que o substantivo receba um sufixo verbal:

(334) Es aris t̃femi tsigni
DEM ser.3.SG 1.SG.POSS livro

(335) Es t̃femi tsigni-a
DEM 1.SG.POSS livro-3.SG.IND
“Esse é meu livro” (HARRIS, 1981, p. 12)

3.3.3.2. *Verbos em Georgiano*

Os verbos em georgiano recebem uma morfologia bastante variada, referente a preverbos, concordância pronominal (prefixos e sufixos), sufixos temáticos, e marcas aspecto, com a noção de tempo sendo incorporada por alguns verbos em parte da conjugação (CHERCHI, 1999, p. 117), com várias irregularidades (CHERCHI, 1999, p. 13).

Relevante para o presente trabalho é o fato de que os verbos intransitivos em georgiano apresentam um prefixo pronominal e, verbos transitivos, tanto um prefixo como um sufixo pronominal:

(336) V-k'vd-eb-i
1-morrer-SUFIXO.TEMÁTICO-PRES.IND
“Estou morrendo” (HEWITT, 1995, p. 119)

(337) G-xed-av-en
2.SG-ver-SUFIXO.TEMÁTICO-3.PL-PRES
“Eles te vêem” (HEWITT, 1995, p. 119)

3.3.3.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Georgiano*

Os adjetivos em georgiano não recebem nenhuma marca específica que os diferenciem das outras classes, compartilhando com substantivos a possibilidade de apresentar um sistema de marcação de casos da língua (HEWITT, 1995, p. 45). Adjetivos terminados em vogal são invariáveis, enquanto adjetivos terminados em consoante recebem morfemas que podem ou não ser iguais aos dos substantivos (discordâncias em itálico):

(338) Magal-**ma** brma-∅ kal-**ma**
alto-ERG cega-ERG mulher-ERG

“Mulher alta e cega [como sujeito de certas orações]” (HEWITT, 1995, p. 45)

- (339) Magal-*i* brma-∅ kal-*i*
alto-NOM cega-NOM mulher-NOM

“Mulher alta e cega [como sujeito de certas orações]” (HEWITT, 1995, p. 45)

- (340) Magal-*i* brma-∅ kal-*i(sa)*
alto-GEN cega-GEN mulher-GEN

“Da mulher alta e cega” (HEWITT, 1995, p. 45)

- (341) Magal-*i* brma-∅ kal-*s(a)*
alto-DAT cega-DAT mulher-DAT

“Para a mulher alta e cega” (HEWITT, 1995, p. 45)

Como é possível ver nos exemplos acima, os adjetivos precedem o termo modificado:

- (342) Ra cud-*i* amind-*i-a*
Que ruim-NOM tempo-NOM-3.SG.PRES.IND
“Que tempo ruim!” (HEWITT, 2005, p. 13)

Na função predicativa, os adjetivos podem receber o clítico –a, como os substantivos, junto da morfologia do caso nominativo, como a seguir:

- (343) Kal-*i* mangal-*i-a*
mulher-NOM alta-NOM-3.SG.PRES.IND
“A mulher é alta” (HEWITT, 1995, p. 50)

- (344) Kal-*i* brma-*a*
mulher-NOM cega-3.SG.PRES.IND
“A mulher é cega” (HEWITT, 1995, p. ???)

3.3.4. Holandês

A vigésima quarta língua analisada é o holandês, uma língua indo-europeia falada na Holanda e na Bélgica. As descrições utilizadas são de Donaldson (2008) e Shetter e Ham (2007), com alguns exemplos de conhecimento do próprio autor.

3.3.4.1. Substantivos em Holandês

Os substantivos em holandês recebem diferentes tipos de morfologia, mas com algumas considerações. A primeira consideração é que, tirando em expressões padrões, a morfologia de casos que existia na língua não existe mais (SHETTER e HAM, 2007, p. 23). Em geral, os substantivos em holandês apresentam morfologia de número, podendo marcar o plural com {-s} ou com {-en} (DONALDSON, 2008, p. 43).

(345) Er is een slaap-kamer
 Lá ser-3.SG.PRES um dormir-quarto
 “Tem um quarto”

(346) Er zijn drie slaap-kamer-s
 Lá ser-3.PL-PRES três dormir-quarto-PL
 “Tem três quartos”

Apesar de as palavras poderem ser divididas de acordo com gênero (neutro e comum, sendo esse último resultado da união entre o masculino e feminino), são outras palavras (como os artigos), que, geralmente, ao concordar com o substantivo, mostram seu gênero (DONALDSON, 2008, p. 34).

(347) De baby bleef huilen
 ART.M:F bebê ficar.3.SG.PSD chorar
 “O bebê ficou chorando” (SHETTER e HAM, 2007, p. 195)

(348) Het orkest stop-te maar hij bleef zingen
 ART.N orchestra parar-PSD.SG mas 3.SG.M continuar.3.SG.PSD cantar
 “A orquestra parou mas ele ficou cantando” (SHETTER e HAM, 2007, p. 195)

Existe, entretanto, uma classe de substantivos relacionados a trabalho, nacionalidade e nome de animais, existem morfemas que distinguem a forma masculina da feminina (DONALDSON, 2008, p. 54). No caso, o artigo permanece igual.

(349) De held
ART.M:F herói
“O herói”

(350) De held-en
ART.M:F herói-FEM
“A heroína”

Os substantivos em holandês podem aparecer como complemento de cópula na função predicativa

(351) Dit is [het boek]
DEM ser.3.SG.PRES [ART.N livro]
“Esse é o livro”

3.3.4.2. *Verbos em Holandês*

Os verbos em holandês exibem diferentes possibilidades de conjugação, marcando noções distintas como pessoa, número e tempo (DONALDSON, 2008, p. 169). O verbo costuma vir na segunda posição em holandês – seja na oração principal, ou em uma oração subordinada (SHETTER e HAM, 2007, p. 161).

(352) S V
Hij komt volgende week
3.SG.M vir.3.SG.PRES próxima semana
“Ele vem semana que vem” (DONALDSON, 2008, p. 181)

(353) A V [O]
Hij koopt binnenkort een nieuw-e auto
3.SG.M comprar.3.SG.PRES em.breve um novo-ATR carro

“Ele vai comprar um carro em breve” (DONALDSON, 2008, p. 181)

- (354) O V A
 Dat doe ik morgen
 DEM fazer.1.SG.PRES 1.SG amanhã
 “Isso faço amanhã” (DONALDSON, 2008, p. 181)

No caso de haver um verbo auxiliar (V₁) e um verbo principal (V₂), o verbo auxiliar vem no segundo lugar e o verbo principal no final da oração:

- (355) S V₁ V₂
 Ik ben naar huis ge-wandel-d
 1.SG ser.1.SG para casa PART-andar-PART
 “Eu andei para casa” (SHETTER e HAM, 2007, p. 92)

Uma exceção é no caso de perguntas que podem ser respondidas com “sim” ou “não”, em que há uma inversão, e o verbo vem em primeiro lugar, seguido pelo sujeito:

- (356) Spelen jullie morgen?
 jogar.PL 2.PL amanhã
 “Vocês jogam amanhã?” (SHETTER e HAM, 2007, p. 164)

3.3.4.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Holandesa*

Em geral, os adjetivos em holandês, na função atributiva, recebem o sufixo {-e}, independente do gênero da palavra que modifica:

- (357) De groen-e auto staat in de still-e straat
 ART.M:F verde-ATR carro estar.3.SG.PRES em ART.M:F quieto-ATR rua
 “O carro verde está na rua quieta” (SHETTER e HAM, 2007, p. 46)

- (358) Het groen-e gras groeit op het grot-e plein
 ART.N verde-ATR grama crescer.3SG.PRES cima ART.N grande-ATR praça
 “A grama verde cresce na praça grande” (SHETTER e HAM, 2007, p. 46)

Em uma ocasião, entretanto, os adjetivos não recebem a marca de atribuição: quando a palavra modificada é neutra, singular, e indefinida, sem nenhum modificador.

- (359) Groen gras groeit op een groot plein
 Verde grama crescer.3.SG.PRES em um grande praça
 “Grama verde cresce numa praça grande” (SHETTER e HAM, 2007, p. 47)

Os adjetivos não recebem marca alguma na função predicativa:

- (360) De auto is groen
 ART.M:F carro ser.3.SG.PRES verde
 “O carro é verde” (DONALDSON, 2008, p. 46)

3.3.5. Húngaro

A vigésima quinta língua analisada é o húngaro, uma língua urálica falada na Hungria. As descrições utilizadas são as de Kenesei, Vago e Fenyvesi (1998) e Rounds (2001).

3.3.5.1. Substantivos em Húngaro

Os substantivos em húngaro recebem morfologia de caso, número e posse, entre outras marcações (ROUNDS, 2001, p. 84). O caso nominativo não apresenta marca alguma, enquanto os substantivos no acusativo recebem um sufixo próprio (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 195-196):

- (361) Mária szeret-i András-t
 Maria gosta-DEF.3SG André-ACUS
 “A Maria gosta do André” (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 197)

Na função predicativa, os substantivos podem ser complementos da cópula, inclusive permitindo construções com cópula zero na terceira pessoa e no tempo presente.

- (362) A lány(-ok) diák-ok
 ART guria(-PL) estudante(-PL)
 “A(s) guria(s) é/são estudante(s)” (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 62)

Caso contrário, a cópula é obrigatória:

- (363) Anna a diák volt
 Anna ART estudante ser.PSD
 “A Anna era a estudante” (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 61)

3.3.5.2. *Verbos em Húngaro*

Os verbos em húngaro apresentam morfologia de tempo, modo e aspecto (ROUNDS, 2001, p. 15), definição (ROUNDS, 2001, p. 23) e pessoa (ROUNDS, 2001, p. 28). Os verbos apresentam um conjunto de sufixos pronominais diferentes dependendo de o objeto da oração ser algo definido ou não, como nos casos abaixo:

- (364) András viz-et kér
 André água-ACU querer. INDF.3.SG.PRES
 “André quer água” (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 322)

- (365) Tamás mind-et kér-i
 Tomás tudo-ACU quer-DEF.3.SG.PRES
 “Tomás quer tudo” (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 324)

3.3.5.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Húngara*

Adjetivos em húngaro têm um comportamento diferente dependendo de sua função.

Na função atributiva, eles não concordam em caso ou número com o substantivo que modificam – mas, na função predicativa, sim (ROUNDS, 2001, p. 164). Assim como acontece com os substantivos, adjetivos na 3ª pessoa e no tempo presente podem exercer a função predicativa com cópula zero:

- (366) A fiú magas
 ART guri alto
 “O guri é alto” (ROUNDS, 2001, p. 164)

- (367) A (magyar) fiú-k magas-ak
 ART (húngaro) guri-PL alto-PL
 “Os guris são altos” (ROUNDS, 2001, p. 164; KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 331)

Qualquer modificação (como no caso de colocar as orações no tempo passado) torna a frase sem a cópula agramatical:

- (368) A lány(-ok) magas(-ak) volt(-ak)
 ART guria(-PL) alto(-PL) ser.PSD(-PL)
 “A(s) guria(s) era(m) alta(s)” (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 58)

O adjetivo “magyar” (húngaro) mencionado anteriormente na oração (371) receberia morfologia, assim como o adjetivo “magyar” se estivesse na função predicativa ou sendo núcleo do NP, como no exemplo abaixo:

- (369) A szorgalmas magyar-ok-at mindenki megbecsüli
 ART diligente húngaro.PL-ACUS todos apreciam
 “Todos apreciam os húngaros diligentes” (KENESEI, VAGO e FENYVESI, 1998, p. 38)

Tirando algumas exceções no acusativo, o sistema de caso dos adjetivos é idêntico ao dos substantivos (ROUNDS, 2001, p. 171).

3.3.6. Mongol

A vigésima sexta língua analisada é o mongol, uma língua da família mongólica, falada na Mongólia. A descrição utilizada é o Janhunen (2012).

3.3.6.1. Substantivos em Mongol

Os substantivos em mongol recebem morfologia de número, caso e posse (JANHUNEN, 2012, p. 95). No caso abaixo, é possível ver todos os três tipos de marca na palavra “janela”:

- (370) **Tzongx-nood-ii-n'** xagh xagh tzoxy-sem bai-sem
janela-PL-ACU-3.SG quebrado quebrado acertar-PERF ser-PERF

“Todas as janelas dela foram quebradas” (JANHUNEN, 2012, p. 214)

Na função predicativa, é possível que um substantivo apareça numa construção de cópula zero:

- (371) Em' min-ii nom (meun)
 DEM 1.SG-POSS livro COP
 “Esse é meu livro” (JANHUNEN, 2012, p. 229)

3.3.6.2. *Verbos em Mongol*

Os verbos em mongol recebem morfologia de tempo, aspecto, modo e nominalização (JANHUNEN, 2012, p. 143).

- (372) Neg uneg gui-j ir-jai
 Um raposa corer-IMPF vir-RES
 “Uma raposa veio correndo” (JANHUNEN, 2012, p. 225)

Apesar de não receberem morfologia de pessoa ou de número, quando o falante quer reforçar a noção de pluralidade, existe um morfema com esse significado, apesar de não ser obrigatório:

- (373) Ted yab-sem
 3.PL sair-PERF
 “Eles saíram” (JANHUNEN, 2012, p. 225)
- (374) Ted yab-tzgaa-sem
 3.PL sair-PL-PERF
 “Eles (todos) saíram” (JANHUNEN, 2012, p. 225)

3.3.6.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Mongol*

Adjetivos em mongol são considerados morfologicamente uma categoria nominal, podendo sintaticamente exercer a mesma função de nomes (como ser sujeito), além de outras funções como a atributiva, predicativa e adverbial (JANHUNEN, 2012, p. 117).

- (375) Xeugjem sons-x-e.n’ oi toghtaol-d sain-aar neuleol-deg
 música ouvir-FUT-3P mente memória bom-INSTR afetar-HAB
 “Ouvir música tem um efeito bom na capacidade intelectual” (JANHUNEN, 2012, p. 208)

Assim como os nominais, é possível que os adjetivos apareçam na função predicativa sem uso da cópula:

- (376) Ter yix sain nom
 DEM grande bom livro
 “Aquele é um livro muito bom” (JANHUNEN, 2012, p. 231)

- (377) Ter nom yix sain
 DEM livro grande bom
 “Aquele livro é muito bom” (JANHUNEN, 2012, p. 231)

3.3.7. Japonês

A vigésima sétima língua analisada é o Japonês, uma língua da família japônica, falada no Japão. A maior parte dos dados vem do conhecimento próprio do autor, com algumas referências a Shibatani (1990), Backhouse (2004) e Hinds (1986).

3.3.7.1. Substantivos em Japonês

Como já foi mencionado no primeiro capítulo, substantivos em japonês não possuem marcas de tempo, modo e aspecto; tampouco apresentam morfologia de pessoa ou gênero e, salvo em alguns poucos casos, também são invariáveis quanto a número.

Como também já foi mencionado, os substantivos recebem marcação de caso, como pode ser visto abaixo:

- (378) Koukousei wa benkyou wo suru.
 AlunoEns.Med. TOP estudo ACUS fazer
 “O(s) aluno(s) [do ensino médio] está/estão estudando”
 “A(s) aluna(s) [do ensino médio] está/estão estudando”

3.3.7.2. *Verbos em Japonês*

Verbos apresentam sufixos de tempo, modo e aspecto de maneira uniforme – apesar de, sintaticamente, existir alguma variação sobre a natureza dos auxiliares que cada verbo possa receber. Assim como os substantivos, marcas de pessoa e gênero são inexistentes, não apresentando também morfologia de número:

- (379) Su-reba waka-ru
 Fazer-COND Entender-Ñ.PSD
 “Se fizer, você entende” (você aprende fazendo)
- (380) Shukudai o shi-ta ato de, tabe-ru
 Dever.de.casa ACUS fazer-PSD depois COP.CONT comer-
 Ñ.PSD
 “Depois de fazer o dever de casa, vou comer”

3.3.7.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Japonês*

A língua japonesa apresenta, pelo menos, dois tipos diferentes de adjetivo, dependendo da descrição. Os termos gramaticais usados tradicionalmente em descrições do japonês são 形容詞 e 形容動詞, geralmente traduzidos respectivamente como “adjetivos” e “adjetivos nominais” (HINDS, 1986, p. 174, 176; SHIBATANI, 1990, p. 215).

Como mencionado anteriormente, os adjetivos têm características próximas às dos verbos da língua: apresentam sufixos de tempo, modo e aspecto, ainda que de maneira mais limitada do que os verbos. Assim como as categorias acima, marcas de pessoa e gênero são inexistentes, não havendo qualquer morfologia de número.

- (381) Udon wa oishi-i
 Udon TOP gostoso-Ñ.PSD
 “Udon é/está gostoso”
- (382) Udon wa oishi-katta
 Udon TOP gostoso-PSD
 “O udon estava gostoso”

Os adjetivos nominais, por sua vez, têm propriedades similares às dos substantivos, como a necessidade de aparecer com cópula na função predicativa:

- (383) Ano hito wa kirei da
 Aquela pessoa TOP bonito COP
 “Aquela pessoa é bonita”
- (384) Ano hito wa kirei da-tta
 Aquela pessoa TOP bonito COP-PSD
 “Aquela pessoa era bonita”
- (385) Ano hito wa gengogakusha da
 Aquela pessoa TOP linguista COP
 “Aquela pessoa é linguista”
- (386) Ano hito wa gengogakusha da-tta
 Aquela pessoa TOP linguista COP-PSD
 “Aquela pessoa era linguista”

3.3.8. Malayalam

A vigésima oitava língua analisada é o Malayalam, uma língua dravidiana falada no estado indiano de Kerala, no sudoeste do país. A descrição usada é de Asher e Kumari (1997). Devido à falta de separação dos morfemas nos exemplos originais, nem sempre é possível dividir os morfemas nos exemplos abaixo, estando disponível nos exemplos abaixo a separação apenas na glosa, assim como na obra original.

3.3.8.1. Substantivos em Malayalam

Os substantivos em malayalam recebem morfologia de caso, como nas orações abaixo (ASHER e KUMARI, 1997, p. 191):

- (387) kut̪ti amma-ye vi̯iccu
 criança mãe-ACU chamar-PSD
 “A criança chamou a mãe” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 193)

- (388) kut̥i-ye amma vi|iccu
 criança-ACU mãe chamar-PSD
 “A criança chamou a mãe” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 193)

3.3.8.2. *Verbos em Malayalam*

Os verbos em malayalam apresentam morfologia de voz (ASHER e KUMARI, 1997, p. 268), tempo (ASHER e KUMARI, 1997, p. 286), aspecto (ASHER e KUMARI, 1997, p. 291) e modo (ASHER e KUMARI, 1997, p. 304).

- (389) enikkə imgliis ariyalla
 1.SG-DAT inglês saber-PRES-NEG
 “Não sei inglês” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 106)

- (390) jaan addeehattinə oru kattə ayaccu
 1.SG 3.SG.DAT ART carta enviar-PSD
 “Mandei-lhe uma carta” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 106)

3.3.8.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Malayalam*

A questão da existência de adjetivos em malayalam é bastante controversa devido à semelhança com os nominais (ASHER e KUMARI, 1997, p. 349-350).

- (391) entə nalla manuṣyan
 Que bom homem
 “Que bom homem!” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 37)

- (392) raavil-a-tte naṭattam nalla vyaayaamam aaṇə
 manhã-LOC-ADJL andar-NMLZ bom exercício ser-PRES
 “Caminhada matinal é um bom exercício” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 41)

Além da função atributiva, é possível que apareçam como complemento de cópula na função descritiva:

- (393) divaseena raavile niintunnatø aaroogyattinnø nalla-taa-ŋə
 diário manhã nadar-PRES-NMLZ saúde-DAT bom-ser-PRES
 “Nadar diariamente de manhã é bom para a saúde” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 42)

Assim como os nominais, os adjetivos também podem receber marca de número e gênero:

- (394) peŋ-kut̚ti sundar-i aaŋə
 F-criança bonito-F ser-PRES
 “A guria é bonita” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 99)

- (395) kut̚ti sundar-i aaŋə
 criança bonito-M ser-PRES
 “O guri é bonito” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 99)

- (396) Ii kut̚ti-kaɭ navalla-var aaŋə
 DEM criança-PL bom-PL.HUM ser-PRES
 “Essas crianças são boas” (ASHER e KUMARI, 1997, p. 98)

3.3.9. Nivkh

A vigésima nona língua analisada é o nivkh, uma língua isolada falada nas Ilhas Sahalinas, no sudeste da Rússia. A descrição utilizada é a de Gruzdeva (1998) e Mattissen (2003).

3.3.9.1. Substantivos em Nivkh

Substantivos em nivkh podem receber sufixos de número e caso e prefixos de posse (GRUZDEVA, 1998, p. 16).

Uma particularidade da marcação de caso em nivkh é que o caso acusativo é usado apenas em substantivos animados em orações passivas, codificando quem sofreu a ação, e não como marcador da função de objeto direto:

- (397) N'iyvn liyř k'u-nt
 homem lobo matar-FIN

“O homem matou o lobo” (GRUZDEVA, 1998, p. 18)

- (398) N'-nanx n'-aχ pxi-roχ vi-gu-d
 1.SG-irmã.velha 1-ACUS floresta-DAT ir-CAUS-FIN

“Minha irmã me fez ir à floresta” (GRUZDEVA, 1998, p. 19)

3.3.9.2. *Verbos em Nivkh*

Os verbos em nivkh podem receber uma gama bastante vasta de morfemas, flexionando-se de acordo com voz, modo, modalidade, foco e grau, entre outros. Com verbos transitivos, exibem um prefixo pronominal que marca a pessoa que sofreu a ação (MATTISSEN, 2003, p. 16). É importante notar que alguns dos morfemas são glosados de formas diferentes nas duas gramáticas analisadas, o que leva a alguma inconsistência, mas nenhuma que seja relevante diretamente ao objetivo do presente trabalho.

Uma característica de substantivos e verbos em nivkh é que eles podem aparecer sem morfologia alguma, como no caso abaixo:

- (399) ηa-ηəη-ñivx vi-r pəks
 animal-caçar-pessoa ir-3.SG se.perder
 “O caçador saiu e se perdeu” (MATTISSEN, 2003, p. 187)

É comum que eles venham de forma serial, como nos casos abaixo:

- (400) Tolŋi qan-ək qama-erβ-d
 Cervo cachorro-COMPARAÇÃO correr-dominar-IND
 “O cervo domina o cachorro em corrida” (O cervo corre mais rápido que o cachorro) (MATTISSEN, 2003, p. 190)

- (401) Pañd-r pil-ŋan ηa-χa-urła-ñivx-um-nəvu-r it-t-ra
 crescer-3.SG grande-quando animal-atirar-bom-pessoa-tornar-FUT-CIT-3.SG dizer-IND-HILI
 “Ele diz que quando ele (outra pessoa) crescer vai se tornar um bom caçador” (MATTISSEN, 2003, p. 192)

3.3.9.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Nivkh*

Nenhuma das gramáticas analisadas reconhece a existência de uma classe de adjetivos em nivkh. Defendem que as palavras que poderiam pertencer à categoria são verbos (MATTISSEN, 2003, p. 16; GRUZDEVA, 1998, p. 16).

Palavras como “bom”, por exemplo, realmente parecem se comportar como verbos na língua, podendo se combinar a substantivos (MATTISSEN, 2003, p. 243) e por vezes requerendo o uso do particípio para indicar atribuição de uma propriedade:

- (402) Nosk urla-gan-da
 Nosk bom-cachorro-HILI
 “Nosk é um bom cachorro” (MATTISSEN, 2003, p. 30)

- (403) Urla-η-oxt
 bom-PART-pó
 “Remédio bom” (MATTISSEN, 2003, p. 43)

Na função predicativa os verbos/adjetivos também recebem a morfologia esperada:

- (404) Haɣaro la ur-katn-ɣaro!
 IMP clima bom-INT-3.SG.IMP
 “Que o tempo seja muito bom!” (GRUZDEVA, 1998, p. 47)

3.3.10. *Turco*

A trigésima língua analisada é o Turco, uma língua da família Túrquica, falada na Turquia. A descrição aqui utilizada é a de Göksel e Kerslake (2005) e Kornfilt (1997).

3.3.10.1. *Substantivos em Turco*

Os substantivos em turco podem receber sufixos de caso e de número, o artigo indefinido da língua, e também marcas de concordância de posse (KORNFILT, 1997, p. 209).

- (405) Hasan uyan-di
 Hasan acordar-PSD
 “Hasan acordou” (KORNFILT, 1997, p. 213)

- (406) (ben) Hasan-I uyan-dır-dı-m
 Eu Hasan-ACUS acordar-CAUS-PSD-1.SG
 “Fiz o Hasan acordar” (KORNFILT, 1997, p. 213)
- (407) Köy-ü haydut-lar bas-mış
 vila-ACUS ladrão-PL saquear-PSD.CIT
 “Dizem que ladrões saquearam a vila” (KORNFILT, 1997, p. 213)

3.3.10.2. *Verbos em Turco*

Verbos são palavras que recebem alguns sufixos flexionais (referentes a concordância pronominal e tempo, modo, aspecto e polaridade) e que podem aparecer sem eles na forma imperativa (KORNFILT, 1997, p. 209).

- (408) Hatırla-ma-yacağ-ım
 lembrar-NEG-FUT-1.SG
 “Não lembrarei” (KORNFILT, 1997, p. 4)
- (409) Hatırla-yacak-sın
 Lembrar-FUT-2.SG
 “Lembrarás” (KORNFILT, 1997, p. 5)
- (410) Sinema-ya git!
 cinema-DAT ir
 “Vai para o cinema!” (KORNFILT, 1997, p. 41)

3.3.10.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Turca*

Os adjetivos em turco são muito similares aos substantivos, podendo receber morfologia própria dos nominais, como a marca de plural a possibilidade de receber o artigo indefinido – exceto empréstimos e palavras com alguns sufixos, os quais ficam restritos às funções atributiva e predicativa (KORNFILT, 1997, p. 210):

- (411) İhtiyar
 velho

“(O) velho (substantivo ou adjetivo)” (KORNFILT, 1997, p. 210)

- (412) Bir ihtiyar
ART.INDF velho.ADJ
“Um velho” (KORNFILT, 1997, p. 210)

- (413) Ihtiyar-lar
velho.ADJ-PL
“Velhos” (KORNFILT, 1997, p. 210)

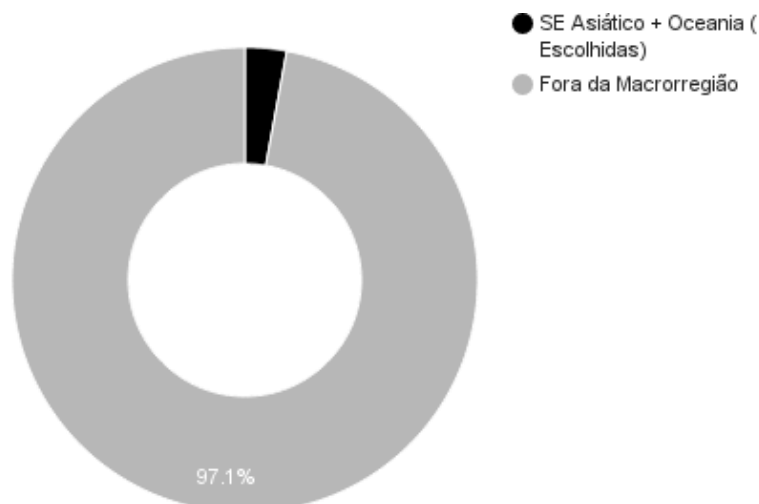
Em turco, adjetivos na função atributiva precedem a palavra modificada, enquanto adjetivos na função predicativa vêm em seguida:

- (414) Yüksek ağaç
alto árvore
“Árvore alta” (GÖKSEL e KERSLAKE, 2005, p. 170)

- (415) Ağaç yüksek
árvore alto
“A árvore é alta” (GÖKSEL e KERSLAKE, 2005, p. 171)

3.4. Sudeste Asiático e Oceania

A divisão utilizada distribui pelo Sudeste Asiático e Oceania 507 línguas pertencentes a 6 (seis) famílias diferentes, apresentando menos de 3% do total de línguas do catálogo:



Devido à quantidade de famílias ser inferior à quantidade de línguas escolhidas, foram levadas em consideração a quantidade de subfamílias presentes dentro de cada família a fim de escolher quais línguas seriam representadas mais de uma vez:

- Andamanês, Austro-Asiático, Hmong-Mien e Tai-Kadai: só uma língua. A decisão de não se escolher mais de uma língua de cada uma dessas famílias se deve ao fato de elas não possuírem subfamílias, mas apenas grupos mais próximos.
- Austronésio e Sino-Tibetano: três línguas e duas línguas, respectivamente. Isso se deve ao fato de que o austronésio apresenta duas grandes subfamílias (Malaio-Polinésio Ocidental, Malaio-Polinésio Oriental), bem como línguas que não fazem parte dessas subfamílias, de que resultam três possibilidades; o mesmo ocorre com a família Sino-Tibetana, que possui uma grande subfamília (Tibeto-Birmanesa) e um grupo que não pertence a essa subfamília (as línguas chinesas), oferecendo assim, duas possibilidades.

Foram escolhidas, portanto, nove línguas dessas famílias, com uma língua crioula (Patuá Macauense) para completar as dez línguas da região.

São elas: grande andamanês (Andamanês/Índia), hmong-njua (Hmong-Mien/China), kambara (Austronésia/Indonésia), manange (Sino-Tibetana/Nepal), māori (Austronésia/Nova Zelândia), patuá macauense (Crioula/China), tagalog (Austronésia/Filipinas), tailandês (Tai-Kadai/Tailândia), vietnamita (Austro-Asiática/Vietnã), yue (Sino-Tibetana/China).

A região do Sudeste Asiático e Oceania abarca, de forma simplificada, os países ao sul da China e ao leste da Índia, com a exclusão da Austrália e de Papua Nova Guiné (a considerada Papuanésia) devido às diferentes famílias presentes em cada região.

3.4.1. Grande Andamanês

A trigésima primeira língua analisada é o grande andamanês, uma língua da família Andamanesa, falada nas Ilhas Andamã do leste da Índia. A descrição utilizada é a de Abbi (2006).

O grande andamanês é, na verdade, uma mistura de umas 10 línguas cuja inteligibilidade mútua permite a comunicação entre os diferentes falantes ainda que cada falante use uma variedade diferente de acordo com a língua de origem (ABBI, 2013, p. 20).

É importante frisar que a questão de classes lexicais em grande andamanês é um pouco confusa, havendo um alto grau de ambivalência (ABBI, 2013, p. 70), o que leva frequentemente a situações em que um substantivo e um adjetivo podem aparecer com morfologia verbal, e vice-versa. Na oração abaixo, por exemplo, a mesma palavra, dependendo da morfologia recebida, pode significar “caneta” ou “escrever”:

- (416) T^hu er=ŋole-ta er=ŋole-me
 1.SG CL=escrever-INST CL=escrever-HAB
 “Escrevo com caneta” (ABBI, 2013, p. 71)

Levando isso em consideração, prossigamos para as características sintáticas de cada classe lexical.

3.4.1.1. *Substantivos em Grande Andamanês*

A gramática utilizada como base parece colocar como característica exclusiva dos substantivos em Grande Andamanês a presença de marca de caso – mas sem explicar a distribuição (ABBI, 2006, p. 37).

3.4.1.2. *Verbos em Grande Andamanês*

Verbos em grande andamanês têm como característica a obrigatoriedade de ocorrerem com morfologia de tempo, modo e aspecto e uma consoante temática (ABBI, 2006, p. 37).

- (417) K^hudi-o ceo-ʈa cokbi-bi ekp^huti-k-ɔ-m
 3.SG-3SG.CL faca-INSTR tartaruga-ACUS cortar-CL-IND-PRES
 “Ele corta a tartaruga com a faca” (ABBI, 2006, p. 38)

- (418) Ino-bi k^hu-k-ε
 Água-ACUS beber-CL-IMP
 “Bebe água!” (ABBI, 2006, p. 38)

3.4.1.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Grande Andamanês*

Adjetivos em grande andamanês podem aparecer nas funções atributiva, predicativa (com ou sem cópula) e adverbial, e nunca recebem marca de número (ABBI, 2013, p. 189-190). Na função atributiva, eles seguem os substantivos que modificam.

- (419) Sita kona-p^huŋ-bi iji-om
 Sita tendu-maduro-ABS comer-Ñ.PSD

“Sita está comendo tendu²⁶ maduro” (ABBI, 2013, p. 190)

- (420) golaʔ ɛr=ulu entoplo nɔl p^ho be
 Golat CL=olhos único bom NEG COP
 “O único olho do Golat não é bom” (ABBI, 2013, p. 191)

Como mencionado acima, as palavras consideradas adjetivos podem receber morfologia de outras classes, como substantivos e verbos, nas funções predicativa e adverbial:

- (421) Buamo ra-ʔulu nɔl
 Buamo CL=tocar bom
 “Ele toca bem buamo” (ABBI, 2013, p. 74)
- (422) ʔ^hi ʔuŋ-ul ʔhaono nɔl-o
 terra REFL-LOC sentar bom-PSD.DIST
 “Gostava de sentar na terra” (ABBI, 2013, p. 74)

É possível também que os adjetivos apareçam na função predicativa, tanto com ou sem cópula:

- (423) loka ot=bo-tara=lam
 loka CL.POSS=coração-CL.POSS=corajoso
 “Loka é corajosa” (ABBI, 2013, p. 191)
- (424) m-ot ʔheʔe-b-o-m
 1.SG-GEN faminto-CL-IND-PRES
 “Estou faminto” (ABBI, 2006, p. 37)
- (425) o cakham be
 3.SG velho COP

²⁶ Fruta de uma árvore local.

“Aquele pessoa é velha²⁷” (ABBI, 2006, p. 38)

- (426) t^hu e=phoŋ-e k^huro-k-əm
 1.SG CLL=buraco-ABS grande-FA-Ñ.PSD
 “Estou cavando um buraco” (ABBI, 2013, p. 75)

3.4.2. Hmong-Njua

A trigésima segunda língua analisada é o nmong-njua, uma língua da família Hmong-Mien, falada nas províncias chinesas de Yunnan, Sichuan (Szechwan) e Guizhou (Kueichau), no sudoeste do país. A descrição utilizada é a de Konyot (1984)..

3.4.2.1. Substantivos em Hmong-Njua

Um substantivo se define em hmong-njua como o elemento que pode aparecer como núcleo de um sintagma nominal, o substantivo podendo ser simples ou composto (KUNYOT, 1984, p. 70). Na função predicativa, substantivos requerem o uso da cópula.

- (427) Kǔ yǎo qhú
 1.SG COP professor
 “Sou professor” (KUNYOT, 1984, p. 59)

Para negar o substantivo, é necessário adicionar a marca de negação “ci” antes da cópula:

- (428) Kǔ ci yǎo tháiklâng
 1.SG NEG COP policial
 “Não sou policial” (KUNYOT, 1984, p. 59)

3.4.2.2. Verbos em Hmong-Njua

Os verbos em hmong-njua não apresentam morfologia podendo, entretanto, aparecer com pré-verbos (verbos auxiliares que precedem o principal) e pós-verbos (que o modificam (KUNYOT, 1984, p. 52)

²⁷ A glosa foi retirada do original, ainda que se imagine que o significado seja “Ele é velho”.

- (429) Kǔ yǎ mǒng múa chǎo tūa
 1.SG querer ir pegar camisa trazer
 “Quero ir pegar a camisa de volta”

3.4.2.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Hmong-Njua*

Os adjetivos em hmong-njua são considerados verbos descritivos, que têm como característica a possibilidade de aparecer na função atributiva e com modificadores de grau (KUNYOT, 1984, p. 61). Na função atributiva, o verbo descritivo (adjetivo) segue o substantivo modificado e, na função predicativa, não precisam da cópula ‘yǎo’.

- (430) Hlaungǎu shá khlaui ci zhongngǎu
 guria alta mais não bonito
 “Gurias altas demais não são bonitas” (KUNYOT, 1984, p. 62)

- (431) Kǔ nya cǎo túanǎng muanji nzǎu
 1.SG gostar grupo pessoa bem magra
 “Gosto de pessoas que são bem magras” (KUNYOT, 1984, p. 62)

O verbo descritivo (adjetivo) pode ser negado ao ser precedido por “ci”:

- (432) Kǔ pu túanǎng ci zhong
 1.SG ver pessoa NEG bom
 “Vi uma pessoa não boa” (KUNYOT, 1984, p. 63)

A possibilidade de modificar outros substantivos não é restrita aos verbos descritivos (adjetivos), sendo possível com outros verbos da língua em orações relativas:

- (433) Nǎw ci nya túanǎng [nyě nyě]
 3.SG.F NEG gostar pessoa magro magro
 “Ela não gosta de pessoas que são meio magras” (KUNYOT, 1984, p. 29)

- (434) Na pu lá [nâo páokw̃]
 Mãe ver macaco comer milho
 “Minha mãe viu um macaco comendo milho” (KUNYOT, 1984, p. 29)

3.4.3. Kambera

A trigésima terceira língua analisada é o kambera, uma língua do subgrupo Malaio-Polinésio Central, da família Austronésia falada nas Pequenas Ilhas da Sonda, ou Nusa Tenggara, na Indonésia. A descrição utilizada é de Klamer (1998).

3.4.2.4. Substantivos em Kambera

Entre as propriedades únicas dos substantivos em kambera está a possibilidade de aparecerem junto com um dos três artigos da língua (singular definido, plural definido, e nomes próprios) e com os pronomes demonstrativos, como na oração abaixo:

- (435) [[Na tau] nuna] na-hàmu
 ART pessoa DEM.3SG 3.SG.N-ser.bom
 “Aquele pessoa é boa” (KLAMER, 1998, p. 92)

Além disso, substantivos são os únicos que podem aparecer com classificadores e serem modificados pela palavra “todos”:

- (436) [Tailu mbua kajawa]
 Três CL mamão
 “Três mamões” (KLAMER, 1998, p. 93)
- (437) Da kokur mbu ndàba-da da-munju
 ART coco todos-3.GEN 3.NOM-cair
 “Os cocos todos caíram” (KLAMER, 1998, p. 93)

3.4.2.5. Verbos em Kambera

Os verbos em kambera têm como característica única a possibilidade de serem modificadas pelos advérbios da língua (como “lalu” (muito)) e por quantificadores.

- (438) Lalu mbana-na na lodu
 Muito quente-3.SG ART dia
 “Está muito quente”²⁸ (KLAMER, 1998, p. 94)
- (439) Mbàda unung panduang?
 Já beber duas.vezes
 “Você já tomou a segunda dose?” (KLAMER, 1998, p. 94)

A marcação pronominal da língua não parece ser um fator que possa ajudar na distinção entre substantivos e verbos, já que eles podem aparecer em ambos, funcionando também com a função de marca de posse nos substantivos:

- (440) Hurundandu-ya
 soldado-3.SG.A
 “Ele é soldado” (KLAMER, 1998, p. 95)
- (441) [Mbapa-nggu nyungga]-ya
 marido-1.SG eu-3.SG
 “Ele é meu marido” (KLAMER, 1998, p. 95)

3.4.2.6. Adjetivos em função atributiva na língua Kambera

Diferente de descrições anteriores da língua, Klammer (1998, p. 115, 118) defende que não existem adjetivos em kambera, uma vez que os verbos da língua tendem a aparecer e ter as propriedades que se espera de um adjetivo na língua, e os motivos que levaram os outros autores a reconhecer os adjetivos como uma classe distinta, ou ficaram implícitos, ou não foram argumentados.

Um exemplo de como os supostos adjetivos da língua são, na verdade, verbos pode ser observado nas orações abaixo, em que o verbo ‘saber’ também pode ser traduzido como ‘esperto’/ ‘sabida’, dependendo da posição (no sentido em que alguém esperto é alguém que sabe):

²⁸ A tradução original não apresenta a palavra “dia”, apesar de se encontrar na língua original.

- (442) Anakeda pingu
criança saber
“Criança esperta” (KLAMER, 1998, p. 115)
- (443) Na-pi-nya
3.SG.NOM-saber-3.SG.DAT
“Ele sabe disso” (KLAMER, 1998, p. 116)
- (444) Na-rihi pingu-pa na ana-na nyuna weling...
3.SG.NOM-ser.mais saber-IMPF ART criança-3.SG.GEN 3.SG ABL
“O filho dele é mais esperto do que...” (KLAMER, 1998, p. 116)
- (445) Ana pingu-na-ka ba ngeri matua-na-ka
Pouco saber-3.SG.GEN-PERF CONJ quase ser.velho-3.SG.GEN-PERF
“Ele percebeu um pouco que estava quase crescendo” (KLAMER, 1998, p. 116)

3.4.4. Manange

A trigésima quarta língua analisada é o manange, uma língua do gênero Bódico da sub-família Tibeto-Birmanesa dentro da família Sino-Tibetana, falada no centro-norte do Nepal. A descrição utilizada é a de Genetti e Hildebrandt (2004) e Hildebrandt (2004)²⁹.

3.4.2.7. Substantivos em Manange

Os substantivos em manange não possuem marca de gênero gramatical ou animacidade (HILDEBRANDT, 2004, p. 70), apesar de poderem receber clíticos de número (HILDEBRANDT, 2004, p. 77), caso (HILDEBRANDT, 2004, p. 104) e definitude (HILDEBRANDT, 2004, p. 119). Por exemplo:

- (446) 1ŋΛ=tse shiŋto=tse khomΛ 3naŋ=ri 2tshaŋ-tsi
1.SG=ERG fruta=PL sacola dentro=LOC pôr-PERF
“Pus as frutas na sacola” (HILDEBRANDT, 2004, p. 114)

²⁹ Os números nas palavras Manange representam o sistema tom da palavra, representando o sistema tonal da língua: (1) Alto, ascendente; (2) Alto, descendente; (3) Médio, constante; (4) Baixo, descendente.

- (447) 1ηΛ=tse κΛρ=ko khomΛ 3naη=ri 2tshaη-tsi
 1.SG=ERG copo=DEF sacola dentro=LOC pôr-PERF
 “Pus o copo na sacola” (HILDEBRANDT, 2004, p. 114)

3.4.2.8. *Verbos em Manange*

Os verbos em manange não apresentam marca de pessoa ou número, mas podem receber morfologia de evidencialidade (HILDEBRANDT, 2004, p. 142), aspecto (HILDEBRANDT, 2004, p. 146), modalidade (HILDEBRANDT, 2004, p. 151) e polaridade (HILDEBRANDT, 2004, p. 159).

- (448) 1khi 4khwe 1a-priin
 3.SG música NEG-bater(FUT)
 “Ele não vai cantar” (HILDEBRANDT, 2004, p. 159)

- (449) 1khi 1sre 1mo
 3.SG levantar COP
 “Ela levanta” (HILDEBRANDT, 2004, p. 147)

- (450) 1khi=tse 3kola=tse 2shu-pΛ ko
 3.SG=ERG roupa=PL lavar=NMLZ EVID
 “Ela vai lavar as roupas” (HILDEBRANDT, 2004, p. 145)

3.4.2.9. *Adjetivos em função atributiva na língua Manange*

A língua manange apresenta dois tipos diferentes de adjetivos: adjetivos simples e adjetivos verbais.

Adjetivos simples compartilham algumas características com os substantivos da língua, como a possibilidade de aparecerem como complemento de cópula e a impossibilidade de aparecerem na causativa e receberem morfologia flexional (GENETTI e HILDEBRANDT, 2004, p. 88). Diferente dos verbos, eles não recebem morfologia verbal (HILDEBRANDT, 2004, p. 87).

Os adjetivos verbais, por sua vez, compartilham com os verbos a possibilidade de aparecerem com morfologia causativa, ser predicado intransitivo no aspecto perfectivo (tendo uma

distribuição mais restrita que a dos verbos no aspecto imperfectivo e no modo irrealis) (GENETTI e HILDEBRANDT, 2004, p. 95).

Os adjetivos simples podem receber clíticos similares aos substantivos, como os de número plural e definitude:

- (451) 4ŋi 1nokor 1tarkya=tse
dois gato branco=PL
“Dois gatos brancos” (HILDEBRANDT, 2004, p. 78)

- (452) 3mi 2peʔ kʌthe=ko 1tsʌ 3yaŋ
pessoa muito magro comer DEÔNTICO
“A pessoa muito magra deveria comer” (HILDEBRANDT, 2004, p. 93)

Outra propriedade compartilhada entre verbos e adjetivos verbais é a possibilidade de receberem o verbo auxiliar “fazer”, resultando numa leitura causativa.

- (453) 3cʌ 1ke-tsi
chá quente-PERF
“O chá estava quente” (HILDEBRANDT, 2004, p. 161)

- (454) 1ŋʌ=tse 3cʌ 1le 1ʌ-tsi
1.SG=ERG chá quente fazer-PERF
“Fiz o chá quente/esquentei o chá” (HILDEBRANDT, 2004, p. 162)

- (455) Kòsho 1te-tsi
copo cair-PERF
“O copo caiu” (HILDEBRANDT, 2004, p. 161)

- (456) 1mriŋ=ko=tse kòsho 1te 1ʌ-tsi
mulher=DEF=ERG copo cair fazer-PERF
“A mulher derrubou o copo”

3.4.5. Māori

A trigésima quinta língua analisada é o māori, uma língua do gênero Oceânico da subfamília Malaio-Polinésia Oriental dentro da família Austronésia. As descrições utilizadas são de Bauer, Parker e Evans (1993), Harlow (1996) e Harlow (2006).

3.4.2.10. Substantivos em Maori

A língua maori apresenta três tipos de substantivo: os substantivos comuns (que podem ser pluralizados, ou com os artigos da língua, ou com morfologia própria), os substantivos locativos (que se referem a nomes de lugares e não recebem determinantes ao serem introduzidos pela preposição de direção “ki”) e nomes próprios (que recebem o artigo pessoal “a”, como nos exemplos abaixo) (HARLOW, 1996, p. 3). No primeiro exemplo, Hamilton é chamada pelo nome original Maori, “Kirikiriroa”:

- (457) He taaone nui a Kirikiriroa
 DET cidade grande ART Hamilton
 “Hamilton é uma cidade grande” (HARLOW, 1996, p. 4)
- (458) Kua mate a Pererika
 PERF morrer ART Pererika
 “Pererika morreu” (HARLOW, 1996, p. 4)
- (459) Te pukapuka...
 ART.SG livro
 “O livro” (BAUER, PARKER & EVANS, 1993, p. 111)
- (460) Ngā pukapuka...
 ART.PL livro
 “Os livros” (BAUER, PARKER & EVANS, 1993, p. 112)
- (461) Tamaiti
 Criança.SG
 “Criança” (HARLOW, 2006, p. 115)

- (462) Tamariki
Criança.PL
“Crianças” (HARLOW, 2006, p. 115)

3.4.2.11. *Verbos em Maori*

Os verbos em maori podem aparecer com partículas verbais (que codificam tempo, modo e aspecto (HARLOW, 1996, p. 12)), apresentando vários subtipos:

- (463) Kei.te patu ia i t-aa-na kurii
PROG bater 3.SG OBJ SG-GEN-3.SG cachorro
“Ele está batendo no cachorro dele” (HARLOW, 1996, p. 4)

- (464) Kua rongo koe i te koohimuhimu
PERF ouvir 2.SG OBJ DET rumor
“Você ouviu o rumor?” (HARLOW, 1996, p. 4)

3.4.2.12. *Adjetivos em função atributiva na língua Maori*

Os adjetivos em maori tendem a ser vistos como verbos, e inclusive descritos nas gramáticas como um subtipo de verbo (HARLOW, 2006, p. 108; HARLOW, 1996, p. 5). Entretanto, assim como eles podem se comportar como verbos, eles também podem se comportar como substantivos (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 95).

Os adjetivos da língua, por assim dizer, se assemelham aos verbos inclusive na possibilidade de ocorrerem numa forma de imperativo, comum a dos verbos, utilizando a morfologia de subjuntivo para tal fim:

- (465) Kia tere!
SUBJ Rápido
“Rápido!” (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 35)

- (466) Kia maumahara koe ki te raa whaanau o too whaea
SUBJ lembrar 2.SG DAT ART dia nascimento GEN 2.SG.GEN mãe
“Lembra do aniversário da sua mãe!” (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 35)

Mas, como os substantivos, eles compartilham características sintáticas com substantivos nas funções predicativa e atributiva (sendo possível que ambos recebam modificador de grau, nos exemplos abaixo, indicando que no adjetivo o homem é “muito grande” ou “bom professor” (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 96)).

Na função predicativa:

(467) He nui teeraa tangata
 CL grande DEM homem
 “Aquele homem é grande” (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 96)

(468) He maahita teeraa tangata
 CL professor DEM homem
 “Aquele homem é professor” (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 96)

Na função atributiva:

(469) Ko teenei teetahi whare nui
 TOP DEM ART casa grande
 “Essa é uma casa grande” (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 96)

(470) Ko teenei teetahi whare miraka
 TOP DEM ART casa leite
 “Essa é uma casa leiteira” (BAUER, PARKER e EVANS, 1993, p. 96)

3.4.6. Macauense

A trigésima sexta língua analisada é o macauense, uma língua crioula falada na ex-colônia portuguesa de Macau, no sul da China. A descrição utilizada é de Arana-Ward (1977).

3.4.6.1. Substantivos em Macauense

Os substantivos em macauense são, aparentemente, invariáveis. Morfologia de número, por exemplo, não necessariamente aparece, com o artigo levando a marca de plural caso o falante se refira a mais de um objeto:

(471) As casa
 “As casas” (ARANA-WARD, 1977, p. 68)

(472) Três moeda
 “Três moedas” (ARANA-WARD, 1977, p. 68)

3.4.6.2. *Verbos em Macauense*

Os verbos em macauense apresentam uma morfologia bastante reduzida se comparada à do português (ARANA-WARD, 1977, p. 70), com a forma original da terceira pessoa do singular no presente do indicativo do verbo sendo invariável nesse tempo, com o infinitivo impessoal sendo usado nos outros casos, levando a ambiguidades como a seguinte:

(473) Ele falá não vai
 “Ele diz que não vai/Ele disse que não vai/Ele diz que não foi/Ele disse que não foi”
 (ARANA-WARD, 1977, p. 70)

3.4.6.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Macauense*

A julgar pelos dados presentes em Arana-Ward (ARANA-WARD, 1977, p. 46), o macauense retém a categoria de adjetivo similar em vários pontos à da língua portuguesa, mas com as seguintes exceções.

Uma delas é que não há indicação de que tenha se mantido o sistema de gênero da língua, com adjetivos ficando sempre na forma original do masculino em português (curiosamente, os artigos mantiveram a forma feminina).

(474) Unga festa calado
 ART festa calma
 “Uma festa calma” (ARANA-WARD, 1977, p. 46)

(475) Voz agudo
 “Voz aguda” (ARANA-WARD, 1977, p. 46)

Uma diferença é que adjetivos que não apareceriam na função adverbial em português podem aparecer nessa função em macauense:

- (476) Ocê fala mentiroso
 2.SG fala mentirosamente
 “Você diz uma mentira!” (lit. “Você diz mentirosamente”) (ARANA-WARD, 1977, p. 74)

Nem sempre a cópula é utilizada quando o adjetivo aparece na função predicativa:

- (477) Agora as galinha muito caro
 “Agora as galinhas estão muito caras” (ARANA-WARD, 1977, p. 73)

A cópula, entretanto, quando aparece, parece ser invariável, com a seguinte frase sendo dita por uma viúva:

- (478) Meu marido é forte
 “Meu [finado] marido era forte” (ARANA-WARD, 1977, p. 75)

3.4.7. Tagalog

A trigésima sétima língua analisada é o tagalog, uma língua do gênero Meso-Filipina da subfamília Maláio-Polinésia Ocidental da família Austronésia, falada nas Filipinas. A descrição utilizada é a de Schachter e Otanes (1972), com exemplos de Aspillera e Hernandez (2007).

A ordem básica dos constituintes em tagalog é Predicado-Tópico (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 60), aqui considerada VS/VAO.

3.4.7.1. *Substantivos em Tagalog*

Os substantivos em tagalog podem aparecer tanto na função de predicado como na de tópico, podendo ser divididos em substantivos marcados ou não marcados, de acordo com seu comportamento na oração, com substantivos marcados sendo precedidos por uma marca que defina sua função (“ang”, nas frases abaixo) ou apresentando uma forma diferente para definir a função (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 63). Exemplo de orações com nominais em tagalog são:

- (479) Siya ang Amerikano
 3.SG.M ART Americano

“O Americano é ele/Ele é americano” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 64)

- (480) Isda ang bakalaw
 Peixe ART bacalhau

“Bacalhau é um peixe” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 64)

3.4.7.2. Verbos em Tagalog

Os verbos em tagalog têm como característica a possibilidade de flexionarem para indicar aspecto (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 66), com três aspectos: perfectivo, imperfectivo e o contemplado.

- (481) Nagluto ng pagkain ang nanay
 Cozinhar.PERF ART mãe ART comida

“A mãe está cozinhando um pouco de comida” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 67)

- (482) Nagluluto ng pagkain ang nanay araw-araw
 Cozinhar.IMPF ART mãe ART comida todos.os.dia

“A mãe cozinha comida todos os dias” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 67)

- (483) Magluluto ng pagkain ang nanay bukas
 Cozinhar.CONTEMPLADO ART mãe ART comida amanhã

“A mãe vai cozinhar comida amanhã” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 67)

3.4.7.3. Adjetivos em função atributiva na língua Tagalog

É difícil diferenciar adjetivos e substantivos em tagalog, devido a seu comportamento semelhante em construções nas quais ambas as classes aparecem na função predicativa:

- (484) Bato ang bahay
 Pedra ART casa

“A casa é (de) pedra” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 64)

- (485) Bago ang bahay
Novo ART casa

“A casa é nova” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 64)

Apesar de existirem construções nas quais adjetivos – mas não substantivos – podem aparecer, elas não se aplicam a todos os adjetivos da língua (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 65).

Na função predicativa, os adjetivos aparecem junto de marcas que ligam o adjetivo à palavra modificada, variando entre palavras independentes, como a seguir:

- (486) Birili niya ang (bahay na) mahal
Comprar 3.SG.M ART casa LIG cara

“Ele comprou a (casa) cara” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 195)

Os adjetivos emprestados do espanhol mantêm a distinção original de gênero:

- (487) Komika siLinda
Engraçado.FEM ART Linda

“Linda é engraçada” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 197)

- (488) Komiko si Fred
Engraçado.MASC ART Fred

“Fred é engraçado” (SCHACHTER e OTANES, 1972, p. 197)

3.4.8. Tailandês

A trigésima oitava língua analisada é o tailandês, uma língua da família Tai-Kadai falada na Tailândia. A descrição utilizada é de Smyth (2002).

3.4.8.1. Substantivos em Tailandês

Os substantivos em tailandês não recebem morfologia de número, caso ou gênero (SMYTH, 2002, p. 24-25). Os substantivos em tailandês, quando aparecem na função predicativa, aparecem junto da cópula “pen”, como nos casos abaixo:

- (489) Kháw pen phûan
 3.SG COP amigo
 “Ele é um amigo” (SMYTH, 2002, p. 56)

Na negativa, a cópula é negada com as marcas de negação “mây dây” ou “mây chây”:

- (490) Kháw mây dây pen phûan
 3.SG NEG NEG COP amigo
 “Ele não é meu amigo” (SMYTH, 2002, p. 57)

3.4.8.2. Verbos em Tailandês

Os verbos em tailandês são invariáveis em relação a tempo e número, com as ambiguidades sendo resolvidas com o contexto (SMYTH, 2002, p. 56). Os verbos em tailandês não requerem a adição de marcas em seus argumentos, marcando o argumento agente e o argumento paciente na sintaxe, através da ordem dos constituintes:

- (491) phôu súu rôt
 pai comprar carro
 “Meu pai comprou um carro” (SMYTH, 2002, p. 116)

- (492) chán rák khun
 1.SG amar 2.SG
 “Eu te amo” (SMYTH, 2002, p. 116)

Na negativa, os verbos aparecem com o morfema livre de negação “mây”

- (493) Chán mây pay
 1.SG NEG ir
 “Eu não vou” (SMYTH, 2002, p. 138)

3.4.8.3. Adjetivos em função atributiva na língua Tailandês

Adjetivos em tailandês são considerados verbos estativos, devido às propriedades que compartilham com os verbos (SMYTH, 2002, p. 83). Uma característica dessa semelhança é

que, uma palavra como ‘lék’ significa tanto “pequeno” quanto “ser pequeno”; portanto, posposto ao substantivo, pode ser interpretado como estando tanto na função predicativa como na função atributiva:

- (494) Bâan lék
 Casa Ser.Pequeno
 “Uma casa pequena/A casa é pequena” (SMYTH, 2002, p. 59)

Os adjetivos, por assim dizer, também compartilham alguns modificadores com os verbos de ação, como a marca de negação “mây” (diferente dos nominais, que requerem a presença de uma marca extra de negação, como descrito na seção anterior).

- (495) Chán mây pay
 1.SG NEG ir
 “Eu não vou” (SMYTH, 2002, p. 138)

- (496) Aahãan mây aròy
 Comida NEG gostoso
 “A comida não é gostosa” (SMYTH, 2002, p. 138)

Intensificadores vêm antes e depois do termo modificado:

- (497) Bâan mây khôy yày thâwrày
 Casa NEG muito grande muito
 “A casa não é muito grande” (SMYTH, 2002, p. 85)

3.4.9. Vietnamita

A trigésima nona língua analisada é o vietnamita, uma língua Austro-Asiática da subfamília Mon-Khmer, falada no Vietnã. A descrição utilizada é a de Nguyen (1997).

3.4.9.1. Substantivos em Vietnamita

Substantivos em vietnamita podem aparecer depois de um numeral ou de uma marca de plural e antes de um demonstrativo (SMYTH, 2002, p. 89):

- (498) Hai com chó ấy
dois animal cão aquele
“Aqueles dois cachorros” (SMYTH, 2002, p. 92)

Não há marca de caso nos substantivos, com a diferença entre o argumento agente e o argumento paciente sendo expressa sintaticamente, através da ordem dos constituintes (SMYTH, 2002, p. 109).

- (499) Tân gửi quà cho bố mẹ
Tân enviar presente dar pai-mãe
“Tân mandou presentes para os pais” (NGUYEN, 1997, p. 115)

3.4.9.2. Verbos em Vietnamita

Os verbos em vietnamita não apresentam marca de tempo, ficando essa informação implícita no contexto (SMYTH, 2002, p. 108). Em geral, marcas de aspecto, entre outras, são palavras independentes, que aparecem junto ao verbo, como no caso abaixo:

- (500) Em bé đang ngủ
jovem bebê PROG dormer
“O bebê está dormindo” (SMYTH, 2002, p. 109)

3.4.9.3. Adjetivos em função atributiva na língua Vietnamita

O autor equaciona os adjetivos da língua com verbos estativos, que apresentam características semelhantes às dos outros verbos, além da possibilidade de aparecerem com modificadores de grau (NGUYEN, 1997, p. 119).

Na função atributiva, eles seguem os substantivos modificados, como na expressão abaixo:

- (501) Một cô vợ đẹp
Um FEM esposa bonito
“Uma esposa bonita” (NGUYEN, 1997, p. 120)

A ordem é similar na função predicativa:

- (502) Hợc-sinh trường này rất giỏi
 Alunos escola essa muito bom
 “Os alunos dessa escola são muito bons” (NGUYEN, 1997, p. 120)

Parece haver uma ambiguidade aparente nas duas funções, como no caso do tailandês, mas a conclusão não é confirmada pelo autor.

3.4.10. Yue (Cantonês)

A quadragésima língua analisada é o yue (cantonês), uma língua Sinítica da família Sino-Tibetana, falada nas províncias chinesas de Cantão, Quancim, e nas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong, todas no sul da China. Os materiais usados foram de Killingley (1993), Matthews e Yip (1994), Yeung (1999) e Yip e Matthews (1994).

3.4.10.1. Substantivos em Cantonês

A marca que os substantivos em cantonês podem receber é a de genitivo (KILLINGLEY, 1993, p. 14).

- (503) Yáuh (yāt) ga chē jó-jyuh go chēut-háu
 Ter (um) CL carro bloquear-CONT CL saída
 “Tem um carro bloqueando a saída” (MATTHEWS e YIP, 1994, p. 87)

- (504) Ga chē jó-jyuh go chēut-háu
 CL carro bloquear-CONT CL saída
 “O carro está bloqueando a saída” (MATTHEWS e YIP, 1994, p. 87)

Na função predicativa, o substantivos aparecem com a cópula “haih”

- (505) Ngo haih sinsaang
 1.SG COP professor
 “Sou o professor” (KILLINGLEY, 1993, p. 22)

3.4.10.2. *Verbos em Cantonês*

Verbos em cantonês não apresentam marca de tempo, recebendo várias das marcas de aspecto da língua (MATTHEWS e YIP, 1994, p. 197).

- (506) Ngóh mgin-jó tìuh sósìh
 1.SG perder-PERF CL chave
 “Perdi a chave” (MATTHEWS e YIP, 1994, p. 199)

- (507) Ngóh séung maaih-jó ga chē
 1.SG querer vender-PERF CL carro
 “Quero vender o carro” (MATTHEWS e YIP, 1994, p. 199)

3.4.10.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Cantonês*

A diferença entre adjetivos e verbos em cantonês nem sempre é clara, sendo comum considerá-los verbos estativos (YIP e MATTHEWS, 2000, p. 42). Na função atributiva, eles vêm antes da palavra modificada, com a partícula “ge” ligando adjetivo e substantivo.

- (508) Pèhng ge sām
 barato ge roupa
 “Roupas baratas” (YIP e MATTHEWS, 2000, p. 42)

Na função predicativa, os adjetivos vêm com uma forma de ligação diferente dos nominais. Enquanto os nominais requerem o verbo “haih”, os adjetivos vêm junto do advérbio ‘hóu’ (que significan ‘bom’), aí apenas por ser parte da sintaxe:

- (509) Ngóh hóu hōisām
 1.SG bom feliz
 “Sou feliz/estou feliz” (YIP e MATTHEWS, 2000, p. 43)

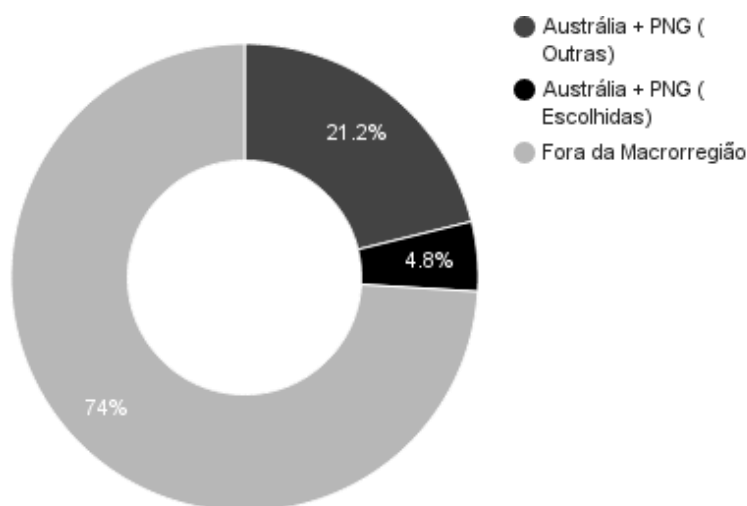
- (510) Kéuih nī pàaih hóu hōisām
 3.SG esse dia bom feliz
 “Ela está feliz esses dias” (MATTHEWS e YIP, 1994, p. 157)

Assim como os verbos, os adjetivos em cantonês também podem receber marcas de aspecto, como nas orações abaixo:

- (511) Léih go jái gōu-jó hóu dō wo
 2.SG CL filho alto-PERF bem muito PRET
 “Seu filho ficou bastante alto” (MATTHEWS e YIP, 1994, p. 158)

3.5. Papuanésia

A macrorregião da Papuanésia (Austrália e Papua Nova Guiné) corresponde à área falada por 389 línguas de 54 famílias, representando um pouco mais de um quarto das famílias catalogadas.



Da Papuanésia (Austrália e Papua Nova Guiné) foram analisadas as seguintes línguas: Alamblak (Sepik/PNG), Berik (Tor/Indonésia), Edolo (Bosavi/PNG), Kayardild (Australia-na/Austrália), Lavukavele (Solomões Centrais/Ilhas Salomão), Skou (Skou/Indonésia), Tainae (Kukukuku/PNG), Teiwa (Kukukuku/Indonésia), Tobelo (Papua Nova Guiné Oriental/Indonésia) e Yade (Yale/PNG).

3.5.1. Abun

A quadragésima primeira língua analisada é o abun, uma língua da família Papua Ocidental, falada no noroeste da parte indonésia da ilha de Papua. A descrição utilizada é de Berry (1995).

3.5.1.1. Substantivos em Abun

Substantivos em abun não costumam receber muitos afixos, com o autor da descrição utilizada citando três prefixos: o de nominalização (que transforma palavra de outras classes em

substantivos) e outros dois, que são utilizados para falar especificamente de pessoas ou de relações entre uma parte e o todo (BERRY, 1995, p. 46).

Os substantivos não recebem marca de caso, ou nada similar, como pode ser visto na oração abaixo:

- (512) [S] V O
 Án ka we ne git boge
 3.PL CL dois ART comer peixe
 “Aqueles dois comeram peixe” (BERRY, 1995, p. 97)

3.5.1.2. *Verbos em Abun*

Os verbos em abun não apresentam muitos afixos. Quatro sufixos são identificados pelo autor da descrição utilizada, os quais originaram de preposições, com exceção do sufixo {-wa}, que vem de um advérbio (BERRY, 1995, p. 38). Todos eles podem vir separados do verbo, no caso abaixo:

- (513) Na fro nu yo wa men
 3.SG preparar casa ART BEM 1.PL
 “Ele nos preparou uma casa” (BERRY, 1995, p. 39)

Outros sufixos transformam verbos intransitivos em verbos transitivos, como no caso abaixo:

- (514) Ji nyu
 1.SG temer
 “Tenho medo” (BERRY, 1995, p. 40)
- (515) Nu nyu-wa men o nde
 2.PL temer-TRANS 1.PL de.novo NEG
 “Não tenha medo de nós novamente” (BERRY, 1995, p. 40)

3.5.1.3. *Adjetivos em Abun*

Adjetivos em abun se comportam de forma similar a verbos, com a diferença de que podem receber marcas de grau (BERRY, 1995, p. 53).

- (516) Yenggras ne nggi
 Anciã ART forte
 “O anciã é forte” (BERRY, 1995, p. 53)

- (517) Yenggras ne nggi wai ore
 Anciã ART forte INTENcomplete
 “O anciã é o mais forte” (BERRY, 1995, p. 53)

Outro diferencial é que eles podem modificar o núcleo de um sintagma nominal diretamente, como no caso abaixo:

- (518) Ndar kwo git boge ge we or re
 cão branco comer peixe CL dois completamente PERF
 “O cachorro branco comeu completamente os dois peixes” (BERRY, 1995, p. 97)

3.5.2. *Alamblak*

A quadragésima segunda língua analisada é o alamblak, uma língua da família Sepik falada na Papua Nova Guiné. A descrição utilizada é a de Bruce (1984).

Alamblak é uma língua de ordem SV/AOV (BRUCE, 1984, p. 2). Devido à qualidade da impressão, é possível que várias características não estejam descritas abaixo, sendo necessária uma melhor.

3.5.2.1. *Substantivos em Alamblak*

Uma das características que diferenciam substantivos de outras classes lexicais em alamblak é a presença de marca de gênero (BRUCE, 1984, p. 79). Por exemplo:

- (519) Doh-t-ho bufa-t
 canoa-3.SG.F-GEN tábua-3.SG.F
 “A tábua da canoa” (BRUCE, 1984, p. 85)

No caso de estar na função predicativa, o substantivo aparece junto da cópula, como no caso abaixo:

- (520) Kuñ-e-t
 casa-COP-3.SG.F
 “É uma casa” (BRUCE, 1984, p. 182)

3.5.2.2. *Verbos em Alamblak*

Verbos em alamblak apresentam marca de tempo, modo e aspecto, além da marca de pessoa (BERRY, 1995, p. 132). Um exemplo de verbo em alamblak pode ser visto abaixo:

- (521) Yl-më-r
 ir-PSD.REM-3.SG.M
 “Ele foi” (BERRY, 1995, p. 132)

3.5.2.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Alamblak*

A separação entre adjetivos e verbos não é exatamente muito clara, com uma possibilidade sendo a presença do sufixo derivacional {-tay} restrito a alguns adjetivos, mas não todos (BRUCE, 1984, p. 77). O sufixo pode aparecer em alguns verbos com o sentido de exagero, enquanto com adjetivos significa que se trata de um processo:

- (522) Sisfën-tay-w-r
 respirar-PROC-IMPF-3.SG.M
 “Ele está ofegando” (BRUCE, 1984, p. 78)
- (523) Bro-tay-w-r
 grande-PROC-IMPF-3.SG.M
 “Ele está ficando grande” (não “Ele está ficando maior”) (BRUCE, 1984, p. 78)

3.5.3. *Berik*

A quadragésima terceira língua analisada é o berik, uma língua da família Tor, falada no lado indonésio da ilha de Papua. A descrição utilizada foi a de Westrum (1988).

3.5.3.1. *Substantivos em Berik*

Substantivos em berik recebem diferentes marcas de caso, como {-na} no sujeito das orações e {-s} no objeto – sendo que nem todos os substantivos recebem essas marcas (WESTRUM, 1988, p. 141).

- (524) Bangge-na aiserem je tawe-fa tini-be
 esquilo-SUJ DEM 3.SG subir-FUT árvore-LOC
 “O esquilo vai subir na árvore” (WESTRUM, 1988, p. 141)

- (525) Ai fos telbi
 1.SG água.OBJ beber
 “Bebo água” (WESTRUM, 1988, p. 141)

3.5.3.2. *Verbos em Berik*

Os verbos em berik recebem uma série de afixos, determinando sujeito, objeto, hora do dia (se a ação foi feita enquanto estava claro ou escuro), tempo, polaridade, gênero, entre outros (WESTRUM, 1988, p. 150).

- (526) Ai buku jep gubanant
 1.SG livro 3.SG.DAT dar.PSD.DIURNO.MASC
 “Dei o livro para ele (de dia)” (WESTRUM, 1988, p. 165)

3.5.3.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Berik*

Adjetivos – chamados pelo autor de “modificadores” – são palavras que aparecem na posição de modificadores em sintagmas nominais e verbais (WESTRUM, 1988, p. 147). Compartilham com outros substantivos essa função:

- (527) Twen unggwandusa
 Porco grande
 “Porco grande” (WESTRUM, 1988, p. 157)

- (528) Twen tane
 Porco filho
 “Filhote de porco” (WESTRUM, 1988, p. 157)

Adjetivos na língua também podem aparecer na função predicativa:

- (529) Twena jeserem je unggwandusa
 Porco DEM 3.PL grande
 “Os porcos eram grandes” (WESTRUM, 1988, p. 157)

3.5.4. Edolo

A quadragésima quarta língua analisada é o edolo, uma língua da família Bosavi, falada na província de Southern Highlands, na Papua Nova Guiné. A descrição utilizada é de Gossner (1994).

Edolo é uma língua de ordem SV/AOV (GOSSNER, 1994, p. 105).

3.5.4.1. Substantivos em Edolo

Os substantivos em edolo não apresentam marca de número ou de gênero (GOSSNER, 1994, p. 23-24), mas recebem marca de caso, apresentando um sistema de alinhamento ergativo-absolutivo:

- (530) Nili mala molö ma-i
 1.SG.ABS vir-SIMULTÂNEO comida comer-PSD
 “Viemos comendo” (GOSSNER, 1994, p. 27)

- (531) Eedo am-ea gähëö gugi gau-la fede-i
 pai dem-ERG pandano mistura segurar-SIMULTÂNEO subir-PSD
 “Aquele pai subiu carregando uma mistura de pandano” (GOSSNER, 1994, p. 27)

3.5.4.2. Verbos em Edolo

Verbos apresentam uma morfologia bastante complexa em edolo, com sufixos de direção, modalidade, aspecto, força ilocucionária, tempo, modo e evidenciais (GOSSNER, 1994, p. 40), inclusive podendo receber o mesmo sufixo de definitude dos nominais em orações subor-

dinadas (GOSSNER, 1994, p. 55). Como exemplo de orações com verbos em edolo apresentando essas características temos:

(532) Di Tari asegi nïe mili odoa nea-si-maea
 2.SG Tari ir.SEQ.SUB 1.SG-BEN prego alguns pegar-BEN-CAUS
 “Quando você for pra Tari, quero que me compre uns pregos” (GOSSNER, 1994, p. 45)

(533) Fo mahalea-da edefade gusa
 vento vir-ASP-DEF grande som-ASP
 “O soprar do vento faz um barulho alto” (GOSSNER, 1994, p. 55)

3.5.4.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Edolo*

Não há indicações precisas sobre a existência de adjetivos ou não na língua, sendo difícil diferenciar entre possíveis adjetivos e verbos estativos da língua (GOSSNER, 1994, p. 59-60). Existe a possibilidade de alguns dos candidatos a adjetivo serem morfologicamente complexos, uma vez que é possível que eles terminem com o sufixo verbal de tempo passado {-i} (GOSSNER, 1994, p. 61), havendo casos em que o morfema aparece em paradigmas com outros sufixos verbais, como em “yö-i” (pesado) e “yö-molo” (pesado-FUT) (GOSSNER, 1994, p. 59).

(534) Nïe fagulo gähë falei
 1.SG-GEN roupa novo branco
 “Minha nova roupa branca” (GOSSNER, 1994, p. 55)

(535) Sugua yabui amo
 porco preto DEM
 “O porco que é preto / Aquele porco preto” (GOSSNER, 1994, p. 91)

(536) Sugua-ea dolo mih-i amo
 porco-ERG MASC morder-PSD aquele
 “O porco que mordeu o homem” (GOSSNER, 1994, p. 91)

3.5.5. Kayardild

A quadragésima quinta língua analisada é o kayardild, uma língua australiana do gênero Tângkico, falada na província australiana de Queensland, no nordeste do país. A descrição utilizada é de Evans (1995).

3.5.5.1. *Substantivos em Kayardild*

Os nominais em kayardild recebem uma variedade de sufixos de caso, geralmente sendo o suficiente em uma oração, sem a necessidade de um verbo:

(537) Dangka-a yubuyubu-y yubuyubu-nurru
 pessoa-NOM estrada-LOC estrada-ASSOC
 “A pessoa (está) na estrada” (EVANS, 1995, p. 130)

(538) Dathin-a dangka-a Wurdungathi
 DEM-NOM pessoa-NOM Wurdungathi
 “Aquele pessoa é o Wurdungathi” (EVANS, 1995, p. 314)

3.5.5.2. *Verbos em Kayardild*

Os verbos em kayardild apresentam um sistema bastante interdependente de sufixos de tempo, modo e aspecto (EVANS, 1995, p. 252), em que eles se misturam com noções como de polaridade, como pode ser visto abaixo (em que não é possível separar um morfema de polaridade):

(539) Jungarra bawa-tha warngal-d
 grande.NOM soprar-AFIR.FACT vento-NOM
 “O vento sopra forte” (EVANS, 1995, p. 256)

(540) Ngada kala-tharri wangalk-i
 1.SG.NOM cortar-NEG.FACT bumerangue-MLOC
 “Não fiz um bumerangue” (EVANS, 1995, p. 257)

(541) Niya bukawa-thu mungkiji-wu dulk-u
 3.SG.NOM morrer-AFIR.POT próprio-MPROP país-MPROPR

“Ele morrerá no próprio país” (EVANS, 1995, p. 258)

- (542) Ngada ngudi-nangku wangalk-u
 1.SG.NOM jogar-NEG.POT bumerangue-MPROP
 “Não vou jogar o bumerangue” (EVANS, 1995, p. 259)

3.5.5.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Kayardild*

O autor não faz distinção entre substantivos e adjetivos em kayardild, argumentando que, além de compartilharem paradigmas flexionais e derivacionais, é comum que a mesma palavra possa exercer a função de adjetivo ou de substantivo, dependendo de onde se encontra – “wurkara” pode tanto significar “garoto” como “macho” por esse motivo (EVANS, 1995, p. 84).

É possível, mas não comum, que adjetivos apareçam sozinhos em kayardild, com um caso bastante específico abaixo:

- (543) Jungarra warrangal-d, nguthunguthu warrmar
 grande.NOM vento-NOM pequeno.NOM brisa.NOM
 “O grande se chama Vento (Warrngald). O pequeno, Brisa (Warrmar)” (EVANS, 1995, p. 234)

Isso também pode acontecer quando o sujeito é omitido:

- (544) Kunya-warri jungarra dibidibi
 pequeno-PRIV grande.NOM salmão.NOM
 “Não (era o) pequeno, (era o) salmão grande” (EVANS, 1995, p. 315)

Em geral, palavras como “grande” aparecem junto de um outro substantivo da língua, precedendo o termo modificado:

- (545) Nga-l-da marri-já kang-ki jungarra-na dangka-na
 1-PI-NOM ouvir-ACT história-MLOC grande-ABL pessoa-ABL
 “Ouvimos a história dos anciãos” (EVANS, 1995, p. 143)

3.5.6. Lavukaleve

A quadragésima sexta língua analisada é o lavukaleve, uma língua dos Solomões Centrais, falada nas Ilhas Salmoão. A descrição utilizada é de Terrill (1999).

3.5.6.1. Substantivos em Lavukaleve

Os substantivos da língua têm como características possuírem um gênero inerente, podem receber o artigo definido e serem modificados pelos demonstrativos (TERRILL, 1999, p. 42).

- (546) Ngai ta buku hoina a-nuve-a heo
 1.SG só concha MEF.SG.M 3.SG.M.O-ter-SG.F-3.SG.F 3.SG.EFOC
 “Aquela concha é minha!” (TERRILL, 1999, p. 82)

- (547) Navigol na o-lang-fi David
 ciclone ART.SG.M 3.SG.POSS-nome-3.SG.N David
 “O nome do ciclone era Davi” (TERRILL, 1999, p. 86)

3.5.6.2. Verbos em Lavukaleve

Os verbos da língua têm várias características próprias, como receber prefixos pronominais, sufixos de concordância e tempo-modo-aspecto (TERRILL, 1999, p. 43). Exemplos de uso de verbos transitivos e intransitivos são:

- (548) Bagatum na fo'sal na a-o-le
 Gigante ART.SG.M peixe ART.SG.M 3.SG.O-3.SG.S-ver
 “O gigante viu o peixe” (TERRILL, 1999, p. 44)

- (549) Bagatum na o-vo
 gigante ART.SG.M 3.SG.S-vir
 “O gigante veio” (TERRILL, 1999, p. 44)

3.5.6.3. Adjetivos em função atributiva na língua Lavukaleve

O comportamento dos adjetivos em lavukaleve é bastante semelhante ao dos verbos intransitivos, sendo difícil por vezes fazer a distinção – ou mesmo impossível na função predi-

cativa – com a diferença na função atributiva sendo a possibilidade de modificar diretamente um substantivo, não possuir número ou gênero próprio, recebendo apenas sufixo de concordância (TERRILL, 1999, p. 47). Um exemplo é o adjetivo “bom”, mostrado nas funções predicativa e atributiva abaixo:

- (550) Aka foiga mina ho’bea-a la feo
 Então MED.SG coisa boa-SG.F ART.SG.F 3.SG.FOCO
 “E é uma coisa boa” (TERRILL, 1999, p. 47)

- (551) Aka vovo la ho’bea-a ke
 Então guria ART.SG.F bom-SG.F ÊNF
 “E a guria era muito bonita” (TERRILL, 1999, p. 47)

3.5.7. Skou

A quadragésima sétima língua analisada é o skou, uma língua da família homônima, falada na parte indonésia da ilha de Papua. A descrição utilizada é de Donohue (2004).

3.5.7.1. Substantivos em Skou

Os substantivos em skou geralmente não recebem afixos, fazendo uso da sintaxe mais do que da morfologia para indicar função numa oração – com exceção da marca de posse (DONOHUE, 2004, p. 278). Um exemplo de substantivo em função predicativa é:

- (552) Ke angleng
 3.SG.ÑF solteiro
 “Ele é solteiro” (DONOHUE, 2004, p. 276)

3.5.7.2. Verbos em Skou

A maior parte dos verbos em skou aparece apenas com as marcas de concordância, apesar de ser possível que apareçam com mais marcas de tempo e aspecto ou com verbos auxiliares (DONOHUE, 2004, p. 200). Um exemplo de paradigma verbal na língua é o seguinte:

- (553) Mè=m-í
 2.SG=2.SG-ir.oeste

“Vai para o oeste!” (DONOHUE, 2004, p. 201)

- (554) Mè=m-í-m-í
 2.SG=2.SG-ir.oeste-2.SG-ir.oeste
 “Você vai para o oeste” (DONOHUE, 2004, p. 201)

- (555) Mè=m-i
 2.SG=2.SG-ir.oeste<TOM BAIXO>
 “Você foi para o oeste” (DONOHUE, 2004, p. 201)

3.5.7.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Skou*

Adjetivos em skou são diferentes de verbos e substantivos: diferem dos verbos no sentido em que não precisam estar numa oração relativa para modificar um substantivo, e não precisam de concordância com o sujeito para estar na função predicativa; e, diferem dos substantivos no sentido em que não podem ser núcleo do sintagma, aparecer como possuidor de um nominal, além dos resquícios que apresentam do sistema de classificação (DONOHUE, 2004, p. 173).

- (556) Ke=balèng máki=inga
 3.SG.ÑF=homem grande=ART
 “O homem grande” (DONOHUE, 2004, p. 173)

- (557) Ke=ing a bà=alto
 3.SG.Ñ.F=ART ANIM=alto
 “Ele é alto” (DONOHUE, 2004, p. 175)

3.5.8. *Teiwa*

A quadragésima oitava língua analisada é o teiwa, uma língua da família Kukukuku (também conhecida como) falada na província de Southern Highlands, na Papua Nova Guiné. A descrição utilizada é de Klamer (2010).

3.5.8.1. Substantivos em Teiwa

Substantivos em teiwa não apresentam marcas de caso, gênero ou número (KLAMER, 2010, p. 187). Relevante para o presente trabalho está o fato de que os substantivos da língua podem receber marcas de posse como nos casos abaixo³⁰:

- (558) Yivar ga-manak
cachorro 3.SG-dono
“O dono do cachorro” (KLAMER, 2010, p. 189)
- (559) Yivar waal a xer-na a-manak ga’na he’em ma
Cachoro DEM 3.SG gritar-RLS 3.SG-dono 3.SG perto vir
“O cachorro gane vindo perto do dono” (KLAMER, 2010, p. 191)

3.5.8.2. Verbos em Teiwa

Os verbos em teiwa apresentam marcas de aspecto, modalidade, e do que o autor chama de realidade (a distinção entre *realis* e *irrealis*) (KLAMER, 2010, p. 245). Relevante para o presente trabalho é o uso do sufixo {-(-a)n} de *realis*, restrito a verbos e visível em exemplos como o seguinte, no qual ele é obrigatório em uma ação que já esteja em andamento (a ação de ir), mas impossível no imperativo (já que se refere a algo não iniciado, como no segundo exemplo):

- (560) Iqa’na ni gi-n e
escuro 1.PL ir-RLS EXCL
“Está escuro, vamos indo” (KLAMER, 2010, p. 248) [dito já indo]
- (561) Yo, iqa’na ba tewar
Sim escuro SEQ andar
“[Está ficando] escuro sim, anda!” (KLAMER, 2010, p. 248)

3.5.8.3. Adjetivos em função atributiva na língua Teiwa

Adjetivos em teiwa apresentam características diferentes de outras classes lexicais como substantivos e verbos (KLAMER, 2010, p. 116). É raro que um adjetivo apareça junto de ou-

³⁰ A língua apresenta os prefixos {a-} e {ga-} para terceira pessoa, sendo intercambiáveis com a palavra “manak” (dono) (KLAMER, 2010, p. 191)

tro (como no primeiro exemplo abaixo), sendo possível apenas quando o adjetivo “yas” apresenta uma função adverbial modificando, no caso, um adjetivo na função atributiva:

- (562) A'na [uy bunar yas]
 3.SG pessoa bêbado mau
 “Ele é uma pessoa muito bêbada” (KLAMER, 2010, p. 118)

Os adjetivos da língua também podem aparecer na função predicativa, sendo negados com a marca “maan”, assim como os verbos. Uma das diferenças entre verbos e adjetivos na língua é que os adjetivos não podem receber a marca de tempo realis (KLAMER, 2010, p. 118).

- (563) Na-to' bik
 1.SG-estômago satisfeito
 “Estou cheio” (KLAMER, 2010, p. 118)

- (564) Gelas xa'a ii' maan
 copo DEM vermelho NEG
 “Esse copo não é vermelho” (KLAMER, 2010, p. 118)

É possível que os adjetivos apareçam com marca de posse quando são núcleos do sintagma, comportamento similar ao dos nominais da língua (KLAMER, 2010, p. 119), não ficando claro se há outras implicações semânticas:

- (565) Ga-bunar a'na
 3.SG-bêbado 3.SG
 “O bêbado é ele!” (KLAMER, 2010, p. 119)

3.5.9. Tobelo

A quadragésima nova língua analisada é o tobelo, uma língua da família Bosavi, falada na província de Southern Highlands, na Papua Nova Guiné. A descrição utilizada é a de Holton (2003).

3.5.9.1. *Substantivos em Tobelo*

Substantivos em tobelo têm como característica sempre virem com um prefixo indicando se são um substantivo: {o-} se for o núcleo do sintagma, {ma-} caso não seja, e no caso de ser necessário indicar passe, o prefixo é substituído por outro que indica pessoa e número do(s) possuidor(es) (HOLTON, 2003, p. 13). Quaisquer informações relacionadas a número (como será visto adiante) são codificadas no verbo, como na oposição a seguir:

(566) O-nauru wo-boa
 SUBS-homem 3.SG-chegar
 “O homem está chegando” (HOLTON, 2003, p. 13)

(567) O-nauru yo-boa
 SUBS-homem 3.PL-chegar
 “Os homens estão chegando” (HOLTON, 2003, p. 13)

3.5.9.2. *Verbos em Tobelo*

A característica principal dos verbos em tobelo é a presença de prefixos de concordância, que variam com um ou dois dos seus argumentos, concordando de acordo com número e pessoa (HOLTON, 2003, p. 21).

(568) To-ni-gohara
 1-2-bater
 “Eu te bato” (HOLTON, 2003, p. 21)

(569) To-tagì
 1-ir
 “Vou” (HOLTON, 2003, p. 21)

3.5.9.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Tobelo*

A descrição utilizada não apresenta uma categoria de adjetivo, mas descreve propriedades adjetivais presentes tanto em substantivos como em verbos (o primeiro exemplo), dependendo do contexto, sendo possível inclusive fazer comparações tanto com as formas verbais quanto com as formas nominais (os outros exemplos):

- (570) O-ode ma-pako
 SUBS-porco SUBS.REL-grande
- O-ode i-pako
 SUBS-porco 3-grande
- “O porco é grande” (HOLTON, 2003, p. 23)
- (571) O-boki ya-torou-ohi de o-kaho
 SUBS-gato 3.PL.3-ruim-DUR com SUBS-cachorro
- “Gatos são piores do que cachorros” (HOLTON, 2003, p. 23)
- (572) O-miamia nena ma-amoko i-holoi de o-kaho
 SUBS-macaco DEM SUBS.REL-grande 3-mais com SUBS-cachorro
- “Esse macaco é maior que um cachorro” (HOLTON, 2003, p. 23)

3.5.10. Yade (Nagatman)

A quinquagésima língua analisada é o yade, uma língua isolada falada na província de Sandaun, no noroeste da Papua Nova Guiné. A descrição utilizada é de Campbell e Campbell (1987).

3.5.10.1. Substantivos em Yade

Substantivos podem aparecer sem nenhuma morfologia. No caso de haver algum afixo, eles podem se referir a número (estando restrito a alguns apenas) ou indicar posse (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 2).

- (573) Bo bo bi do wa n-u-i-o
 1.SG 1 POSS casa DIR 1.SG-ir-S.SG-IND
- “Estou indo para minha casa” (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 3)
- (574) Bo ama-re tède
 1.SG cachorro-PL dois
- “Tenho dois cachorros” (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 3)

3.5.10.2. *Verbos em Yade*

Verbos em yade aparecem com vários afixos específicos, sendo que, em alguns, a marca de pessoa vem com um sufixo, e, em outros, vem com um prefixo, sendo possível também que o radical verbal mude se o objeto da ação estiver no plural (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 37, 39).

(575) Ne-mi-d-ë
1.SG-atirar-3.SG.M.OBJ-S
“Atirei nele” (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 37, 39)

(576) Ø-te-mi-de
3.SG-PSD-atirar-3.SG.OBJ
“Ele atirou nele” (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 37, 39)

3.5.10.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Yade*

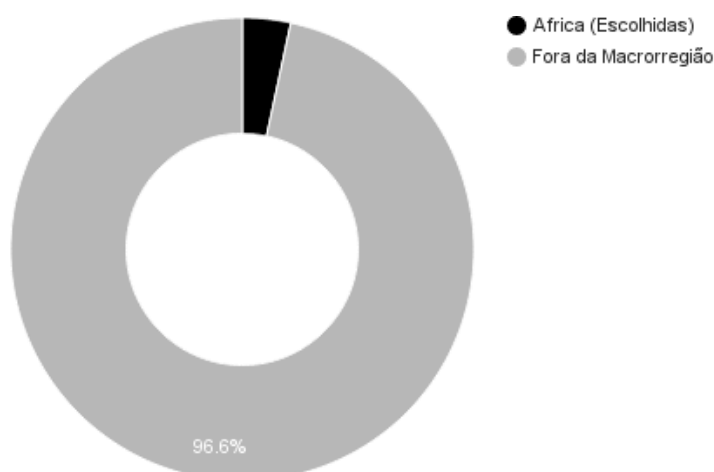
A descrição não apresenta muitas informações sobre como são os adjetivos da língua, mencionando apenas que eles podem vir tanto antes quanto depois do substantivo modificado (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 29), sem citar se é possível aparecerem sem um substantivo (como na função predicativa).

(577) Wesibi tokwefo dëgehidená
Coisa pequena 3.SG.M-trazer-3.SG.M.OBJ
“Ele trouxe algumas coisas pequenas” (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 29)

(578) Bu dade ho
3 bom homem
“Ele é um bom homem” (CAMPBELL e CAMPBELL, 1987, p. 29)

3.6. *África*

Por fim, a África corresponde a 590 línguas das línguas catalogadas, faladas em 7 (sete) famílias, correspondendo assim, a apenas 3,4% das famílias catalogadas, mesmo sendo a região com o maior número de línguas:



O problema com o levantamento de dados sobre essas línguas é que, para uma delas, não foi encontrado material algum: Laal, uma língua isolada falada no Chade. Com isso, havia material para apenas seis das sete famílias. Devido à quantidade de famílias ser inferior à quantidade de línguas necessárias, e haver esse problema com a disponibilidade de materiais, foram levadas em consideração a quantidade de subfamílias presentes dentro de cada família e a disponibilidade de material, a fim de escolher quais línguas seriam representadas mais de uma vez:

- Kadugli e Khoisano: uma língua apenas, devido ao fato de não possuírem subfamílias, não sendo possível assim assegurar uma maior variabilidade interna.
- Afro-Asiático, Niger-Congo e Nilo-Saariano: três línguas nas duas primeiras famílias e duas línguas na última. Isso se deve ao fato de a família Afro-Asiática apresentar duas subfamílias (Chádica e Cuchítica) e um gênero independente delas (Semítico); a família Niger-Congo apresentar três subfamílias (Atlântica, Benue-Congo e Mande); e a família Nilo-Saariana apresentar duas subfamílias (Sudânica Central e Sudânica Oriental).

As línguas analisadas são: Fongbe (Niger-Congo/Benin), Koyra Chiini (Nilo-Saariano/Mali), Krongo (Kadugli/Sudão), Lango (Nilo-Saariano/Uganda), Maltês (Afro-Asiático/Malta), Mani (Niger-Congo/Guiné), Mina (Afro-Asiático/Camarões), Sandawe (Khoisano/Tanzânia), Somali (Afro-Asiática/Somália) e Xhosa (Niger-Congo/África do Sul).

3.6.1. Fongbe

A quinquagésima primeira língua analisada é o fongbe, uma língua do gênero Kwa, parte da família Niger-Congo, falada no Benin. A descrição utilizada é a de Lefebvre e Brousseau (2002).

3.6.1.1. Substantivos em Fongbe

É perfeitamente possível que os substantivos apareçam em fongbe sem nenhuma marca, como no primeiro exemplo abaixo, mas uma das características que separam nominais de outras classes (como será mostrado adiante) é a possibilidade de eles poderem aparecer com o artigo definido da língua:

(579) Kòkú òù blédì
 Koku comer pão
 “Koku comeu pão” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 40)

(580) Ví ó
 criança ART
 “A criança” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 37)

3.6.1.2. Verbos em Fongbe

Verbos em fongbe não têm marca de tempo, modo, aspecto, pessoa ou número (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 85), com o tempo padrão dependendo do aspecto lexical (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 87):

(581) Àsíbá tùn Kòkú
 Asiba conhecer Koku
 “Asiba conhece Koku” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 86)

(582) Kòkú kán wèzùn
 Koku correr correr
 “Koku correu” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 87)

3.6.1.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Fongbe*

Os autores reconhecem em fongbe a existência de 22 adjetivos que não são derivados de verbos (através de duplicação) possuindo características diferentes de verbos e substantivos (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 350).

Diferente dos substantivos, esses adjetivos não podem receber o artigo definido; e, diferente dos verbos, eles não podem aparecer sozinhos como predicados intransitivos (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 350-351).

Eles podem aparecer com o artigo desde que modifiquem um substantivo na função atributiva, portanto, e na função predicativa eles aparecem junto da cópula, com exceção do adjetivo ‘dígà’, que, ao contrário do que foi dito no parágrafo acima, pertence à classe dos adjetivos, mas pode aparecer sozinho como predicado intransitivo – levando à suposição de que a cópula estaria incorporada:

(583) Súnû d̀àgbè ó
 homem bom ART
 “O homem bom” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 350)

(584) K̀òkú d̀ò d̀àgbè
 Koku estar bom
 “Koku é bom” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 351)

(585) K̀òkú d̀ígà
 Koku ser.alto
 “Koku é alto” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 351)

Diferente de verbos também, os adjetivos não podem ser reduplicados parcialmente, aparecendo duplicados completamente para dar idéia de intensidade, como no caso abaixo:

(586) d̀àgbè-d̀àgbè
 bom-bom
 “Muito bom” (LEFEBVRE e BROUSSEAU, 2002, p. 351)

3.6.2. Koyra Chiini

A quinquagésima segunda língua analisada é o koyra chiini, por vezes considerada um dialeto da língua songhay/songhai, da família Nilo-Saariana e falada na região da cidade de Tombuctu (Timbuktu), no Mali. A descrição utilizada é de Heath (1998).

3.6.2.1. Substantivos em Koyra Chiini

Os substantivos em koyra chiini não recebem marca de caso, com a diferença entre sujeito e objeto, por exemplo, sendo expressa pela ordem sintática:

- (587) [har di] o guna [woy di]
 homem DEF IMPF ver mulher DEF
 “O homem vê a mulher” (HEATH, 1998, p. 103)

3.6.2.2. Verbos em Koyra Chiini

Os verbos em koyra chiini têm como características receberem marcas de modo, aspecto e polaridade (chamadas de morfemas MAN “Modo-Aspecto-Negação” na descrição utilizada (HEATH, 1998, p. 125)), os quais vêm antes do verbo modificado:

- (588) [har di] o koy
 homem DEF impf ir
 “O homem irá” (HEATH, 1998, p. 125)

- (589) A na ŋi addama-jje ta nono
 3.SG.S NEG ser humano-criança TOP ser
 “Não é um ser humano” (HEATH, 1998, p. 147)

3.6.2.3. Adjetivos em função atributiva na língua Koyra Chiini

Os adjetivos da língua são considerados “adjetivos intransitivos” com significados de qualidades involuntárias ou constantes, que podem modificar um sintagma nominal (HEATH, 1998, p. 71).

Existem três tipos diferentes de adjetivos, dependendo da morfologia com as quais eles aparecem: na função atributiva ou como núcleo do sintagma – eles podem aparecer ou sem sufixo nenhum (como no caso de “beer” (grande)), com um sufixo adjetival {-o} (como no caso de “koron” (quente)), ou com o sufixo de participio {-nte} (como no caso de “futu”

(mau)) (HEATH, 1998, p. 72). Os sufixos não são necessários na função predicativa, e aparecem junto de um “prefixo absolutivo” para poderem ser utilizados como núcleo do sintagma:

- (590) Ni beer / koron / futu
 2.SG grande quente mau
 “Você era grande/quente/mau” (HEATH, 1998, p. 73)
- (591) Har beer / konn-o / futu-nte di
 Homem grande quente-ADJ mau-PART ART
 “O homem grande/quente/mau” (HEATH, 1998, p. 73)
- (592) I-beer i-konn-o i-futu-nte di
 ABS-grande ABS-quente-ADJ ABS-mau-PART ART
 “O grande/quente/mau” (HEATH, 1998, p. 73)

3.6.3. Krongo

A quinquagésima terceira língua analisada é o Krongo, uma língua da família Kadugli falada no Sudão. A descrição utilizada é de Reh (1985).

3.6.3.1. Substantivos em Krongo

Os substantivos em krongo apresentam morfologia de número e alguns dos casos (como dativo e genitivo), sem haver marcação morfológica de sujeito e objeto (REH, 1985, p. 97-98, 144).

- (593) M-ósò Kàkká kàbàlákkà m-àdéelá
 F-IMPF:seguir Kaka camelo CONECTIVO.F-belo
 “Kaka segue o belo camelo” (REH, 1985, p. 144)

3.6.3.2. Verbos em Krongo

Os verbos da língua apresentam marca de tempo e aspecto, além de concordar em gênero com o sujeito ao qual eles se referem na terceira pessoa (REH, 1985, p. 175-176).

- (594) n-yáaw àʔàŋ ò-dí
 ½-IMPF:ir 1.SG DAT-lar

“Vou para casa” (REH, 1985, p. 146)

- (595) àdá-ŋ kíttáabà ò-níimò
 M.PRF.dar-TR livro DAT-mãe
 “Ele deu o livro para a mãe” (REH, 1985, p. 145)

3.6.3.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Krongo*

A língua apresenta uma classe de verbos descritivos, a qual é usada tanto atributivamente quanto descritivamente. Na função atributiva, os verbos descritivos aparecem com o conectivo {ŋ-}, o qual pode aparecer de formas diferentes dependendo do gênero da palavra modificada.

- (596) Biitì ŋ-álímì
 Água CONECTIVO.M-IMPF:ser.quente
 “Água quente” (REH, 1985, p. 251)
- (597) Álímì biitì
 M.IMPF:ser.quente água
 “A água é quente” (REH, 1985, p. 251)
- (598) Mòtò m-àdéelá
 trabalho CONECTIVO.F-IMPF:ser.bom
 “Bom trabalho” (REH, 1985, p. 251)
- (599) M-àdéelá mòtò
 F-IMPF:ser.bom trabalho
 “O trabalho é bom” (REH, 1985, p. 251)

3.6.4. *Lango*

A quinquagésima quarta língua analisada é o lango, uma língua da subfamília Sudânica Oriental pertencente à família Nilo-Saariana, e falada em Uganda. A descrição utilizada é de Noonan (1992).

3.6.3.4. *Substantivos em Lango*

Substantivos em lango têm como característica a possibilidade de aparecerem em construções predicativas junto de marcas de pessoa, como nos casos abaixo:

(600) Án à-dáktâl
 1.SG 1.S.SG-médico.HAB
 “Sou um médico” (NOONAN, 1992, p. 144)

(601) Yín ì-dáktâl
 2.SG 2.S.SG-doutor.HAB
 “Você é um médico” (NOONAN, 1992, p. 144)

Para colocar a informação no passado, por exemplo, é necessário usar uma construção perifrástica com o verbo ‘bèdò’:

(602) Án à-bédò dàktâl
 1.SG 1.S.SG-estar.PERF médico
 “Eu era médico” (NOONAN, 1992, p. 145)

3.6.3.5. *Verbos em Lango*

Verbos em lango apresentam marcação de tempo e modo de acordo com tom e concordância com os argumentos utilizando afixos que variam de acordo com pessoa e número (NOONAN, 1992, p. 91-92).

(603) À-gîk
 1.S.SG-parar.PERF
 “Parei” (NOONAN, 1992, p. 94)

(604) Á-gîk
 1.S.SG-parar.PROG
 “Estou parando” (NOONAN, 1992, p. 94)

3.6.3.6. *Adjetivos em função atributiva na língua Lango*

Os adjetivos em lango compartilham várias características verbais, como os prefixos de concordância, a forma em que são nominalizados, e a impossibilidade de adjetivos aparecerem na função atributiva sem se encontrarem em orações relativas (NOONAN, 1992, p. 103), como pode ser visto nas comparações abaixo entre um dos verbos e um adjetivo:

(605) Kùll à jwé
javali PART 3.S-fedido-HAB
“Um javali fedido” (NOONAN, 1992, p. 103)

(606) Kùll à òwòpé
Javali PART 3.S-seguir-PERF-1.SG
“Aquele javali que me seguiu” (NOONAN, 1992, p. 103)

As diferenças são que adjetivos não variam de tom, não possuem subjuntivo e infinitivo, e alguns adjetivos (mas não todos) possuem raízes diferentes de acordo com número (NOONAN, 1992, p. 104-105), como nos casos abaixo:

(607) Twòl ràc
cobra 3.S.mau:SG.HAB
“A cobra é má” (NOONAN, 1992, p. 104)

(608) Twòlê rácù
cobras 3.S.mau:PL.HAB
“As cobras são más” (NOONAN, 1992, p. 104)

Na função predicativa, adjetivos funcionam de forma similar aos substantivos, aparecendo com as marcas de pessoa e, para indicar tempo passado, aparece com o verbo ‘bèdò’:

(609) Án à-râc
1.SG 1.S.SG-mau.HAB
“Eu sou mau” (NOONAN, 1992, p. 146)

- (610) Án àbédò rác
 1.SG 1.S.SG-estar-PERF mau
 “Eu estava/era mal” (NOONAN, 1992, p. 146)

3.6.5. Maltês

A quinquagésima quinta língua analisada é o maltês, uma língua da subfamília semítica pertencente à família Afro-Asiática e falada em Malta, na Europa (sendo a única língua da família falada na região, motivo pelo qual é considerada no catálogo como sendo uma língua africana). A descrição utilizada é de Borg e Azzopardi-Alexander (1997). Nem sempre a segmentação verbal está disponível nos exemplos originais, ficando restrita à glosa, motivo pelo qual nem sempre os morfemas estão destacados abaixo.

3.6.5.1. Substantivos em Maltês

Os substantivos em maltês podem apresentar morfologia de número e gênero, além de um clítico de definitude (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 136). Em nomes pessoais, é possível aparecer com a preposição “lil” (a) indicando que se trata do objeto do verbo, não sendo comum em outras situações:

- (611) Raw lil Pietru fuq il-bejt
 Ver.PSD-3.PL a Pedro em ART-telhado
 “Viram Pedro no telhado” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 137)
- (612) Il-qattus kiel il-gurdien
 ART-gato comer.PSD-3.M.SG ART-rato
 “O gato comeu o rato” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 139)

3.6.5.2. Verbos em Maltês

Os verbos em maltês podem apresentar morfologia de voz (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 212), tempo (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 220), aspecto (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 226), modo (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 237), além da concordância em gênero, número e pessoa com o sujeito da oração (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 253). Como exemplos de uso dos verbos na língua, podemos ver as orações abaixo:

(613) Qara ktieb
 ler-3.M.SG livro
 “Ele lê um livro” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 229)

(614) Se jaqra ktieb
 FUT ler-3.M.SG livro
 “Ele vai ler um livro” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 229)

3.6.5.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Maltês*

Adjetivos em maltês apresentam características comuns tanto a substantivos quanto a verbos (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 59). Assim como substantivos, é possível que apareçam na função predicativa junto do substantivo em construções equativas (como no exemplo abaixo):

(615) Il-pulizija t-twil
 ART-policial ART-longo
 “O policial é o alto” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 260)

É importante frisar que o artigo não é obrigatório na função predicativa:

(616) Din il-kaxxa kbir-a hafna
 DEM-F.SG ART-caixa grande-F.SG muito
 “Essa caixa é muito grande” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 263)

Tanto adjetivos quanto verbos, por sua vez, podem ser usados atributivamente, como nos casos abaixo:

(617) Dahlet tifla tibki bil-qalb
 entrar.PSD-3.F.SG guria chorar-3.F.SG com-coração
 “A guria veio chorando copiosamente (com o coração)” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 60)

- (618) Kelb iswed gidem it-tifla
cachoro preto morder.PSD-3.M.SG ART-guria
“O cachorro preto mordeu a guria” (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 15)

3.6.6. Mani

A quinquagésima sexta língua analisada é o mani, também conhecida como Bollom So, uma língua da subfamília Atlântica pertencente à família Niger-Congo, e falada na Guiné e em Serra Leoa. A descrição utilizada é de Childs (2011).

3.6.6.1. Substantivos em Mani

Os substantivos em mani apresentam um sistema de 7 (sete) classes, distinguidas por questões semânticas, as quais podem ser marcadas nos substantivos e vêm junto dos elementos que modificam o substantivo (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 117). Um exemplo de como as questões semânticas determinam o uso das classes pode ser visto na oração abaixo, em que o item ‘água’ primeiro vem marcado com uma classe (“ma”) ao ser considerado como um todo e depois com outra classe ao ser apresentado dividido em gotas:

- (619) mèm mà tòrì dî-bul dî-bul
água 3.SG gota CL-um CL-um
“A água goteja gota a gota” (CHILDS, 2011, p. 123)

3.6.6.2. Verbos em Mani

Os verbos em mani apresentam morfologia de tempo, modo, aspecto e polaridade, além de concordância com a classe do sujeito (BORG e AZZOPARDI-ALEXANDER, 1997, p. 135).

- (620) Làmìnà wó hùn
Lamina 3.SG vir
“Lamina virá” (CHILDS, 2011, p. 139)

- (621) Làmìnà wó hún-yé
Lamina 3.SG vir-STAT
“Lamina está vindo” (CHILDS, 2011, p. 139)

3.6.6.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Mani*

Existe uma quantidade limitada de adjetivos em mani (a descrição utilizada encontrou menos de 40), os quais podem aparecer tanto nas funções atributivas quanto na predicativa, sempre levando a marca de concordância no nominal modificado:

(622) Kìl tì-cé tì-tòliyén
 casa CL-DEF CL-baixo
 “As casas baixas” (CHILDS, 2011, p. 71)

(623) Kìl tì-cé tá tì-tòliyén
 casa CL-DEF 3.PL.INANIMADO CL-baixo
 “As casas são baixas” (CHILDS, 2011, p. 71)

3.6.7. *Mina*

A quinquagésima sétima língua analisada é o mina, uma língua Chádica da família Afro-Asiática falada no norte de Camarões. A descrição utilizada é de Frajzyngier e Johnston (2005).

3.6.7.1. *Substantivos em Mina*

A característica principal do substantivo é que ele pode aparecer como argumento de verbos sem nenhuma modificação morfológica (diferente das outras classes lexicais) (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 35). Os substantivos podem receber morfema de plural (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 60). Não há marcas de caso, como pode ser visto no exemplo abaixo:

(624) Titî í n kó dzà kóḍòbòk-yî zó díà
 3.PL 3.PL PREP INF matar rato-PL EE muitos
 “Eles mataram muitos ratos” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 69)

3.6.7.2. *Verbos em Mina*

Os verbos em mina podem receber vários afixos que não aparecem com outras categorias lexicais, como afixos de objetivo e marcas de concordância (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 71). Entre os afixos presentes nos verbos, temos o sufixo estativo –yí, como no caso abaixo:

- (625) Láy mó ts-í zà
 campo REL limpar-EST EE
 “O campo foi limpo (com fogo)” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 72)

3.6.7.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Mina*

A descrição utilizada reconhece a existência de um número limitado de adjetivos, diferentes de substantivos e verbos (dos quais os substantivos, por sua vez, podem ser derivados) (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 5). O problema é que a descrição considera que essas palavras pertencem não a uma classe, mas a três classes.

A primeira classe tem como característica a possibilidade de aparecer na função atributiva sem nenhuma marcação extra de natureza morfológica ou sintática, como pode se ver abaixo:

- (626) sè kó òm ñkù báytò zè á idó tákón
 1.SG INF ver bode grande EE PRED casa 2.SG
 “Vi um bode grande na sua casa” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 41)

- (627) ñkù wà báytàŋ
 bode DEM grande
 “Aquele bode é grande” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 41)

A segunda classe de adjetivos pode aparecer na função atributiva apenas com a marca de oração relativa (vindo na palavra modificada):

- (628) ñkùm fés
 bode.REL pequeno
 “Um bode pequeno” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 42)

- (629) ñkwà fés
 bode pequeno
 “O bode é pequeno” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 42)

O terceiro tipo funciona de forma similar a substantivos, requerendo o uso de genitivos na função atributiva (com o primeiro exemplo sendo de um substantivo para efeitos de comparação), mas aparecendo na forma predicativa necessariamente com reduplicação:

(630) tàlàn tó závány-yî
 cabeça GEN galinha.d'angola-PL
 “Cabeças de galinha d'angola” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 46)

(631) rùkùt tó livèṅ
 blusa GEN preto
 “Blusa preta” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 44)

(632) dòk livèṅ livèṅ
 cavalo preto preto
 “O cavalo é preto” (FRAJZYNGIER e JOHNSTON, 2005, p. 281)

3.6.8. Sandawe

A quinquagésima oitava língua analisada é o sandawe, uma língua Khoisan falada na Tanzânia. As descrições utilizadas são as de Eaton (2010), Elderkin (2013) e Steeman (2012).

3.6.8.1. Substantivos em Sandawe

Os substantivos em sandawe possuem gênero inerente (distinguido apenas no singular) e podem receber marca de plural (STEEMAN, 2012, p. 53), como no exemplo abaixo:

(633) Bô-xé: hèwéxé: k^wà: nínéwì m̄fālmè-à !'ò:-é-wà
 palavra-PL DEM 3.M.SG Nínive rei.GEN-3.M.SG pegar-3.M.SG.OBJ
 “Essas palavras chegaram ao rei de Nínive” (EATON, 2010, p. 17)

Uma característica dos substantivos é que, se colocarmos um substantivo após outro, se diminuirmos o tom da sílaba da palavra seguinte, ela toma um significado genitivo – caso contrário, o resultado é uma construção copular:

(634) l^hàŋ^hú ts'wà:
 leão rabo.GEN

“Um rabo de leão” (EATON, 2010, p. 74)

- (635) ɪʰàʧʰú ʧũ:
leão animal.PRED
“O leão é um animal” (EATON, 2010, p. 74)

3.6.8.2. *Verbos em Sandawe*

Entre as características dos verbos em sandawe estão a possibilidade de receberem uma variedade de clíticos, como os de modalidade, polaridade, e concordância (STEEMAN, 2012, p. 95). Por exemplo:

- (636) ŋlèé=ò
entrar=1.PL
“Nós chegamos” (EATON, 2010, p. 97)

Relevante para o presente trabalho está a possibilidade de verbos poderem vir junto com substantivos de duas formas, dependendo do tom: se pusermos um verbo cuja sílaba tem um tom abaixado após um substantivo, o verbo é interpretado como uma nominalização com noção de possessivo (ou seja, o substantivo modificado possui o que é descrito pelo verbo); se não mudarmos o tom, o resultado é uma construção exclamativa:

- (637) ɪʰàʧʰú bàʔè
leão ser.grande.NMLZ.GEN
“A grandeza do leão” (EATON, 2010, p. 74)

- (638) ɪʰàʧʰú bàʔé
“O leão é grande!” (EATON, 2010, p. 74)

3.6.8.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Sandawe*

As descrições utilizadas descrevem, cada uma, uma classe diferente de adjetivos da língua: Eaton (2010, p. 73) fala de adjetivos com marcas nominais e que possuem características compartilhadas com verbos, enquanto Steeman (2012, p. 202) fala de adjetivos verbais. Mas nem todas as características dos adjetivos são apenas verbais.

Uma característica sintática que adjetivos descritos por Eaton (2010) compartilham com todas as outras classes lexicais é a possibilidade de que, com a mudança de tom da sílaba final, a palavra seja vista como estando na função atributiva ou genitiva (com tom baixo) ou na função predicativa (com o tom alto), como no caso abaixo:

(639) l^hàŋ^hú k'ánkàrà
leão preto.ATR
“Um leão preto” (EATON, 2010, p. 73)

(640) l^hàŋ^hú k'ánkàrà
leão preto.PRED
“O leão é preto” (EATON, 2010, p. 74)

A marcação verbal (mostrado abaixo com o uso de nominalizadores) pode ser vista em orações da língua como a seguinte:

(641) Hèwé bà?ò: gítlè: gǎ tètèk^wà:
3.SG grande-NMLZ.GENroupa-3.M.SG.PC tirar-3.I.PL.OBJ
“Ele tirou suas roupas de grandeza” (EATON, 2010, p. 65)

3.6.9. Somali

A quinquagésima nona língua analisada é o Somali, uma língua Cuchítica da família Afro-Asiática falada na Somália. A descrição utilizada é de Saeed (1999).

3.6.9.1. Substantivos em Somali

O que difere os substantivos de outras classes de palavras na língua é a possibilidade de receberem marca de caso e serem argumentos dos verbos (SAEED, 1999, p. 54). A marcação de caso é dependente do sistema acentual (SAEED, 1999, p. 63).

Na função predicativa, é possível que substantivos apareçam sem a cópula, levando a marca de oração declarativa “waa” após o sujeito:

- (642) Cali waa báre
 Ali DECL professor
 “Ali é professor” (SAEED, 1999, p. 187)

3.6.9.2. *Verbos em Somali*

Verbos em Somali têm como característica codificarem noções de tempo, modo, aspecto, além da concordância, através da morfologia e do sistema de acento tonal da língua (SAEED, 1999, p. 79). Uma característica do sistema de concordância dos verbos é que ela concorda não só em pessoa e número, mas em gênero também com o sujeito:

- (643) Baabùur-kíi wùu yimi
 caminhão-ART 3.SG.M vir.PSD.3.SG.M
 “O caminhão veio” (SAEED, 1999, p. 56)

- (644) Náag-tii wày timi
 mulher-ART 3.SG.F vir.PSD.3.SG.F
 “A mulher veio” (SAEED, 1999, p. 56)

3.6.9.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Somali*

A descrição utilizada considera que existe uma classe de adjetivos na língua, a qual aparece na função predicativa junto da cópula, mas, diferente dos substantivos da língua, não apresentam número ou gênero próprio, e também não podem aparecer com afixos determinantes (SAEED, 1999, p. 104).

- (645) Náag dhèer
 mulher alto
 “Uma mulher alta” (SAEED, 1999, p. 104)

- (646) Way yaryár yihiin
 3.PL pequeno COP
 “Eles são pequenos” (SAEED, 1999, p. 104)

Quando há foco no sujeito da oração, a cópula não se faz necessária:

- (647) Nínka ayàa wanaagsán
 homem FOCO bom
 “O HOMEM é bom” (SAEED, 1999, p. 170)

3.6.10. Xhosa

A sexagésima língua analisada é o xhosa, uma língua da subfamília Benue-Congo pertencente à família Niger-Congo falada na África do Sul, em Lesoto e na Suazilândia. A descrição utilizada é de Einhorn e Siyengo (1993) e de Kirsch e Skorge (2010).

3.6.10.1. Substantivos em Xhosa

Os substantivos em xhosa apresentam marcação de uma das quinze classes nominais presentes da língua, e que determinam os diferentes tipos de afixos que as palavras recebem em orações, mesmo na função predicativa, como no caso abaixo:

- (648) Ndi-ng-u-Jenny
 1.SG-COP.CL-CL-Jenny
 “Sou Jenny” (KIRSCH e SKORGE, 2010, p. 47)
- (649) Ngi-l-i-gqwetha
 1.SG-COP.CL-C-advogado
 “Sou advogado” (KIRSCH e SKORGE, 2010, p. 47)

3.6.10.2. Verbos em Xhosa

Os verbos em xhosa apresentam, além da concordância com o sujeito, afixos de tempo e polaridade, como nos casos abaixo:

- (650) Um-fazi u-ya-vela
 CL-mulher CL-PRES-aparecer
 “A mulher aparece” (EINHORN e SIYENGO, 1993, p. 3)
- (651) U-bawo u-ya-vela
 CL-pai CL-PRES-aparecer
 “O pai aparece” (EINHORN e SIYENGO, 1993, p. 3)

3.6.10.3. *Adjetivos em função atributiva na língua Xhosa*

Adjetivos em xhosa são uma classe pequena, e que funcionam de maneira similar ao que os materiais utilizados chamam de “adjetivos relativos” (verbos com significado adjetival).

Tanto os adjetivos quanto os relativos recebem os prefixos de concordância com o elemento nominal que modificam (ou com a classe do substantivo ou com a concordância de número e pessoa) – a diferença sendo o tipo de prefixo que recebem (as diferenças variam de acordo com as 15 classes nominais da língua). Isso tanto na função atributiva quanto na predicativa:

- (652) Um-sebenzi om-khulu
 CL-trabalho CL-grande
 “Grande trabalho” (lit. “Trabalho que é grande”) (KIRSCH e SKORGE, 2010, p. 83)
- (653) In-kulu i-pilisi
 CL-grande CL-pílula
 “A pílula é grande” (KIRSCH e SKORGE, 2010, p. 115)
- (654) Isi-laiyi esi-ncinci
 CL-pedaço CL-pequeno
 “Pequeno pedaço” (lit. “Pedaço que é pequeno”) (KIRSCH e SKORGE, 2010, p. 83)
- (655) Si-ncinci is-andla
 CL-pequeno CL-mão
 “A mão é pequena” (KIRSCH e SKORGE, 2010, p. 115)

4. Análise de Dados

Como mencionado anteriormente, foram levadas em consideração as seguintes características nas línguas analisadas:

- **Região:** As línguas foram separadas por regiões de origem da família (por isso Maltês, falada na Europa, é incluída como uma família africana), para apenas então serem vistas em conjunto;
- **Características Morfossintáticas:** As categorias lexicais que aparecem na função atributiva foram separadas primeiramente de acordo com suas características sintáticas e, havendo ambiguidade, de acordo com suas características morfológicas;
- **Características tipológicas:** As informações sobre adjetivos e atribuição nas línguas foram cruzadas com outras características tipológicas da língua, como a ordem dos constituintes.

Assim sendo, a primeira dificuldade foi lidar com as línguas nas quais o autor defende que não há adjetivos (23,3% das línguas analisadas, quase 1 em cada 4). Nos casos em que o autor defende que não existem adjetivos, a função atributiva é relegada a uma de duas outras categorias lexicais: Substantivos ou verbos (em nenhum caso foi oferecida uma alternativa que fugisse dessa regra).

	Só Substantivos		Só Verbos		Total	
Função de Atribuição	8,3%	(5 lin)	15%	(9 lin)	23,3%	(14 lin)

Tabela 22. Quantidade de línguas sem reconhecimento de adjetivos em suas gramáticas.

Outra dificuldade foi o fato de que, apesar de a noção de adjetivo estar presente nas outras 46 línguas, talvez a única característica comum seja não pertencer à categoria dos substantivos ou dos verbos – e mesmo assim, com algumas ressalvas.

Até que ponto deve-se determinar que se trata de um verbo ou de um substantivo na função atributiva, e até onde se pode bater o martelo e dizer que temos um adjetivo autêntico?

Por ser o único trabalho encontrado em que adjetivos foram vistos como uma classe plural (ou seja, com vários subtipos nas diferentes línguas), buscou-se seguir os critérios encontrados em Dixon (2010, p. 70): Semanticamente, eles (1) definem propriedades, (2) especificam ainda mais a quem um substantivo se refere, (3) servem como padrão de comparação em construções comparativas e (4) podem ainda funcionar como advérbio ao modificar um verbo.

Foram assumidos como corretos os argumentos do autor: Se o autor da gramática defende que na língua não existem adjetivos, então a língua foi classificada como não tendo a categoria de palavras – sendo levado em consideração qual categoria lexical aparece na função atributiva.

Relembrando, os adjetivos foram divididos em 4 grupos principais: Adjetivos-N (de “nominais”, Adjetivos-V (de “verbais”), Adjetivos-M (de “mistos”) e Adjetivos-O (de “outros”).

Igualmente, no caso de o autor defender que de fato há adjetivos na língua, a decisão foi de aceitar a existência da categoria, não sendo objetivo do presente estudo investigar as hipóteses para além das evidências apresentadas em cada estudo aduzido.

Um dos desafios eram os chamados “Adjetivos-O”, que não compartilham características sintáticas de substantivos ou verbos. De longe, eles eram os tipos de adjetivos que não traziam problema para a identificação – por terem uma distribuição sintática diferente de substantivos e verbos, era bastante simples determinar sua existência.

A dificuldade começava no fato de que era comum que os adjetivos compartilhassem características morfológicas com essas categorias – por vezes, a escolha entre categorizar um possível adjetivo-N ou adjetivo-V como adjetivo-O se deveu à escassez de dados (como no fato de não ser possível confirmar se, no Patois Macauense, adjetivos podem ser núcleo de sintagmas nominais como no português). Por outras vezes, alguns adjetivos-O se assemelhavam morfológicamente aos verbos da língua (mas com uso de uma cópula própria na função predicativa, como em Yue (Cantonês)) e alguns outros adjetivos-O se assemelhavam morfológicamente aos nominais da língua (como os Adjetivos-O da língua japonesa). Faria sentido considerar os adjetivos-O como uma categoria homogênea?

Num primeiro momento se decidiu por manter o contraste, obtendo-se uma divisão simétrica de 6 (seis) tipos diferentes de adjetivo. Os seis tipos encontrados se comportam da seguinte forma: encontramos nas línguas dois extremos opostos – Adjetivos-O, que não apresentam característica alguma compartilhada com substantivos e verbos (sintática ou morfológicamente), e Adjetivos-M, que apresentam características compartilhadas com os substantivos e com os verbos (sintática e morfológicamente).

- **Adjetivos-M:** Adjetivos que compartilham características sintáticas (e, em alguns casos, morfológicas) de substantivos e verbos da língua;
- **Adjetivos-V:** Adjetivos que compartilham de características sintáticas com os verbos da língua;

- **Adjetivos-O_V**: Adjetivos que possuem características sintáticas únicas, mas compartilham características morfológicas com o verbo;
- **Adjetivos-O**: Adjetivos que possuem características morfossintáticas únicas;
- **Adjetivos-O_N**: Adjetivos que possuem características sintáticas únicas, mas compartilham de morfologia com nominais da língua;
- **Adjetivos-N**: Adjetivos que compartilham de características sintáticas com os nominais da língua.

Nossa hipótese de trabalho é a de que essa divisão permite postular dois contínuos que levam dos adjetivos-M aos adjetivos-O (e vice-versa): um deles, o contínuo nominal, vai de adjetivos com características sintática e morfológica nominalmente (os adjetivos-N) a adjetivos que apresentam características sintáticas próprias (como não poder ser núcleo de sintagma nominal), mas que compartilham morfologia com os substantivos; o outro contínuo, o contínuo verbal, apresenta contraste similar, mas com os verbos.

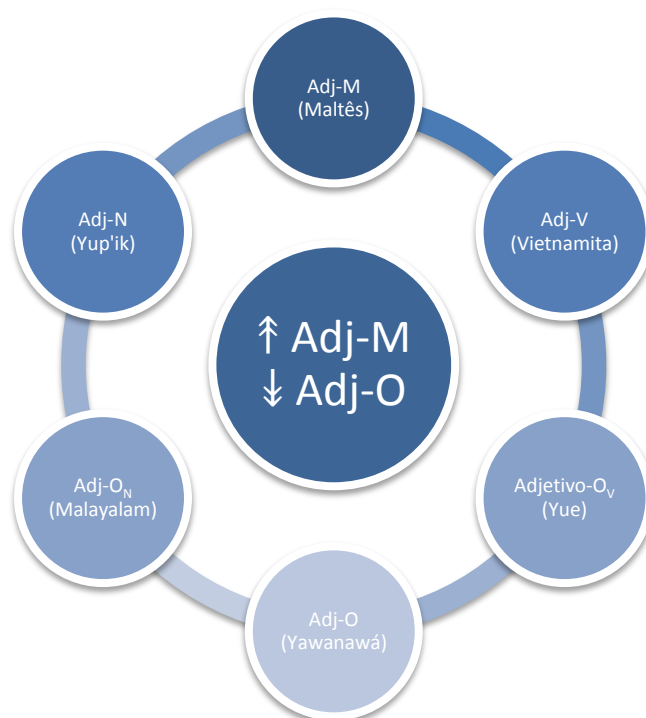


Imagem 1. Relações entre os tipos de adjetivo (quanto mais para cima, mais características compartilhadas com verbos e/ou substantivos, quanto mais para baixo, mais inovações)

Seria possível ainda estabelecer mais dois tipos: Adjetivos-N_V com sintaxe nominal e morfologia verbal e Adjetivos-V_N com sintaxe verbal e morfologia nominal, mas só foi encontrada uma língua com o primeiro tipo (Hup) e nenhuma com o segundo, não sendo consi-

derados então, por enquanto, como sendo diferentes de outros Adjetivos-N e Adjetivos-V, respectivamente, por não ser possível fazer generalizações.

Temos, por fim, 8 (oito) possibilidades que serão usadas. As seis mencionadas na figura acima do parágrafo anterior, e a possibilidade de uma língua apresentar substantivos atributivos (Mongol) e verbos atributivos (Nivkh).

Devido a essas duas dificuldades (relacionadas à identificação ou não de adjetivos numa língua), foram feitas duas formas de agrupar os dados, e que vão ser usadas a seguir.

A primeira é a que será chamada de Classificação Ampla (Sintática), na qual Substantivos Atributivos e Adjetivos-N serão considerados como sendo a mesma categoria, assim como Verbos Descritivos e Adjetivos-V; na Classificação Ampla, também, as diferentes formas dos adjetivos-O não serão diferenciadas. Na Classificação Estrita (Morfofossintática), os oito tipos serão diferenciados. A Classificação Ampla torna mais fáceis as generalizações, enquanto a Classificação Escrita mantém a fidelidade à natureza dos dados.

Tipo	Class. Ampla	Class. Estrita
Substantivos atributivos	Adj-N	Ñ (N)
Adjetivos-N		Adj-N
Adjetivos-O _N	Adj-O	Adj-O _N
Adjetivos-O		Adj-O
Adjetivos-O _V		Adj-O _V
Adjetivos-V	Adj-V	Adj-V
Verbos descritivos		Ñ (V)
Adjetivos-M	Adj-M	Adj-M
Total	4 tipos	8 tipos

Tabela 23. Tipos de Adjetivos de acordo com classificação

4.1. América do Sul

Nas 10 línguas analisadas da América do Sul, foram encontradas 11 categorias de adjetivo ou verbos e substantivos com função atributiva. Apinajé, Kwazá e Wari', por um lado, são línguas que usam outras categorias de palavras com função atributiva (verbos no primeiro caso, com orações relativas, e substantivos nos outros dois), e Cavineña, por outro lado, apresentou duas categorias de adjetivo diferentes. No caso da língua Apinajé, como foi menciona-

do anteriormente, existe uma possível categoria de adjetivos, mas não havia informação suficiente sobre ela.

Usando tanto a Classificação Ampla como a Estrita, a região apresentou uma preferência por Adjetivos-N (54,5% do total na Classificação Ampla e 30% do total na Classificação Estrita, o segundo maior índice de todas as regiões), em detrimento de línguas com Adjetivos-V (apenas duas, ou 18,2% das categorias analisadas na região, o segundo menor índice de todas as regiões).

A quantidade de línguas com Adjetivos-N encontradas na América do Sul foi 19,7% maior do que a média total. Por sua vez, a quantidade de Adjetivos-V foi 19,7% menor, enquanto a quantidade de Adjetivos-O e Adjetivos-M permaneceu de acordo com a média total (18,2% e 9,1%, respectivamente).

Ainda assim, na Classificação Ampla, Adjetivos-O e Adjetivos-M foram menos numerosos: Adjetivos-O foram tão pouco numerosos quanto Adjetivos-V (2 categorias, ou 18,2% do total), e apenas uma categoria de Adjetivo-M foi encontrada (9,1% do total).

As línguas encontradas foram majoritariamente de ordem S-O-V (5 línguas, ou 50% do total), seguidas por línguas S-V-O (3 línguas, ou 30% do total), e por fim línguas sem uma ordem dominante ou V-O-S (1 língua cada, ou 10%). A discussão desses dados será retomada na discussão geral.

4.2. América Central e do Norte

Nas 10 línguas analisadas da América do Sul, foram encontradas 10 categorias de adjetivo ou verbos e substantivos com função atributiva. Mandan, Oneida e Passamaquoddy-Maliseet apresentaram verbos com essa função, enquanto Washo e Yup'ik usaram substantivos.

Usando-se a Classificação Ampla, Adjetivos-V e Adjetivos-N foram maioria (40% cada, contando cada um com 4 (quatro) línguas), com apenas um caso de língua de Adjetivo-O e Adjetivo-V no continente.

As proporções não foram muito diferentes da média mundial: Adjetivos-V e Adjetivos-N foram 2,1% e 5,2% mais comuns do que a média, em detrimento de Adjetivos-O, que foram 8,2% mais raros.

Na Classificação Estrita, o único tipo de adjetivo que obteve mais de uma língua foi o tipo Adjetivo-N, com 2 (duas) línguas – de resto, as línguas cujas gramáticas não apresentam

categorias de adjetivo foram maioria, como mencionado no primeiro parágrafo da subseção. Três (3) delas apresentaram verbos na função atributiva, e outras duas (2), substantivos.

40% das línguas, ou seja, 4 (quatro) delas, apresentaram ordem S-O-V, seguindo-se por línguas de ordem livre e ordem V-S-O, com 2 (dois) exemplos de cada um (20%), e V-S-O e S-V-O, com um exemplo cada um (10%).

4.3. Eurásia

Nas 10 línguas analisadas na Eurásia, foram encontradas 12 categorias de adjetivos ou verbos e substantivos com função atributiva. A gramática de apenas uma língua, Nivkh, não reconhece a categoria de adjetivos, enquanto a língua japonesa apresentou 3 (três) categorias.

Mais do que em qualquer outra região, e tanto na Classificação Ampla como na Estrita, Adjetivos-N foram maioria, com 8 (oito) exemplos (ou 66,7% do total da região). Adjetivos-V e Adjetivos-O, na Classificação Ampla, corresponderam a 2 (dois) exemplos cada uma (16,7% do total), não havendo exemplo algum de Adjetivos-M. Na Classificação Estrita, com exceção do Adjetivo-V em japonês, todos os adjetivos foram ou Adjetivos-N, ou Adjetivos-ON (2, ou 16,7%).

Na Eurásia, a quantidade de Adjetivos-N foi 31,8% maior do que a média esperada, em detrimento dos Adjetivos-V, cuja presença foi 21,2% menor. Adjetivos-M e Adjetivos-O também foram mais escassos, com uma presença 9,1% e 1,5% menor do que a registrada na média final.

Línguas S-O-V foram absoluta maioria, com 8 das 10 línguas apresentando essa ordem, com uma língua de ordem S-V-O e outra de ordem livre.

4.4. Sudeste Asiático e Oceania

Nas 10 línguas analisadas no Sudeste Asiático e Oceania, foram encontradas 11 categorias de adjetivos ou verbos e substantivos com função atributiva. A quantidade de línguas que apresentam adjetivos depende bastante da interpretação das gramáticas utilizadas. No levantamento aqui feito, considera-se que Hmong-Njua, Kambera e Maori não apresentaram categorias de adjetivo, com Tailandês e Vietnamita tendo uma interpretação ambivalente (embora seja consideradas como tendo adjetivos, por motivos discutidos no capítulo anterior).

Diferente das outras regiões vistas até agora, Adjetivos-V foram absoluta maioria na Classificação Ampla, representando 54,5% das categorias, com 6 (seis) línguas desse tipo.

Adjetivos-O foram representados em 3 (três) línguas, e Adjetivos-M e Adjetivos-N apresentaram apenas um língua de cada tipo. Na Classificação Estrita, a região de distingue os três tipos de Adjetivos-O – Adjetivos-O, Adjetivos-ON e Adjetivos-OV, com uma língua representativa de cada tipo.

Na região, Adjetivos-V foram 16,7% mais comuns, assim como Adjetivos-O que foram 9,1% mais comuns. Em compensação, Adjetivos-N foram 25,8% mais escassos do que o esperado de acordo com a média total.

Também diferente de outras regiões, línguas S-V-O foram maioria, representando 60% do total, seguidas por línguas S-O-V com 20%. Duas línguas apresentaram ordens V-O-S e livre, respectivamente.

4.5. Papuanésia

Nas 10 línguas analisadas no Sudeste Asiático e Oceania, foram encontradas 10 categorias de adjetivos ou verbos e substantivos com função atributiva – ou seja, apenas uma categoria por língua, não havendo nenhuma língua com categorias múltiplas. Apenas duas línguas não apresentaram categoria de adjetivo – Edolo, que faz uso de verbos para fins atributivos, e Kayardild, que usa substantivos.

Assim como no Sudeste Asiático, na Papuanésia, línguas com Adjetivos-V foram maioria, correspondendo a 40% das línguas encontradas com essa categoria na Classificação Ampla e 30% na Classificação Estrita. Os outros dois tipos foram distribuídos igualmente com 20% cada um na Classificação Ampla (N, V, O, M). Na Classificação Estrita (N, Adj-N, Adj-V, V, Adj-M, Adj-O, Adj-ON, Adj-OV), apenas Yade apresenta uma categoria de Adjetivos-ON, a qual pode possivelmente se tratar de uma categoria de Adjetivos-N.

Adjetivos-V na Papuanésia foram apenas 2,1% mais comuns do que o esperado se fossem distribuídos de forma regular, de forma similar aos Adjetivos-O que também foram 1,8% mais numerosos do que na média total. Adjetivos-M, foram 10,9% mais numerosos, enquanto Adjetivos-N foram 14,8% mais escassos do que a média total.

80% das línguas apresentaram ordem S-O-V, com os 20% restantes sendo S-V-O.

4.6. África

Nas 10 línguas analisadas na África, foram encontradas 12 categorias de adjetivos, sem gramáticas que não reconhecessem a categoria. Mina apresentou 3 (três) categorias de adjetivos.

Na Classificação Ampla, a absoluta maioria dos adjetivos foi do tipo Adjetivos-V (58,3%, ou 7 das 12 categorias). Tirando o tipo Adjetivo-M, que só teve um exemplar, os outros tipos apresentaram 2 (duas) línguas cada um, correspondendo a 16,7% das línguas examinadas. Na Classificação Estrita, a única distinção é que os adjetivos em Somali pertencem à categoria ON, correspondendo à mesma proporção do número de línguas no tipo Adjetivos-O, 8,3%.

Na África, Adjetivos-V foram 20,5% mais comuns do que na média total, enquanto Adjetivos-N foram 18,2% mais raros. Adjetivos-O e Adjetivos-M foram ligeiramente menos numerosos do que na média, abarcando 1,5% e 0,8% do número de línguas examinadas na região, respectivamente.

70% das línguas apresentam ordem S-V-O, totalizando 7 (sete) línguas, com outras duas línguas (20%) apresentando ordem S-O-V. A língua restante apresenta ordem V-S-O.

4.7. Análise Geral

O retrato parcial apresentado acima indica algumas tendências, mas que variam bastante de continente para continente: na Eurásia, a absoluta maioria dos adjetivos tem propriedades similares às dos substantivos, enquanto no Sudeste Asiático e Oceania, características verbais são muitíssimo mais comuns.

Nas porcentagens a seguir, porcentagem absoluta se refere à porcentagem total das categorias mencionadas no contexto, enquanto porcentagem relativa se refere à diferença entre a porcentagem encontrada e o que se esperaria se as categorias possíveis fossem distribuídas igualmente.

O resultado final ajuda a contextualizar essas tendências, e exibe um resultado mais coerente.

4.7.1. Análise com Classificação Ampla

Na Classificação Ampla, Adjetivos-V e Adjetivos-N representam, cada um, mais de um terço das categorias encontradas (37,88%, ou 25 línguas, no caso dos Adjetivos-V e 34,85% ou 23 línguas, no caso dos Adjetivos-N). Adjetivos-O e Adjetivos-M somados chegam a 27%.

Classificação Ampla	Total	Relativa³¹
<i>Adjetivos-V</i>	37,88%	12,88%
<i>Adjetivos-N</i>	34,85%	9,85%
Adjetivos-O	18,18%	-6,82%
Adjetivos-M	9,09%	-15,91%

Tabela 24. Total de categorias de adjetivo, por categoria.

No caso, as línguas com adjetivos cujas categorias sintáticas são compartilhadas com uma das classes lexicais existentes nas línguas (verbos ou substantivos), foram muito mais comuns do que línguas em que os adjetivos tinham características sintáticas próprias ou pertencentes a diferentes categorias.

Um segundo passo para análise foi estabelecer uma correlação entre a ordem dos constituintes predominante nas línguas encontradas e os tipos de adjetivos.

A razão pela qual a ordem dos constituintes foi considerada uma variável com possível relevância para o tipo de adjetivo se deve à formação de pelo menos uma das categorias de adjetivos analisadas.

Os adjetivos-V em língua japonesa, com morfologia de tempo, são bastante recentes, e refletem a ordem fixa do verbo na língua. Até meados do milênio passado, os adjetivos ocorriam com verbos auxiliares, como no caso abaixo:

- (656) Atsu-ki at-ta
 Quente-FM existir-PSD
 “Estava quente”

O morfema de passado atual “katta” (de “ki + atta”) ainda não era comum na língua (FRELLESVIG, 2010, p. 340), tendo uso relacionado com a polaridade negativa. Com o tempo, e a posição previsível do verbo permitiu com que o verbo auxiliar fosse reanalisado como parte do adjetivo, fazendo com que essa se tornasse a forma padrão hoje em dia no mesmo ambiente (FRELLESVIG, 2010, p. 393-394). A pergunta era então se diferentes ordens poderiam levar à gramaticalização de outras formas adjetivais.

As correlações encontradas foram as seguintes:

³¹ Diferença entre a proporção encontrada e uma distribuição perfeita (no caso, 25%)

	S-O-V	S-V-O	V-O-S	Livre	V-S-O
Adj-V	0.31	0.50	0.00	0.40	0.40
Adj-N	0.38	0.27	1.00	0.40	0.20
Adj-O	0.22	0.14	0.00	0.20	0.20
Adj-M	0.09	0.09	0.00	0.00	0.20

Tabela 25. Correlação entre ordem de constituintes e tipos de adjetivo

Em todas as ordens de constituintes, Adjetivos-V e Adjetivos-N foram mais numerosos do que Adjetivos-O e Adjetivos-M. Entretanto, a distribuição deles também não foi uniforme.

Metade das línguas S-V-O apresentaram Adjetivos-V (o dobro do esperado), enquanto todas as línguas de ordem V-O-S apresentaram Adjetivos-N (talvez devido à pouca quantidade). Podemos daí tirar duas pré-conclusões:

Universal #1: Línguas de ordem V-O-S apresentam adjetivos com características sintáticas compartilhadas com substantivos da língua (e.g. possibilidade de serem núcleo de sintagmas nominais).

Universal #2: Línguas de ordem S-V-O apresentam uma chance duas vezes maior do que a esperada de apresentar adjetivos com características sintáticas compartilhadas com os verbos da língua (e.g. serem núcleo de predicados intransitivos).

A conclusão de que existe correlação entre o tipo de adjetivo e a ordem dos constituintes pode explicar, em parte, as aparentes zonas de convergência em relação à distribuição de Adjetivos-V e Adjetivos-N nos continentes:

	% REL de Adj-N	% REL de Adj-V
<i>Eurásia</i>	31,82%	-21,21%
<i>América do Sul</i>	19,7%	-19,7%
América do Norte e Central	5,15%	2,12%
Papuanésia	-14,85%	2,12%
<i>Sudeste Asiático e Oceania</i>	-25,76%	16,67%
<i>África</i>	-18,18%	20,45%

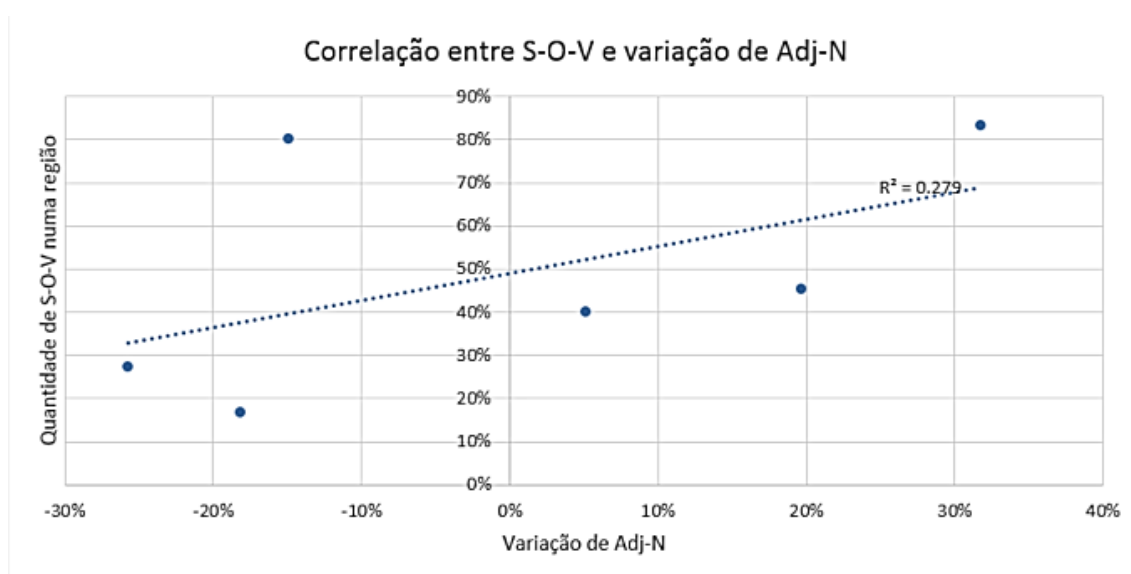
Tabela 26. Diferença da proporção de adjetivos-N e adjetivos-V encontradas nas regiões comparadas à distribuição esperada

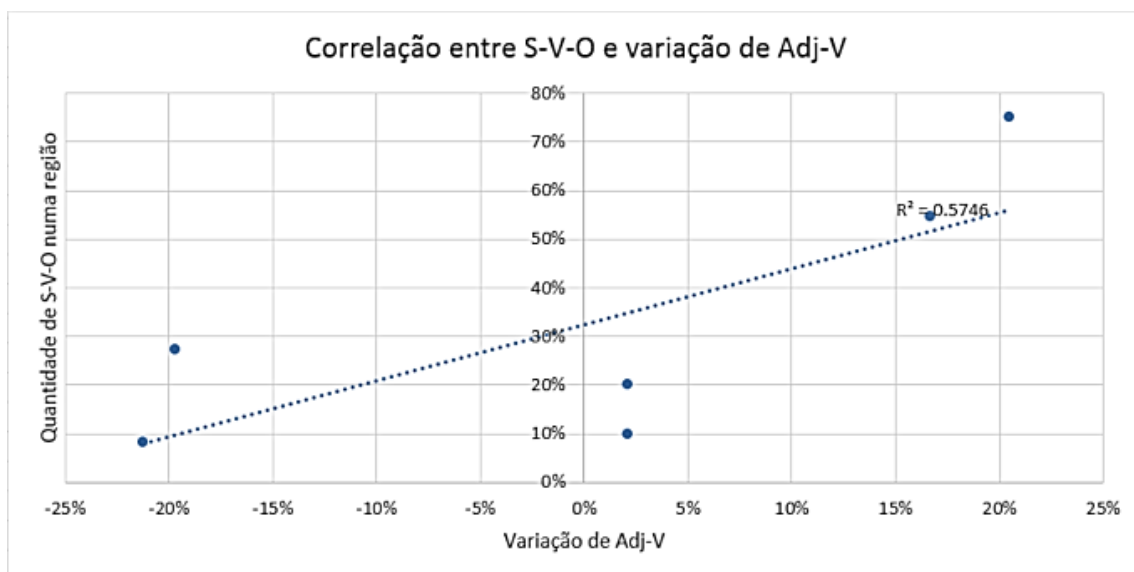
Eurásia e América do Sul apresentaram quantidades muito maiores do que a quantidade de adjetivos-N no total das línguas, enquanto a África e a região do Sudeste Asiático e Oceania apresentaram uma quantidade maior de Adjetivos-V, em relação ao mesmo tipo no total das línguas. Ao olhar a proporção de línguas de ordem S-O-V e S-V-O nas regiões, é possível ver uma tendência:

	S-O-V	S-V-O
<i>Eurásia</i>	83,33%	8,33%
<i>América do Sul</i>	45,45%	27,27%
América do Norte e Central	40%	10%
Papuanésia	80%	20%
<i>Sudeste Asiático e Oceania</i>	27,27%	54,55%
<i>África</i>	16,67%	75%

Tabela 27. Proporção de línguas S-O-V e S-V-O nas regiões analisadas.

Regiões com mais línguas de ordem S-O-V (como a Eurásia) apresentam um aumento na proporção de categorias de Adjetivo-N. Regiões com mais línguas de ordem S-V-O (como a África) apresentam, por sua vez, um aumento na proporção de categorias de Adjetivo-V. Ao analisar as correlações, a tendência fica mais clara:





Em resumo, a quantidade de línguas S-O-V numa região pode ser relacionada ao valor de 27,9% referente à variação de Adj-N em relação à média do total de línguas, enquanto a quantidade de línguas S-V-O pode ser relacionada ao valor de 57,5% referente à variação de Adjetivos-V em relação à média do total de línguas.

Universal #3: A quantidade de línguas S-O-V numa determinada região está correlacionada em torno de 27,9% com a variação de adjetivos com características sintáticas compartilhadas com substantivos em relação à média mundial.

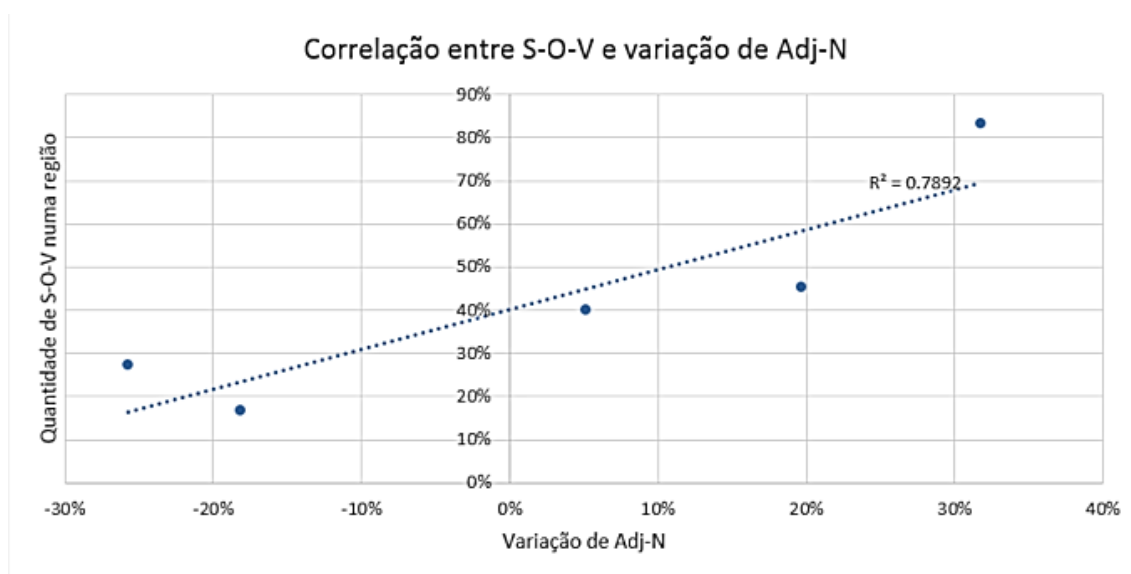
Universal #4: A quantidade de línguas S-V-O numa determinada região está correlacionada em torno de 57,46% com a variação de adjetivos com características sintáticas compartilhadas com verbos em relação à média mundial.

Ou seja, parece ser possível estabelecer uma correlação entre a quantidade de línguas com diferentes ordens de constituinte e a variação no tipo de categoria associada à modificação atributiva em função de pelo menos dois fatores: o primeiro, porque, como enunciam os primeiros dois universais, a ordem predominante de constituintes em uma língua parece ser um fator que se relaciona à presença de uma característica sintática ou outra na manifestação da categoria usada para a função atributiva; o segundo, pela proximidade com outras línguas com o mesmo alinhamento (como demonstrado ao se controlar as línguas por região).

O segundo motivo pode ser ainda relacionado à parte do menor sucesso da correlação com Adjetivos-N e línguas S-O-V.

Ainda que a correlação referente a um pouco mais de um quarto da variação não seja exatamente menos evidente, no caso das línguas S-O-V e Adjetivos-N, é possível supor que o sucesso da previsão é pior do que o das línguas S-V-O com Adjetivos-V em virtude da inclusão da Papuanésia.

Apesar de ter 80% de línguas S-O-V, a divisão entre os diferentes tipos de adjetivo é bastante próxima: com exceção das línguas de Adjetivo-V, que representam 40% das categorias encontradas na região, os outros tipos são representados de forma bastante regular (20%, 20% e 20%). Devido ao terreno montanhoso, a região, que junto com as ilhas próximas não chega a ter o território do estado da Bahia, possui 54 famílias linguísticas (um quarto das famílias catalogadas). É possível que isso explique o porquê de, sem a região, o índice de correlação catapultar para 78,92%, como é possível ver na imagem abaixo. Mas, a confirmação dessa hipótese fica a cargo de pesquisas futuras.



Entretanto, nem todas as correlações levaram a diferenças entre o tratamento de Adjetivos-V e Adjetivos-N.

O quarto universal encontrado por Greenberg (1963) foi o de que línguas com ordem S-O-V possuem, em sua maioria, posposições. Indo de acordo com esse universal, 3 em 4 línguas de ordem S-O-V pesquisadas apresentaram posposições. Como foram encontradas uma correlação entre a categoria de adjetivo encontrada e a ordem dos constituintes padrão de uma língua e uma outra correlação entre o tipo de aposição com a mesma ordem de constituintes,

foi levantada hipótese de que então também poderia haver uma correlação entre a categoria de adjetivo apresentada numa língua e o tipo de aposição (o que permitiria estabelecer mais tipos de correlações quando a ordem padrão de constituintes fosse inconclusiva ou os dados fossem insuficientes).

O tipo de adposição presente numa língua, por exemplo, foi irrelevante para diferenciar entre os dois tipos – a diferença da correlação entre adjetivos-V com preposições e adjetivos-V com posposições, para citar o caso em que a diferença foi menor, não chegou a 1%, não sendo possível portanto usar essas correlações para estabelecer diferenças significativas:

	Preposições	Posposições
Adjetivos-V	37,93%	37,04%
Adjetivos-N	31,03%	37,04%

Tabela 28. Correlação entre adposições e tipos de adjetivos.

A última questão fica por conta dos Adjetivos-O e Adjetivos-M, e o tipo de língua em que eles são mais comuns.

As línguas também foram analisadas de acordo com marcação que recebem para indicar as funções dos argumentos numa oração, separando as possibilidades em morfologia no núcleo (em geral, marcas de concordância verbal) e morfologia nos elementos dependentes (em geral, marcas de caso).

Diferente dos Adjetivos-N e Adjetivos-V, adjetivos-O e adjetivos-M foram mais comuns em línguas sem marcação alguma do que em línguas com algum tipo de marcação (24%, 21,74%, 33,33% e 33,33%, respectivamente). Ou seja, um terço das línguas com categorias do tipo adjetivos-O e um terço das línguas com categorias do tipo adjetivos-M são do tipo que não apresentam morfologia nem no núcleo, nem no elemento dependente.

Na tabela a seguir, mostramos a distribuição dos tipos de elementos modificadores em relação ao tipo de marcação morfológica na língua, assim codificada: com marcação no elemento dependente, mas sem marcação no núcleo (sem M. Núcleo), com marcação no núcleo, mas sem marcação no elemento dependente (sem M.Dep), em ambos (M.Ambos) e em nenhum dos elementos (Sem Nada) A diferença entre a frequência de adjetivos-O e adjetivos-M se dá, primeiramente, no tipo de marcação que a língua apresenta (ou não). Adjetivos-O aparecem, em sua maioria, em línguas que não possuem marcação no núcleo, como na concordância do núcleo por meio uma categoria flexional; adjetivos-M, por sua vez, aparecem principalmente com línguas sem marcação em elementos dependentes, como na marcação de caso.

	Adj-O	Adj-M	Adj-N	Adj-V
Sem Nada	33,33%	33,33%	24%	21,74%
Sem M. Núcleo	66,67%	50%	30,43%	36%
Sem M. Dep.	58,33%	83,33%	43,48%	68%
Com M. Ambos	8,33%	0%	47,83%	20%

Tabela 29. Correlação entre tipos de marcação de uma língua e tipos de adjetivos encontrados.

Com base nas informações da tabela acima, podemos concluir que:

Universal #5: Se uma língua tem Adjetivos-O, ela apresenta uma probabilidade maior do que a esperada de não apresentar morfologia pronominal em seus verbos, entre construções similares.

Universal #6: Se uma língua tem Adjetivos-M, apresenta uma probabilidade muito maior do que a esperada de não apresentar marcação de caso no argumento de seus verbos, entre construções similares.

Uma última informação útil em relação à morfologia encontrada no núcleo e em seus argumentos se refere à posição em que o adjetivo se encontra em relação ao substantivo modificado.

Com exceção de Yue (Cantonês), todas as línguas em que o adjetivo vem anteposto ao substantivo modificado apresentam marca de caso (diminuindo, portanto, as chances de uma dessas línguas possuir adjetivo-M, de acordo com a última conclusão acima³²). Além disso, todas as línguas de ordem V-O-S também apresentam adjetivos antepostos aos substantivos. Línguas em que o adjetivo pode vir tanto antes quanto depois do substantivo modificado foram, em 66,67% dos casos, de ordem S-O-V.

Universal #7: Se uma língua apresenta marcação de caso, ela possui, na maioria absoluta de casos, adjetivos antepostos ao substantivo modificado.

³² A exceção foi a língua Musqueam, com adjetivo-M e adjetivo anteposto ao substantivo modificado.

Universal #8: Se uma língua apresenta ordem V-O-S, ela possui adjetivos antepostos ao substantivo modificado.

Universal #9: Se uma língua não apresenta uma ordem dominante entre o adjetivo e o substantivo modificado, com uma frequência maior do que a esperada, ela possui ordem S-O-V.

Feita essa análise, passemos para uma análise com uma classificação mais detalhada.

4.7.2. Análise com Classificação Estrita

Ao analisarmos a Classificação Estrita, é possível confirmar que Adjetivos-N e Adjetivos-V são, mesmo se nos limitarmos às gramáticas que reconhecem a categoria de adjetivo, maioria:

Classificação Estrita	Total	Relativa³³
<i>Adjetivos-V</i>	24,24%	11,74%
Adjetivos-OV	1,52%	-10,98%
Adjetivos-O	7,58%	-4,92%
Adjetivos-ON	9,09%	-3,41%
<i>Adjetivos-N</i>	27,27%	14,77%
Adjetivos-M	9,09%	-3,41%
Sem Adjetivos (Verbos Descritivos)	13,64%	1,14%
Sem Adjetivos (Substantivos Atributivos)	7,58%	-4,92%

Tabela 30. Proporção de adjetivos encontrada na classificação estrita.

Adjetivos-N e Adjetivos-V correspondem, aproximadamente, a metade de todas as categorias de adjetivo (representando algo como um quarto cada, ou o dobro do esperado – 12,5%).

Correlacionando, mais uma vez, com a ordem dos constituintes predominante em uma língua, encontramos o seguinte retrato:

S-O-V S-V-O V-O-S V-S-O Livre

³³ Diferença entre a distribuição encontrada e uma distribuição perfeita (no caso, 12,5%)

Ñ (V)	0.125	0.090909	0	0.2	0.4
Adj-V	0.1875	0.409091	0	0.2	0
Adj-OV	0	0.045455	0	0	0
Adj-O	0.0625	0.045455	0	0.2	0.2
Adj-ON	0.15625	0.045455	0	0	0
Adj-N	0.25	0.272727	0.5	0.2	0.4
Ñ (N)	0.125	0	0.5	0	0
Adj-M	0.09375	0.090909	0	0.2	0

Tabela 31. Correlação entre tipo de adjetivo e ordem de constituintes

As das tendências vistas nos universais #1 e #2 acima se mantêm – Adjetivos-V representam 40% de todas as categorias encontradas em língua, S-V-O, sendo 28,41% mais comum do que o esperado. E, em línguas de ordem V-O-S, os adjetivos ou foram considerados substantivos ou como tendo características similares a eles.

Entretanto, é possível já ver também que línguas S-O-V apresentam uma tendência maior para ter Adjetivos-N que de qualquer outro tipo, levando ao seguinte universal:

Universal #10: Línguas de ordem S-O-V apresentam tendência duas vezes maior do que a esperada de apresentarem adjetivos com características morfossintáticas similares aos substantivos (e.g. tendência de serem núcleo de um sintagma nominal e receber morfologia de caso, nas línguas que tenham tais marcas).

Línguas S-V-O também apresentam universal parecido (Adjetivos-N aparecem com frequência duas vezes maior do que a esperada), mas como Adjetivos-V são predominantes, a combinação será ignorada por enquanto para encontrar uma forma melhor de poder prever quando ocorre cada tipo.

Uma correlação mais detalhada pode ser encontrada cruzando três tipos de informação: A ordem dos constituintes, o tipo de adjetivo, e a ordem do adjetivo em relação ao substantivo modificado.

Combinação	Parcial	Total
S-O-V, Ñ (V), N-A	75.0%	4.6%
S-O-V, Adj-V, N-A	50.0%	4.6%
S-O-V, Adj-O, N-A	50.0%	1.5%
S-O-V, Adj-ON, N-A	40.0%	3.1%
S-O-V, Adj-N, N-A	37.5%	4.6%
S-O-V, Ñ (N), N-A	25.0%	1.5%
S-V-O, Ñ (V), N-A	100.0%	3.1%
S-V-O, Adj-V, N-A	88.9%	12.3%

S-V-O, Adj-O, N-A	100.0%	1.5%
S-V-O, Adj-ON, N-A	100.0%	1.5%
S-V-O, Adj-N, N-A	66.7%	6.2%
S-V-O, Ñ (N), N-A	0.0%	0.0%
S-O-V, Ñ (V), A-N	25.0%	1.5%
S-O-V, Adj-V, A-N	33.3%	3.1%
S-O-V, Adj-O, A-N	0.0%	0.0%
S-O-V, Adj-ON, A-N	40.0%	3.1%
S-O-V, Adj-N, A-N	62.5%	7.7%
S-O-V, Ñ (N), A-N	50.0%	3.1%
S-V-O, Ñ (V), A-N	0.0%	0.0%
S-V-O, Adj-V, A-N	11.1%	1.5%
S-V-O, Adj-O, A-N	0.0%	0.0%
S-V-O, Adj-ON, A-N	0.0%	0.0%
S-V-O, Adj-N, A-N	16.7%	1.5%
S-V-O, Ñ (N), A-N	0.0%	0.0%

Tabela 32. Proporção entre tipos de adjetivos, ordem de constituintes, e ordem sintática entre adjetivo na função atributiva e o substantivo modificado.

A coluna do meio indica a proporção em que a terceira variável é encontrada em línguas que apresentem as duas primeiras. Por exemplo, 75% das línguas que apresentam ordem S-O-V e cujas gramáticas dizem que não há adjetivo e verbos são usados com fins atributivos possuem palavras com função atributiva (no caso, verbos), pospostos ao substantivo modificado (logo, têm a ordem N-A).

As duas maiores proporções totais apontam para duas tendências opostas: Adjetivos-V em línguas S-V-O são majoritariamente pospostos (88,9% dos casos), enquanto Adjetivos-N em línguas S-O-V são costumeiramente prepostos (62,5% dos casos). Apesar de representarem apenas 12,3% e 7,7% do total, se levarmos em consideração todas as variáveis envolvidas (10 possibilidades de ordem dominante, das 9 combinações possíveis mais 1 língua de ordem livre; 8 tipos de palavra atributiva; e 3 combinações sintáticas com adjetivo, sendo possível que sejam prepostos, pospostos, ou sem ordem dominante), a proporção esperada é de 0,4% - com as combinações sendo 30 e 19 vezes mais comuns do que o esperado. Vale lembrar que, em boa parte, isso se deve também ao fato de que línguas S-V-O e S-O-V são muito mais numerosas do que de outras ordens, não tendo sido encontrados exemplares de línguas O-V-S, por exemplo.

Universal #11: Adjetivos-V em línguas S-V-O são, com proporção majoritária pospostos à palavra modificada.

Universal #12: Adjetivos-N em línguas S-O-V são, com uma frequência maior do que chance, prepostos à palavra modificada.

Concluída a análise, dos dados, é necessário fazer uma análise da hipótese inicial, e verificar se suas previsões se confirmaram (ou não) e os possíveis motivos para tanto.

4.7.3. Análise da Hipótese Inicial

Como mencionado no primeiro capítulo, imaginou-se que, através de processos de gramaticalização, a língua constituísse diferentes níveis, formando uma hierarquia simplificada da seguinte forma, como a utilizada quando se tentou explicar a origem dos adjetivos em japonês:

Nível Básico	Camada I	I Nominais	II Verbais
	Camada II	III _I Adj. Nominais ^{NO}	
Nível Intermediário	Camada III	III _{III} Adj. Nominais ^{NA}	III _{II} Adj. Verbais

Tabela 33. Reprodução da tabela ilustrando a hipótese no capítulo de introdução sobre adjetivos em japonês e seu surgimento a partir de processos de gramaticalização

A hipótese central por trás da ideia, já introduzida no primeiro capítulo, é a da “Hipótese da Organização lexical”, reproduzida para conveniência de leitura a seguir:

- **HOL:** As categorias lexicais, definidas como “conjuntos de elementos lexicais que compartilham características formais e semânticas”, surgem a partir de processos de gramaticalização ao longo do desenvolvimento histórico de uma língua, com a ordem de surgimento de cada categoria estando correlacionada à aquisição das classes lexicais pelos falantes. Com isso, são necessárias as seguintes atitudes:
 - **Suporte a uma hierarquização taxonômica:** No lugar de ver as categorias lexicais como independentes e mutualmente exclusivas, a hipótese leva à visão de que as categorias lexicais dão origem umas às outras (seguindo um sentido principal, a ser definido abaixo);

- **Abandono da isometria taxonômica:** Diferente das propostas absoluto-universalistas mencionadas acima, não se espera que as classes lexicais apresentem um comportamento constante em comparações interlinguísticas,

Como consequência, mesmo as divisões feitas com adjetivos até aqui pertenceriam a uma hierarquia, com camadas mais básicas (compartilhando características com categorias lexicais anteriores) e categorias mais avançadas (apresentando inovações).

Mas, para poder confirmar se isso de fato ocorre ou não, é necessário encontrar uma maneira de poder testar a hipótese.

Para tanto:

- **CHA:** Com base na HOL, seria de se esperar que categorias mais básicas, com os processos de gramaticalização, passem algumas de suas características para categorias menos básicas. Para verificar um caso isolado de CHA, verificar-se-á se palavras que podem ser usadas na função atributiva (como adjetivos, na terminologia tradicional, ou elementos da camada III, como colocado aqui) contêm propriedades formais similares a elementos de camadas mais básicas (tradicionalmente descritos como substantivos e verbos). Segundo a hipótese, é de se esperar que, em ao menos 50% dos casos, numa amostra de línguas escolhidas aleatoriamente, isso ocorra.

Para confirmar a CHA, é preciso ver as classes de palavras de acordo com o que é esperado para ver se atende às expectativas.

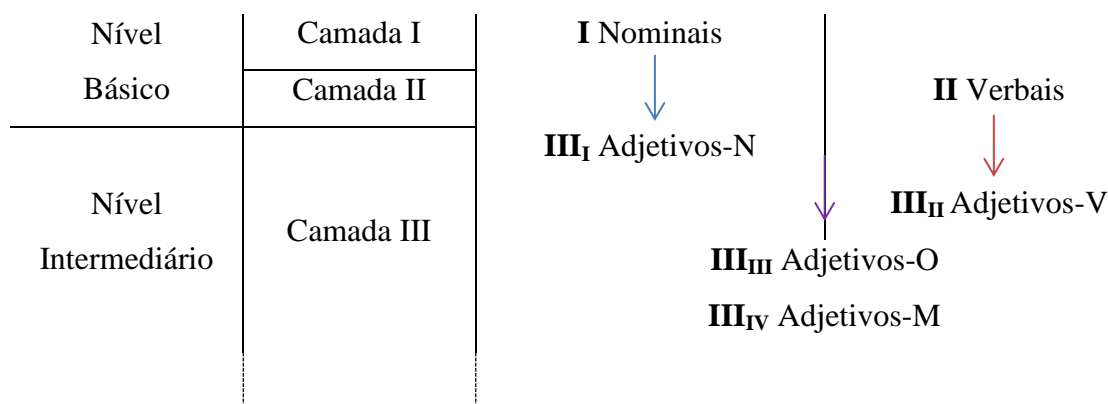


Tabela 34. Aprimoramento da tabela 12 com as categorias introduzidas no levantamento.

A reorganização proposta na tabela acima vem a espelhar o que se esperaria de acordo com a CHA dentro da HOL: Que as Camadas I e II, como camadas mais básicas, sejam a origem – através de processos de gramaticalização – das palavras nas camadas seguintes, e que suas características morfossintáticas se espalhem nas camadas posteriores mais do que inovações. Dessa forma, categorias da Camada III com características da Camada I (III_I) deveriam ser mais comuns do que categorias da Camada III que apresentem inovações (III_{III}).

Os dados confirmam uma versão modesta dessa visão. Adjetivos com características morfossintáticas das camadas mais básicas são sim mais comuns. Mas,

Tanto na classificação ampla, quanto na classificação estrita, a hipótese colocada pela CHA é confirmada: Adjetivos-N e Adjetivos-V correspondem a 72,73% na classificação ampla e 65,38% na classificação estrita de adjetivos encontrados. Ou seja, 22,73% e 15,38% mais frequentes do que o esperado se a classificação fosse uniforme. A hipótese em si foi confirmada. Mas, não sem problemas para pesquisas futuras.

Seria de se esperar, também, que a quantidade de adjetivos-N (III_I) fosse maior do que a quantidade de adjetivos-V (III_{II}), que por sua vez seriam mais numerosos do que adjetivos-O (III_{III}) e assim por diante.

A diferença é notável entre adjetivos-V, adjetivos-O e adjetivos-M. A diferença entre adjetivos-N e adjetivos-V, entretanto, não.

Classificação Estrita	Quantidade		Porcentagem	
Adjetivos-N	18		34,62%	
Adjetivos-V	16		30,77%	
Adjetivos-ON	6	12	11,5%	23%
Adjetivos-OV	1		1,92%	
Adjetivos-O	5		9,62%	
Adjetivos-M	6		11,54%	

Tabela 35. Distribuição dos tipos de adjetivos na classificação estrita com proporções e quantidade

Enquanto a diferença da proporção Adjetivos-V, Adjetivos-O (vistos como um todo) e Adjetivos-M vai caindo em níveis consideráveis (numa média de 9,6%), a diferença entre adjetivos-N e adjetivos-V (ou seja, da primeira e da segunda camadas) sempre fica entre 3~4% independente da classificação usada (a variação ficando por conta das gramáticas em que a categoria de adjetivo não é reconhecida).

Existem várias possibilidades: A primeira é que, assim como a ordem dos constituintes altera a proporção de categorias de adjetivos encontradas, alguma outra variável tenha talvez ficado de fora. Outra possibilidade é que elas tenham importância similar, ou pertençam a um grupo mais coeso e distinto das camadas seguintes. Ou, como todo trabalho científico, é necessário levar em consideração que talvez exista uma explicação (ou uma classificação melhor) e as correlações encontradas aqui possam ser explicadas de outra forma.

É necessário, portanto, que levantamentos futuros confirmem (ou não) a utilidade das ideias contidas acima.

5. Conclusão

O trabalho deixa, por fim, mais perguntas do que respostas.

Se a divisão entre adjetivos-O, adjetivos-N, adjetivos-V e adjetivos-M não só permite que estabeleçamos correlações com outras características sintáticas, mas também permite ao leitor de uma gramática ter uma noção das características morfossintáticas nessas línguas, qual seria o impacto dessa divisão para os estudos linguísticos? Se, ao abriremos mão que as línguas apresentem as quatro formas de adjetivo, até que ponto teríamos uma perda teórica ao admitir que existam línguas que não apresentam de forma alguma “adjetivo”? O que todas essas palavras classificadas como adjetivo têm em comum? Se vímos adjetivos como uma classe que surge após substantivos e verbos, como se aparecessem em camadas sucessivas, quais consequências isso traria para o estudo das outras classes lexicais?

Os problemas não se limitam a pesquisas futuras, mas também às hipóteses e explicações anteriores.

Como ver as diferentes categorias de adjetivos como protótipos se elas diferem tanto entre si? Quais seriam os protótipos e as clinas que levam dos protótipos até as formas que de fato encontramos?

As correlações mencionadas por Dixon (2010, p. 96) levam a mais dificuldades: Quando o autor diz que “existe uma correlação quantitativa notável” entre línguas com adjetivos-V e línguas sem marcação em elementos dependentes (e adjetivos-N em línguas com esse tipo de marcação), de quanto é a correlação encontrada e como foram feitos os cálculos? Esse tipo de clarificação pode explicar algumas das colocações já mencionadas anteriormente sobre línguas com diferentes classes de adjetivo, que veremos a seguir, além de poder ajudar a refinar as correlações, como mencionado no final da conclusão.

5.1. Línguas com diferentes classes de adjetivo

Apenas quatro das línguas apresentaram mais de uma classe de adjetivo: Cavineña (América do Sul), Japonês (Eurásia), Manange (Sudeste Asiático e Oceania) e Mani (África). Tipologicamente, essas línguas compartilham poucas características: A primeira é uma língua de ordem livre, com posposição e adjetivo posposto à palavra modificada; a última é uma língua SVO, com preposição e com adjetivo posposto à palavra modificada; e as duas outras são línguas SOV com posposições e adjetivo anteposto à palavra modificada.

Não foram encontradas, nas gramáticas das línguas, informações que pudessem auxiliar no entendimento dessas características, mas apenas hipóteses.

Histórias da língua japonesa, como Frellesvig (2010) comentam que a nova classe de adjetivos só surgiu após contato com as línguas do continente (como as diferentes variedades de chinês), enquanto a língua Manange se encontra entre o que Hildebrandt e Genetti (2004, p. 74) chamam de “sinosfera” (línguas que tem estruturas similares às encontradas na China) e “indosfera” (o grupo equivalente na Índia). Uma vez que ambas as línguas apresentam adjetivos-V, é possível que o surgimento tenha se dado por contato com as línguas da Eurásia, em que dois terços das categorias de adjetivo encontradas eram adjetivos-N.

O caso da língua japonesa em isolamento, portanto, pode apenas servir de base para uma hipótese a ser testada com as outras línguas que apresentaram categorias múltiplas de adjetivo, sendo necessárias pesquisas futuras de natureza diacrônica para entender o que se passa.

5.2. Refinando explicações futuras

Com exceção das línguas V-O-S, que apresentaram um mesmo padrão, as línguas S-V-O e S-O-V apresentaram, na maior parte, tendências, o que traz duas dificuldades: A primeira é em explicar o porquê da ordem dos constituintes estar mais frequentemente relacionado a um tipo de adjetivo – a outra é explicar as exceções.

Se línguas S-V-O tem 25% mais probabilidade do que o esperado de apresentarem adjetivos-V, o que dizer das línguas que possuem combinações menos comuns? Como refinar as correlações?

Parte das explicações se deve ao fato de que vários fatores levam ao desenvolvimento de estruturas raras nas línguas naturais. Harris (2008, p. 89) comenta que o surgimento de clíticos intramorfêmicos na língua Udi (algo considerado incomum e que é inesperado de um ponto de vista tipológico (HARRIS, 2008, p. 86)) ocorreu graças a uma série de condições ímpares, como perda de cópula e concordância junto ao desenvolvimento de clíticos de número e pessoas advindos de pronomes independentes.

No caso do português, influência areal (dois terços das categorias de adjetivo encontradas na Eurásia eram adjetivos-N) e diacrônica (o latim é tradicionalmente considerado uma língua S-O-V (SPEVAK, 2010, p. 2)) poderiam ser alguns dos fatores que influenciam a categoria de adjetivo presente na língua.

Mas, infelizmente, esses questionamentos ficam além do escopo do presente trabalho, sendo necessárias mais pesquisas no futuro.

Bibliografia

- ABBI, A. **Endangered Languages of the Andaman Island**. München: Lincom Europa, 2006.
- ABBI, A. **A Grammar of the Great Andamanese Language (Brill's Studies in South and Southwest Asian Languages)**. Boston, Massachusetts: Brill , 2013.
- ABBOTT, C. **Oneida**. München: Lincom Europa, 2000.
- AIKHENVALD, A. **Baré (Languages of the World/Materials 100)**. Munique: Lincom Europa, 1995.
- AKHTAR, N. Acquiring basic word order: evidence for data-driven learning of syntactic structure. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 26, n. 02, p. 339-356, June 1999.
- AKHTAR, N.; TOMASELLO, M. Young children's productivity with word order and verb morphology. **Developmental Psychology**, v. 33, n. 6, p. 952-965, Novembre 1997.
- ALLEN, S. E. M. **Aspects of Argument Structure Acquisition in Inuktitut**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1996.
- ARANA-WARD, M. **A Synchronic and Diachronic Investigation of Macanese: The Portuguese-Based Creole of Macao**. Hong Kong: University of Hong Kong, 1977.
- ASHER, R. E.; KUMARI, T. C. **Malayalam (Descriptive Grammar)**. Abingdon, Oxon: Routledge, 1997.
- ASPILLERA, P. S.; HERNANDEZ, Y. C. **Basic Tagalog for Foreigners and Non-Tagalogs**. North Clarendon, VT: Tuttle Publishing, 2007.
- BACKHOUSE, A. E. Inflected and Uninflected Adjectives in Japanese. In: DIXON, R. M. W. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 50-73.
- BACKHOUSE, A. E. Inflected and Uninflected Adjectives in Japanese. In: DIXON, R. M. W.; ALEXANDRA, A. Y. **Adjective Classes (A Cross-Linguistic Typology)**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 50-73.
- BAKER, M. C. **The Atoms of Language: The Mind's Hidden Rules**. New York: Basic Books, 2001.
- BAKER, M. C. **Lexical Categories: Verbs, Nouns, and Adjectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BAKER, M. C. **Lexical Categories: Verbs, Nouns, and Adjectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- BAKER, M. C. Language universals: Abstract but not Mythological. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 32, p. 448-449, 2009.
- BAKKER, D. Language Sampling. In: SONG, J. J. **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 100-127.
- BALTIN, M. Remarks on the relation between language typology and Universal Grammar: Commentary on Newmeyer. In: PENKE, M.; ROSENBAACH, A. **What Counts as Evidence in Linguistics: The Case of Innateness**. Amsterdam: John Benjamins BV, 2007. p. 75-80.

- BATES, E.; BRETHERTON, I.; SNYDER, L. S. **From First Words to Grammar: Individual Differences and Dissociable Mechanisms**. New York: Cambridge University Press, 1988.
- BATES, E.; GOODMAN, J. C. On the Inseparability of Grammar and the Lexicon: Evidence from Acquisition. In: TOMASELLO, M.; BATES, E. **Language Development - The Essential Readings**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001. p. 134-162.
- BAUER, W.; PARKER, W.; EVANS, T. K. **Maori: Descriptive Grammars**. Abingdon, Oxon: Routledge, 1993.
- BEHRENS, H. How difficult are complex verbs? Evidence from German, Dutch and English. **Linguistics**, v. 36, n. 4, p. 679–712, November 2009.
- BERKELEY, G. **Philosophical Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- BERMAN, R. A. Verb-pattern alternation: the interface of morphology, syntax, and semantics in Hebrew child language. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 09, n. 01, p. 169-191, Fevereiro 1982.
- BERMAN, R. A. Marking of verb transitivity by Hebrew-speaking children. **Journal of Child Language**, v. 20, n. 03, p. 641-669, October 1993.
- BERRY, K. **A Description of the Abun Language: Phonology and Basic Morpho-syntax**. Bundoora, Victoria: La Trobe University, 1995.
- BORG, A.; AZZOPARDI-ALEXANDER, M. **Maltese**. Abingdon, Oxon: Routledge, 1997.
- BOWERMAN, M. Inducing the Latent Structure of Language. In: KESSEL, F. S. **The Development of Language and Language Researchers: Essays in Honor of Roger Brown**. Hillsdale, New Jersey: Earlbaum, 1988. p. 23-50.
- BOWERS, J. The Syntax of Predication. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, Massachusetts, v. 24, p. 591-656, 1993. ISSN 4.
- BROOKS, P. J.; TOMASELLO, M. Young children learn to produce passives with nonce verbs. **Developmental Psychology**, v. 35, n. 1, p. 29-44, January 1999.
- BRUCE, L. **The Alamlak Language of Papua New Guinea (East Sepik) (Pacific Linguistics: Series C - #81)**. Canberra: The Australian National University, 1984.
- BULATOVA, N.; GRENOBLE, L. **Evenki (Languages of the World/Materials 141)**. München: Lincom Europa, 1999.
- CAMPBELL, C.; CAMPBELL, J. **Yade Grammar Essentials**. [S.l.]: Summer Institute of Linguistics, 1987.
- CAMPBELL, L. **The Pipil Language of El Salvador**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1985.
- CARNIE, A. **Syntax: A Generative Introduction**. 2^a. ed. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2007.
- CASELLI, C.; CASADIO, P.; BATES, E. A comparison of the transition from first words to grammar in English and Italian. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 26, p. 69-111, 1999.
- CASELLI, M. C. et al. A cross-linguistic study of early lexical development. **Cognitive Development**, v. 10, n. 2, p. 159-199, Abril/Junho 1995.

- CASELLI, M. C.; CASADIO, P.; BATES, E. Lexical Development in English and Italian. In: TOMASELLO, M.; BATES, E. **Language Development: The Essential Readings**. Malden, Massachusetts: Blackwell Publishing Ltd, 2001. p. 76-110.
- CHERCHI, M. **Georgian (Languages of the World/Materials 147)**. München: Lincom Europa, 1999.
- CHILDERS, J. B.; TOMASELLO, M. The role of pronouns in young children's acquisition of the English transitive construction. **Developmental Psychology**, v. 37, n. 6, p. 739-748, Novembre 2001.
- CHILDS, G. T. **A Grammar of Mani**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011.
- CHIRIKBA, V. A. **Abkhaz (Languages of The World/Materials 119)**. München: Lincom Europa, 2003.
- CHOMSKY, N. **Aspects of a Theory of Syntax**. Cambridge, Massachusetts: The Massachusetts Institute of Technology, 1965.
- CHOMSKY, N. Remarks on Nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham, Massachusetts: Georgetown University School of Language, 1970. p. 184-221.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. 2^a. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.
- CHOMSKY, N. **Syntactic Structures**. 2^a. ed. Cambridge, MA: The MIT Press, 2002.
- CLARK, A.; LAPPIN, S. **Linguistic Nativism and The Poverty of The Stimulus**. Malden, Massachusetts: Wiley-Blackwell, 2011.
- COLER-THAYER, M. L. **A Grammatical Description of Muylaq' Aymara**. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 2010.
- CORBETT, G. G. **Number**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CROFT, W. Parts of speech as language universals and as language-particular categories. In: BOSSONG, G.; COMRIE, B. **Approaches to The Typology of Word Classes (Empirical Approaches to Language Typology 23)**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 65-102.
- CROFT, W. **Typology and Universals (Cambridge Textbooks in Linguistics)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- DALE, P.; GOODMAN, J. Commonality and Individual Differences in Vocabulary Growth. In: TOMASELLO, M.; SLOBIN, D. I. **Beyond Nature-Nurture: Essays in Honor of Elizabeth Bates**. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 41-78.
- DIXON, R. M. W. Adjective Classes in Typological Perspective. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 1-49.
- DIXON, R. M. W. Adjective Classes in Typological Perspective. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-linguistic Typology (Explorations in Linguistic Typology 1)**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 1-49.
- DIXON, R. M. W. **Basic Linguistic Theory: Volume 2 - Grammatical Topics**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

- DODSON, K.; TOMASELLO, M. Acquiring the transitive construction in English: the role of animacy and pronouns. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 25, n. 03, p. 605-622, October 1998.
- DONALDSON, B. **Dutch: A Comprehensive Grammar**. 2n. ed. London: Routledge, 2008.
- DONOHUE, M. **A Grammar of the Skou Language of New Guinea**. Singapore: National University of Singapore, 2004.
- DOWNING, L. George Berkeley. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Spring 2013 Edition)**, 2013. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/spr2013/entries/berkeley/>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- EATON, H. **A Sandawe Grammar**. Dar Es Salaam: SIL International, 2010.
- EINHORN, E.; SIYENGO, L. **Xhosa: A Concise Manual**. Cape Town: Faircape Books, 1993.
- ELDERKIN, E. D. Sandawe. In: VOSSSEN, R. **The Khoesan Languages (Routledge Language Family Series)**. Abingdon, Oxo: Routledge, 2013. p. 292-323; 586-603.
- EPPS, P. **A Grammar of Hup (Mouton Language Library)**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- EVANS, N. D. **A Grammar of Kayardild with Historical-Comparative Notes on Tangkic**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995.
- EVANS, N.; LEVINSON, S. C. The Myth of Language Universals: Language Diversity and Its Importance for Cognitive Science. **Behavioral and Brain Sciences**, Cambridge, UK, v. 32, p. 429-492, out. 2009.
- EVERETT, D. L.; KERN, B. **Wari' (Descriptive Grammars)**. Routledge: London, 1997.
- FENSON, L. et al. Variability in Early Communicative Development. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, v. 59, n. 5, p. i,iii-v,1-185, Junho 1994. ISSN 242.
- FOGELIN, R. J. **Routledge Philosophy Guidebook to Berkeley and The Principles of Human Knowledge**. London: Routledge, 2001.
- FRAJZYNGIER, Z.; JOHNSTON, E. **A Grammar of Mina**. Mouton de Gruyter: [s.n.], 2005.
- FRANCIS, C. **Conflict Resolution and Status: The Case of Georgia and Abkhazia (1989-2008)**. Brussels: VUB Press, 2011.
- FRANK, M. **The Philosophical Foundations of Early German Romanticism**. Albany, NY: State University of New York Press, 2004.
- FRELLESVIG, B. **A History of the Japanese Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- FURUTA, T. **Shinkokugo Gaisetsu**. Toukyou: Kuroshio Shuppan, 1987.
- GATHERCOLE, V. C. M. The early acquisition of Spanish verbal morphology: Across-the-board or piecemeal knowledge? **International Journal of Bilingualism**, v. 3, n. 2-3, p. 133-182, 1999.
- GENETTI, C.; HILDEBRANDT, K. The Two Adjective Classes in Manange. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 74-96.

- GENTNER, D. Why Are Nouns Learned Before Verbs: Linguistic Relativity versus Natural Partitioning. In: KUCZAJ II, S. **Language Development - Volume 2 - Language, Thought and Culture**. Hillsdale, NJ: Earlbaum, 1982. p. 301-334.
- GIVÓN, T. **Syntax: An Introduction - Volume I**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2001.
- GÖKSEL, A.; KERSLAKE, C. **Turkish: A Comprehensive Grammar**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2005.
- GOODMAN, J. C. The Shape of Change: Longitudinal Evidence about Language Development. **Society for Research in Child Development Abstracts**, 10, 1995. 111.
- GOPNIK, A.; CHOI, S. Names, Relational Words, and Cognitive Development in English and Korean Speakers: Nouns Are Not Always Learned Before Verbs. In: TOMASELLO, M.; MERRIMAN, W. E. **Beyond Names for Things: Young Children's Acquisition of Verbs**. Hillsdale, New Jersey: Earlbaum, 1995. p. 63-80.
- GOSSNER, J. D. **Aspects of Edolo Grammar**. Arlington, Texas: The University of Texas at Arlington, 1994.
- GRAFFI, G. The Pioneers of Linguistic Typology: From Gabelentz to Greenberg. In: SONG, J. J. **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 25-42.
- GRANBERRY, J. **Modern Chitimacha (Sitimaxa)**. München: Lincom Europa, 2008.
- GREENBERG, J. H. Some Universals of Grammar with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. **Universals of Language**. Londres: MIT Press, 1963. p. 73-113.
- GREENBERG, J. H. Some Universals of Grammar With Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J. H. **Universals of Language**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1966. p. 73-113.
- GRUZDEVA, E. **Nivkh (Languages of the World/Materials 111)**. München: Lincom Europa, 1998.
- GUILLAUME, A. **A Grammar of Cavineña (Mouton Language Library)**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- HARLOW, R. **Maori**. München: Lincom Europa, 1996.
- HARLOW, R. **Māori: A Linguistic Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- HARRIS, A. C. **Georgian Syntax (Cambridge Studies In Linguistics)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- HASPELMATH, M. Framework-free Grammatical Theory. In: HEINE, B.; NARROG, H. **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 341-366.
- HASPELMATH, M. Framework-free grammatical theory. In: BERND, H.; NARROG, H. **The Oxford Handbook of Grammatical Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 341-365.
- HASPELMATH, M. et al. **The World Atlas of Language Structures**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

- HASPELMATH, M.; BUCHHOLZ, O. Equative and Similative Constructions in the Languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. **Adverbial Constructions in the Languages of Europe (Empirical Approaches to Language Typology)**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 277-334.
- HAWKINS, J. A. **Efficiency and Complexity in Grammars**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- HEATH, J. **A Grammar of Koyra Chiini**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Changing Languages of Europe**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar: A Reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The Genesis of Grammar: A Reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HEWITT, B. G. **Georgian: A Structural Reference Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1995.
- HEWITT, G. **Georgian: A Learner's Grammar**. Abingdon, Oxon: Routledge, 2005.
- HILDEBRANDT, K. A. **A grammar and glossary of the Manange language**. Santa Barbara, California: University of California, Santa Barbara, 2004.
- HILDREBRANDT, K.; GENETTI, C. The Two Adjective Classes in Manage. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. **Adjective Classes: A Cross-Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 74-96.
- HINDS, J. **Japanese: Descriptive Grammar (Croom Helm Descriptive Grammars Series)**. Abingdon, Oxon: Routledge, 1986.
- HINDS, J. **Japanese (Croom Helm Descriptive Grammars)**. Abingdon, Oxon: Routledge, 1988.
- HOLTON, G. **Tobelo (Languages of The World 328)**. München: Lincom Europa, 2003.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization: Second Edition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HUMBOLDT, W. V. **On Language: On the Diversity of Human Language Construction and its Influence on the Mental Development of the Human Species (Cambridge Texts in the History of Philosophy)**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- INGHAM, R. Critical influences on the acquisition of verb transitivity. In: MESSER, D. J.; TURNER, G. J. **Critical influences on child language acquisition and development**. New York, NY: St. Martin's Press, 1993. p. 121-137.
- IWASAKI, S. **Japanese (London Oriental and African Language Library)**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2013.
- JANHUNEN, J. A. **Mongolian**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2012.
- KAIN, P. J. **Hegel and The Other: a Study of the Phenomenology of Spirit (SUNY Series in Hegelian Studies)**. New York: State University of New York, 2005.

- KENESEI, I.; VAGO, R. M.; FENYVESI, A. **Hungarian (Descriptive Grammars)**. London: Routledge, 1998.
- KILLINGLEY, S.-Y. **Cantonese (Languages of the World/Materials 06)**. München: Lincom Europa, 1993.
- KIRSCH, B.; SKORGE, S. **Complete Xhosa**. London: Hodder Education, 2010.
- KLAMER, M. **A Grammar of Kamera**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998.
- KLAMER, M. **A Grammar of Teiwa**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010.
- KORNFILT, J. **Turkish (Descriptive Grammars)**. New York, NY: Routledge, 1997.
- KOUWENBERG, S.; MURRAY, E. **Papiamentu (Languages of the World/Materials 83)**. München: Lincom Europa, 1994.
- KUMAR, M. **Quantum: Einstein, Bohn, and the Great Debate about the Nature of Reality**. New York: W. W. Norton & Company Inc., 2011.
- KUNYOT, T. **General Characteristics of Hmong Njua Grammar**. Bangkok: Universidade de Mahidol, 1984.
- LEAVITT, R. M. **Passamaquoddy-Maliseet**. München: Lincom Europa, 1996.
- LEFEBVRE, C.; BROUSSEAU, A.-M. **A Grammar of Fongbe**. Berlin : Mouton de Gruyter, 2002.
- LEFEBVRE, C.; MUYSKEN, P. **Mixed Categories: Nominalizations in Quechua**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1988.
- LEWIS, C. I. A Pragmatic Conception of the A Priori. In: HAACK, S. **Pragmatism, Old & New - Selected Writings**. Amherst, New York: Prometheus Books, 2006. p. 517-528.
- LEWIS, P. M.; SIMONS, G. F.; FENNIG, C. D. **Ethnologue**. 18th. ed. Dallas: SIL International, 2015.
- LIEVEN, E. V. M.; PINE, J. M.; BALDWIN, G. Lexically-based Learning and Early Grammatical Development. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 24, n. 01, p. 187-219, Fevereiro 1997.
- MACWHINNEY, B. The Acquisition of Morphophonology. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, Chicago, v. 43, n. 1/2, p. 1-123, 1978.
- MARATSOS, M. et al. A study in novel word learning: The productivity of the causative. In: MACWHINNEY, B. **Mechanisms of language acquisition**. Hillsdale, NJ: Earlbaum, 1987. p. 89-113.
- MARCHMAN, V. A.; BATES, E. Continuity in Lexical and Morphological Development: A Test of the Critical Mass Hypothesis. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 21, n. 2, p. 339-366, June 1994.
- MATTHEWS, P. H. **Grammatical Theory in the United States from Bloomfield to Chomsky**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- MATTHEWS, S.; YIP, V. **Cantonese: A Comprehensive Grammar**. London: Routledge, 1994.
- MATTISSEN, J. **Dependent-Head Synthesis in Nivkh: A Contribution to a Typology of Polysynthesis (Typological Studies in Language, 57)**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 2003.
- MIXCO, M. **Mandan (Languages of the World/Materials 159)**. München: Lincom Europa, 1997.

- MIYAOKA, O. **A Grammar of Central Alaskan Yupik (CAY)**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.
- NEDJALKOV, I. **Evenki (Descriptive Grammars)**. London: Routledge, 1997.
- NELSON, K. Structure and Strategy in Learning to Talk. **Monographs of the Society for Research in Child Development**, Chicago, v. 38, p. 1-135, Fev/Mar 1973. ISSN 1-2.
- NEWMeyer, F. J. Typological Evidence and Universal Grammar. In: PENKE, M.; ROSENBAch, A. **What Counts as Evidence in Linguistics: The Case of Innateness**. Amsterdam: John Benjamins BV, 2007. p. 51-74.
- NEWTON, I. **Philosophical Writings**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- NGUYEN, Đ.-H. **Vietnamese (London Oriental and African Language Library, 9)**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1997.
- NICHOLS, J. Head-Marking and Dependent-Marking Grammar. **Language**, mar. 1986. 56-119.
- NICHOLS, L. **Topics in Zuni Syntax**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 1997.
- NOONAN, M. **A Grammar of Lango**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.
- NOONAN, M. **A Grammar of Lango**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.
- O'GRADY, W. **Principles of Grammar & Learning**. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- OLGUIN, R.; TOMASELLO, M. Twenty-five-month-old children do not have a grammatical category of verb. **Cognitive Development**, v. 8, n. 3, p. 245-272, June/September 1993.
- OLIVEIRA, C. C. D. **The Language of the Apinajé People of Central Brazil**. Eugene, Oregon: University of Oregon, 2005.
- PAE, S. **Early Vocabulary in Korean: Are Nouns Easier to Learn than Verbs?** Lawrence, Kansas: University of Kansas, 1993.
- PANAGIOTIDIS, P. **Categorial Features: A Generative Theory of Word Class Categories**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- PAULA, A. S. D. **A Língua dos Índios Yawanawá do Acre**. Campinas, SP: Unicamp, 2004.
- PICKET, V. B.; BLACK, C.; CERQUEDA, V. M. **Gramática Popular Del Zapoteco Del Istmo**. Tucson, Arizona: SIL, 1998.
- PINE, J. M.; LIEVEN, E. V. M. Slot and Frame Patterns in the Development of the Determiner Category. **Applied Psycholinguistics**, Cambridge, v. 18, n. 02, Abril 1997.
- PINKER, S.; LEBEAUX, D. S.; FROST, L. A. Productivity and constraints in the acquisition of the passive. **Cognition**, v. 26, n. 3, p. 195-267, August 1987.
- PIZZUTO, E.; CASELLI, M. C. The Acquisition of Italian Verb Morphology in a Cross-Linguistic Perspective. In: LEVY, Y. **Other Children, Other Languages: Issues in the Theory of Language Acquisition**. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1994. p. 137-188.
- QUINE, W. V. O. Methodological Reflections on Current Linguistic Theory. In: HARMAN, G. **On Noam Chomsky: Critical Essays**. Garden City, New York: Anchor Books, 1974. p. 104-117.
- RAMAT, P. **Linguistic Typology (Empirical Approaches to Language Typology)**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1987.

- RAMAT, P. The (Early) History of Linguistic Typology. In: SONG, J. J. **The Oxford Handbook of Linguistic Typology**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 9-24.
- REH, M. **Die Krongo-Sprache**. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1985.
- RICKLESS, S. C. **Berkeley's Argument for Idealism**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- RIJKHOFF, J. et al. A Method of Language Sampling. **Studies in Language**, v. 17, n. 1, p. 169-203, 1993.
- RIJKHOFF, J.; BAKKER, D. Language Sampling. **Linguistic Typology**, v. 2, n. 3, p. 263-314, Janeiro 1998.
- RODRIGUEZ, P. I. **Arte da Lingua de Iapam**. Nagasaki: Ordinário e Superiores em Nangasaqui no Collegio de Iapão da Companhia de Iesu, 1604.
- ROUNDS, C. **Hungarian: An Essential Grammar**. London: Routledge, 2001.
- RUBINO, R. B.; PINE, J. M. Subject–verb agreement in Brazilian Portuguese: what low error rates hide. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 25, n. 1, p. 35-59, Fevereiro 1998.
- SAEED, J. **Somali (London Oriental and African Language Library)**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co, 1999.
- SAKEL, J. **A Grammar of Mosestén**. Berlin: Mouton de Gruyer, 2004.
- SAPIR, E. Language. **Gutenberg Library**, 1921. Disponível em: <www.gutenberg.org/files/12629/12629-h/12629-h.htm>. Acesso em: 15 maio 2015.
- SÁRKÖZI, A. **Classical Mongolian**. München: Lincom Europa, 2004.
- SCHACHTER, P.; OTANES, F. T. **Tagalog Reference Grammar**. Berkeley, California: University of California Press, 1972.
- SCHNEIDER, J. **The Age of Romanticism**. Westport, CT: Greenwood Press, 2007.
- SHETTER, W. Z.; HAM, E. **Dutch: An Essential Grammar**. 9th. ed. London: Routledge, 2007.
- SHIBATANI, M. **The Languages of Japan (Cambridge Language Surveys)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SIEWIERSKA, A. Gender Distinctions in Independent Personal Pronouns. In: HASPELMATH, M., et al. **The World Atlas of Language Structures**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 182-185.
- SMEETS, I. **A Grammar of Mapuche**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.
- SMYTH, D. **Thai: An Essential Grammar**. London: Routledge, 2002.
- SPEVAK, O. **Constituent Order in Classical Latin Prose (Studies in Language Companion Series 117)**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010.
- STEEMAN, S. **A Grammar of Sandawe: A Khoisan Language of Tanzania**. Utrecht: Universiteit Leiden, 2012.
- STOLL, S. E. **The Acquisition of Russian Aspect**. Berkeley, California: University of California, 1993.
- SUTTLES, W. **Musqueam Reference Grammar**. Vancouver: UBC Press, 2004.

- TERRILL, A. **A Grammar of Lavukaleve: A Papuan Language of the Solomon Islands.** Canberra: Australian National University, 1999.
- TOMASELLO, M. The Item-Based Nature of Children's Early Syntactic Development. In: TOMASELLO, M.; BATES, E. **Language Development - The Essential Readings.** Malden, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001. p. 169-186.
- TOMASELLO, M. et al. Differential productivity in young children's use of nouns and verbs. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 24, n. 02, p. 373-387, June 1997.
- TOMASELLO, M.; BROOKS, P. J. Young children's earliest transitive and intransitive constructions. **Cognitive Linguistics**, v. 9, p. 379-395, 1998.
- TOMASELLO, M.; BROOKS, P. J. Early Syntactic Development: A Construction Grammar Approach. In: BARRETT, M. D. **The Development of Language.** London: Psychology Press, 1999. p. 160-190.
- VOORT, H. V. D. **A Grammar of Kwaza.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- WARNOCK, S. G. George Berkeley. In: HONDERICH, T. **The Oxford Companion to Philosophy.** Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 91-94.
- WESTRUM, P. Berik Grammar Sketch. In: AJAMISEBA, D. C. **IRIAN: Bulletin of Irian Jaya.** Abepura, Irian Jaya, Indonesia: Summer Institute of Linguistics, v. XVI, 1988. p. 133-181.
- YEUNG, L.-L. M. **On Noun-Verb Overlapping in Cantonese.** Hong Kong: University of Hong Kong, 1999.
- YIP, V.; MATTHEWS, S. **Cantonese: A Comprehensive Grammar.** London: Routledge, 1994.
- YIP, V.; MATTHEWS, S. **Basic Cantonese: A Grammar and a Workbook.** London: Routledge, 2000.
- ZÚÑIGA, F. **Mapudungun.** Munique: Lincom Europa, 2000.

Apêndice 1: Sistematização dos Dados

As informações catalogadas foram extraídas das gramáticas utilizadas (mencionadas todas no capítulo 3). Os critérios de escolha são, na maior parte, dos autores das gramáticas utilizadas – no caso de não haver nenhuma informação, ou ela ser ambivalente, procurou-se alguma informação implícita nos dados e, caso a informação desejada não fosse encontrada, partiu-se do pressuposto de que ela é ausente na língua como um todo.

<i>Língua / Categoria</i>	<i>Macrorregião</i>	<i>Adposições</i>	<i>Ordem Cons.</i>	<i>Adjetivos</i>	<i>Atribuição?</i>	<i>Ordem N e A</i>	<i>M. Núcleo</i>	<i>M. Depend.</i>
<i>Apinajé</i>	América Sul	Pós	S-O-V	Ñ (Verbo)	Com Afixo	N-A	Sim	Sim
<i>Baré</i>	América Sul	Pós	S-V-O	Adj-M	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Cavineña (Atr)</i>	América Sul	Pré	Livre	Adj-O	Sim	N-A	Sim	Sim
<i>Cavineña (Pred)</i>	América Sul	Pré	Livre	Adj-O	Não	N-A	Sim	Sim
<i>Hup</i>	América Sul	Pós	S-O-V	Adj-N	Com Afixo	N-A	Não	Não
<i>Kwazá</i>	América Sul	Não	S-O-V	Ñ (Substant)	Sim	N-A	Sim	Sim
<i>Mapudungun</i>	América Sul	Ambos	S-V-O	Adj-V	Sim	A-N	Sim	Sim
<i>Mosetén</i>	América Sul	Não	S-V-O	Adj-N	Com Afixo	Livre	Sim	Sim
<i>Muylaq' Ayamará</i>	América Sul	Não	S-O-V	Adj-N	Com Afixo	A-N	Sim	Não
<i>Wari'</i>	América Sul	Pré	V-O-S	Adj-M	Sim	A-N	Sim	Não
<i>Yawanawa</i>	América Sul	Não	S-O-V	Adj-ON	Sim	N-A	Não	Sim
<i>Mandan</i>	América CN	Pós	S-O-V	Ñ (Verbo)	Com Afixo	N-A	Sim	Não
<i>Musqueam</i>	América CN	Pré	V-S-O	Adj-M	Sim	A-N	Sim	Não
<i>Oneida</i>	América CN	Ñão	Livre	Ñ (Verbo)	Incorporação	Incorporação	Sim	Não
<i>Papiamento</i>	América CN	Pré	S-V-O	Adj-N	Sim	A-N	Sim	Sim
<i>Passamaquoddy-Maliseet</i>	América CN	Pré	Livre	Ñ (Verbo)	Com Afixo	A-N	Sim	Não
<i>Pipil</i>	América CN	Pré	V-O-S	Adj-N	Sim	A-N	Sim	Sim
<i>Washo</i>	América CN	Pós	S-O-V	Ñ (Substant)	Sim	A-N	Sim	Não
<i>Yup'ik</i>	América CN	Pós	S-O-V	Ñ (Substant)	Sim	Livre	Sim	Sim
<i>Zapotec</i>	América CN	Pré	V-S-O	Adj-O	Sim	N-A	Sim	Não

<i>Zuni</i>	América CN	Pós	S-O-V	Adj-V	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Abecásio</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-N	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Evenki</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-N	Sim	A-N	Sim	Sim
<i>Georgiano</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-N	Sim	A-N	Sim	Sim
<i>Holandês</i>	Eurásia	Pré	S-V-O	Adj-N	Sim	A-N	Sim	Não
<i>Húngaro</i>	Eurásia	Pós	Livre	Adj-N	Sim	A-N	Sim	Não
<i>Mongol</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-N	Sim	N-A	Sim	Sim
<i>Japonês (KYDS-2)</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-N	Com Afixo	A-N	Não	Sim
<i>Japonês (KYDS-1)</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-ON	Com Afixo	A-N	Não	Sim
<i>Japonês (KYS)</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-V	Sim	A-N	Não	Sim
<i>Malayalam</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-ON	Sim	A-N	Não	Sim
<i>Nivkh</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Ñ (Verbo)	Sim	A-N	Sim	Não
<i>Turco</i>	Eurásia	Pós	S-O-V	Adj-N	Sim	A-N	Sim	Sim
<i>Grande Andamanês</i>	SE Ásia e OC	Pós	S-O-V	Adj-M	Sim	N-A	Não	Sim
<i>Hmong-Njua</i>	SE Ásia e OC	Pré	S-V-O	Ñ (Verbo)	Sim	N-A	Não	Não
<i>Kamera</i>	SE Ásia e OC	Pré	S-V-O	Ñ (Verbo)	Sim	N-A	Sim	Sim
<i>Manange (Adj. Verb.)</i>	SE Ásia e OC	Pós	S-O-V	Adj-V	Sim	Livre	Não	Sim
<i>Manange (Adj. Simp)</i>	SE Ásia e OC	Pós	S-O-V	Adj-O	Sim	Livre	Não	Sim
<i>Maori</i>	SE Ásia e OC	Pré	V-S-O	Ñ (Verbo)	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Patuá Macauense</i>	Macauense	Pré	S-V-O	Adj-ON	Sim	N-A	Não	Não
<i>Tagalog</i>	SE Ásia e OC	Pré	V-S-O	Adj-N	Sim	Livre	Não	Não
<i>Tailandês</i>	SE Ásia e OC	Pré	S-V-O	Adj-V	Sim	N-A	Não	Não
<i>Vietnamita</i>	SE Ásia e OC	Pré	S-V-O	Adj-V	Sim	N-A	Não	Não
<i>Yue (Cantonês)</i>	SE Ásia e OC	Pré	S-V-O	Adj-OV	Com Afixo	A-N	Não	Não
<i>Alamblak</i>	Papuanésia	Pré	S-O-V	Adj-V	Sim	A-N	Sim	Não
<i>Berik</i>	Papuanésia	Pré	S-V-O	Adj-N	Sim	N-A	Sim	Sim
<i>Edolo</i>	Papuanésia	Pós	S-O-V	Ñ (Verbo)	Sim	N-A	Não	Sim
<i>Kayardild</i>	Papuanésia	Pré	S-O-V	Ñ (Substant)	Sim	A-N	Não	Sim
<i>Lavukaleve</i>	Papuanésia	Pós	S-O-V	Adj-V	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Skou</i>	Papuanésia	Pós	S-O-V	Adj-O	Não	N-A	Sim	Não
<i>Abun</i>	Papuanésia	Pré	S-V-O	Adj-V	Sim	N-A	Não	Não
<i>Teiwa</i>	Papuanésia	Não	S-O-V	Adj-M	Sim	N-A	Não	Não

<i>Tobelo</i>	Papuanésia	Pré	S-O-V	Adj-M	Não	N-A	Não	Não
<i>Yade</i>	Papuanésia	Pós	S-O-V	Adj-ON	Sim	Livre	Não	Não
<i>Fongbe</i>	África	Ambos	S-V-O	Adj-N	Sim	N-A	Não	Não
<i>Koyra Chiini</i>	África	Pós	S-V-O	Adj-V	Sim	N-A	Não	Não
<i>Krongo</i>	África	Não	V-S-O	Adj-V	Com Afixo	N-A	Sim	Não
<i>Lango</i>	África	Pré	S-V-O	Adj-V	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Maltês</i>	África	Pré	S-V-O	Adj-M	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Mani</i>	África	Ambos	S-V-O	Adj-V	Sim	N-A	Sim	Sim
<i>Mina (Adj-O)</i>	África	Pré	S-V-O	Adj-O	Sim	N-A	Não	Não
<i>Mina (Adj-V)</i>	África	Pré	S-V-O	Adj-V	Não	N-A	Não	Não
<i>Mina (Adj-N)</i>	África	Pré	S-V-O	Adj-N	Com Afixo	N-A	Não	Não
<i>Sandawe</i>	África	Pré	S-O-V	Adj-V	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Somali</i>	África	Pré	S-O-V	Adj-ON	Sim	N-A	Sim	Não
<i>Xhosa</i>	África	Pré	S-V-O	Adj-V	Sim	N-A	Sim	Sim

Tabela 36. Quadro-resumo dos dados encontrados